FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 20 DE JANEIRO DE 1962 ANO 41.º — NÚMERO 14 046

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

ENCONTRAM-SE EM MINORIA

AS NAÇÕES AFRICANAS NA O. N. U. QUE DESEJARIAM A APLICAÇÃO DE SANÇÕES CONTRA PORTUGAL

NOVA YORK, 20 — Confirma-se em círculos ligados ás Nações Unidas que vários países africanos desejariam ver Portugal condenado e alvo de sanções, mas como pode inferir-se dos indícios até agora registados, essas nações encontram-se em minoria.

A primeira semana de debates da O. N. U. sobre a questão de Angola, terminou ontem, com o bloco de cinquenta nações afro-asiáticas inclinadas á discussão do problema em termos moderados.

Aliás, na moção afro-asiática que se encontra a ser redigida, nem a condenação nem as sanções se encontram previstas.

Essa moção deve ser apresentada á Assembleia Geral, no princípio da próxima semana, sendo praticamente certo que a moção proposta pela Polónia e pela Bulgária não conseguirá obter a maioria de dois terços necessária para aprovação.

Os termos moderados que parecem ter sido preocupação dos dez países-membros da comissão afro-asiática encarregada de redigir a moção reflecte, aparentemente, a interferência dos Estados Unidos e de outras nações aliadas de Portugal, que teriam salientado o perigo proveniente

(Continua na ultima página)

A jovem e bela Margarita Gómez Acedo que hoje casou, em Lausanne, com o rei exilado da Bulgária, Simeão II (Notícia na ultima página)

Na capital da Republica Dominicana, um agente trugillista, escoltado por soldados que o salvaram das iras de uma multidão, durante manifestões, é conduzido para lugar seguro. A situação no país, após o segundo golpe de Estado, está a normalizar-se. (Notícia na ultima pagina)

Medidas para integrar a economia de Goa na da União Indiana foram tomadas por Nova Deli

WASHINGTON, 20 — A Secretaria de Comércio dos Estados Unidos anuncia que o Governo da União Indiana tomou numerosas medidas para ligar a economia de Goa á sua e acrescenta que a presente organização do comércio externo em Goa não é clara.

O «Foreign Commerce Weekly», publicação da Secretaria, insere um relatório elaborado pelo consulado dos Estados Unidos em Bombaim, no qual se revela que economistas indianos visitaram o território ocupado. Algumas das medidas tomadas ou aconselhadas por eles são provisórias, dependendo de futuras decisões a forma como Goa vai ser administrada pelos indianos invasores.

O relatório declara, também, que foram introduzidos em Goa, Damão e Dio a moeda e o sistema cambial da União Indiana. Foram proclamados válidos tanto a rupia como o escudo, sendo fixada a taxa de cambio em seis escudos, o que equivale a atribuir ao escudo o valor de três cêntimos e meio norte-americanos.

ENCERRADA A SUCURSAL DO B. N. U. EM GOA

Foi encerrada a sucursal do Banco Nacional Ultramarino em Goa e o State Bank of India, controlado pelo Estado indiano, abriu uma sucursal na cidade de Goa.

Contudo, os regulamentos aduaneiros indianos não foram oficialmente aplicados em Goa. O relató-

(Continua na ultima página)

Sete mortos em combate durante a invasão de Damão

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas enviou-nos o seguinte comunicado:

«O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que durante os combates havidos no Distrito de Damão do Estado Português da India, em 18, 19 e 20 de Dezembro próximo passado se registaram as baixas seguintes:

1. MORTOS — Exército: tenente Alberto Santiago de Carvalho; soldados n.os 543/60, Jacinto João Marreiros, e 1022/60, Abel Araujo Bastos. Polícia: guarda de 2.ª classe. João Paulo de Noronha; guarda auxiliar Joviano Fonseca; guardas rurais Tiburcio Machado e Paulo Pedro do Rosário.

II. FERIDOS — Exército: major António José da Costa Pinto; furriel Rogério da Silva; 1.os cabos 594/59, Pedro da Silva Esteves Santos; 203/59, Domingos Caldeira Teixeira, e 94/59, António da Silva Mota; soldados n.os 276/60, Leonel Luís Milhanos; 539/60, António da Piedade dos Reis; 469/60, António Sá Rodrigues; 634/59, Ramiro Rosa de Oliveira; 823/60, Diamantino Lopes da Silva, e 848/60, José de Araujo.

O cabo Silva Mota e os soldados Milhanos, Lopes da Silva e Piedade dos Reis estão internados num hospital em Bombaim.

O estado dos feridos é satisfatório.»

A FALTA DE PESSOAL CRIA À MARINHA DE GUERRA NOVOS PROBLEMAS

por MAURÍCIO DE OLIVEIRA

Todas as Marinhas lutam, na generalidade, com falta de pessoal na medida, evidentemente, das suas possibilidades de recrutamento e das suas necessidades de serviço. Não poderia a nossa Armada fugir á regra, embora estejamos muito aquém da Marinha que precisamos de possuir. Seja como for, porém, lutamos também com carência de pessoal, falta que mais se acentua á medida que se criam novos serviços ou se alargam outros, ou ainda por motivo da incorporação de unidades em numero superior ao daquelas que vão sendo desarmadas.

Se as grandes Marinhas constituem as suas «frotas de reserva», já porque o pessoal em tempo de paz não chega para todos os navios, já porque, como medida de economia, conseguem de certa maneira manter um certo numero de unidades em condições de serem novamente chamadas ao serviço activo, as pequenas Marinhas têm de recorrer também a essa medida, mas geralmente apenas pelo facto

(Continua na página seguinte)

★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine ★ Juvenil ★ Magazine

Diario de Lisbôa

de hoje é de 32 páginas e inclui

Magazine e Juvenil

VISADO PELA CENSURA

PEDIU A EXONERAÇÃO DE SECRETÁRIO DA INDÚSTRIA O ENG. CARVALHO FERNANDES que hoje se despediu dos funcionários

O sr. eng. Carvalho Fernandes abandonou o Governo, a seu pedido, para regressar ás funções docentes no Instituto Superior Técnico e retomar a actividade de administrador-delegado da «Standard Eléctrica». A portaria que lhe concede a exoneração, do cargo de secretário de Estado da Industria, foi enviada pela secretaria da Presidência da Republica para o «Diário do Governo».

Na sala das sessões do Ministério da Economia, houve esta manhã uma cerimónia durante a qual o sr. eng. Carvalho Fernandes se despediu dos funcionários daquele departamento, á qual se associaram os srs. dr. Corrêa de Oliveira, profs. Adriano Moreira, Ferreira Dias e Gonçalves Proença, ministros de Estado, do Ultramar, da Economia e das Corporações, respectivamente; dr. João Dias Rosas, secretário de Estado do Comércio; drs. Costa Freitas e Carlos de

(Continua na 3.ª página)

Ladeado por seis membros do Governo, sr. eng. Carvalho Fernandes, terceiro a contar da direita, lê a exposição que pronunciou ao despedir-se dos funcionários do Ministério da Economia

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

A NOTA PASTORAL

A nota pastoral tornada publica pelo Episcopado português reveste-se de especial significado em relação com o momento histórico que se vive: «Nesta hora de paixão para a Pátria, o Episcopado português não pode deixar de sofrer com ela. As dores da Pátria — e a perda de Goa foi como se roubassem do seu tesouro a jóia mais preciosa, alguma coisa como a perda de «Os Lusíadas» —, as dores da Pátria, sejam de expiação ou de redenção, hão-de ser sofridas no coração de seus filhos. São sempre juizos de Deus os acontecimentos da história, e o cristão sabe tirar deles lição para «endireitar os caminhos» do Senhor, isto é, ser fiel ao dever presente». «Não terminou a missão histórica de Portugal. Portugal continua. Desta paixão deve ele levantar-se confiante do seu destino, no concerto das nações; e erguer-se, fazendo exame de consciência, mais puro, mais justo, mais fraterno, mais belo». Acrescenta a pastoral: «A obra ingente que espera Portugal, ou seja, o desenvolvimento económico, social, moral, religioso e missionário, exige a união e a colaboração de todos os portugueses de boa vontade. Só pode realizar-se pelo trabalho constante e perseverante de todos e de cada um, segundo um ideal de verdade, justiça, amor e justa liberdade». E referindo-se á juventude: «Aflige-nos ver grande parte da nossa juventude tão vazia de ambição heróica. Quiséramos vê-la sempre cantar, de olhos iluminados; «juventude pura, forte, alegre» — ao serviço dos grandes ideais, pelos quais é «belo morrer»; na vanguarda do Portugal que desponta para a sua missão de agora, renovar o País, acrescentando-o e fazer florir no Ultramar a civilização cristã, na comunhão da nossa fé, na igualdade dos nossos direitos, na dignidade da nossa vida».

MORREU DE PÉ

O destino fê-lo morrer de pé, na verticalidade a que aspiram os altivos e indomáveis. Abrigara-se sob um alpendre que aluiu e o esmagou entre a pilha de destroços. Domingos Rodrigues, de 34 anos, de Carzedelo Valdreu (Terras do Bouro), saíra de casa e a demora no regresso alarmou a mulher, Rosa de Barros Rodrigues, a qual, tocada por angustiosa inquietação, foi em busca dele, até que chegou junto do alpendre desmoronado. Caiu-lhe o coração aos pés no pressentimento da tragédia, mas, num arranco de coragem, deitou-se a escavar o entulho — e deparou-se-lhe o marido que, apanhado de surpresa pela morte traiçoeira, de pé a enfrentou.

OS DRAMAS OBSCUROS
embrulham-se no anonimato

Foi recolhido na margem do Douro, em Gradim, da freguesia de Santa Cristina (Mesão Frio), o cadáver, desnudado e já em adiantada decomposição, de um homem que aparenta 45 anos. Talvez o pobre homem tenha sido vítima dos temporais, arrastado pela enchente tumultuária do rio, mas ignora-se o seu verdadeiro drama, pois o infeliz foi dado á terra no cemitério daquela vila, embrulhado no anonimato que cobre as tragédias obscuras.

O COVEIRO
não cava a própria sepultura

No cemitério de São Paio de Gramaços (Oliveira do Hospital) o coveiro António do Carmo Veloso, a quem chamam o «Sem Dinheiros», alcunha bem ajustada pela filosofia popular a um homem que sabe quanto são ilusórias as miragens do ouro e as ambições humanas, fugidias e breves como a vida —, numa cova ali aberta em quatro palmos da terra da verdade ia ele dar sepultura a um cristão que se finara. Era pesado o esquife e, partindo-se uma das cordas que o fazia descer ao sepulcro, arrastou-o para o fundo do coval, sob a derrocada esmagadora. Valeram-lhe alguns dos acompanhantes do defunto que o arrancaram a custo ás garras da morte, com ferimentos dos quais o trataram no hospital. Não era para ele aquela cova que o enterrador abrira para outro, pois os coveiros não cavam a própria sepultura.

*

NO PALÁCIO DE BELÉM

O Chefe do Estado recebeu, ontem, em audiência, no palácio Nacional de Belém o rev. cónego dr. António Augusto Azevedo Pires.

Inscreveram-se no livro de cumprimentos a sr.ª D. Maria da Providência Abreu Parente Marques e os srs. brigadeiro José António Santos Monteiro, comandante da Escola Prática de Artilharia, e dr. Carlos Costa.

*

VIDA POLÍTICA

Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam ontem os srs. ministros de Estado e da Marinha.

PROBLEMAS DA MARINHA DE GUERRA

(Continuação da página anterior)

de não disporem de pessoal suficiente para guarnecerem os navios que precisam de ter em estado operacional. Embora os anuários navais mencionem a Armada portuguesa como dispondo de cerca de 10 000 homens, entre oficiais, sargentos e praças, a verdade é que não chegamos a ter 9000, incluindo 2.º grumetes, e que uma percentagem apreciável desses efectivos está retida em terra no desempenho das mais diversas missões, tais como os serviços do Ministério da Marinha propriamente dito, dos comandos navais, comandos da defesa marítima e capitanias (Metrópole, ilhas e Ultramar), Escolas da Marinha e Corpo de Marinheiros, Base Naval do Alfeite, Corpo de Fuzileiros, estações rádionavais da Metrópole, ilhas e Ultramar, etc.

O que fica para guarnecer algumas dezenas de navios, não obstante muitos exigirem pequenas lotações, revela-se insuficiente em elevado grau. E essa insuficiência torna-se dia a dia mais evidente. Além disso, a carência de pessoal é agravada actualmente pela circunstancia de termos de manter em armamento normal e longe da base metropolitana, grupos de unidades — maiores ou menores — mas num total há muitos anos não registado no Ultramar português. Com efectivos de tempo de paz, já de si insuficientes, a Armada está a cumprir as necessidades de um estado que é quase de guerra. Isto é incontestável.

O recurso dos navios em «prateleira»

Tal emergência levou-nos a, pela primeira vez, organizar agora não uma «frota de reserva» mas grupos de navios em regime denominado «situação de disponibilidade», conforme recente despacho do almirante-chefe do Estado-Maior da Armada.

Os grupos navais em «situação de disponibilidade» não deverão exceder cinco unidades da mesma classe e poderão ser formados por escoltadores oceanicos, navios-patrulhas ou draga-minas. É desta ultima classe que se vai organizar agora o primeiro «grupo em disponibilidade», com o pessoal mínimo indispensável á conservação do material, exercendo um unico oficial o comando de todos os navios que formem cada grupo. Prevê-se que o tempo mínimo para a «situação de disponibilidade» seja de um ano, período durante o qual os navios nesse regime permanecerão atracados uns aos outros na Base Naval do Alfeite, com uma cantina unica e abastecidos do exterior de energia eléctrica e de água potável. Previram-se ainda os prazos mínimos em que os navios nesta situação de «prateleira» poderão ser postos em condições operacionais, visto que será retirado de bordo diverso material — especialmente aquele que exija mais cuidados de conservação.

Esta medida vinha a ser encarada desde há tempo, mas teve de ser agora posta em prática, especialmente a partir da altura em que a Marinha precisou de distrair para o Ultramar uma parte apreciável dos seus efectivos — em terra ou embarcados — enquanto outras unidades eram adicionadas ao efectivo, exigindo algumas delas lotações de certo modo vultosas, como por exemplo os escoltadores oceanicos «Vasco da Gama» e «D. Francisco de Almeida», adquiridos recentemente em Inglaterra e já destacados para águas ultramarinas. Além disso houve que contar com a criação do Corpo de Fuzileiros Navais, com pessoal para novas estações rádionavais do Ultramar e ainda com pessoal para as lanchas de fiscalização há pouco incorporadas e em breve, para outras de maior porte, cuja construção no Arsenal do Alfeite e nos Estaleiros de Viana do Castelo se encontra muito adiantada.

A compra ou a construção de outras unidades só será viável, de resto, no respeitante a pessoal, quando se verificar um novo aumento de quadros, aliás indispensável, pois caso contrário teríamos que pôr mais navios na «prateleira» para podermos guarnecer os que vierem. E coisa alguma permite concluir que seja essa a «solução» que se pense adoptar. A solução tem de ser necessáriamente outra: pessoal suficiente para os navios indispensáveis.

A «Sagres» — dormitório flutuante para cadetes

O ultimo aumento de quadros trouxe á Escola Naval novas exigências de alojamento e de instrução, para as quais a nossa Academia de Marinha não havia sido prevista na sua modesta fase inicial. É a inversa da situação quanto aos navios. Enquanto para estes o pessoal é insuficiente, na Escola Naval são as instalações que se mostram agora exíguas para a sua crescente população escolar.

Pelo menos provisóriamente, o problema foi solucionado com a utilização da velha «Sagres» como dormitório flutuante para o excedente da Escola Naval.

Condenada a não mais navegar, a elegante barca foi já levada para a Base Naval do Alfeite e ali atracou, sabe Deus por quanto tempo. Como navio, no sentido exacto da palavra, a «Sagres» deixou de existir evidentemente. É um anexo flutuante da Escola Naval e nem sequer manterá o seu nome, o qual será transferido para o novo navio-escola — o ex-brasileiro «Guanabara» — quando, no próximo mês, na baía do Rio de Janeiro, as cores brasileiras forem solenemente substituidas pelas cores portuguesas.

A «Sagres» será então despojada do seu nome, que a tornou conhecida e admirada em tantos mares, e passará a usar o de «Santo André», já escolhido para acompanhar o popular navio nos seus derradeiros dias de caserna flutuante nas quietas águas da enseada do Alfeite.

A propósito, é de lembrar que diversos países, alguns com menos tradições marítimas do que Portugal, tem mantido os seus navios-escolas de vela como museus populares de Marinha — atracados em locais acessíveis ao publico e visitáveis como qualquer outro museu. A seu bordo — ainda recentemente observei o facto no belga «Mercator», amarrado no Escalda — vendem-se muitas recordações de sabor marinheiro e admiram-se muitos objectos e trofeus que falam da Marinha. Nós, os Portugueses, temos tanta coisa para rechear um navio desse género! E porque não, além da exposição desses trofeus — que seriam sempre património do navio — promover a bordo a venda de mil e um motivos náuticos, desde brochuras, aguarelas e postais alusivos á Marinha até ás rodas de leme que servem de pisa-papeis ou aos isqueiros com a silhueta do navio gravada? Quantas coisas dessas se compram na «Victory» ou no «Mercator»? Mas deixemos estas sugestões, que podem parecer lunáticas para uns e talvez razoáveis para outros, tanto mais que vieram apenas a propósito da ultima fase da vida da «Sagres». Talvez volte, todavia, ao assunto mais tarde. Veremos.

Ao lançar estas sugestões, não se teve outro objectivo que não fosse ao fim e ao cabo, a propaganda da Marinha. O Museu Naval, nos Jerónimos, será sempre o santuário da Armada, o relicário das nossas glórias marinheiras. Isso é outra coisa, muito diferente de um «museu popular flutuante» que seria um meio de divulgação ao alcance de todos, de onde irradiariam as mais diversas manifestações de propaganda naval que cada um compraria e levaria para casa e contemplaria todos os dias. Não seria isso um belo motivo de propaganda naval?

MAURÍCIO DE OLIVEIRA

Turistas finlandeses
virão a Portugal a partir de Março

O nosso País possui condições excepcionais de atracção turística embora só muito recentemente esse aspecto esteja a ser encarado com realismo e eficiência. As belezas naturais, o carácter do nosso povo, o clima ameno e principalmente o Sol brilhante e criador que ilumina as nossas praias são motivos bastantes para fazerem de Portugal um centro de turismo de primeira ordem, desde que a isso se somem uma organização capaz de corresponder ás exigências a que o estrangeiro está habituado e uma propaganda bem orientada, principalmente nos países mais diferenciados do nosso, tanto nos costumes, como no clima e características geográficas.

O incremento dos transportes aéreos tornando mais curtas as distancias, veio facilitar a possibilidade de atraír a Portugal cada vez mais turistas, ansiosos por gozarem umas férias em países de clima temperado e ambiente acolhedor. É o caso dos ingleses, alemães, escandinavos, cujo afluxo ao nosso País está a aumentar constantemente.

O mais recente exemplo das possibilidades a que aludimos está na próxima vinda a Portugal de centenas de turistas finlandeses, mercê de um plano cuidadosamente preparado e cujo êxito representa um exemplo a seguir e ampliar convenientemente.

A iniciativa deve-se á Agência de Viagens Expresso e ao Hotel Espadarte, de Sesimbra, que enviaram á Finlandia delegados seus, no intuito de interessarem a companhia independente de transportes aéreos «Finlantic» a trazer a Portugal grupos de turistas daquele país, incluindo no Inverno. A «Finlantic» já organizava voos de excursões turísticas para Espanha, mas nunca o fizera para território português.

O plano sugerido consistia na vinda a Lisboa de um avião por quinzena, trazendo e levando grupos de cerca de 80 passageiros. Cada grupo de turistas passaria 15 dias em Sesimbra e no Estoril, e do programa de estadia faria parte a visita a Lisboa e arredores, incluindo os atractivos nocturnos da capital nos retiros de fado e exibições de grupos folclóricos.

O plano foi aceite, pelo que, no passado dia 16 do corrente, estiveram em Portugal os srs. Martti Palmujoki, director da Finlantic» e Erkki Tarvonen, presidente da Companhia dos Caminhos de Ferro Finlandeses, para chamarem o assunto. Aquelas duas individualidades finlandesas visitaram os locais designados pelo plano, tendo ficado muito bem impressionados com o interesse turístico de Portugal, benignidade do clima e qualidade hoteleira nacional. Nas quarenta horas que passaram entre nós, notaram com entusiasmo que, em pleno Janeiro, o clima corresponde ao da Finlandia em fins de Maio!

Deste modo, ficou assente que, este ano, os grupos de excursionistas finlandeses começam a vir a Portugal a partir de 24 de Março até fins de Outubro. O transporte será assegurado pela «Finlantic» e a venda destas viagens será feita pela Companhia dos Caminhos de Ferro Finlandeses.

Atendendo a que este plano vem ao encontro da sua campanha de «turismo de Inverno», o S. N. I. recebeu aquelas individualidades finlandeses, oferecendo-lhes um «Porto» especial

Independentemente deste plano, a Agência Expresso continua a desenvolver a sua acção directa nos restantes países escandinavos, Alemanha e Inglaterra, procurando com o envio de um delegado e o fornecimento de material fotográfico e literário, atraír turistas daqueles países a Portugal, principalmente para o Algarve, que tem excepcionais condições de interesse no Inverno.

Demonstrações de penteados
em Torres Vedras

O Grémio Distrital dos Industriais Barbeiros e Cabeleireiros de Lisboa realiza amanhã, pelas 16 horas, na sede da Tuna Comercial Torreense, uma demonstração artística destinada aos profissionais do concelho de Torres Vedras.

Linha de CASCAIS

UMA FESTA EM OEIRAS

Amanhã, á tarde, haverá, na sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Oeiras, um baile, abrilhantado pelo conjunto musical Costa Santos, cuja receita reverte inteiramente para os cofres daquela benemérita instituição.

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — Às 21: «Nem com jeito vai» (12 anos).

PAREDE — *Royal-Cine* — Às 21: «Parisiense» e «Esta mulher é minha» (17 anos).

ESTORIL — *Casino* — Às 17 e ás 21 e 30: «As aventuras de Tim-Tim» (6 e 17 anos).

CASCAIS — *S. José* — Às 21 e 30: «Um raio de luz» (6 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Branco* — Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (Tel. 012081).

CAXIAS — *Nova* — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 042839).

PAÇO DE ARCOS — *Godinho da Silva* — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 042039).

OEIRAS — *Godinho* — R. Candido dos Reis, 98 (Tel. 0430090).

PAREDE — *Brandão* — Av. da Republica, 77-C (Tel. 047054).

ESTORIL — *Marques dos Santos* — R. Ferreira, J. A., 15 — Monte-Estoril (Tel. 060116).

CASCAIS — *Cordeiro* — R. Frederico Arouca, 16 (Tel. 080170).

MEIO METRO DE NEVE
na Serra da Estrela

COVILHÃ, 20 — Tem nevado com abundancia nestes utimos três dias, encontrando-se coberta de neve toda a Serra da Estrela. Nas Penhas da Saude atinge já 20 centímetros de altura e na região da Torre passou já os 30 centímetros. No entanto, por não ter ainda a consistência devida, não permite a prática do esqui em qualquer das pistas existentes.

ACTO DE HONRADEZ

S. BARTOLOMEU DE MESSINES, 20. — Ao passar no Ribeiro Meirinho desta freguesia, o comerciante de frutas, sr. João Constantino Correia de 28 anos residente na Alcaria do João, freguesia de Alte, encontrou uma samarra com uma carteira que continha 522$50 em dinheiro. Dirigiu-se, logo a seguir, ao regedor de São Bartolomeu de Messines que, depois das necessárias investigações, entregou tudo á pessoa que a tinha perdido: a sr.ª Maria Amália, viuva, residente no Ribeiro Meirinho.

INSTITUTO ESPANHOL
XXIV CURSO DE ESTUDOS ESPANHOIS

O Instituto Espanhol organizará a partir do dia 1 de Fevereiro o seu Curso Anual de Estudos Espanhois, divididos em dois ciclos de trabalhos sobre o ensino do idioma espanhol e conferências sobre temas culturais. Informações e matrícula na sede do Instituto, Rua Actor Tasso, n.º 27, todos os dias uteis, das 11 ás 13.

A CIDADE

DENSO NEVOEIRO
envolveu a cidade mas não dificultou
as comunicações fluviais

A's primeiras horas desta manhã, a cidade encontrava-se envolvida por denso nevoeiro. Em certas zonas a cerração era tão espessa que, por exemplo, ás 9 horas, das Travessas da Oliveira e do Pinheiro, a escassas dezenas de metros do Largo da Estrela, não se divisavam, do grandioso edifício da Basílica, mais que uns vagos contornos.

As comunicações fluviais, porém, não sofreram dano apreciável, pois os «ferry-boats» cumpriram os horários e os «cacilheiros» apenas interromperam o serviço das 7 ás 9 horas. As carreiras entre Lisboa e o Barreiro fizeram-se normalmente.

TRÊS FERIDOS
num desastre de viação na Avenida da Índia

Na Avenida da India, próximo de Belém, verificou-se esta manhã, cerca das 10 horas, um violento embate entre um «jeep» grande do Ministério da Economia e um automóvel particular. Aquela viatura era conduzida pelo sr. engenheiro-agrónomo Rogério Santos Serôdio, de 27 anos, morador na Rua Carlos Mardel, 126, 2.°, Dt.°, e nela seguia, também, a sr.ª D. Maria Helena Carvalho Fernandes, de 21 anos, empregada de laboratório, residente na Rua Infantaria 16, 64, 3.°, Dt.°. O automóvel era guiado pelo dr Nuno Ferreira, de 41, inspector-superior do Ministério do Ultramar, domiciliado na Rua de Pedrouços, 103, 1.°, Dt.°.

Da colisão resultou ficarem todos feridos, pelo que foram transportados á sala de observações do Hospital de S. José, onde ficaram internados. O dr. Nuno Ferreira encontra-se em pior situação, pois fracutrou uma rótula e tem várias contusões na cabeça; os outros sinistrados apresentam diversas contusões pelo corpo, especialmente no crânio. Ainda não estão esclarecidas as causas do acidente.

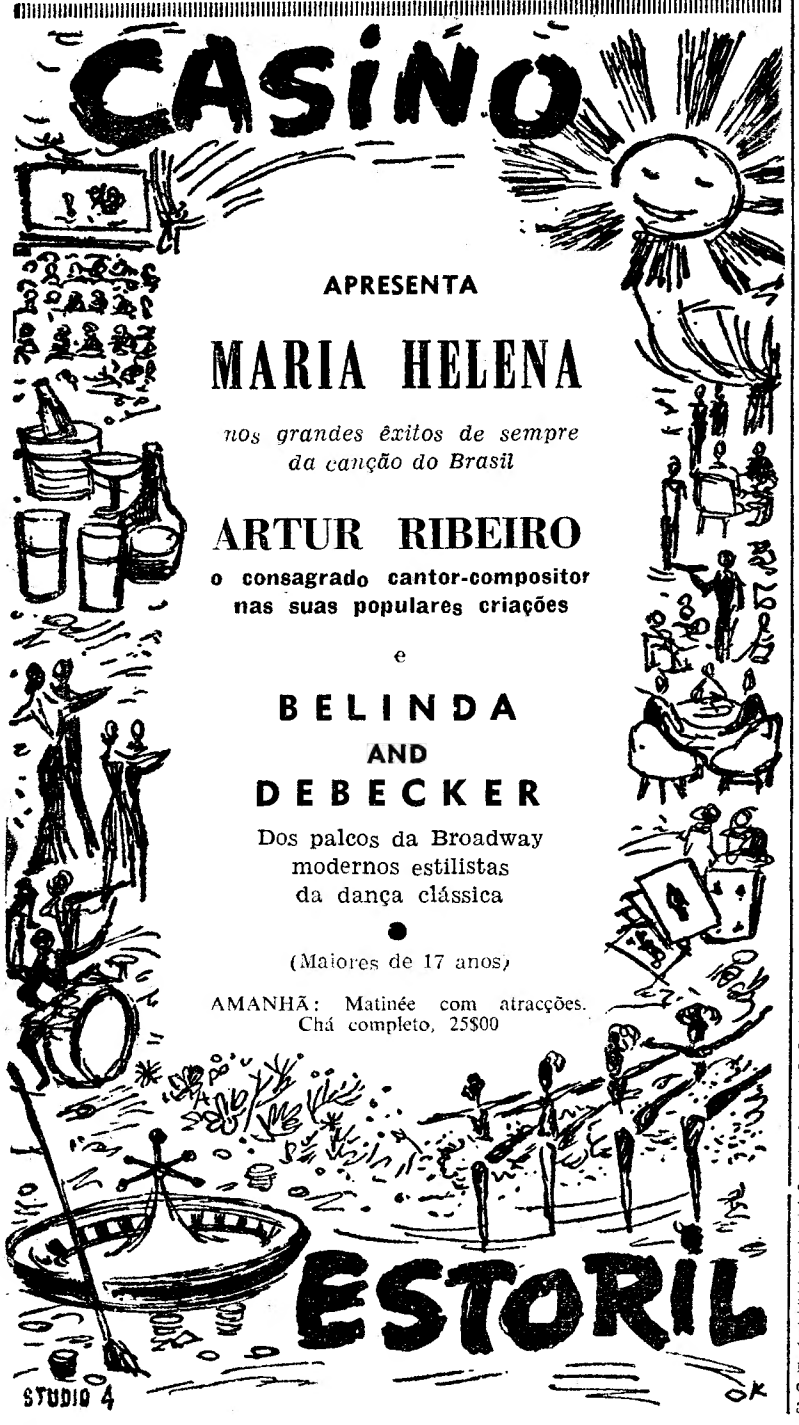
Pelos hospitais

DOENÇA SUBITA — Recolheu á sala de observações do Hospital de S. José o violista Joaquim Pereira do Vale, de 53 anos, domiciliado na Rua General Vicente de Freitas, 16, r/c., Esq.°, em Algés, que adoeceu subitamente esta madrugada, no «retiro» em que actuava na Praça da Alegria. O seu estado de saude é satisfatório.

CRIANÇAS ENVENENADAS — Na sala de observações do Hospital da Estefania deram, esta manhã, entrada duas crianças, ambas gravemente envenenadas. Uma delas, Pedro Manuel Monteiro Figueiredo, de 18 meses, morador na Rua Heróis de Quionga, 56, ingeriu potassa cáustica. A outra, Fernando Luís Espada Parreira, de 9 meses, morador na Rua de S. João de Brito, lote 3, 1.° dt.°, na Damaia, ingeriu sublimado. Ambas se encontram em estado grave.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um relógio com pedras preciosas; uma carteira com o bilhete de identidade de José Luís da Conceição Pereira; um chapéu para homem; uma caderneta escolar com diversas fotografias; uma cédula pessoal de Maria Teresa Nunes de Oliveira; um livro escolar em nome de Maria Isabel Pazano; um cachecol de fazenda; duas fotografias; uma luva para senhora; um aro cromado para farol de automóvel; quatro tampões de rodas de automóvel e diversas chaves.



O desenvolvimento industrial do País é condição essencial da sobrevivência económica
—afirmou o eng. Carvalho Fernandes

(Continuação da 1.ª página)

Soveral e eng. Amaro da Costa, respectivamente, subsecretários de Estado da Administração Ultramarina, da Educação e do Fomento Ultramarino; eng. Fernando Pessoa, pelo subsecretário das Obras publicas; dr. Moreira Baptista, secretário nacional da Informação; eng. Vítor Veres, director-geral da Aeronáutica Civil; eng.° dr. Magalhães Ramalho e Carlos Alves, director e presidente do Instituto de Investigação Industrial e da Associação Industrial Portuguesa, respectivamente; directores-gerais e outros funcionários superiores do Ministério da Economia.

As condições favoráveis ao desenvolvimento económico

O sr. eng. Carvalho Fernandes aproveitou a oportunidade para fazer uma exposição sobre o funcionamento dos serviços da Secretaria de Estado da Industria e os vários aspectos da vida industrial do País.

Depois de agradecer a presença dos membros do Governo e demais individualidades, e justificar o seu pedido de exoneração, disse que, hoje, o desenvolvimento económico pode ser orientado e facilitado por uma política de fomento que envolva a criação de condições gerais favoráveis; o conhecimento, por parte das entidades oficiais e particulares e mesmo pelo publico em geral, das possibilidades e das vantagens do desenvolvimento; a realização de investimentos básicos; e decisões destinadas a facilitar e a estimular as actividades e os investimentos do sector privado.

As condições gerais favoráveis ao desenvolvimento — sublinhou — implicam ordem, segurança, estabilidade; requerem a existência de instrumentos de política económica; e exigem meios de educação, em todos os níveis, que permitam a preparação do pessoal necessário.

Prosseguindo, referiu a acção dos serviços daquela Secretaria de Estado, afirmando ter encontrado ali duas lacunas:

— A primeira refere-se á falta de um organismo de programação do desenvolvimento industrial a longo prazo e que precisaria apenas de algumas pessoas, mas convenientemente escolhidas, para elaborar essa programação e mantê-la periódicamente revista e actualizada, tendo especialmente em vista a orientação, a coordenação, a persuasão e a cooperação indispensáveis á realização prática dos programas delineados.

A segunda das lacunas apontadas respeita á necessidade de um organismo que, em conjunto com o que acabei de referir, e com os outros órgãos da Secretaria de Estado, tivesse a missão concreta de dar realização á política de reorganização industrial já começada há anos mas infelizmente ainda hoje pouco adiantada.

Acrescentou parecer-lhe da maior importancia a criação de um organismo de planeamento económico regional que, aliás, já foi previsto num projecto de decreto-lei remetido para apreciação da Câmara Corporativa, há cerca de um ano.

A acção da Inspecção Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais

A seguir, passou a ocupar-se das funções dos organismos daquele departamento, começando por se referir ás da Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais, cuja acção no desenvolvimento económico do País se faz, de forma directa através da normalização e da defesa da industria portuguesa. Sublinhou:

— No domínio da normalização, em conjunto com o Centro de Normalização cujo presidente nato é o inspector-geral, tem-se procedido, de maneira regular e sistemática, á preparação e publicação de normas nacionais cuja importancia para a nossa industria é essencial. Essa importancia tem sido progressivamente sentida e reconhecida pelos industriais, deveria talvez dizer, pelos bons industriais. Mas onde se verifica, com a maior acuidade, a necessidade urgente da normalização é na reorganização industrial agora em curso e que só será possível na medida em que existirem e forem tornadas obrigatórias normas para os respectivos produtos industriais.

Apontou a colaboração que áquela Inspecção-Geral dão o Laboratório Central de Normalização e Fiscalização, o Laboratório de Pesos e Medidas e a Repartição de Fiscalização de Produtos Alimentares e referiu a existência do Museu de Pesos e Medidas.

A Direcção-Geral dos Serviços Industriais e a sua legislação antiquada

Passando em revista as atribuições da Direcção-Geral dos Serviços Industriais, disse, designadamente:

— No que se refere ás suas actividades de rotina, verifiquei que estas poderiam ser apreciávelmente facilitadas se se actualizassem e simplificassem os Regulamentos que as regem. Com efeito, essas actividades de rotina, decorrentes de uma legislação antiquada, obrigam a uma tal mobilização das disponibilidades de pessoal da Direcção-Geral, que não fica pessoal suficiente para se poderem realizar, com a ampliação necessária, as funções atribuídas á Repartição de Fomento Industrial a que me referi. Há que mencionar a melhoria recentemente introduzida nesta situação pela criação de uma nova secção de técnicos económicos naquela Repartição, mas que presumo não venha a ser suficiente. Haveria, portanto, em minha opinião, que estudar o problema, com vista, ou a proporcionar aos Serviços de Fomento Industrial os técnicos adicionais que precisam, ou a criar organismos para programação do desenvolvimento industrial a longo prazo e para dar realização á política de reorganização industrial, que já mencionei. A seguir-se esta ultima alternativa, haveria de assegurar uma ligação íntima desses organismos com as Repartições de Condicionamento e de Fomento, parecendo ainda essencial que fossem presididos pelo director-geral.

O desinteresse do capital nacional pela exploração mineira

Seguidamente, referiu-se á exploração mineira, dizendo, nomeadamente:

— A actividade mineira no País tem, ultimamente, atravessado um período de depressão, que resulta, fundamentalmente, da baixa geral de cotações neste sector e que se atribui, em grande parte, a fornecimentos, em grande escala, feitos, nos mercados mundiais, por países para além da cortina de ferro. Também, internamente, o sistema de taxas e impostos especiais sobre a exportação de minérios não tem favorecido a actividade mineira, em virtude das suas implicações económicas sobre a rentabilidade de exploração de várias minas.

Anunciou estar em preparação um estudo com vista a criarem-se condições que tornem mais rentável a exploração de minérios para exportação, e disse ser necessário intensificar as prospecções e pesquisas mineiras.

A electrificação rural

O sr. eng.° Carvalho Fernandes referiu, depois, a acção da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, fazendo, a propósito, considerações sobre o fomento da electrificação. Sugeriu o alargamento do ambito da acção do Laboratório Central Electrotécnico ou a criação de novo organismo, com características de Laboratório Nacional; disse ser indispensável promover o desenvolvimento da industria de aparelhagem eléctrica; citou a obra de electrificação nacional, cujo aumento anual de consumo é, agora, da ordem de 300 G W h, e afirmou:

— Na relativa euforia deste desenvolvimento há, contudo, uma pequena nota discordante: a electrificação rural está a processar-se a um ritmo que é demasiadamente lento em face das aspirações das populações. Mas que o problema é bem compreendido pelos serviços, prova-o o facto de se ter preparado o texto de um diploma legal — enviado há pouco tempo á apreciação do Conselho Económico — com o objectivo de se assegurarem os meios financeiros, técnicos e administrativos para se completar, em curto período, a electrificação de todas as sedes de freguesia e as povoações mais importantes do País.

A indústria de combustiveis

Ocupando-se, a seguir, da acção da Direcção-Geral dos Combustíveis, disse que os preços vigentes para o fuel-óleo, gasóleo e gasolina pesada são muito elevados em relação aos preços desses combustíveis para a industria na generalidade dos outros países da Europa.

Alarga-se o campo de acção da indústria de explosivos

O sr. eng.° Carvalho Fernandes disse, mais adiante:

— Até há pouco tempo, a industria particular de explosivos dedicava-se unicamente ao fabrico destes materiais, para usos civis. Contudo, recentemente, o Secretariado-Geral da Defesa Nacional estabeleceu a orientação de que a industria particular se devia dedicar ao fabrico de material de guerra para as Forças Armadas, e esta orientação vem alargar o campo de acção da industria de explosivos em Portugal.

A necessidade de técnicos

A terminar, o sr. eng. Carvalho Fernandes ocupou-se das atribuições do Instituto de Investigação Industrial, apontando o que já se fez no campo da assistência técnica á industria. Acrescentou que o panorama que se antevê para o futuro é larguíssimo e focou a necessidade de existirem técnicos experimentados nas aplicações que, com os pés bem na terra e com o sentido prático da vida industrial, dêem uma ajuda eficaz e oportuna ás actividades industriais que a precisem.

Finalmente, falou da vastidão inerente ao nosso desenvolvimento industrial e económico e aos limitados meios de que se dispõe para os resolver. E afirmou:

— Já tem sido dito, mas não é de mais repeti-lo, na hora grave que atravessamos, que o desenvolvimento industrial do País é condição essencial da nossa sobrevivência económica. E, sem negar aos valores do espírito a sua incontestável primazia, parece evidente que o País, para realizar a sua transcendente missão política e cultural, precisa ter assegurado um certo nível de desenvolvimento económico.

Palavras do eng.° Castro e Solla

A seguir, o sr. eng.° Castro e Solla, director-geral de Minas e Serviços Geológicos, em nome de todos, agradeceu a atenção do sr. eng.° Carvalho Fernandes em se despedir dos funcionários superiores. Quanto á apreciação e á crítica do funcionamento dos vários sectores do departamento a que presidira, sublinhou que, dentro da crítica, tinham sido referidos defeitos e elogiadas as realizações. Essas considerações, disse, constituem matéria para corrigir o que está mal e prosseguir na obra encetada.

Declarações do ministro da Economia

Por fim, falou o sr. ministro da Economia, que, dirigindo-se ao sr. eng.° Carvalho Fernandes, disse:

— Não me ocorrem neste momento muitas coisas para lhe dizer. Apenas o sentimento me obriga a repetir-lhe, uma ultima vez, a mágoa com que o vejo partir desta casa, onde trabalhámos durante alguns meses em perfeito sincronismo, sem que a menor sombra de instabilidade ameaçasse o paralelo dos nossos sentimentos, nas muitas coisas que tratámos em comum. Sei que outros deveres o chamam e sei que são também importantes Só isso o absolve do mau pensamento que teve e em que persistiu de nos deixar. Desejo-lhe o maior êxito na expansão do trabalho nacional que vai empreender. Só o volume e a velocidade dessa expansão serão capazes de justificar a pressa desta abalada, mas será com alegria que verei a confirmação física do que hoje é apenas intenção. Por mim não tenho duvidas. E apareça de vez em quando a dar boas notícias para me trazer alguma compensação do desgosto de o ver partir.

No final, o sr. eng. Carvalho Fernandes foi cumprimentado por todos os presentes.

NO **AVENIDA** HOJE ás 21.30 h. | 12 ANOS | 6 UNICOS DIAS

Telef. 327273 AMANHÃ, À TARDE, ás 16 h.

UM EXITO! 2 HORAS com BADARÓ

120 MINUTOS
338 GARGALHADAS
LOTAÇÕES ESGOTADAS

BADAROSCOPE

Colaboração do CONJUNTO HELDER MARTINS, gentilmente cedido pela «CARPA»

Amplificação sonora «PHILIPS»

6.ª-Feira, 26: Estreia da **COMPANHIA RAFAEL DE OLIVEIRA**

NO **MONUMENTAL** 10 ÚNICOS DIAS

VASCO MORGADO ORGULHA-SE DE APRESENTAR

YMA SUMAC a voz inconfundível e **ALFREDO ALÁRIA** com o seu famoso Ballet

6.ª-FEIRA, 26 ESTREIA

MAIORES 12 ANOS

DOIS COLOSSOS DO MUNDO DO ESPECTACULO

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- «A evolução do trajo através dos tempos» será uma das rubricas do programa especial, comemorativo do 5.º aniversário da R. T. P., a transmitir directamente do mosteiro de Alcobaça, em 7 de Março.
- O cómico brasileiro Badaró, depois da curta série de espectáculos que está a apresentar no Avenida, representará o seu *show* «Badaroscope» no Teatro S. João, do Porto.
- Luciano, o famoso «augusto de soirée», apresentou ontem, no Coliseu dos Recreios, duas novas pantominas de que é autor.
- «Carrousel infantil» será o nome do espectáculo para crianças que o Capitólio apresentará dentro de dias, em sessões á tarde.

No D. Maria II

Palmira Bastos em «As árvores morrem de pé»

O publico continua a encher a sala do Teatro Nacional de D. Maria II e a aclamar vibrantemente de pé, a extraordinária actriz Palmira Bastos, cuja reaparição teve foros de sensacional. Em «As árvores morrem de pé», a ilustre comediante repete a sua gloriosa criação de há onze anos, com a mesma emoção, a mesma graça e a mesma inexcedível arte de representar. É, portanto, um novo grande triunfo. Ana Paula e Varela Silva, dois jovens cujo talento tem neste espectáculo plena confirmação, colhem, também, muitos aplausos, devidos ao brilho das suas actuações. E em outros papeis há ainda que salientar os nomes de Luís Filipe, Luz Veloso, Maria Corte Real, Gina Santos, Meniche Lopes, Paiva Raposo, Pedro Lemos, José de Castro, Manuel Correia e Benjamim Falcão.

«O anjo rebelde», de Carlos Selvagem

Dois originais foram aprovados pelo Conselho de Leitura, que funciona junto da empresa que explora o Teatro Nacional de D. Maria II para serem representados esta temporada. O primeiro já está em ensaios e é assinado por um nome grande do nosso teatro: Carlos Selvagem. Assim se explica a expectativa que rodeia a estreia desta peça que se apresentará na Casa de Garrett, no fim da próxima semana.

O Teatro de Ensaio

apresentará um novo original português

Neste seu novo ano de actividade, está o Teatro de Ensaio a concretizar uma curiosa iniciativa. Todos os seus membros directivos se juntam quando se procede á escolha das novas peças apresentadas ao agrupamento; após a escolha, o autor é convidado a reunir-se com os artistas e o encenador a fim de estudar em conjunto a montagem da peça.

A primeira delas, que iniciará este novo ciclo de trabalho, já está escolhida e é da autoria de Nascimento de Morais. O original «O homem sentado á beira da estrada», é a obra inédita que está a ser preparada pelo Teatro de Ensaio, que a apresentará no próximo mês de Fevereiro.

Desejável é que o agrupamento continue esta sua nova forma de actividade que tão util pode ser para a divulgação de novos autores.

Teatro infantil

As crianças frequentadoras das tardes infantis promovidas pela Camara Municipal no Teatro da Trindade são, esta semana, brindadas com mais dois espectáculos, marcados para sábado e domingo, ás 15 e 30. O programa é constituído por duas peças recentemente estreadas. A primeira intitula-se «Boingue-Boingue», em um acto e três quadros, e a outra, «O Natal do mestre Bento», também em um acto. São autores, respectivamente, Francisco Nicholson e Ester de Lemos. A distribuição gratuita de bilhetes começou hoje, naquele teatro. Na interpretação, entram todos os elementos da companhia do Teatro Gerifalto.

Para as duas tardes infantis, os serviços municipais distribuiram bilhetes, de acordo com a precedência dos pedidos, ás seguintes escolas e instituições: Externatos S. Sebastião, Duarte de Almeida, Dr. Leite de Vasconcelos e Excelsior; escolas oficiais femininas n.os 3, 8, 22, 60, 120 e 140; Escola de Nossa Senhora do Rosário e Externato Santo António; e estabelecimentos da Casa Pia.

No Monumental

Mais cinco dias de «Criada para todo serviço»

Cinco meses consecutivos de representações com enchentes, provam eloquentemente o êxito de «Criada para todo serviço», um espectáculo alegre e divertido, em que o espírito e a malícia andam de braço dado. A original comédia francesa vai agora sair do cartaz, por força de outros contratos, iniciando uma longa «tournée» pelo País.

Assim, na próxima quinta-feira, apresenta-se no Teatro Rafael de Oliveira, em Almada; na sexta-feira, no Montijo; seguindo-se-lhe Setubal, Palmela, Sintra e Cascais.

A partir de 1 de Fevereiro, «Cria-

(Continua na página seguinte)

Amanhã, á tarde ás 16 h.

MONUMENTAL 5 unicos dias

LAURA ALVES no seu espantoso êxito com ASSIS PACHECO

AD. M/ 17 anos
HOJE, ás 21.45 horas

ATENÇÃO — 5.ª-feira, no Teatro de Rafael de Oliveira, em ALMADA; dia 26, no Teatro Joaquim de Almeida, no MONTIJO; dia 27, no Teatro Luísa Todi, em SETUBAL; dia 28, no Teatro S. João, em PALMELA; dia 29, no Teatro Carlos Manuel, em SINTRA; dia 30, no Teatro S. José, em CASCAIS; dia 31, no Teatro Virgínia, em TORRES NOVAS; a partir de 1 de Fevereiro, no Sá da Bandeira, no PORTO

O «Diário de Lisboa» vende-se em Moscavide na Agência D. Laura Massano, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, lote 5.

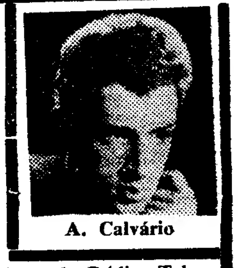
Piçarra

ABC HOJE, À TARDE, ÀS 16 HORAS, E À NOITE, ÀS 20.45 E 22.45

Telefone 366745

UM TRIUNFO DE **LUIZ PIÇARRA**

"OLÁ AMIGOS!"



A. Calvário

Um espectáculo Alegre, Moderno e Dinamico, com as maiores vedetas da Rádio, Televisão, Teatro e Cinema

Duas horas de alegre disposição, com numeros da mais palpitante actualidade

SUCESSO SEMPRE CRESCENTE DE TODOS OS ARTISTAS

PARA 12 ANOS PENÚLTIMO DIA

TRIUNFO INCOMPARÁVEL!

*** COLISEU ***

(Emp. Ricardo Covões Herds.) Telef. 31997

A's 21 e 30 — Podem assistir maiores de 6 anos

1.ª GRANDE COMPANHIA DE CIRCO DE 1962

PALHAÇOS — LEÕES — CAVALOS — ZEBRAS — TRAPEZISTAS—CICLISTAS—ACROBATAS

DOMINGO — ás 16 horas: Entrada gratuita ás crianças até aos 10 anos — ás 21 e 30 — Maiores de 12 anos

MARIA VITÓRIA

Emp. Hermes Portela - Tel. 31740
As 20.45 e 23 h. Ad. M/ 17 anos

A MELHOR REVISTA DOS ULTIMOS ANOS

BATE O PÉ!

2 HORAS DE GARGALHADA!

Pensão Monumental

Magnificos aposentos
Serviço de bom hotel
R. da Glória, 21—Tel. P.P.C. 36 9807

TRINDADE

Telef. 32 00 00 (M. 12 anos)
Às 21.45
EM 2.º MÊS
A OBRA-PRIMA DE **KLEIST**

O PRÍNCIPE DE HOMBURGO

com **Brunilde, Alves da Costa, Benamor, Figueiredo, Lígia** e **MÁRIO PEREIRA** no protagonista á frente de um grande elenco

HOJE
LOS 2 SOLMAR
Grandes Artistas Internacionais no

FARIDOL

Largo do Intendente, 57
P/ Maiores 17 anos

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 327172 — A's 15.15 e 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 12 anos) — **Danny Kaye, Dana Wynter**
1 GENERAL E MEIO
O dobro da alegria... o dobro do divertimento, a mais louca aventura de todas as guerras.

EDEN — Telefone 320768 — A's 15.30 e 21.30 (M. 12 anos) 5.ª SEMANA
EL CID
em Tecnicolor
Uma produção de **Samuel Bronston** com **Charlton Heston** e **Sophia Loren**
O filme começa a ser exibido logo no início dos espectáculos

POLITEAMA — Telefone 326305 — 15.15, 18.15 e 21.30 — 5.ª SEMANA DE ENCHENTES — A sensacional comédia de grande espectáculo
«PEPE» com Cantinflas
Dan Dailey, Shirley Jones e ainda 35 celebridades de Hollywood
Cinemascope - Tecnicolor (M/ 12 a.)

AVIS — Telefone 47163 — A's 15.30, 18.30 e 21.45 — Maiores de 6 anos — 4. SEMANA DE **MARISOL** numa comédia divertida, alegre e sentimental
CHEGOU UM ANJO
com **Pulgarcito — Isabel Garcés — Julio Sanjuan**

LIZ — Telefone 48560 — A's 21 horas (M. 17 anos)
A FONTE DA VIRGEM
DESDE QUE ELE PARTIU

ROYAL — Telefone 865037 — A's 15 e 21 h. (M. 12 anos)
PARA ALÉM DA CORTINA
OS TUBARÕES DO PACÍFICO

VÓ — A's 21 (M. 17 anos)
UMA VIDA e o **GRANDE GOLPE**
Amanhã: **ANÍBAL E OS ELEFANTES** (M. 12 anos)

TIVOLI — Telefone 50595 — A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite — Um filme de choque e uma rajada de mistério
OS INOCENTES
com **Deborah Kerr**
A história dum amor fantástico para além da morte.

SÃO JORGE — BALCÃO 54154, PLATEIA 54153 — A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos) 2.ª SEMANA
DE VENTO EM POPA
James R. Justice — Leslie Phillips e **Paul Massie** (Colorido)

CONDES — Telefone 322523 — As 15.15 e 18.15 (p red.) e 21.30 (M. 17 anos)
A RAPARIGA DA MALA
com **Claudia Cardinale—Jacques Perrin**
Num filme dirigido á sensibilidade do Publico.

ODEON — Telefone 326283 — 15.15, 18.15 e 21.30 — **EXITO TOTAL** da esplendorosa comédia musical
com **Lolita Sevilla** e **Virgílio Teixeira**
HABANERA
Canções, bailados e admiráveis atracções coreográficas afro-cubanas. Eastmancolor — (M. 12 anos)

CINEMA IDEAL — Telefone 324194 — A's 21 horas (M. 12 anos)
JERRY, O PRIMEIRO TURISTA DO ESPAÇO
CHAMAS AO ALVORECER

TERRASSE — Telefone 320917 — A's 21 horas (M. 17 anos)
O SABOR DO MEDO
QUEM ERA AQUELA GAROTA?

RESTELO — Telefone 610375 — A's 21.15 (M. 17 anos)
A MORTE DE BELLE
com Jean Desailly e Alexandra Stewart

IMPERIO — Telefones 555134/5 — A's 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos) — A obra-prima de **Bernhard Wicki**
O MILAGRE DE MALAQUIAS
que o publico aplaude entusiasmado

MONUMENTAL — Telefone 55131 — A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 17 anos) — Um filme audaz e sensacional
AS DUAS FACES DO AMOR
Na história dum rapaz moderno... que todos apontavam a dedo.
c/ **Jean-Claude Brialy — Alida Vali — Jean Chevrier**

ROMA — A's 15.30, 18.30 e 21.30 (M. 17 anos)
A RAPARIGA DA MALA
Uma rapariga lançada no turbilhão duma vida incerta, desperta a primeira aventura sentimental num jovem de dezasseis anos.
Com **Claudia Cardinale—Jacques Perrin**

CAPITÓLIO — Telefone 327493 — A's 15.30, 18 e 21.30 (M. 17 anos)
OS RAPINANTES
Um Western diferente! Um verdadeiro filme de nervo e garra
com **Dan Duryea — Jeff Richards — Keenan Wynn — Jarma Lewis**

ALVALADE — A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos) — Uma estupenda comédia
1 GENERAL E MEIO
com **Danny Kaye — Dana Wynter**
na mais louca aventura de todas as guerras!

CASINO ESTORIL — A's 21.30 (M. 17 anos)
AS AVENTURAS DE TIM-TIM
O maior herói de todos os tempos, pela primeira vez no cinema

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

da para todo serviço» estará em cena no Teatro Sá da Bandeira, no Porto.

Entretanto, representa-se no Monumental, ás 21 e 45, até á próxima quarta-feira.

Ima Sumac e o «ballet» de Alfredo Alária

Está a despertar o mais vivo e natural interesse a próxima vinda a Portugal de duas celebridades do mundo artístico e que Vasco Morgado apresenta, no Monumental, a partir da próxima sexta-feira. Ima Sumac e a sua voz inconfundível aparecerá ao lado de Alfredo Alária e o seu famoso «ballet», composto de quinze figuras.

Trata-se de um espectáculo de categoria internacional, apresentado em exclusivo, aos preços normais de teatro.

No Trindade

Terceira «matinée» para estudantes

Hoje, ás 17 horas, realiza-se no Trindade, a terceira «matinée» destinada a estudantes, pela Companhia Nacional de Teatro. Representa-se «O principe de Homburgo», uma obra-prima de Kleist, o maior dramaturgo do Romantismo alemão. Acolhida com grande entusiasmo pelos jovens que acorreram ás sessões anteriores, a peça vai, uma vez mais, atrair centenas de estudantes, para os quais foi estabelecido o preço unico de dez escudos, em plateia ou balcão.

Após o espectáculo, haverá um colóquio com debates sobre temas teatrais, sob a orientação de Goulart Nogueira, autor da tradução daquela peça.

Entretanto, «O principe de Homburgo» sobe á cena, todas as noites naquele teatro.

No Avenida

Uma tarde popular com o espectáculo «Badaroscope»

«Badaroscope» constitui um grande acontecimento artístico, em que Badaró, ao fim de duas horas de fantasia, pantominas e imitações, conquista definitivamente um publico entusiasta, que todas as noites esgota as lotações do Avenida. O excepcional artista brasileiro consegue preencher, com talento e expressão, um espectáculo agradável, inédito e cheio de ritmo e cor.

«Badaroscope», que tem a colaboração valiosa do conjunto de Helder Martins, apresenta-se hoje, ás 16 horas, em tarde popular, com preços muito reduzidos (de 4 a 30 escudos). Amanhã, ás 16 horas e todos os dias, até quinta-feira, ás 21 e 30, Badaró estará presente no palco do Avenida.

No Capitólio

O filme «Os rapinantes» constitui um magnífico «western»

Integrado na época de Inverno, o Capitólio leva esta semana o seu primeiro «western», um filme da Metro, realizado por Gerald Mayer e com um elenco de actores especializados em filmes do Oeste: Dan Duryea, Jeff Richards, Jarma Lewis e Keenan Wynn. Embora se enquadre nos moldes clássicos, a película sai da vulgaridade graças ao argumento, cenário e interpretações.

A acção tem como unico fundo as paredes vermelhas e escarpadas do pitoresco vale de Coachella, na Califórnia, onde um «squatter» resolve construir uma cabana e furar um poço. Encontra água e logo enfrenta a cobiça de um fazendeiro que, chefiando um grupo de pistoleiros profissionais, resolve expulsar o colono do que considera terra sua.

A luta violenta travada entre estes homens e o colono, com uma mulher e filho como unicos auxiliares, atinge por vezes momentos épicos e de «suspense».

IMPÉRIO

«Desejo sob os ulmeiros» em sessão clássica

A terra e o sangue, a ideia da posse e a concupiscência, o estímulo demoníaco do ouro, o apego aos bens a herdar — um complexo dominador que tudo comanda e conduz, são os motivos ou temas fundamentais da acção dramática representada pelo dramaturgo Eugene O'Neill na peça «Desejo sobre os ulmeiros» e transposta pelo realizador Delbert Mann, com grandeza ética e realista, para a tela.

O escritor e dramaturgo dr. Luís Franscisco Rebelo fará o comentário a este filme, na 263.ª sessão clássica de «Gente de cinema fala de filmes», na quarta-feira, no Império, ás 18 e 30.

Primeiras exibições

«Os inocentes», no Tivoli

Achamos a película «Os inocentes», ontem estreada no Tivoli, simplesmente desconcertante, perigosa e pouco séria. Explicamo-nos:

Desconcertante porque cinematizando uma história que nos parece lendária lhe confere um ar de realidade, de coisa vivida que, obrigando-nos a senti-la como tal nos desperta o bom senso e a inteligência para a não aceitar.

Perigosa, porque, sendo um filme que aproveitou uma das teorias básicas do espiritismo, fazendo-o de uma forma nua, real e violenta, pode produzir nos espíritos fracos estados de desiquilíbrio que não serão só nervosos mas mentais. Achamos, pois, a pelicula fortemente contra indicada para pessoas deste género.

Pouco séria, finalmente, porque aproveitando a teoria dos espiritistas segundo a qual o espírito nunca morre com o corpo e volta, em gerações sucessivas, a ocupar corpos que lhe permitam voltar á vida terrena, distorce esta com o unico fito de produzir espectáculo, abalando fortemente o espectador necessitado de emoções fortes. Segundo a teoria, o espírito necessita de um corpo para se materializar, vivendo, jamais se justificando, no filme, o aparecimento dos dois cadáveres tanto mais que o seu espírito já havia tomado conta do corpo das duas crianças.

Mas qual é, afinal, o enredo desta película?

Em pleno século XVIII, em Inglaterra, vive um faustoso senhor que tem dois sobrinhos com os quais não deseja preocupar-se. Envia-os, por isso, para um imponente castelo situado na provincia, contratando uma governanta e alguns criados para tomarem conta deles. Esta, quando ali chega, verifica que se passa algo de anormal. Mulher corajosa, embora doce, lança-se á descoberta do mistério. Algumas aparições horrorosas e o comportamento estranho das crianças levam-na a concluir que existe o tal caso de retorno dos mortos á Terra.

É este, pois, o enredo de «Os inocentes» que, da primeira á ultima cena, constitui um dos filmes mais impressionantes que temos visto sendo disso significativo os planos que o concluem.

Deborah Kerr tem, no papel de governanta, um trabalho perfeito. O seu rosto torturado, os seus expressivos olhos, a sua mímica, dão ao papel todo o realismo necessário para o tornar um caso quase do quotidiano, e ao mesmo tempo toda a grandeza necessária para contar um caso do sobrenatural. — *Visor 13.*

O «Diário de Lisboa» vende-se em Sacavém por intermédio do nosso agente Mariano Augusto Sampaio

Inauguração da temporada de ópera no Teatro Nacional de S. Carlos

Para corresponder (julgamos) ao sensacionalismo que em regra se pretende imprimir ao espectáculo inaugural da temporada integrada nas tradições do nosso dourado Teatro Nacional de S. Carlos, foi escolhida a grande e complexa partitura de Ricardo Strauss, «A Mulher sem sombra». O título era aliciante, mas as nossas informações sobre este trabalho datado de 1919 (que pela factura tanto podia ser de 1909 como de 1939) eram nenhumas, o que quer dizer, em parte pelo menos, que era uma ópera a que se não tinha feito justiça, ou para a qual a justiça era severa.

Corrida a cortina sobre o ultimo quadro desta 1.ª apresentação em Portugal, mais pensamos no que ouvimos e lemos (o emaranhado argumento) mais nos sentimos tocada pela faceta de humanidade e pela ansia de renovação que Ricardo Strauss exprime neste grande e carregado espectáculo. Há qualquer coisa de íntimo que se mistura ao estado de crise provocado pela Grande Guerra de 1914/1918, que estagnou logo depois, é verdade, sem ter produzido os seus frutos — pois que, a despeito das suas intenções e «de muita coisa mais», para que «A Mulher sem sombra» não fosse, como espectáculo, um falhanço, era preciso uma montagem de mágica superiormente apetrechada (independentemente de um grupo de excepcionais primeiras figuras, e que não indica, por isso só, que a partitura valha mais ou menos).

O que melhor retemos do espectáculo, tal como o vimos, como valor tanto indicativo como independente, é a plebeia figura da Mulher de Barak, o tintureiro, e bem assim, o seu magistral desempenho cénico e vocal por Liane Synek, com uma composição realista sem senão da personagem. Do estilo folhetinesco, com que a mulher aborrecida do seu viver e do seu marido se transforma numa esposa líricamente extremosa, não tem culpa alguma Liane Synek; a responsabilidade inteira fica com o autor, Ricardo Strauss — ou com os autores, se quisermos juntar o nome do ilustre libretista e estreito colaborador de Strauss, Hugo von Hofmannsthal.

Não faltam outros indícios de onde poderiam partir elementos de integração num bom, num grande teatro de reminiscência totalitarista da tragédia grega, se não fossem afectados pela flutuação, pela insegurança do estilo — ou uma insuficiência para seguir o voo da imaginação. Todos os efeitos de vozes nos bastidores, todas as equivalências de pássaros prometedores e de aves queixosas, todas as meditações solísticas na orquestra, seriam óptimas contribuições para definir e enriquecer o ambiente. Até os velhos laivos wagnerianos da alquimia straussiana e os paralelismos, contidos nesta alquimia, com o gordo lirismo de Puccini, não infirmariam o poder dramático de um discurso musical muito rico como suporte dos textos; mas brigam com a sua concisão as tiradas muito longas, muito académicas, que, também, interrompem a acção. Não estamos longe de acreditar que a pretensão do autor é corresponder á antiga alternativa dos recitativos e das árias, mas não resulta, por causa das fortes interferências de um realismo, em si de forte garra, quando vem a ser empregado por Alban Berg, por exemplo, depois da própria *Elektra* e da *Salomé*, não tão vernaculas, tão ricas de conteudo inventivo musical, é certo, mas que ficam como do melhor Strauss — talento impuro em que o combate com os pontos de partida é camuflado por um engenho máximo da orquestração, e, também, por umas particularidades de realização modulatórias que, neste caso da mulher a quem querem comprar a sombra, nos deliciam por momentos na segunda realização de Liane Synek — sensíveis também na figura sinistra da *Ama*.

Esta «sinistra figura» da *Ama*, em rigor uma bruxa, prestava-se a uma interpretação que opusesse a sua força á figura da Mulher de Barak, o tintureiro; e não nos parece que as suas características se coadunem com o talento de Hilde Rossel-Majdan, que compôs bem o resto, trajou com capricho e cantou com um profissionalismo suficiente para um honroso desempenho da sua parte, cheia de espinhos; mas faltam-lhe o fôlego na contundência e a versatilidade da figura, na verdade a mais bem tratada de toda a ópera por Ricardo Strauss.

A mulher que precisa de comprar a sombra, a enternecida *Imperatriz*, de características luminosas, para opor ao negrume da *Bruxa*, foi bem defendida, com um bonito registo agudo de voz por Ingebord Exner.

Para Barak, o tintureiro, o papel mais untuoso deste compromisso entre o drama realista, o drama puro e a mágica, gostámos da realização de Tomislav Neralic. Para o *Imperador*, que Ricardo Strauss quis bastante melífluo, não poderia estar á vontade o tenor Ticho Parly.

Dos momentos mais agradáveis, auditivamente, foram para nós as intervenções do grupo feminino para as vozes das hipotéticas crianças — Maria Teresa Freymann, Rita Bartos, Ursula Kerp, Annelie Fackler e Alma Erbe. Nem são para não as admirarmos tantas situações gerais de urdidura interpretativa, em que as figuras principais precisam de ter uma verdadeira consciência polifónica, um dos pontos máximos do profissionalismo.

A ausência de um alargado profissionalismo de montagem cénica e da respectiva apetrechagem de palco, tem de ser superada pelo melhor boa vontade de Alfredo Furiga (que volta a «ver» em demasiada altura para o seu cenário da desmantelada tinturaria, interessante como desenho e cor), e pelo regista Frank de Quell.

A Orquestra Sinfónica da E. N., que volta ao seu fadário do fosso de S. Carlos, cumpriu, também, o melhor que pôde —, quase iriamos a achar patológicos os extremos da orquestração de Ricardo Strauss, mas o seu contributo para o expressionismo é de considerar. E ligado tanto á orquestra como á cena, por ultimo, o nosso agradecimento vai para o maestro-director Erich Riede, que substituiu, neste espectáculo inagural, Pedro de Freitas Branco, com a requerida força de responsabilidade. Não concretizamos impressões sobre Erich Riede, porque não no-lo permite a rapidez com que o ilustre estreante entre nós teve de ageitar-se ás circunstancias.

E tanto trabalho de todos — incluindo a colaboração reduzida em duração de execução, mas comprometedora em dificuldade, dos maestros de coro Mário Pellegrini e Carle Pasquali — para duas récitas apenas! Não haveria neste capítulo de escolha de repertório possibilidades de ponderar melhor, com a devida antecedência, o rendimento do trabalho com o montante do esforço?

FRANCINE BENOIT

«Companhia Internacional de Circo», no Coliseu

Na vasta sala do Coliseu, repleto de um publico fiel, estreou-se ontem a primeira Companhia Internacional de Circo que se exibe em Lisboa. E não nos custa dizer tratar-se de um acontecimento invulgar, pela variedade, ritmo do espectáculo e novidades apresentadas. Mas acima de tudo, pela qualidade dos artistas, que superaram, de longe o nível médio a que estamos habituados.

Está há muito generalizada a ideia de que, no que diz respeito ao circo, é difícil apresentar coisas novas; que o circo tem um clima, uma tradição; e que o que importa é respeitar o clima que se cria, precisamente, respeitando essa tradição. Pois esta Companhia Internacional pode fazer ambas as coisas: respeitar as mais características tradições do espectáculo circense e dar simultaneamente, uma demonstração de poder criador e apurada qualidade, verdadeiramente invulgares.

Acrescentemos, ainda, que tudo decorreu num ambiente de alegria, destreza, juventude e audácia — o que entusiasmou o publico e provocou constantes ovações e vibrantes aplausos, mesmo entre aqueles cépticos que, normalmente, dizem já ter visto «tudo» que é possível fazer no género...

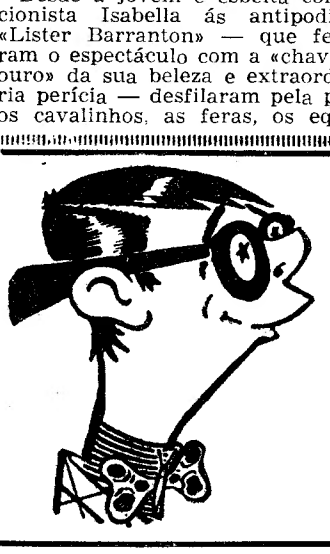
Na verdade, o circo que ontem se apresentou no Coliseu é clássico e revolucionário, aliando a experiência á juventude, respeitando as fórmulas mas dando-lhes formas de acabamento renovadas dignas de franca admiração.

Desde a jovem e esbelta contorcionista Isabella ás antipodistas «Lister Barranton» — que fecharam o espectáculo com a «chave de ouro» da sua beleza e extraordinária perícia — desfilaram pela pista os cavalinhos, as feras, os equilibristas, os palhaços... Mas em quase tudo há uma novidade, um «mais além» que emociona ou pelo menos, agrada e atrai. E' o caso de Miss Dora, que no seu numero de pombas amestradas, sai da pista «vestida» ternamente pelas aves que lhe cobrem as vestes; é o caso de Mr. Pettoletti que apresenta numeros vistosos e perfeitamente marcados com camelos, zebras, cavalos e póneis; e mais tarde um «carroussel» de 24 cavalos de bela estampa e executando difíceis exercícios.

A «Troupe China» é um turbilhão de ginastas, equilibristas, contorcionistas e atletas — artistas de um raro ecletismo. E o mesmo se poderá dizer da «Troupe Biasini» que, com uma agilidade, alegria e descontracção extraordinárias, executa numeros de ciclismo de forma que nunca vimos igual.

O numero de leões seria vulgar, se não fora Pio Nock, que no seu numero de arame levanta a sala, confirmando as suas qualidades de funambulo extraordinário e de palhaço de raça. A sua presença encheu o Coliseu e esse êxito não chegou a ser empanado por um percalço, que podia ser grave, sucedido a uma das suas colaboradoras.

Mas, como dissemos, o espectáculo é todo de bom nível, sendo digna de registo a actuação dos populares palhaços «Rudillatas». A trapezista «miss» Bulmann e as irmãs Milettis, equilibristas sobre bolas, e os Stawisky Brothers, «a nora humana», completam o programa, que foi, ainda, animado pelos «faz-tudos» do Coliseu, pela orquestra dirigida por A. Quintana e pela locutora Olga França. Fabianino e A. Luftman foram os «régisseurs» atentos e eficientes. — *Augusto III.*



FINALMENTE EM PORTUGAL

José VASCONCELOS

«EU SOU O ESPECTÁCULO»

DEPOIS DE 4 ANOS DE GRANDE EXITO NO BRASIL!

DOÇARIA CASEIRA

UMA PEGA 6$50

só no BAR DO RIBATEJO — Pr. do Areeiro, 11-D

Fecha às 3,30 — Abre às 7 horas — Telef. 724111

DESPORTOS

O «NACIONAL» DE FUTEBOL DA 1.ª DIVISÃO

COMEÇA A 2.ª VOLTA

JOGANDO O GUIA EM ÉVORA

Benfica-Leixões e Atlético-V. Guimarães

dois encontros destinados aos adeptos de Lisboa

14.ª JORNADA:

Lusitano - Sporting
Benfica - Leixões
Atlético - V. Guimarães
C. U. F. - Belenenses
Sp. Covilhã - Olhanense
F. C. do Porto - Beira Mar
Académica - Salgueiros

Terminada a 1.ª volta, no passado domingo, o campeonato, sem interrupção, portanto, entra amanhã na 2.ª volta, apresentando um panorama repleto de atractivos e que promete, tendo em vista o futuro, uma série de incidências importantes, quiçá imprevistas, contendo uma nota de sensacionalismo, nas quais os clubes pequenos parecem vir a ser os principais intérpretes, considerando, inclusive, as aspirações dos que se encontram melhor classificados. Isto é, a descida automática para a 2.ª Divisão e a perturbação que, regra geral, os jogos de passagem provocam são estímulos para os quais todas as cautelas são poucas da parte, claro, daqueles que, forçosamente, sentirão os efeitos da acção enérgica e entusiástica, de antes quebrar do que torcer, que os opositores nas condições referidas hão-de exteriorizar.

A 2.ª volta só revelará, principalmente enquanto as pontuações forem mais ou menos idênticas, as dificuldades para os visitantes, sempre que o visitado precise da vitória ou, pelo menos, do empate. A atitude, esclareça-se, é perfeitamente compreensível. Não desmente, aliás, o sentido humano que dimana do futebol.

A deslocação do Sporting — guia, sem derrotas— a Évora é o facto n.º 1 de domingo. Recorda-se que na 1.ª volta, os eborenses empataram em Alvalade, por zero a zero, resultado que teve, por curiosa coincidência, três consequências: saída de Otto Glória do clube «leonino», subida de Juca ao lugar de treinador, e nova carreira no «team» que ganhou, gradualmente, a personalidade que ninguém lhe nega, no momento presente.

Os 12 pontos do Lusitano contra os 22 do Sporting não animam a supor-se que os obstáculos venham a ser quase intransponíveis. Todavia, existirão alguns, não obstante ser de prever que a potencialidade «leonina» se imponha.

Vaticínio: vitória do Sporting.

Na Luz, o Benfica (18 pontos) recebe o Leixões (10 pontos). A vitória dos «encarnados» admite-se como natural, até com mais clareza do que os números registados em Matosinhos (2-1). O «onze» dos campeões continua forte, embora o desajustamento da defesa origine dissabores que acabam por afectar o rendimento global.

Vaticínio: vitória do Benfica.

Na Tapadinha: Atlético (16 pontos) - V. Guimarães (9 pontos). Os alcantarenses são favoritos. Na 1.ª volta gahnaram em Guimarães, por 3-1 e desde então firmaram o impulso para a boa carreira sustentada.

Vaticínio: vitória do Atlético.

O BELENENSES NO BARREIRO DEFRONTA a C. U. F.

O Belenenses (13 pontos) vai de abalada ao Barreiro, onde o grupo da C. U. F. (15 pontos) decerto fará prevalecer o á-vontade que lhe confere a situação de ser dono da casa. Os «azuis» de quem se aguarda uma reviravolta psicológica (pode principiar amanhã) defrontam um antagonista moralizado e que possui sumo futebolístico. Decerto, o Belenenses não repetirá o 5-1 da 1.ª volta.

Vaticínio: vitória da C. U. F.

Em Coimbra, o Salgueiros (6 pontos) contra a Académica (12 pontos) sugere que o clube nortenho reforçará a sua posição de ultimo classificado. Os coimbrãos são amplos favoritos e, certamente, reeditarão o triunfo do primeiro embate (2-1) com mais diferença de golos.

Vaticínio: vitória da Académica.

Nas Antas, o F. C. Porto (19 pontos) parece apto a superiorizar-se ao Beira Mar (7 pontos). Há, na verdade, um contraste notório entre as capacidades dos dois «onzes». Não deverá verificar-se, outra vez, o empate de Aveiro (1-1).

Vaticínio: vitória do F. C. Porto.

Na Covilhã, o atribulado clube serrano (9 pontos) joga uma cartada deveras importante contra o Olhanense (14 pontos). Na 1.ª volta os algarvios venceram (1-0), mas amanhã, os locais, apesar da ausência de alguns dos melhores elementos,, tudo tentarão para evitar que tal se registe, novamente. Desafio emocionante e que talvez lance os covilhanenses para a senda da recuperação.

Vaticínio: vitória dos covilhanenses. — S.

EQUIPAS PROVÁVEIS:

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Sosa, Falé e Vicente; Adelino, Tonho, Caraça, José Pedro e Fialho.

SPORTING — Carvalho; Lino e Morato; Mendes, Lucio e Pérides; Monteiro (ou Figueiredo), Figueiredo (ou Monteiro), Diego, Geo e Morais.

Arbitro: Virgílio Baptista, de Setubal.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Neto, Germano e Cruz; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna e Simões

LEIXÕES — Roldão (ou Rosas); Santana e Pacheco; Ventura, Raul e Jacinto; Medeiros, Oliveira, Ernesto, Osvaldo e Gomes.

Arbitro: Encarnação Salgado, de Setubal.

ATLÉTICO — Carlos Gomes; Ferreira e Vasconcelos; Trenque, Luz e Inácio; Palmeiro, Carlos Alberto, Carlos Gomes, Peres e Moreira.

V. GUIMARAES — Ramin; Caiçara e Freitas; Arcangel, Silveira e Virgílio; Romeu, Ferreirinha, Amaro, Pedras e Augusto Silva.

Arbitro: Marcos Lobato, de Setubal.

C. U. F. — Guimarães; Carlos Silva e Abalroado; Carlos Alberto, Durand e José Carlos; Alvaro, Faia, Medeiros, Vieira Dias e Uria.

BELENENSES — José Pereira; Rosendo e Castro; Cordeiro, Pires e Vicente; Yauca, Matateu, Vítor Silva, Abdul e Peres.

Arbitro: Manuel Lousada, de Santarém.

F. C. PORTO — Américo; Virgílio e Festa; Ivan, Arcanjo e Paula; Carlos Duarte, Pinto, Azumir, Hernani e Serafim.

BEIRA-MAR — Martins; Valente (ou Moreira) e Evaristo; Marçal, Liberal e Jurado (ou Valente); Garcia, Paulino (ou Ribeiro), Diego, Azevedo e Chaves.

Arbitro: João do Vale, de Braga.

SPORTING DA COVILHA — Alves Pereira; Carlos Alberto e Lourenço; Lázinha, Cavém e Patiño; Manteigueiro, Adriano, Adventino, Chacho e Amílcar.

OLHANENSE — António Paulo; Alfredo e Nunes; Madeira, Luciano e Reina; Matias, Campos, Cardoso, Mateus e Armando.

Arbitro: dr. Décio de Freitas, de Lisboa.

ACADÉMICA — Américo; Marta e Leonel Abreu; Moreira, Wilson e França; Crispim, Lourenço, Rocha, Gaio e Almeida.

SALGUEIROS — Arsénio; Sampaio e Taco; Morais, Chau e Benje; Lela, Dario, Ribeiro, Silva Pereira e Tai.

Arbitro: Carlos Paula, de Aveiro.

NOVOS DIRIGENTES na Sociedade Hípica Portuguesa

Foram ontem eleitos os corpos gerentes da Sociedade Hípica Portuguesa no decorrer da assembleia geral, a que presidiu o sr. general Afonso Botelho.

A distribuição é a seguinte:

Assembleia geral — Presidente, general Afonso Botelho; vice-presidente, dr. Rui de Andrade; secretários, eng. Malta da Costa e Ivens Ferraz.

Direcção — Presidente, António Eça de Queirós; vice-presidente, coronel Couto Carpinteiro; tesoureiro, dr. João Pedro Folque, secretários, Manuel Amaral e eng. Fernando Somer de Andrade; director do campo, dr. José Manuel Coelho Martins; vogais, tenente-coronel José João Henrique de Avelar e Francisco Cardoso Lemos.

Conselho fiscal — Presidente, marquês do Funchal; secretário dr. Luís Meneses Alves; relator, eng. Vasco Ramires.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Barreirense-Física do Norte (21 h.), Académica-C. U. F. (22 h.) e Porto-Benfica (22 h.), nos campos dos primeiros.

HOMENAGENS — À memória do tenente-coronel Ribeiro dos Reis, na A. Comercial de Lisboa, ás 21 e 30.

— Eu não sei, o que tenho em Évora...
...que de Évora me estou lembrando

O «NACIONAL» DE FUTEBOL DA 2.ª DIVISÃO

Os «leaders» jogam fora correndo perigo a sua posição

A par e passo com o torneio maior, o campeonato nacional da II Divisão dá-nos, amanhã, a primeira jornada da 2.ª volta, que promete interesse do melhor ao longo das 13 jornadas que faltam para a conclusão desta fase da prova.

Na reprise da 1.ª «ronda» disputar-se-ão, na Zona Norte, os seguintes desafios:

Sp. Braga-Oliveirense (2-1)
Vianense-Marinhense (1-3)
Torriense-Caldas (0-1)
Peniche-Vila Real (0-2)
Boavista-Cernache (2-1)
Sp. Espinho-Castelo Branco (0-2)
Sanjoanense-Feirense (0-4)

O Feirense, que comanda a classificação, tem uma deslocação assás difícil, tanto mais que o seu avanço sobre o Sporting de Braga é de um escasso ponto e os bracarenses devem vencer, em «casa», a Oliveirense.

Em Viana do Castelo e Torres Vedras, também se realizam desafios de bastante interesse.

*

Na Zona Sul, o programa apresenta-se assim:

Seixal-Barreirense (1-3)
Lusitano V. R.-Montijo (0-1)
Alhandra-Olivais (4-1)
Sacavenense-Oriental (2-2)
V. Setubal-C. Piedade (3-1)
Campomaior.-Portimonense (1-3)
Farense-Desp. Beja (4-1)

Como na Zona Norte, também o guia — o Barreirense — vai jogar ao campo do adversário, onde deve ser cauteloso... se não quiser perder a sua posição, dado que o Vitória de Setubal é favorito do seu despique com o Cova da Piedade.

O Sacavenense joga no campo do Moscavide.

PUGILISMO EM ALMADA

Júlio Fonseca «Tafoi» defrontará Júlio Correia

Realiza-se hoje, em Almada, uma sessão de pugilismo entre amadores. Participam representantes do Benfica, Vitória de Lisboa, G. D. Mouraria, Apolo, Lusitano da Mouraria, Ginásio do Sul e Rio de Janeiro.

O programa é o que segue:

Jacinto Ferreira (Apolo) contra Salvador Dias (Lusitano da Mouraria); Manuel Carvalho (Benfica) contra Arlindo Alves (Ginásio do Sul); Aníbal Silva (Vitória de Lisboa) contra Fernando Pereira (Rio de Janeiro); Joaquim de Almeida (G. D. Mouraria) contra Carlos Martins «Calota» (G. do Sul); Eduardo Neves (V. Lisboa) contra José Anjos (R. Janeiro); Manuel Pina (G. D. Mouraria) contra Abilio Fernandes (R. Janeiro); Julio Correira (Benfica) contra Julio Fonseca «Tafoi» (G. do Sul).

Deste combates, que principiarão ás 21 e 30, no salão da Academia Recreativa Almadense, há que distinguir aqueles em que participam Fernando Pereira e Aníbal Silva, Eduardo Neves e José Anjos, e Julio Correia e Julio Fonseca «Tafoi».

A 1.ª jornada do «Nacional» da 3.ª Divisão

Principia a disputar-se amanhã, com a participação de 63 clubes e nos moldes adoptados nas ultimas épocas, o campeonato nacional da III Divisão — a mais concorrida prova da F. P. F. que reune os melhores agrupamentos de todas as Associações do País, que participaram nos campeonatos distritais.

A primeira jornada fornecerá os seguintes desafios:

ZONA A

1.ª SÉRIE — Bragança-Freamunde, Chaves-Gil Vicente, Monção-Mirandela e Famalicão-2.º classificado de Vila Real.

2.ª SÉRIE — Lusitano-Arrifanense, Leça-Ovarense, Varzim-Tirsense e Vilanovense-Lamas.

ZONA B

3.ª SÉRIE — Académico-Gouveenses, Sp. Lamego-Mortágua, M. Panasqueira-Desp. Guarda, Sp. Gouveia-Lusitano.

4.ª SÉRIE — F. C. Caldas-Marialvas, U. Coimbra-Mirense, Alcobaça-Nazarenos e Naval-Norte e Soure.

ZONA C

5.ª SÉRIE — Estoril-Olivais, Tramagal-Ferroviários, Torres Novas-C. Industria, Vila-franquense-Leões.

6.ª SÉRIE — C. Caparica-Palmelense, Casa Pia-Sesimbra, F. Benfica-Amora e V. Lisboa-Luso.

ZONA D

7.ª SÉRIE — U. Montemor-Calipolense (ás 10 e 30), Portalegrense-Estremoz, Juventude-Estrela (ás 13 h.), Estrela F. C.-Elvas.

8.ª SÉRIE — Esperança-Despertar, São Domingos-Aljustrelense, Ferreirense-Silves e Serpa-S. L. Faro.

O DOMINGO DESPORTIVO

ATLETISMO — Campeonato Nacional de Corta-Mato, de principiantes, nos terrenos do S. C. Palmense, ás 11 horas, antecedido de uma prova para juniores e seniores.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Rio Seco-Luso e Montijo-Algés, nos campos dos primeiros, respectivamente, ás 10 e ás 11 horas.

— Campeonato Regional da 3.ª Divisão, ás 10 horas.

— Campeonato Regional de Juniores, ás 9 horas.

— Campeonato Regional de Infantis, ás 10 horas.

DESPORTO CORPORATIVO — Campeonato de Futebol, nos campos de Alvalade, Picheleira, Belas e Santa Iria, a partir das 9 horas.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Campeonato de Futebol, no Estádio Universitário, a partir das 9 horas.

ESGRIMA — 2.ª Prova de Preparação de Espada, no Centro Espanhol, ás 9 e 30 horas.

GOLFE — Taça «Duque de Windsor» (final), no Estoril, ás 10 h.

HANDEBOL DE ONZE — Campeonato Regional da 1.ª Divisão: Benfica-Liberdade, no Campo Grande, ás 10 e 30 horas; Alverca-Oriental, em Alverca, ás 10 e 30 h.; Belenenses-Sporting, no Restelo, ás 11 e 15 h.; Almada-Cova da Piedade, no Pragal, ás 12 horas.

— Campeonato Regional de Juniores: C. F. Benfica-Oriental, na campo «F. Lázaro», ás 9 e 30 horas; Almada-Benfica, no Campo Grande, ás 9 e 30 h.; Sporting-Belenenses, em Alvalade, ás 9 horas.

HOMENAGEM — Da Carris aos seus campeões (almoço no Salão de Chá «Império», ás 13 horas).

HÓQUEI EM CAMPO — Campeonato de Lisboa: Atlético-Benfica, Belenenses-Hóquei e Palmense-C. F. Benfica, nos campos dos primeiros, respectivamente, ás 10 e 30, 15, e 11 horas.

RAGUEBI — Campeonato Nacional: Académica-Belenenses (reserva e honra, ás 11 horas e 15 e 30); Benfica-Direito (reserva e honra, ás 9 e ás 11 horas) e Sporting-C. D. U. L., (reserva e honra, ás 9 e 30 e ás 11 horas), respectivamente em Coimbra, Campo Grande e Estádio Universitário.

TÉNIS DE MESA — Campeonato Regional de Infantis: Ateneu-Católico C; Arroios A-Ordem e Progresso; Sporting B-Sporting A; Sporting C-Encarnação; Arroios B-Católico A, e Católico B-Benfica, nas salas dos primeiros, ás 10 horas.

DESPORTOS

ESPERANÇAS E PREOCUPAÇÕES sobre o sorteio dos jogos para o «Mundial» de futebol

SANTIAGO DO CHILE, 20 — Na grande maioria, os delegados europeus que se encontram no Chile exprimiram a sua satisfação pelo resultado do sorteio para o Campeonato Mundial de Futebol, registando-se apenas algumas reservas da parte do representante da Espanha.

Na opinião do delegado espanhol, Andrés Ramirez, embora a Espanha não tenha sido desafortunada, a verdade é que foi destacada para a mesma série de que faz parte o Brasil, campeão do Mundo, que já eliminou a equipa nacional espanhola no «Mundial» de 1950.

Em contraste flagrante, o representante alemão, Sepo Herberger, mostrou-se particularmente satisfeito com o grupo que a sorte destacou para a turma germanica «muito embora a Itália seja um adversário muito poderoso e haja que ter em conta as reais possibilidades da Suíça e do Chile, que joga no seu próprio ambiente».

Karl Rappan, delegado da Suiça, comentou:

«Teremos de defrontar três equipas poderosas. O Chile, que joga em casa, a Alemanha, cuja capacidade é bem conhecida, e a Itália, que pode surgir como um dos mais fortes grupos do torneio».

«Sir» Stanley Rous, como compete a um bom inglês, disse lacónicamente: «Tudo perfeito, tudo perfeito».

Também o delegado brasileiro, Luís Murgel, se afirmou satisfeito para não falar nas da Hungria e da equipa do Brasil não deixará de encontrar nos jogos contra as fortes turmas da Espanha e da Checoslováquia.

Simultaneamente, notícias provenientes do estrangeiro revelam que Walter Winterbottom, o responsável técnico da selecção inglesa, declarou, em Londres, que o sorteio «foi o mais favorável que podia esperar-se para a Inglaterra» muito embora a Argentina possua uma equipa muito difícil de vencer, para não falar na Hungria e da Bulgária.

De Milão chegam notícias que dizem da satisfação dos círculos desportivos italianos, especialmente do responsável pela equipa nacional, dr. Mino Spadacini.

Em sua opinião a Russia e o Uruguai devem classificar-se no primeiro grupo, o Brasil e a Espanha apresentam-se como favoritos no segundo e a Inglaterra não deve ter dificuldade em vencer a sua série.

Herrera, que também foi entrevistado, considera o Brasil, o Uruguai, a Itália, a Espanha e a Inglaterra como os países com maiores possibilidades de vencerem o torneio, muito embora não possa desprezar-se o factor surpresa. — (A. N. I.).

O Sp. Espinho em dois torneios europeus de voleibol

O Sporting Clube de Espinho vai participar em dois torneios europeus de voleibol, com as suas equipas, masculina e feminina, na disputa da «Taça dos Campeões Europeus».

O grupo dos homens defrontará, no próximo dia 27, o Sport Clube de Casablanca, em Casablanca, e no dia 4 de Fevereiro, no Pavilhão dos Desportos, no Porto.

A equipa feminina efectua os seus encontros contra o Tourcoing, campeão francês, nos dias 18 de Fevereiro (S. João da Madeira) e 25 do mesmo mês.

A HOMENAGEM PÓSTUMA A RIBEIRO DOS REIS

Promovida pela Associação de Futebol de Lisboa realiza-se hoje, á noite, pelas 21 e 30, na sede da Associação Comercial de Lisboa a homenagem póstuma ao tenente-coronel António Ribeiro dos Reis.

A iniciativa que contou com uma comissão organizadora, formada pela Federação Portuguesa de Futebol Comissão Central de Árbitros de Futebol, Comissão Distrital dos Árbitros de Futebol, Sport Lisboa e Benfica e jornal «A Bola», servirá para definir e exaltar o extraordinário contributo que o ilustre extinto deu ao futebol e ao desporto nacionais.

A sessão solene será presidida pelo sr. ministro da Educação Nacional, devendo também assistir o governador civil de Lisboa, a presidente da Camara Municipal de Lisboa, o general-presidente da Camissão Directora de Educação Física e Desportos das Forças Armadas, o director-geral dos Desportos e outros dirigentes.

Santiago Bernabeu, presidente do Real Madrid, e Pedro Escartin, ex-seleccionador espanhol, deslocam-se, expressamente, a Lisboa, associando-se, assim, á sessão de homenagem póstuma a uma notável figura do desporto.

O programa é o seguinte:

Abertura da sessão por Sua Excelência o ministro da Educação Nacional.

Algumas palavras justificativas da homenagem proferidas por Justino Pinheiro Machado, presidente da A. F. L.

Discursos dos oradores oficiais: António Adão, em representação do Sport Lisboa e Benfica, que focará a acção do homenageado no plano clubista; dr. António Marques Matias, em representação do jornal «A Bola», de que o homenageado foi fundador e director, e que focará a obra de Ribeiro dos Reis no plano jornalístico; Pedro Escartin, que falará da acção e do prestígio do homenageado no plano internacional; dr. Paulo Sarmento, presidente do Congresso da F. P. F. e que, titular do mais alto posto da hierarquia futebolística nacional, falará sobre a obra de Ribeiro dos Reis ao serviço do futebol português.

Algumas palavras por Sua Excelência o ministro da Educação Nacional e entrega das seguintes medalhas que, a título póstumo, foram concedidas ao homenageado: «Mérito Desportivo», o mais alto galardão desportivo nacional, concedido pelo Governo da Nação; «Mérito Internacional», da Federação Portuguesa de Futebol; «Mérito», da Associação de Futebol de Lisboa.

O Sporting com mérito venceu o Belenenses (58-40) para o «Nacional» de basquetebol

Principiou, ontem, com a efectivação do encontro Sporting - Belenenses, disputado no Pavilhão dos Desportos, a 3.ª jornada do «Nacional» da 1.ª Divisão. A jornada completa-se, portanto, hoje, á noite, com os jogos: Barreirense-Educação Física; Académica-C. U. F. e F. C. Porto-Benfica.

A partida, aguardada com certas reservas, dado que o adversário do Sporting, o Belenenses, nos dois outros encontros não dera boa conta de si, poderia agora, libertar-se de alguns complexos e causar uma surpresa, o que não era já a primeira vez que sucedia.

Assim, o Belenenses em boa toada durante os primeiros minutos da partida confirmou o que atrás se diz. Os atacantes «azuis», lograram impor-se, criando problemas á defesa «leonina», a qual não conseguiu acertar na cobertura de «homem-a-homem».

Neste período inicial, os belenenses revelaram com firmeza o seu valor e, sobretudo, a sua força moral.

Os «leões» ante a força do adversário, levaram certo tempo a compreender que tinham de aplicar-se e, assim, com o desenrolar da partida, foram ganhando confiança para atingirem o intervalo com uma margem de cinco pontos (29-19).

Na segunda parte, a arrancada dos «leões» foi extraordinária e mais se avolumou com a desqualificação do «orientador-passador» do Belenenses — Carlos Brito. Depois, claro está, distanciaram-se no marcador.

O encontro não foi, porém, de grande beleza. Ambos os grupos podem jogar mais. A modalidade reclama dos praticantes uma desenvoltura mais firme.

A classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Marc.	P.
SPORTING	3	3	—	—	165-135	9
Benfica	2	2	—	—	143- 77	6
Barreirense	2	1	—	1	129- 82	4
Académica .	2	1	—	1	101-116	4
C. U. F. ...	2	1	—	1	63-103	4
Belenenses .	3	—	—	3	114-142	3
Ed. Física ..	1	—	—	1	42- 50	1
F. C. Porto	1	—	—	1	37- 53	1

Alinharam e marcaram:

SPORTING — Barreto (2), Carranha (11), Abílio (20), Hilário, José Mário (10), Patrício (2), José Vicente (4), Aires (9), Carvalho, Mário Pires, Carlos Filipe.

BELENENSES — Brito (10), Franco (11), Layne (12), Morga (2), Costa (1), Delgado, Roberto, Tomé (4).

STIRLING MOSS venceu Brabham

CHRISTCHURCH, 20 — O automobilista inglês Stirling Moss, ao volante de um «Lotus», ganhou o troféu anual «Lady Wigrams», derrotando o campeão mundial, o australiano Jack Brabham em «Cooper» numa corrida disputada nesta cidade. Moss completou o percurso de 150 milhas, cerca de 241,350 quilómetros em 96 minutos e 38,7 segundos.

Depois de Brabham, classificou-se, em terceiro lugar, o inglês John Surtees, antigo campeão mundia de motociclismo, em «Cooper». — (A. N. I.).

O FUTURO TREINADOR do Belenenses não será factor de divisão

O presidente da direcção do Belenenses tornou publico o seguinte comunicado:

«A direcção do clube tem manifestado o propósito firme de não desejar resolver o problema de treinador, do que resulta vir a recair essa tarefa sobre a futura direcção, que não está ainda formada, pois as actividades conducentes a esse fim obedecem a um plano de conjunto que não podia ser estruturado sem o estudo e a ponderação dos elementos necessários.

Compreende-se que os componentes da futura direcção, ainda não totalmente designados, farão o que estiver ao seu alcance para encontrar, no ambito das necessidades e possibilidades económicas do clube, o treinador ideal, que só poderá ser quem der garantias de competência profissional e não seja factor de divisão, pois o Belenenses, na hora presente, mais do que em qualquer outra, precisa de unidade e de fé para vencer as dificuldades existentes.

Aguardemos, pois, mais alguns dias, com serenidade reflectida — unica forma de servir os verdadeiros interesses do clube — a constituição dos futuros corpos gerentes».

Provas da A. F. L.

OS 26 DESAFIOS DE AMANHÃ

Com a conclusão do campeonato distrital da I Divisão e da primeira volta das séries C e D da fase inicial do campeonato distrital da III Divisão, a actividade dos filiados da A. F. L. sofre amanhã sensível redução. Tanto assim é que o numero total de desafios não vai além de 26, conforme adiante indicamos.

Campeonato Distrital da II Divisão (11.ª jornada): Alverca-Linda-a-Velha, em Alverca; Charneca-Loures, no «Chão do Loureiro»; S. L. Fanhões-U. Povoense, na Matinha; Operário-Amadora, no campo «Álvaro Gaspar» — todos ás 15.30 h., em categorias de honra; Palmense-Santa Iria, no campo «José Ramos», ás 13.30 h., em reservas, e ás 15.30 h., em honra.

Campeonato Distrital da III Divisão (7.ª jornada) — Série A: Oeiras-Algés, no campo «Adriano Canas»; Cascalheira-Império, no campo «Francisco Lázaro»; Bom Sucesso-Carcavelos, no campo «Simões Alves»; Boa Hora-Porto Salvo, no campo «Eng.º Carlos Salema» — todos ás 15.30 h.

Série B — Queluz-Belas, no Cacém; Lourel-1.º de Dezembro, no Lourel; Vila Verde-Mucifalense, em Vila Verde — todos ás 15.30 h.

Campeonato Distrital de Juniores da I Divisão (2.ª fase) 3.ª jornada — Série A: Sporting-Tarujense, em Alvalade; Atlético-Sacavenense, na Tapadinha — ambos ás 10.30 h.

Série B — Belenenses-Benfica, no Restelo, ás 10.30 h.; Torriense-Casa Pia, no campo das Covas, ás 11 h.

Campeonato Distrital de Juniores da II Divisão (fase inicial) — 8.ª jornada — Série A — U. Povoense-Malveira, no Telhal; Castanheira-Vialonga, na Castanheira; Santa Iria-Odivelas, em Santa Iria.

Série B — Arroios-Cascalheira, em «Pina Manique» (treinos), ás 9.30 h.; S. Vicente da Beira-Sintrense, no E. Nacional, ás 10.30 h.; Amoreiras-Ericeirense, em «Pina Manique» (treinos), ás 10.30 h.

Série C — Desp. Olivais-Operário, em Moscavide, ás 9.30 h.; Futebol Benfica - Laranjeiras, no campo «Francisco Lázaro», ás 11 h.; Santa Catarina-Vitória, em Moscavide, ás 11.15 h.

O SP. DA COVILHÃ fez uma exposição ao director-geral dos Desportos

COVILHÃ, 20. — O caso dos castigos aplicados a vários jogadores do Sporting da Covilhã continua a ser objecto de acalorados comentários que ganham maior veemência com o aproximar da assembleia geral, marcada para esta noite, e durante a qual será decidida a atitude a tomar pelo clube, considerando dois aspectos: demissão dos corpos gerentes e desistência do campeonato.

As alterações feitas pela F. P. F., após o inquérito, a dois castigos não satisfizeram, por completo, os adeptos do clube covilhanense e a própria direcção que hoje mesmo, ao princípio da tarde, fez chegar ás mãos do director-geral dos Desportos uma exposição em que pede a revisão do processo, solicitando ainda que se considerem expiados os castigos aplicados.

As lesões de alguns elementos, utilizados no passado domingo, estão a provocar sérios embaraços para a formação da equipa que amanhã deve enfrentar o Olhanense.

Notícias soltas

■ **A equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal foi convidada a participar no «Trofeu Carranza», importante torneio espanhol que se desenrola nos dias 1 e 2 de Setembro. Devem estar presentes também o Botafogo, o Inter, o Barcelona e o Saragoça.**

■ **Ficou ontem decidido o problema do novo presidente da direcção do Sport Lisboa e Benfica. O sr. dr. Fezas Vital, conforme aliás previramos, aceitou o convite, ficando a presidir á assembleia geral e ao conselho fiscal os srs. eng. Cancela de Abreu e Manuel Balsinhas, respectivamente.**

■ **Os ciclistas do Benfica que em breve disputarão a Volta á Andaluzia, vão estagiar, sob as ordens de Alves Barbosa, em Montemor-o-Velho, a partir de 29 do corrente e até 6 de Fevereiro.**

Elegancia e distinção são a característica principal do certame

A próxima Exposição Canina Internacional de Lisboa

De hoje a oito dias, inicia-se a 37.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, manifestação interessante e própria de uma capital que figura entre as mais lindas cidades europeias.

Interessa, por conseguinte, rememorar as características do certame.

Em quantas classes concorrem os exemplares expostos?

Em duas: classes individuais e classes colectivas.

Quantas classes individuais existem?

Sete: de cachorros, de juniores, aberta, de estreantes, de reprodutores, de veteranos e dos não premiados.

E classes colectivas?

Cinco: de casais, de trelas, de grupos, de matilhas e de ninhadas.

Note-se, no entanto, que todo o exemplar inscrito numa classe colectiva deverá também estar inscrito numa classe individual — e que cada uma das classes tem em conta, ou a idade dos exemplares, ou o numero de prémios obtidos em outras exposições, ou, ainda, a sua descendência, pormenores que podem ser verificados no catálogo há muito em distribuição no Clube Português de Canicultura.

Patrocinada pelo «Diário de Lisboa», esta exposição canina mais uma vez testemunhará o apreço do publico por um animal que sempre foi companheiro fiel do homem.

SAMUEL ABREU o árbitro que foi agredido em Sacavém também sofreu fractura de costelas

ENTRONCAMENTO, 20 — A bárbara e cobarde agressão de que foi vítima o árbitro de futebol, sr. Samuel Abreu, aqui residente, quando dirigia o jogo Sacavenense-Cova da Piedade, no campo do primeiro, tomou proporções maiores do que ao princípio se supunha.

Além dos graves ferimentos sofridos na cabeça, provocados por pedradas, apurou-se, agora, que o conhecido árbitro apresenta fractura de costelas e de várias cartilagens, o que o obrigará a conservar-se, de cama, por tempo ainda não determinado.

O sr. Samuel de Abreu declarou encontrar-se já de posse da identidade de um dos seus agressores, esperando poder revelá-la num possível inquérito que venha a ser feito sobre os deploráveis acontecimentos ocorridos no campo do Sacavenense.

■ **Na assembleia geral do Leixões, ontem realizada, ficou estabelecido que os seus associados passarão a pagar a quotização equivalente a dez meses. Os meses de Julho e Agosto, equivalentes ao «defeso» do futebol, serão englobados na quota de Junho.**

MORREU

o prof. Vieira de Almeida

figura eminente de intelectual e idealista

Faleceu ao princípio da tarde de hoje, cerca das 14 e 40, o prof. Vieira de Almeida, catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e personalidade de relevo no plano intelectual, que teve acção preponderante na vida política nos ultimos anos e presidiu á comissão de candidatura da oposição na ultima eleição presidencial.

Perde a intelectualidade portuguesa com a morte de Vieira de Almeida uma das suas mais eminentes e mais nobres figuras. Humanista na mais dilatada e significadora extensão do termo definidor de uma organização intelectual esclarecida pelo saber e de um alto sentido daquela ampla e afectiva compreensão humana que os aristocratas do pensamento, os fidalgos do espírito, dedicam ao povo, o filósofo, o homem de invulgar nível mental, de vasta cultura e sólida erudição clássica, servidas por uma inteligência viva e memória prodigiosa, o mestre universitário, enriquecido de experiência no estudo constante, na investigação e na lucida e clarificadora interpretação das ideias e das obras dos grandes pensadores gregos e latinos, em dia com a sua época, integrado na corrente da modernidade inovadora, esse homem aparentemente frágil na delicada compleição, mas de raro vigor na acção dinamica de estuante virilidade mental, nunca se isolou do convívio, da sociabilidade, no intercambio de ideias e de cultura, a mais proveitosa em contacto com as realidades, as inquietações e os anseios da vida moderna.

O mestre pensador e o idealista

Na cátedra ou na lição constante do filósofo, do pensador, do erudito, do idealista que vinha ao ágora estabelecer o comunicativo diálogo,prolongamento da aliciante e fecunda actividade do catedrático, a transbordar de fraterna e envolvente simpatia humana, da aula universitária para a mesma simples e afectuosa convivência com os que o escutavam e seus alunos se consideravam, em todas as atitudes do mestre se revelava um prodigioso talento, um verdadeiro sentido do pedagogo, um admirável e brilhantíssimo espírito de penetrante compreensão, acuidade crítica, de subtil toque analítico e claro raciocínio. Mas não só nas atitudes mentais como, também, e de maneira bem vincada, nas atitudes cívicas, se revelava a extraordinária e forte personalidade de Vieira de Almeida, um exemplo notabilíssimo de dignidade, de másculo vigor intelectual, de nobreza de carácter, de fidelidade aos ideais, de coerência com os seus princípios. Monárquico constitucionalista, uma posição sempre mantida á mesma altura da elegancia e dos gestos de inalterável aprumo moral, no campo do intelectualismo político e da acção militante, como dirigente da Causa Monárquica, essa posição era ainda de coerência com o seu pendor de democrata, verdadeiro aristocrata da democracia, na compreensão dos direitos, das aspirações e dos anseios dos homens que não sabem viver quando não sejam conscientemente livres e libertos de sujeições humilhantes.

Esse ideário, á margem de limitadoras definições políticas, imperativo de uma consciência formada nos grandes princípios de dignificação humana, colocou sempre Vieira de Almeida, em posição bem definida, na primeira linha dos denodados e magnificos lutadores pela causa democrática, monárquicos ou republicanos, com acção entusiástica e decidida em vários períodos de actividade política que tornaram imperiosa a sua intervenção, a qual, não obstante o prestígio da sua alta mentalidade, a digna probidade intelectual, a isenção e a honradez do idealista, lhe acarretaram até o sacrifício da própria liberdade.

PROF. VIEIRA DE ALMEIDA

A excepcional envergadura mental do prof. Vieira de Almeida revela-se numa obra alicerçada na mais sólida erudição — o saber de desempoeirada amplitude—na vasta e sistematizada cultura de raiz clássica e na perdurável radiação de um robusto talento e de um espírito gentil, enriquecido em várias facetas, nas quais se revelava o poeta e o artista que na musica encontrava a amplitude do sonho e das mais puras emoções espirituais. Ficam como das mais notáveis as suas traduções de gregos e latinos, bastando citar-se a da «Oração da Coroa», de Demóstenes. Da sua primeira obra original, poesia, saiu em 1921 o primeiro volume, «Bucólica *(Lacrimae Rerum)*»,

(Continua na 14.ª página)

A «TALUDA» NO GINJAL

Três centenas de operários que trabalham na Outra Banda foram contempladas com 1500 contos

As esferas da lotaria, que tantas vezes giram a favor dos que não precisam, rodaram na ultima extracção a favor dos que, nos bolsos, costumam sómente ter parcas moedas e alguns cigarros baratos. Dos quatrocentos e tal operários da Fábrica de Redes e Sociedade de Reparações de Navios, situada na Outra Banda, precisamente no Ginjal, foram beneficiados, com a extracção de sexta-feira, mais de trezentos, chegando a sorte ainda aos escritórios e ao próprio gabinete da direcção. Numeros certos: 362 felizardos!

A «sorte», no entanto, já vinha de longe — e tem a sua história. Pelo Natal, aquela empresa adquiriu um bilhete em sociedade com todo o pessoal. Era o numero 31126. Andou a roda e saiu premiado com 900 escudos. Este dinheiro proporcionou a compra de um outro bilhete no Ano Novo: 7164. Premiado com 4320 escudos, a empresa, com o assentimento dos operários, adquiriu três bilhetes para a lotaria do Dia de Reis. Decepção: sairam sómente 760 escudos. Teimaram em comprar mais três bilhetes, o que se verificou em 12 do corrente — e a «roda» ofereceu sómente 220 escudos. Com esta importancia, a menor de todas, mais uma vez os operários «se fizeram» á taluda — pelo que adquiriram, com vista á ultima extracção, o numero 42 957. Era o numero da sorte:

— Mil e quinhentos contos!

Saiu ao pai, mas será para o filho

Claro que tão grande importancia estonteou, nos primeiros momentos, toda aquela gente. Depois, mais calmamente, fizeram-se as contas e verificou-se... que ninguém ficava milionário! Mas sempre era algum dinheiro que chegava a mãos trabalhadoras e nem sempre devidamente compensadas... Enfim — um alegre fim de semana, com projectos e sonhos.

— Olhe — disse-nos o apontador Fernando Pinto de Almeida, residente na Costa da Caparica — aquilo que me saiu não dá para comprar um «cadillac». Foram seis contos e tal, dinheiro que vou depositar a favor do meu filho.

— Chama-se ele...?

— Fernando, o nome do pai. Tem um ano e meio, mas quando crescer há-de precisar de moedas...

Um camarada deste foi também premiado:

— O meu nome? Caciano Ferreira dos Santos, carpinteiro. Ainda não recebi, mas dizem que são dois contos e quinhentos. Não fui dos mais favorecidos...

Já, porém, o serralheiro Joaquim Augusto da Costa, de Almada, receberá sete mil e quinhentos escudos.

— O que pensa fazer — perguntámos — com esse dinheiro?

—Não é muito. Vou gastá-lo em meu proveito...

— Olha — atalha um outro operário, José Veríssimo Saboia — se não tiveres onde gastá-lo, dá-me o dinheiro que eu lhe dou destino.

— Fia-te nessa!

Aproximam-se de nós vários operários da chamada «secção do frio», e, vedetas por um dia, fornecem-nos as suas identidades:

— Carlos de Jesus Teles, da Quinta do Rato, Laranjeiro. Dois contos e quinhentos.

— Carlos Ferreira dos Santos, de Alvide, Cascais...

— Quanto...?

— O mesmo.

«Sou orfão: vou comprar um fato»

Quatro rapazes da fragata «D. Fernando», que trabalham na fábrica, tiveram também o seu dia dourado. São eles: Filipe dos Santos (1250$00); Tomás José de Figueiredo, de 14 anos (2500$00); Francisco José Valente Rosado, de 15 anos (2250$00); e João Conde da Costa, de 15 anos (1250$00).

— Eu joguei cinco coroas — disse-nos um outro moço, José Augusto Clemente — e tenho direito a 1250 escudos.

— E com esse dinheiro...?

— Sou órfão de pai e mãe. Vou comprar um fato. Nunca tive nenhum «inteiro» e a estrear...

Uma televisão

Deixando os operários (na secção das redes houve alguns, como o mestre Miguel Vinagre, que foram presenteados com 15 contos...), subimos até aos escritórios, onde nos recebeu o gerente, sr. Carlos Dias de Almeida, que nos disse:

—Também aqui, nos escritórios, houve alguns felizardos. Por exemplo: Joaquim Pedro Alves Correia — 15 500$00; José Bernardes, idem; D. Eugénia Maia Nunes, 15 000$00; Aureliano Ferreira da Silva e Cecílio Carvalho, dez contos cada... E outros, que agora não estão presentes. Eu também recebo. Dezoito contos...

O Aureliano da Silva, interrogado, afirmou-nos que com os dez contos que lhe cabem fará o possível para aguentar o barco...

— E a senhora?

A senhora é D. Eugénia Nunes que tem um sorriso e afirma:

— Vou comprar uma televisão para as minhas filhas, Ana e Isabel. Há tanto tempo que ma pedem!

Deixámos os escritórios. Cá fora, junto aos barcos, pelo cais, os operários almoçavam em grupos. Um almoço igual a tantos e, afinal, tão diferente.

Os and

Tr

As
prosseg
e pedre
da mor
ferro f
em que
edifício
Os
Ladra,
onde se
de vela
com as
os pass
autocar
bada, s
e pergu
dam al
ciaram
meio. S
de des
brotand
das pe
arbusto
muros
avultan
umas r
E' do
Lisboa.

REFUGIADOS da Katanga

chegaram no «Império»

O paquete «Império», da Companhia Colonial de Navegação, chegou hoje com cerca de duzentos passageiros dos portos de Africa, além de outros vindos do Funchal. Entre os passageiros vieram vinte refugiados da Katanga, entre as quais treze belgas, três italianas e quatro portuguesas, que são as sr.as D. Olinda da Conceição Evaristo Lopes de 50 anos, de Faro; D. Hortense da Silva de Jesus, de 48 anos, de Valada do Ribatejo, e seu filho, José Manuel de Jesus, de três anos; e D. Amélia da Conção Brito, de 67 anos, de Lisboa.

Os refugiados belgas e os italianos seguiram da estação marítima da Rocha Conde de Obidos, onde o navio atracou, para o aeroporto, de onde partirão para a Bélgica.

Quase todos eles criticam a acção das tropas da O. N. U. na Katanga, onde as senhoras portuguesas deixaram ficar pessoas de família, pois os maridos são empregados na União Mineira.

A EQUIPARAÇÃO AOS EMPREGADOS BANCÁRIOS resolveria o problema do pessoal da Caixa Geral de Depósitos

As reclamações das classes laboriosas, que aspiram a ver melhorada a sua situação económica, e no plano moral por dignificadoras condições de trabalho, largamente expostas nas colunas do «Diário de Lisboa», abertas a este debate com o objectivo de uma contribuição esclarecedora e construtiva para o estudo dos problemas profissionais e sua justa e equitativa solução, suscitaram um movimento de interesse e compreensão, do qual resultaram os benefícios para os empregados bancários, através do reajustamento do seu contrato de trabalho, aguardando-se a breve conclusão de negociações em curso que trarão almejadas melhorias para outras classes, incluindo a do pessoal da industria hoteleira.

Estas animadoras perspectivas enchem de fundadas esperanças muitos desses trabalhadores, que vêm expondo no «Diário de Lisboa» as suas angustiosas dificuldades, confiantes em que lhes será feita justiça, entre eles servidores do Estado, nos quais se incluem os funcionários da Caixa Geral de Depósitos.

Estão esses funcionários incluídos na generalidade das condições em que vive o funcionalismo publico. Servindo, porém, um estabelecimento de crédito, afigura-se-lhes que beneficiariam de melhor situação, no que concerne ao padrão de vencimentos e ao acesso ás categorias imediatas, se lhes fosse conferida a equiparação aos empregados bancários, colocando-os ao nível do pessoal do Banco emissor do Esta-

(Continua na 12.ª página)

DR. AZEREDO PERDIGÃO

Numa cerimónia digna das mais nobres tradições universitárias, recebe amanhã o título de doutor «Honoris Causa» pela Faculdade de Direito de Coímbra o sr. dr. José de Azeredo Perdigão.

Figura prestigiosa da vida portuguesa dos nossos dias, que se distinguiu, não só como advogado de invulgar competência e aprumo, mas também como homem de inteligência brilhante, cujo espírito de larga visão se projectou em diversas iniciativas de excepcional interesse, como é a notável obra da Fundação Gulbenkian, o sr. dr. Azeredo Perdigão recebe, assim, mais uma consagração publica dos seus méritos, num acto que, se é altamente honroso, é ainda da mais profunda justiça.

Quatro grupos de contemplados falam ao nosso redactor

PARTIU DE MACAU

o tenente-coronel JAIME SILVÉRIO MARQUES

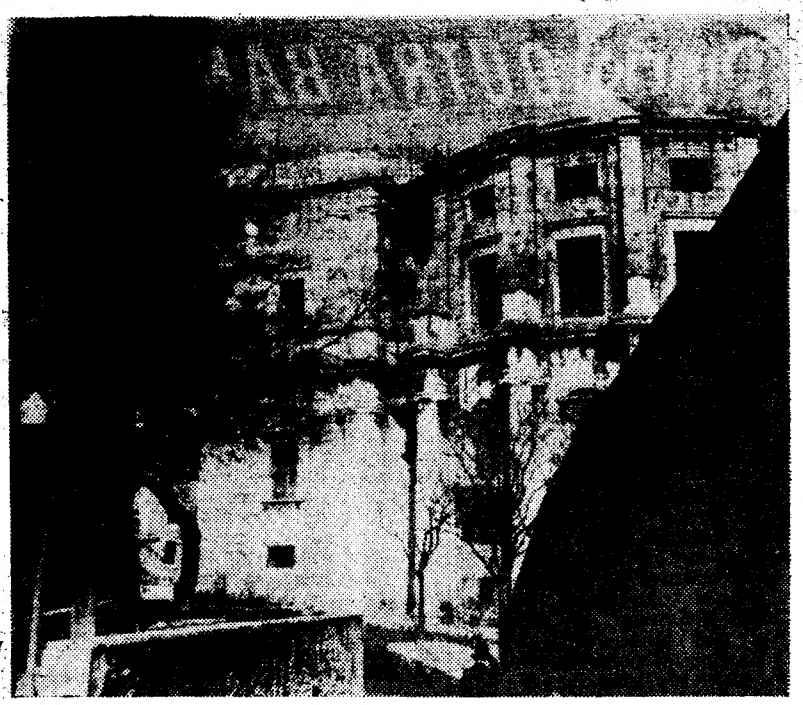
HONG KONG, 20 — O ex-governador de Macau, tenente-coronel Jaime Silvério Marques, partiu, esta manhã, para Lisboa. — (F. P. e L.).

CAFÉ RESTAURANTE
EXPRESSO TERMINUS
Rua Primeiro Dezembro, 67-69
Telefone 324597
Amanhã: Domingo
Lampreia á Moda do Minho
Paelha Valenciana
Pato com Arroz no forno á Portuguesa
Reserve a sua mesa

Jardim Zoológico
A EXPOSIÇÃO NO GRANDE SALÃO DE FESTAS DO JARDIM «PORTUGAL ALÉM DA EUROPA»
(ORGANIZADA PELA AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR)
O NOVO JARDIM ZOOLÓGICO DOS PEQUENINOS
MAIS DE 4.000 ANIMAIS EXÓTICOS EM EXPOSIÇÃO
AMANHÃ, DOMINGO, A ENTRADA ATÉ ÀS 13 HORAS — 3$00

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos ultimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Ouvabel
SALD
A PREÇOS INACRE
A PARTIR DO
AVENIDA



Os andaimes cobrem uma das fachadas da igreja de Santa Engrácia, cuja cimalha está em vias de conclusão

Trabalha-se na conclusão da cimalha da igreja de Santa Engrácia

As obras de Santa Engrácia prosseguem. Lá estão os canteiros e pedreiros no alto da nobre fachada monumental. Há andaimes de ferro firmes nas pedras salientes em que assenta o segundo corpo do edifício.

Os frequentadores da Feira da Ladra, os moradores do bairro de onde se mira o Tejo claro, semeado de velas brancas, e a Outra Banda com as altas chaminés de fábricas, os passeantes ou os passageiros dos autocarros, olham a igreja inacabada, símbolo da incúria nacional, e perguntam-se se esses homens andam ali desde que as obras se iniciaram há mais de três séculos e meio. São obras de caracol, lentas de desesperar, e nas paredes foi brotando o musgo, nos interstícios das pedras nasceram parasitários arbustos e, em torno, ergueram-se muros e muretes, quintais onde avultam nespereiras e a alegria de umas rosas-de-toucar.

E' dos bairros mais populares de Lisboa. Empinado sobre o rio, cortada a colina de ruas estreitas, casas humildes a servirem de pagens a palácios de nobres cantarias; e, dominando tudo, a mole imensa do convento e igreja de S. Vicente, panteão de reis e alfobre de escolas e repartições. Nasceu com a Lisboa cristã, este quarteirão. No local onde foi edificado S. Vicente esteve o acampamento dos cruzados que puseram cerco ao castelo e o filharam em Outubro de 1147.

Foi-se desenvolvendo o bairro e ali se edificaram conventos, palácios, casas humildes, e tudo entremeado de igrejas e capelas de grande devoção. Em plano inferior, á retaguarda de S. Vicente, erguia-se a igreja paroquial de Santa Engrácia.

A praga do condenado

Ora em certa manhã de Janeiro frio de 1630 — era Dia de Reis — os primeiros devotos que entravam na igreja ficaram assombrados. Fizeram-se pálidos ao verificar que o sacrário fora aberto durante a noite e espalhadas pelo soalho estavam as partículas da Eucaristia. O sacrilégio espalhou-se, como fogo, pela cidade, e como fogo queimava as almas de indignação. Tornava-se necessário descobrir o nefando que ousara pôr mãos no corpo de Cristo e havia que queimá-lo até á quinta geração, extirpando-o dentre os fiéis de Deus e para sempre.

Havia obras para nova fábrica de igreja, mais digna e bela. Por ali perto estadeavam-se montes de pedra e entulho. Mais acima, onde agora se ergue a fieira de casas viradas a Sul, do Campo de Santa Clara, estava o convento de freiras...

Mexeram-se os corregedores do bairro; de nariz no ar os agentes farejavam os heréticos. Encolhiam-se em suas casas os cristãos novos, bode expiatório constante de todas as iras populares. De facto, dias depois era preso Simão Pires de Solis, hebreu, mercador, de família rica. E de nada lhe valeu a riqueza, nem tão-pouco os protestos de inocência que foram constantes. Levado a tribunal, foi condenado a ser arrastado pelas ruas da cidade, tirado por um cavalo fogoso, e depois queimado vivo. Quando as chamas lhe lambiam já as carnes amaldiçoou os juizes, o templo e praguejando disse que ele se não concluiria jamais...

A sentença fora ditada pelo presidente do tribunal, o dr. Gabriel Pereira de Castro, aquele poeta maçador da «Ulisseia» que todas as selectas citam e ninguém lê. Morria pouco depois, doido, dizem que atanazado pelos remorsos: ele bem sabia que condenava um inocente...

Simão Pires de Solis não explicou ao tribunal o motivo por que fora encontrado altas horas da noite nas imediações da igreja de Santa Engrácia; mas quando em Espanha apareceu a confissão do verdadeiro culpado do sacrilégio, fez-se luz até nos espíritos mais vesgos. Simão Pires de Solis andava perto do convento de Santa Clara porque se embeiçara por uma freira e lhe conquistara as graças, a despeito de as

(Continua na 14.ª página)

...abela

...LDOS

...OS INACREDITÁVEIS

...RTIR-DO DIA 22

AVENIDA JOÃO XXI, 10-D

O PRIMEIRO AMERICANO a ser colocado em órbita será lançado no dia 24 da base do Cabo Canaveral

CABO CANAVERAL, 20. — Está prevista para o próximo dia 24, a colocação em órbita do tenente-coronel John Glenn, que será o primeiro astronauta norte-americano a dar uma ou mais voltas á Terra. Trata-se do lançamento mais importante efectuado até á data pelos Estados Unidos da América.

Espera-se que John Glenn, numa cápsula «Mercúrio», dê de uma a três voltas ao nosso planeta, á velocidade de 28 000 quilómetros por hora e a uma altitude entre 160 e 240 quilómetros.

A cápsula, a que foi dado o nome de «Amizade-7», será lançada, do Cabo Canaveral, com o auxílio de um foguetão «Atlas» e cairá no mar das Antilhas.

Os porta-aviões «Wasp», «Enterprise» e «Randolph» auxiliarão a recolher o coronel Glenn, após a sua descida. Fontes afectas á Marinha declararam que um porta-aviões estará a cerca de 750 quilómetros a Leste das Bermudas, o segundo a 750 quilómetros ao Sul das Bermudas e o terceiro a, aproximadamente, 1500 quilómetros a Sueste do Cabo Canaveral.

Tomam parte na realização deste projecto umas 30 000 pessoas—cientistas e técnicos, militares e civis.

Depois do célebre voo de Yuri Gagarine, em 12 de Abril passado, precederam o tenente-coronel Glenn no espaço três pessoas: dois americanos, o major Alan Shepard e o capitão Girgil Grissom, que passaram, cada um, quinze minutos no espaço, para além da atmosfera, e ainda o major soviético Guerman Titov, que realizou 18 voltas ao globo terrestre em 25 horas seguidas. Se John Glenn efectuar uma unica volta á Terra, permanecerá uma hora e três quartos no espaço. se efectuar duas voltas, o voo durará 3 horas e um quarto, e se, como esperam os engenheiros, a cabina efectuar três voltas á Terra, o cosmonauta americano pousará no mar 4 horas e 45 minutos depois de ter sido lançado do Cabo Canaveral. — (A. N. I., F. P. e R.).

AMPLIA-SE o movimento dos estudantes de Direito a favor dos pescadores da Cova do Vapor

A fatalidade que atingiu as famílias de pescadores nas praias da Cova do Vapor e Caparica, quando o mar lhes roubou as pobres barracas em que viviam, veio permitir que os estudantes da Faculdade de Direito, por intermédio da sua Associação Académica, demonstrassem os desejos de que estão animados, de contribuir efectivamente para a solução de problemas para os quais a sua colaboração possa ser valiosa. Não é, aliás, inédita esta iniciativa. No estrangeiro, quando as nações, ou suas regiões são atingidas por grandes calamidades muitas vezes se pede á poderosa massa estudantil a sua generosa acção.

Aos alunos de Direito ninguém lha pediu e, por isso, o seu humanitário gesto se torna mais valioso ainda. Foi na verdade uma acção independente e não solicitada essa mas á qual a Junta Central das Casas dos Pescadores não quis ficar indiferente. Os estudantes, agora mais empenhados na sua acção, pois recebem diáriamente na Universidade a adesão de muitos colegas e professores, podem também contar com operários especializados que lhes são cedidos pelo citado organismo.

Há já muitos materiais fornecidos por várias empresas comerciais e industriais. Assim, dentro em breve, nos extensos areais daquela vasta zona da costa, os pescadores terão as suas novas casas, modestas muito embora, mas conseguidas á custa de trabalho e devoção pela causa dos humildes.

O almirante Henrique Tenreiro reuniu-se hoje com os capitães da frota bacalhoeira

No Pavilhão dos Desportos Náuticos realizou-se esta tarde uma reunião do sr. almirante Henrique Tenreiro, delegado do Governo junto dos organismos corporativos das pescas, com os capitães dos navios da frota bacalhoeira que dentro de dias começam a largar para os bancos da Terra Nova e da Gronelandia.

Assistiram ainda ao acto os srs. eng. Jorge Coimbra, presidente da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau; capitão José dos Santos, presidente do Sindicato Nacional dos Oficiais da Marinha Mercante; Carlos Lino, presidente do Conselho-Geral do Grémio do Bacalhau; capitão-de-mar-e-guerra Tavares de Almeida, chefe dos serviços de assistência á frota bacalhoeira e ainda o capitão-tenente Toscano, delegado do Ministério da Marinha, a bordo do navio hospital «Gil Eannes», assim como funcionários superiores do grémio.

O sr. almirante Henrique Tenreiro em breves palavras, deu indicações aos capitães acerca da próxima campanha, tendo salientado as dificuldades que de ano para ano surgem e que é necessário vencer.

POR UM CÃO QUE FALA são oferecidos quarenta contos

LONDRES, 20—Um circo ofereceu 500 libras (40 contos) por «Trudi», um cão de água de 2 anos que sabe dizer claramente «Quero um» («I want one»), numa voz aguda.

Mas os orgulhosos possuidores do cachorro sentem relutancia em se separarem dele. — (R.).

PRINCIPIOU HOJE o Encontro Sobre o Concílio Ecuménico

No Colégio de S. João de Brito, ao Lumiar, começou hoje o Encontro Sobre o Concílio Ecuménico e a Unidade da Igreja, promovido pelos organismos adultos da Acção Católica, do meio universitário independente do Patriarcado de Lisboa. Presidiu á sessão inaugural, o sr. cardeal-patriarca, sendo relator principal o rev.º padre Jean de la Croix Kaelin, director do Lar Universitário Católico de Genebra e assistente eclesiástico de Pax Romana.

Para todos os que devem deixar ràpidamente de tossir

Cada pastilha contém 6 ingredientes medicinais Vick que suavizam a garganta e acalmam ràpidamente a tosse.

6 ingredientes medicinais... e pronto!

Pastilhas VICK para a tosse!

NO LIMIAR DE UM ANO NOVO

6

Numa conferência que fez há dias na Associação Feminina de Imprensa, em Washington, Walter Lippmann definiu o fundo das dificuldades em que se debatem os dirigentes ocidentais em virtude da sua falta de visão e coragem para enfrentarem a verdade e a proclamarem como era indispensável que o fizessem de há dez anos a esta parte, isto é, desde que a revolução nuclear e a impossibilidade de dirimir pela guerra o conflito com o bloco comunista inaugurou uma era nova para o homem e as condições em que este é obrigado a conviver, relegando para segundo plano todas as outras considerações e divergências.

«O facto fundamental, dizia Lippmann, que assinala o aparecimento simultaneo de duas superpotências equipadas com armas nucleares, é a impossibilidade de fazer a guerra, o que põe termo a um costume corrente desde que a Humanidade existe. Essas armas não são apenas mais poderosas e destrutivas do que as do passado. Com elas a guerra mudou de sentido e significado. A guerra no nosso tempo só se entende como uma forma de suicídio recíproco. Os estragos nos dois campos seriam irreparáveis e mútuos, e os sobreviventes apenas o seriam na aparência em virtude dos efeitos das radiações e da poluição da atmosfera».

No passado, a guerra fez-se para conquistar territórios, ganhar prestígio, satisfazer ambições. O vencedor era-o tão completamente que impunha ao vencido a rendição incondicional. Nos tempos modernos e contemporaneos, os conflitos dinásticos e as conflagrações gerais, de Napoleão a Hitler, autorizavam o primeiro a dispor do segundo, da sua fazenda, dos seus súbditos, do seu futuro. Clausewitz resumiu a sabedoria acumulada em séculos de História dizendo que a guerra era a política feita por outros meios. Esta tese teve doutores e filósofos que a interpretavam ao serviço de objectivos nacionais e imperiais. Tudo isso pertence ao passado. Nada mais absurdo do que supor que podem ressuscitar-se as fórmulas e receitas que até 1950 serviram a expansão e o imperialismo continental ou ultramarino. O primeiro a entendê-lo e a anunciá-lo foi o general Eisenhower que, seguindo uma linha política e diplomática que podia desembocar na guerra, em seu nome suportou humilhações dispensáveis e uma irreparável perda de prestígio. «No nosso tempo, disse ele em 1954, não há alternativa para a paz». Seria outra situação dos Estados Unidos e dos seus aliados se se conformassem com essa regra de bom senso.

Dizer o contrário, dar a entender ou deixar que se acredite o contrário é agravar a situação internacional, perturbar os espíritos, dar uma falsa interpretação das realidades em cujo quadro temos de sobreviver. «Os pobres de espírito, dizia Lippmann na sua conferência, para os quais basta de negociações e chegou a altura de deitar as nossas bombas, não sabem o que dizem nem fazem ideia do que se passa. Ignoram, ou f i n g e m ignorar, o que ocorreu nestes anos. Pertencem ao passado e são incapazes de antecipar o que seria a guerra atómica. Para esta só carregariam no botão idiotas morais ou maníacos do suicídio».

E, no entanto, as mentiras acumuladas, as falsidades repetidas, as deturpações reiteradas, dão a sensação de que são eles que orientam o nosso destino. Enquanto a situação se não esclarecer, persistirá o equívoco que, no limiar do Ano Novo, a começar no presidente dos Estados Unidos e no primeiro-ministro da Grã-Bretanha, que o reconhecem, é indispensável dissipar.

C. F.

Dizem os leitores...

Será um erro?

A propósito de um artigo publicado num jornal diário de Lisboa, no qual se enalteciam as grandes virtudes do abade Faria e se sugeria que uma estátua do ilustre goês figurasse numa praça da capital escreve-nos um assíduo leitor que nos faz a seguinte interrogação:

— Não se estará a cometer um erro?

E justifica a sua dúvida:

«Pinheiro Chagas, em «Migalhas de História de Portugal», editada em Lisboa, em 1893, pela Livraria de António Maria Pereira, diz que José Custódio de Faria — o abade Faria — foi, com seu pai, o padre Caetano Victorino de Faria, um dos cumplices da revolução de 1787, destinada a expulsar os portugueses da India. Descoberta a conjura, veio para Lisboa ordem para se prender o padre Caetano Victorino e seu filho José Custódio de Faria. O pai é preso no convento dos Paulistas. O abade Faria consegue fugir para França, jamais voltando a Portugal. Em França é um dos exaltados da revolução francesa e, mais tarde, em pleno Império, notabiliza-se pelos seus estudos e práticas de magnetismo. Morre em França, no ano de 1819, vítima de violenta apoplexia».

Os desmoronamentos na Lisboa antiga

A propósito de uma local publicada pelo nosso jornal, por motivo de um desmoronamento em que ficaram feridos vários operários, escreve-nos agora um nosso assíduo leitor, o sr. Armando de Carvalho, que lê o «Diário de Lisboa» desde a sua fundação. Fazendo várias considerações sobre o estado em que se encontram as velhas casas da Lisboa antiga, aponta algumas das causas deste estado de coisas e propõe sugestões que deixamos ao critério dos leitores:

«Li com muito interesse a local do vosso conceituado jornal a propósito de um desmoronamento. Isto veio convencer-me de que toda a velha Lisboa se desmoronará se não lhe consolidarem os alicerces e as paredes e se o Governo não facilitar aos proprietários das casas antigas uma lei que os possa compensar dos gastos que precisam de fazer, não só com pedreiros, pintores, canalizadores, etc., como também com a papelada que a burocracia camarária exige. Deveria ainda ser-lhes permitido um aumento razoável nas rendas, em casas onde se pagam 150, 200 e 300 escudos, por cinco ou oito divisões assoalhadas, e que esses inquilinos alugam, sob o pretexto de «casa de hóspedes», pelo triplo e muito mais ainda. No dia em que este aumento seja possível, numa base que não ultrapassaria os 30 por cento, os proprietários de prédios antigos ficariam em posição de os poderem melhorar, modernizando-os e tornando-os seguros. Haveria ainda a hipótese dessas melhorias serem estabelecidas por lei em função dos aumentos das rendas.

Julgo que deste modo se acabaria com os frequentes desmoronamentos, principalmente em fachadas horríveis, que mais parecem da época medieval do que do nosso tempo. Que assim estão, pode verificá-lo quem se der ao trabalho de tomar um «eléctrico» e passar pelas velhas ruas de Campo de Ourique, Graça, S. Tomé, Alcantara, Arco do Cego e Alto do Carvalhão».

CHEGOU DE AVIÃO A LISBOA um comerciante

vítima de acidente grave em Lourenço Marques

No avião da TAP da carreira de África, chegou a Lisboa em estado grave, por ter sido vítima de um acidente de automóvel, em Lourenço Marques, o sr. José Fernandes Padela, de 24 anos, solteiro, natural de Mujens, concelho de Viana do Castelo, filho do sr. Manuel Boaventura e D. Deolinda de Jesus Fernandes Padela, que viajou na companhia de seu irmão sr. Manuel Boaventura, industrial no Porto, que se deslocou propositadamente á capital moçambicana com o fim de o acompanhar á Metrópole.

O sr. José Fernandes, que se encontrava há quatro anos em Lourenço Marques, onde se estabelecera com negócio de carnes e seus derivados, esteve 60 dias em estado de coma, com fractura de crânio e lesões internas. Só agora efectuou a viagem de regresso por conselho dos médicos, que, antes, não a permitiram. Segue ainda esta tarde para a cidade do Porto, onde ficará hospitalizado. Será acompanhado de uma equipagem médica.

«PORTUGAL além da Europa»

— exposição do «Zoo» de Lisboa

O Jardim Zoológico de Lisboa, considerado como o mais belo da Europa, tem ultimamente registado grande afluência de publico, captado, nomeadamente, pela exposição «Portugal além da Europa», ali organizada pela Agência-Geral do Ultramar.

Também o Jardim Zoológico dos Pequeninos continua a atrair inumeras crianças. Amanhã, no referido Parque, realizar-se-á um espectáculo apresentado pelos palhaços «José & Eirmilita».

Uma conferência

sobre «O plantio da vinha»

Na sede do Grémio da Lavoura em Santarém, profere, no dia 27, ás 22 horas, uma conferência o regerente agrícola Cláudio da Costa Gonçalves, intitulada «O plano da vinha». Esta conferência faz parte de uma série já iniciada na sede da Casa do Ribatejo.

VIDA ARTÍSTICA

Exposição de pintura e cerâmica

Inaugura-se na próxima segunda-feira, pelas 17 horas, no salão dos Amigos de Lisboa, no Largo Trindade Coelho, 9, 1.º, uma exposição de pintura e ceramica do conhecido artista José A. Videira, que se conservará patente ao publico, durante as horas do expediente, até ao fim do mês.

OS HORÁRIOS

dos caminhos de ferro europeus

Da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses recebemos uma interessante brochura que é distribuída, gratuitamente, pelo Centro de Informação e de Publicidade dos Caminhos de Ferro Europeus, com sede na estação Roma Termini, na Via Giolliti, que insere os horários de todos os caminhos de ferro europeus.

FOI HOJE OPERADA a esposa do banqueiro que foi morto a tiro

Foi esta manhã submetida a delicada intervenção cirurgica a sr.ª D. Maria das Mercês Quaresma Sotto Mayor Vinhas Cabrita, internada no Hospital da C. U. F., devido á agressão a tiro, praticada pelo motorista José Bernardo Miranda, caso que noticiámos.

A operação principiou ás 9 e 30 e veio a terminar cerca das 13 horas, tendo os cirurgiões tratado das fracturas dos maxilares da paciente, conseguindo ainda extrair-lhe quatro das cinco balas localizadas no rosto. O outro projéctil encontra-se na região craniana, não se sabendo, por agora, se haverá necessidade de nova intervenção cirurgica.

A sr.ª D. Maria das Mercês reagiu muito bem ao tratamento, e o seu estado de saude é considerado satisfatório.

«Canadian Pacific» e o turismo português

A «Canadian Pacific Airlines», prosseguindo nos seus esforços de divulgar Portugal como país de turismo, realiza na próxima terça-feira, no Hotel Flórida, a reunião anual de vendas, para o que se deslocarão a Lisboa quarenta directores comerciais dos escritórios que a empresa possui no Mundo.

A visita daqueles directores coincidirá com a do paquete «Express of England», procedente da ilha da Madeira. Em Fevereiro próximo, aquele paquete voltará novamente a Lisboa, e em Abril aportará outro barco canadiano, o «Empress of Canadá». Assim, nos primeiros quatro meses de 1962, cerca de 2250 turistas visitarão, através da C. P. A., Lisboa, Cabo Verde e Madeira.

VIDA SOCIAL

EMBAIXADOR JOSÉ LUÍS ARCHER

A Embaixada de Espanha em Lisboa fez entrega ao embaixador José Luís Archer, secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, das insígnias da Ordem do Jugo e das Flechas com que recentemente o Governo espanhol o agraciou. A Ordem do Jugo e das Flechas, é uma das mais altas condecorações espanholas, muito raros sendo os estrangeiros que com ela têm sido distinguidos.

ALBERTO TOTTA

Completa amanhã 80 anos de idade o nosso querido amigo Alberto Totta, que através de uma longa vida de trabalho demonstrou raras qualidades de carácter e de coração que o impuseram á consideração dos seus pares e lhe criaram dedicações e amizades que, longe de se enfraquecerem com o tempo, se têm fortalecido e aprimorado. Embora com a certeza antecipada de que vamos ferir a sua modéstia, com esta inconfidência, apraz-nos dar-lhe, nesta data festiva em que dobra o cabo dos 80, publico testemunho da nossa admiração e da nossa estima.

Diário da OUTRA BANDA

A Siderurgia Nacional já exporta

No cais da Siderurgia Nacional começou o embarque de 2000 toneladas de aço para Israel, a primeira encomenda destinada ao estrangeiro.

É significativo que uma fábrica ainda há pouco inaugurada, naturalmente enfrentando multiplos problemas de iniciação industrial e os consequentes da recente definição oficial das bases da sua actividade comercial no mercado interno, não tenha hesitado em abalançar-se a oferecer os seus primeiros produtos num mercado internacional de elevada concorrência, particularmente intensa nos ultimos meses e, o que é mais importante, que tenha conseguido obter encomendas.

A indústria siderúrgica portuguesa ao dar os primeiros passos na sua actividade comercial, fê-lo de forma a fazer acreditar que, em dinamismo, não ficará atrás das suas congéneres estrangeiras, enquadrando-se assim nas características próprias que fazem desta indústria base a estrutura progressiva da economia dos países mais evoluídos.

Esse dinamismo, na medida em que facilita o escoamento para o estrangeiro da produção da siderurgia portuguesa, vai dar também mais uma preciosa achega ao esforço de nivelamento da balança de comércio do país e constitui, portanto outro significativo aspecto da contribuição da nova indústria para o desenvolvimento económico nacional.

O SEIXAL VAI TER uma avenida marginal

O município do Seixal deliberou mandar proceder aos estudos necessários para a construção de uma muralha entre a estação do caminho de ferro e a ponte de embarque das carreiras fluviais, assim como do seu prolongamento, para se poder construir na vila uma avenida marginal. Trata-se de uma obra de muito interesse que, a concretizar-se, fomentará o desenvolvimento turístico daquela vila ribeirinha.

HOMENAGEM SETUBALENSE á Índia Portuguesa

A Camara Municipal de Setubal deliberou aprovar a sugestão para ser dado o nome de Avenida de Goa á artéria que ligará o Parque do Bonfim á futura Praça do Brasil, zona moderna da cidade, e os de Dio e de Damão a duas ruas transversais.

Cinemas

ALMADA — *Academia* — A's 21 e 15: «Aqui só cabem os bravos» e «Mães abandonadas» (12 anos). *Incrível* — A's 21 e 15: «Sargento negro» (12 anos).

BARREIRO — *Ginásio* — A's 21: «O tesouro das sete colinas» e «Quero-te mas deixa-me» (12 anos); *Teatro-Cine* — A's 21: «A conquista do Oregon» e «O planeta sangrento» (12 anos).

COSTA DA CAPARICA — *Cine-Copacabana* — A's 21: «Pintores e raparigas» e «Encontro fatal» (17 anos).

AMORA — *Cine-Teatro* — A's 20 e 45: «Bravos e cobardes» (12 anos).

MONTIJO — *Cine-Teatro* — A's 21: «Os guerrilheiros» e «Cartago em chamas» (12 anos).

PALMELA — *São João* — A's 21: «Encontro com a sombra» (17 anos).

SETUBAL — *Luísa Todi* — A's 16 e ás 21: «Vamos dançar o Twist» e «O delinquente delicado» (17 anos); *Casino* — A's 16 e ás 21: «Os dois garotos» e «D. Juan» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — Largo Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 034137).

ALMADA — *Castro Rodrigues* — Rua capitão Leitão, 49 (T. 070076).

BARREIRO — *Avenida* — Av. da Republica, 88 (Tel. 023212).

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira Afonso* — Praça 5 de Outubro, 18 (Tel. 070254).

MOITA — *Silva Rocha* — Praça da Republica, 16 (Tel. 039029).

MONTIJO — *Moderna* — Rua Bulhão Pato, 60 (Tel. 030156).

SESIMBRA — *Lopes* — Rua Candido dos Reis, 67 (Tel. 029028).

SETUBAL — *Lisboa* — Rua Dr. Paula Borba, 70 (Tel. 22248).

PENHORES ALMADA
Cruzamento D. Nuno-O Salazar
PARAGENS: PANCÃO E AQUARIO

CARREIRAS AÉREAS

A «Avianca» não escala Lisboa

A companhia de aviação colombiana «Avianca», que há já algum tempo fazia escala nos aeroportos de Santa Maria (Açores) e em Lisboa, nas suas carreiras entre Bogotá Paris e Francfort, suspendeu a escala no aeroporto da Portela, transferindo a sua utilização para o aeroporto de Madrid.

VIDA MUSICAL

Juventude Musical Portuguesa — Recital de dança e de piano

Estava bem viva na memoria de muita gente a apresentação, no ano passado, da bailarina Anne Sendrez, a sua arte que reune, numa especie de prodigio, a força a subtileza, e sempre repassada de intensa vitalidade. Anne Sendrez voltou agora ao Tivoli, de novo para a J. M. P., provocando a enchente das grandes ocasiões e afirmando a plena maturidade do seu talento, o absoluto domínio da sua impressionante técnica, de linhas geometricamente puríssimas e de uma figuração completíssima que tanto se aguça no bailado sobre as «Gymnopedies» de Eric Satie como se adoça e arredonda no bailado sobre a «Avé Maria», de Schubert.

Não nos foi possível ouvir a parte de piano solo por Michel Sendrez, e os comentários que vieram aos nossos ouvidos fizeram com que redobrasse o nosso pesar, nem pudemos tão-pouco assistir á ultima parte de bailados por Anne Sendrez. Do que vimos, o que nos impressionou mais profundamente foi o bailado sobre a peça para piano op. 19 de Schoenberg. Mas mais do que nunca sentimos a desconcertante dificuldade de uma verdadeira fusão da musica e da dança, e, neste caso, não por deficiência da execução musical, pois Michel Sendrez é um colaborador de infalível segurança de preparação e de ajuste. Um simples piano, ensurdecido pela colocação entre cortinas, tem forçosamente de ficar num acentuado desnível de presença com a impositiva arte espectacular da bailarina; e mesmo que o piano estivesse mais favoràvelmente colocado, os efeitos de colorido e de expressão da musica executada são de um caracter demasiadamente peculiar para corresponder ao estilo das imagens desenhadas e desenroladas pelo bailado, na sua pos-estruturação. E nada mais espontâneo, mais sentidamente sincero, do que a nossa exigente atitude, certa ou errada, exagerada ou não. De qualquer modo, isto só enaltece a personalidade de Anne Sendrez.

A apresentação da bailarina foi feita por Luna Andermatt com palavras de enlevo na sua ponderação.

Sociedade Nacional de Música de Câmara

Com o primeiro mês do Ano Novo (de atmosfera já declarada e perspectivas que nos fazem recear mais do que apetecer o que ele nos vai trazer pelos meses fora), estreou-se a nova temporada da perseverante Sociedade Nacional de Musica de Câmara, que poderia firmar-se num papel bem curioso e util se as suas condições de vida lho permitissem. E para desempenho do acto de abertura, nunca isenta de uma certa solenidade, foram convidados a preencher um programa o nosso tão dotado violinista Vasco Barbosa, com a colaboração ao piano de Grazi Barbosa.

Do programa, começamos por destacar a «Tarantela» de Szymanowski, que reune todas as particularidades mais na feição do lirismo e da virtuosidade do executante, e as peças portuguesas de Luis Costa, «Lamento» e «Gnomo», correctas, expressivas, sem alardes de um modernismo insincero. Tudo o mais que ouvimos — as mirabolantes estilizações de Strawinsky na «Suite sobre temas de Pergolese», o bela «Sonata» de Ernest Bloch, o não menos generoso «Scherzo» Infantines á Paris», (também pria desde sempre declarada vocação e a soma de trabalhos de Vasco Barbosa, mas numa fase em que as não valoriza como já provou estar ao seu alcance.

Mas para alongar-nos em considerações que tanto nos apeteciam, era necessário proceder a uma entrevista para o que temos de esperar pelo favor das circunstâncias.

FRANCINE BENOIT

O maestro Ruy Coelho prepara um concerto das suas obras durante o qual fará uma palestra

O maestro Ruy Coelho, por intermédio da «Acção Nacional de Opera», vai apresentar, num concerto de musica de câmara, algumas das suas obras mais significativas.

No programa estão incluídas «Sonatina», «Três Preludios», (em primeira audição) e «Promenades Infantines a Paris», (também primeira audição), todas elas obras para piano. Para o mesmo instrumento e canto serão apresentadas: «Trilogia camoniana», «Soneto de António Nobre», «Duas canções de Saudade e Amor» e «Duas Kacides Mauresques». Também a musica para instrumentos de cordas estará representada com a «Sonata n.º 1», para piano e violino, e um quarteto para dois violinos, viola e violoncelo.

Antes do concerto o compositor fará algumas explicações sobre as suas obras, salientando que em algumas delas foram pela primeira vez postas em prática as técnicas da atonalidade e da politonalidade, citando como exemplos a sua «Sinfonia camoniana n.º 1» publicada em Berlim, em 1913. Falará também do emprego por ele feito, pela primeira vez, na musica portuguesa, das teorias do dodecafonismo e do dodecafonismo serial, com a sua obra «Largo», publicada em 1912 em Berlim.

Concerto pela banda da G. N. R. no Pavilhão dos Desportos

Amanhã, domingo, pelas 14 horas, no Pavilhão dos Desportos, será executado mais um dos habituais concertos promovidos pela Câmara Municipal de Lisboa em colaboração com a Guarda Nacional Republicana. O programa será interpretado pela banda daquela organização que será dirigida pelo maestro Silva Dionísio.

Será interpretada a abertura «Guarani», de Carlos Gomes; «Os quatro caminhos», de Coates; «Variações sobre uma melodia», de Shaker-Copland; «Uma noite no Monte Calvo», de Moussorgsky; «Muro do derrete», (suite de bailado», de Frederico de Freitas; «Rapsódia portuguesa», de Rui Coelho e «Final da suite alentejana», de Luís de Freitas Branco.

Concerto da Pró-Arte

Amanhã, na delegação de Vila Real, a Pró-Arte organiza o 1.º concerto da temporada. Colaboram a declamadora Catarina Avelar, a pianista Noémia Sarmento e o cantor Armando Guerreiro.

EM 3 LINHAS

O major Adriano Rabaçal Dias Miguel foi exonerado, a seu pedido, das funções de secretário do Supremo Tribunal Militar, tendo sido nomeado, em sua substituição, o major da Força Aérea, Octaviano Ivo Soares dos Santos.

///

O «Diário do Governo» publicou hoje um despacho do ministro das Comunicações que estabelece as normas a observar na atribuição de licenças para a exploração de veículos automóveis ligeiros de aluguer para transporte de passageiros.

///

Ao sr. Mário Nobre foi concedida a medalha de filantropia e caridade do Instituto de Socorros a Náufragos, na sua qualidade de protector-doador.

///

Foi exonerado, a seu pedido, do cargo de presidente da Comissão Municipal da Assistência de Oliveira de Azemeis, o dr. Manuel Valente Junior, e nomeado, em sua substituição, o dr. Manuel Pinho Rocha.

///

No dia 7 de Fevereiro efectua-se, ás 15 horas, na Direcção do Serviço de Material da Força Aérea, um concurso publico para a aquisição de pára-quedas de carga.

///

Foi nomeado presidente da Comissão Municipal de Assistência do Fundão o sr. José do Nascimento Cordeiro.

///

Está aberto concurso para o provimento do lugar de médico director do Dispensário Antituberculoso de Alijó.

///

Começou a construção do edifício da recepção e outras dependências do Parque de Campismo da Guarda.

///

Foi publicado em suplemento á 1.ª série do numero 299 do «Diário do Governo» o decreto-lei que aprova o Código de Processo Civil.

///

A folha oficial publicou a lista de antiguidade do pessoal da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas.

///

O dr. Angelo dos Santos Ferreira foi exonerado do cargo de representante do Ministério do Ultramar na Junta Nacional da Marinha Mercante e substituído pelo dr. António José Gouveia Lopes.

///

O engenheiro agrónomo Eurico Rui Fernandes Jorge de Azevedo Noronha foi exonerado do cargo de vice-presidente da Junta de Exportação do Café e nomeado director do Instituto do Café de Angola recentemente criado.

///

O professor catedrático Arsénio Cordeiro foi promovido no lugar de director dos serviços médicos do Hospital de Santa Maria.

Octogenário paralítico

carbonizado em sua casa

VALE DE CAMBRA, 20—Anteontem á noite, no lugar de Gatão, Cepelos, declarou-se incêndio numa casa em que vivia o sr. Serafim Tavares, de 86 anos de idade e que há muito tempo está paralítico e cego. Os vizinhos, ao darem pelas labaredas que saiam pelo telhado, acudiram ao fogo. Enfrentando corajosamente as chamas tentaram salvar o pobre homem, mas ao conseguirem entrar na casa encontraram-no já morto, completamente carbonizado. O solitário octogenário foi apanhado pelas chamas sem que tivesse podido atirar-se da cama abaixo. A sua dramática morte impressionou a população de todo o concelho.

AS COMEMORAÇÕES

do 7.º aniversário da Sociedade Columbófila da Malveira

A Sociedade Columbófila da Malveira celebrará amanhã o «Dia do Pombo-Correio», comemorando também o seu 7.º aniversário. As cerimónias decorrem no salão de festas do Atlético Clube da Malveira e incluem a distribuição de prémios da campanha desportiva de 1961 e da VII Exposição Columbófila, que será inaugurada, ás 15 horas, pelo presidente do Município de Mafra, seguindo-se uma sessão solene e a entrega dos referidos prémios. A' noite, haverá baile com a colaboração do conjunto de Avelino Gil, de Sintra.

CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO

de pavimentos e esgotos no valor de 45 mil contos

A Camara Municipal de Lisboa abriu concursos para adjudicação de empreitadas no valor total de 45 mil contos, assim discriminados: 7500 contos para construção de pavimentos e esgotos em diversos locais da zona Nascente da cidade; 7500 contos para o mesmo fim, na zona Poente; 7500 contos para reconstrução de esgotos na zona Nascente; 7500 contos para reconstrução, na zona Poente; e 15 mil contos para conservação de pavimentos e esgotos.

As propostas destes concursos são abertas e lidas em Março do corrente ano.

Assembleias gerais

Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais

Reuniu-se a assembleia geral da Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais, que elegeu os corpos gerentes para o exercício de 1962.

Centro Recreativo Murtoense

MURTOSA, 20 — Reuniu-se a assembleia geral do Centro Recreativo Murtoense, que aprovou por unanimidade, as contas de gerência finda, com um saldo de 12 781$90, e um voto de louvor á direcção cessante. Foram eleitos os novos corpos gerentes, constituindo a direcção os srs. Manuel Baptista, professor Firmino Aresta, Américo David Vieira, Domingos Condes, António Gomes Moreira e José Vaz. Foram reconduzidos os componentes da mesa da assembleia geral, srs. João Valente, Manuel José de Oliveira Ramos e António José Vieira.

Casa do Distrito de Coimbra

Prossegue na segunda-feira, ás 21 e 30, a assembleia geral da Casa do Distrito de Coimbra, cujos trabalhos começaram no passado dia 15. Ordem da noite: I—Aprovação dos relatórios II—Dar conhecimento á assembleia de uma intimação das autoridades para alteração dos estatutos, ou dissolução da colectividade. III—Resolução sobre a situação da sede. IV—Eleição de corpos gerentes para o triénio 1962-1964.

Sociedade de Instrução de Campo de Ourique

A assembleia geral da Sociedade de Instrução de Campo de Ourique elegeu os seus corpos gerentes para o exercício de 1962. Presidem á assembleia geral, á direcção e ao conselho fiscal, respectivamente os srs. Alvaro Augusto de Sousa, Amílcar Santa Marta e Carlos Rosa Carvalho, sendo delegados á Federação os srs. Joaquim Galhoz e Jaime Olival.

PRÉMIO «SPOLETO»

para uma obra histórica

O Centro di Studi dell'Antico Medievo, de Spoleto (Itália), vai atribuir, este ano, o 3.º prémio «Spoleto», no total de 23 contos, destinado a galardoar o autor de um estudo de história do período do antigo medievo.

Podem concorrer indivíduos de todas as nações, com mais de 35 anos de idade, e que não sejam titulares de cadeiras universitárias.

Os exemplares dactilografados em quatro cópias deverão ser indicados por um professor catedrático e deverão chegar até ao dia 21 de Maio a Spoleto; os exemplares que não forem vencedores, mas considerados de valor, serão recomendados para serem publicados.

O Instituto Italiano, á Rua do Salitre, dará outras informações necessárias.

Reuniões científicas

Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais

Na terça-feira, ás 21 e 30, na sala de colóquios do Instituto Botanico da Faculdade de Ciências de Lisboa, realiza-se uma sessão da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, em que o dr. Gaussen, professor de Botanica da Faculdade de Ciências de Toulouse e director do Instituto de la Cart Internationale du Tapis Végétal, proferirá uma conferência subordinada ao título: «L'évolution des gimnospermes et les origines des angiospermes».

LEVANTAMENTOS para a Carta Geológica de Portugal

Pela Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos foram publicadas as folhas 21-B (Quadrasais) e 26-C (Peniche) da Carta Geológica de Portugal, primeira com o levantamento dos Serviços de Prospecção e Exploração Mineira da Junta de Energia Nuclear e a segunda feita á base cartográfica do Instituto Geográfico e Cadastral.

O levantamento da primeira foi feito pelo geólogo sr. A. Martins Peres e os colectores srs. A. J. Caraça Valente, J. A Barroso e J. Lucas Goncalves e revisto pelo sr. prof. dr. C. Teixeira, como consultor da Junta de Energia Nuclear. Fizeram os levantamentos da segunda pelo sr. dr. G. Oertel, da Companhia de Petróleos de Portugal; pelos técnicos dos Serviços Geológicos, srs. eng.º C. Ferreira de Andrade, dr. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira, agente técnico de Engenharia de Minas, e conservador R. de Matos; e colectores M. de Matos, P. Carreira de Deus, L. Rodrigues e A. Rodrigues

São dois notáveis trabalhos, de sugestiva pormenorização e admirável perfeição técnica e excelente execução gráfica, gravados e impressos no Instituto Geográfico e Cadastral.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Carlos Manuel das Neves Barateiro

Faleceu o sr. Carlos Manuel das Neves Barateiro, de 79 anos, natural das Caldas da Rainha, casado com a sr.ª D. Laura Albuquerque e Castro Barateiro. O funeral, a cargo da Agência Amaral, da Travessa da Bica, aos Anjos, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da Rua Palmira, 56, 3.º, para o cemitério do Alto de S. João.

Padre João Vaz de Amorim

CHAVES, 20. — Foi aqui muito sentida a morte do padre João Vaz de Amorim, que era uma figura de sacerdote exemplar e que, depois de ter sido pároco nos concelhos de Chaves, Valpaços e na região de Barroso, se finou agora, com 81 anos, em Vilarinho das Paranheiras.

Possuidor de sólida cultura, arqueólogo e jornalista, o padre João Vaz de Amorim era um convicto democrata, que gozava de grande prestígio e contava amigos entre algumas figuras conhecidas da República, nomeadamente António Granjo e Nicolau Mesquita.

Esteve emigrado no Brasil, onde exerceu o professorado, e o seu nome chegou a estar indicado para candidato a umas recentes eleições.

António Augusto Alves

BRAGANÇA, 20 — Na sua residência — Rua do Passo — faleceu após breves dias de doença o sr. António Augusto Alves, de 86 anos, antigo chefe do pessoal menor do liceu desta cidade, onde durante quarenta anos granjeou gerais simpatias.

Era pai dos srs. dr. Jaime Constantino Alves, subinspector, aposentado, dos C. T. T., casado com a sr. D. Maria João Azinheira Alves, residentes em Lisboa; dr. Armando Eduardo Alves, chefe da contabilidade da Empresa do Metropolitano de Lisboa, casado com a sr.ª D. Rosalina Simões Alves; Francisco António Alves, tenente da Guarda Fiscal, casado com a sr.ª D. Maria Beatriz Rio Alves, também domiciliados em Lisboa; Anselmo António Alves, gerente comercial em Vila Junqueiro, distrito de Quelimane (Moçambique), casado com a sr.ª D. Berta Cristina Alves; Augusto César Alves, industrial de transportes rodoviários, casado com a sr.ª D. Isabel da Graça Alves, também ausentes em Vila Junqueiro; e de D Georgina Augusta Alves Fernandes, funcionária da estação telégrafo-postal desta cidade, casada com o sr Mário Augusto Fernandes, funcionário da Secção de Finanças deste concelho.

No seu funeral, incorporaram-se centenas de pessoas de todas as categorias sociais.

D. Palmira Cravo Baptista

MURTOSA, 20 — Faleceu repentinamente a noite passada, na sua residência, nesta vila, a sr.ª D. Palmira Cravo Baptista, esposa do sr. Manuel Maria Baptista e mãe da sr.ª D. Evangelina Cravo Baptista e do sr. dr. Alfredo Cravo Baptista, licenciado em Ciências Económicas e Financeiras.

O seu falecimento causou muita consternação neste concelho, onde a família goza de geral estima e consideração.

Realiza-se em Roma

o IX Congresso Internacional de Electrónica

Em Junho deste ano, realiza-se em Roma o IX Congresso Internacional de Electrónica, que tratará temas relativos ao progresso nas transmissões de informações, electrónica médica e industrial, telecomunicações por meio de satélites artificiais, etc.

Haverá ainda reuniões particulares com carácter industrial e profissional.

Linha de SINTRA

1.º FESTIVAL Nacional de Cinema

No mês de Setembro próximo, de 1 a 4, vai efectuar-se em Sintra, sob o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo, o 1.º Festival Nacional de Cinema.

Aquela magnífica estância de vilegiatura necessita de propaganda para se ir guindando á escala a que tem jus dentro do turismo nacional e no além-fronteiras. O festival vem na altura mais oportuna promover a divulgação das inegualáveis belezas daquela terra de encanto e de sonho, agora que se procura a todo o transe dotá-la com os meios indispensáveis para a fixação dos turistas.

No certame podem participar todos os cineastas utilizando os formatos correntes, tanto a branco-negro ou a cores, como sonorizados ou mudos, comportando as seguintes categorias: fantasia, documentário, enredo, cultural e artístico.

Há muitos prémios, sendo oito os pecuniários que vão de 1500 escudos a 5 contos.

Os pedidos de regulamento, ou quaisquer outras informações, deverão ser dirigidos ao secretário do Festival de Cinema — Comissão Municipal de Turismo de Sintra.

INTOXICADOS por uma braseira

PRAIA DO RIBATEJO, 20 — Para atenuar um pouco o frio que ultimamente se tem feito sentir, usam em casa do sr. João dos Anjos Campanício uma braseira, á volta da qual as pessoas de sua família se costumam sentar passando o serão.

Acontece que ontem, talvez porque não houvesse a necessária ventilação, começaram essas pessoas a sentir-se mal, pelo que houve necessidade de conduzir ao médico dr. Francisco Nunes Correia, a cunhada do sr. Campanício, de nome Maria Lourenço Manguito, e os meninos João Francisco Campanício, de 2 anos de idade, e Paulo Manguito Campanício, de 9 meses, filhos do dono da casa.

Prestados os devidos socorros, regressaram a casa livres de perigo.

Algueirão-Mem Martins

não tem uma cabina telefónica pública

Do sr. António José Simões Patriarca, residente no Algeirão, recebemos uma carta em que nos diz:

«Algueirão e Mem Martins são dois centros muito populosos que acabam de ser elevados á categoria de freguesia e possuem uma rede telefónica já vasta.

Sucede, porém, que as cabinas telefónicas estão situadas em estabelecimentos, inclusive mercearias que encerram as suas portas ás 19; e assim, quem necessitar de fazer um telefonema, daquela hora até á meia-noite, tem de se dirigir a um café e falar a um balcão, telefonando em péssimas condições acústicas, devido ao barulho dos clientes, da televisão, ou da rádio.

Depois da meia-noite, o problema complica-se, porque todos os cafés fecham, e quem tiver necessidade de telefonar é obrigado a acordar o concessionário duma das cabinas

Não poderia a Companhia dos Telefones colocar, no Largo de Mem Martins, junto á estação da C. P., local acessível á grande maioria dos habitantes do Algueirão e de Mem Martins, uma cabina pública?».

Obras na Amadora

A Câmara Municipal de Oeiras resolveu adjudicar, respectivamente pelas quantias de 45 350 escudos e 46 800 escudos, as obras de reconstrução do pavimento da Rua de Nossa Senhora da Lapa, na Amadora, e de calcetamento dos passeios da Praça da Igreja, naquela importante vila.

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — Às 15 e ás 21 e 15: «O capitão sem medo» (12 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cine* — Às 21 e 15: «Os maus não choram» e «Uma rapariga em fuga» (17 anos).

CACEM — *Cinema S. João* — Às 21: «Marido fiel» e «O contra-ataque do «Gorila» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine-Chaby* — Às 21 e 30: «Espiões em acção» (17 anos).

SINTRA — *Carlos Manuel* — Às 21 e 30: «O favorito dos Bórgias» (12 anos).

ODIVELAS — *Cine-Teatro* — Às 21 e 15: «Crime em 45 rotações por minuto» (17 anos).

VENDA NOVA — *Cine-Portugal* — Às 21 e 15: «Um homem só» e «Gente de má nota» (17 anos).

Farmácias de servico

AMADORA — *Cavaca* — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); *Flama* — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); *Confiança* — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 931149).

QUELUZ — *Zeller* — R. da Republica, 83 (Tel. 950045).

SINTRA — *Simões* — R. Heliodoro Salgado, 26 — Estefania (Tel. 980832); *Marrazes* — L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — R. António Ferro, M. A. D. (Tel. 931690).

DAMAIA — *Lemos* — R. de Goa (Tel. 932121).

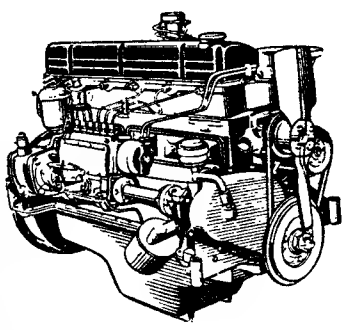
Um potente e robusto camião-basculante «Mercedes-Benz» com motor Diesel de 220 HP, direcção servo-auxiliada e aparelho de basculamento Meiller, para o peso bruto de 19 toneladas, em serviço na companhia de cimentos brancos (Cibra)

MOTORES INDUSTRIAIS E MARÍTIMOS

FORD

3 cilindros

4 cilindros



6 cilindros

DIESEL

APOIADOS PELO SERVIÇO FORD

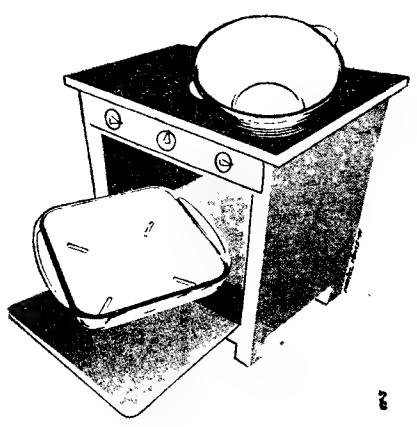
pedir informações e catálogos à

FORD LUSITANA RUA CASTILHO, 149 • LISBOA

OU AOS SEUS CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

IVIDUR

ALIA
A EXCEPCIONAL
TRANSPARÊNCIA
DO CRISTAL
À
RESISTÊNCIA
DO AÇO



UM PRODUTO · IVIMA ·

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL

Eu, António Vitorino França Borges, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

Faço saber nos termos do artigo 359.º do Código Administrativo, que no dia 30 de Março de 1962, pelas 16 horas, terá lugar na 2.ª Repartição da D. S. F. — Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar, o concurso público para CONSTRUÇÃO DE COLECTOR DA AVENIDA 28 DE MAIO — TROÇO EM TUNEL — PRAÇA MOUZINHO DE ALBUQUERQUE — ESTRADA DAS LARANJEIRAS.

(Processo n.º 20/62/CP/DSF)

A base de licitação é de ..... 27 160 000$00
O depósito provisório é de ..... 679 000$00

O depósito provisório é efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concurso para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Camara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673 de 24/10/1960.

O concorrente deverá enviar a proposta pelo correio, sob registo, à Câmara Municipal de Lisboa — Direcção dos Serviços de Finanças, 2.ª Repartição — Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar —, por forma a ser recebida até à hora anunciada para a realização do concurso.

O processo do concurso encontra-se patente, na 2.ª Repartição da Direcção dos Serviços de Finanças, — Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar —, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas.

Aos sábados o processo do concurso só pode ser consultado das 9 às 12 horas.

E, para geral conhecimento, se publica o presente Edital.

Paços do Conselho de Lisboa, em 16 de Janeiro de 1962.

O PRESIDENTE,

António Vitorino França Borges

ALMOCE E JANTE NO

arco-iris

da PRAÇA DO AREEIRO, 8
e terá encontrado, finalmente, o Seu Restaurante

Em AGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda na agência Raul Conde.

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda

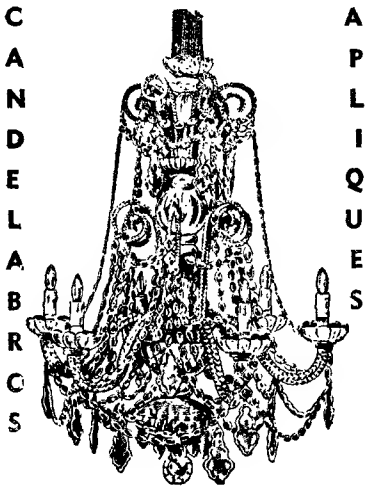
95, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

LUSTRES

FABRICANTE

CANDELABROS APLIQUES



RESTAUROS

em lustres antigos e modernos com o melhor material

J. R. DE BRITO

R. LUÍSA TODI, 2
(á Rua D. Pedro V)

Telefone 3 19 60 LISBOA

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv., nariz e garganta, 14 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.
Dr. Armando Valle—Anál. clín. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes — Rins e vias urinárias, 14 h.
Dr. Benard Guedes — Raios X, 16 h.
Dr. Camara Leme — Boca e dentes, 10 ás 13 e 17 ás 19 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv mentais (2.ª, 4.ª e 6.ª), 16 h.
Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.
Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 18 h.
Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.
Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest. 15 h.
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.ª, 5.ª e sáb.), 15 h.
Dr. Tito de Noronha — Doenças da pele e sífilis (2.ª, 4.ª e 6.ª) ás 12 1/2.
Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd. coração e pulmões, 18 horas.

CAMINHO DE FERRO

Carruagem directa entre Lisboa e Mangualde

Comunica-nos a C. P. que desde 9 do corrente e até aviso em contrário será estabelecida a título experimental a circulação duma carruagem directa de 3.ª classe entre Lisboa (Santa Apolónia) e Mangualde, utilizando os seguintes comboios:

NA IDA

Comboios n.ºs 11/1325, com partida de Lisboa (Santa Apolónia) ás 11.35 h. e chegada a Mangualde ás 20.49 h.

NA VOLTA

Comboios n.ºs 1324/12, com partida de Mangualde ás 8.48 e chegada a Lisboa (Santa Apolónia) ás 17.20 h.

Moradia em Carcavelos

Aluga-se ao ano, 14 divisões, incluindo 2 casas de banho, águas quentes pelo fogão; tem garage, poço, trasqueira, arrecadações e pequeno jardim, Avenida Maria Conceição, 16 e 16-A — 300 metros da estação. Informa pelo telefone 666149 ou Estação de C. Ferro.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

A situação do pessoal da Caixa Geral de Depósitos

(Continuação da página central)

do. Nesse sentido se manifestam os funcionários da Caixa Geral de Depósitos nas exposições que nos enviam e se podem resumir em duas das muitas cartas recebidas no «Diário de Lisboa», as quais a seguir se reproduzem.

Algumas sugestões

Diz uma das referidas cartas:

«Li com o maior interesse, cheio de esperança, no conceituado «Diário de Lisboa», da mui digna direcção de V., a carta de um colega meu, na Caixa Geral de Depósitos, em que ele lamenta a situação dos pequenos funcionários da instituição onde, não obstante se efectuarem operações do género bancário, se auferem vencimentos muito inferiores aos dos empregados dos Bancos. E' certo que somos funcionários publicos e temos as categorias dos de outros serviços, mas a verdadeira natureza das nossas operações é a bancária.

Já correu que uma equiparação aos empregados bancários só seria possível dando-se outra nomenclatura ás nossas categorias. Que importa, porém, ser-se caixeiro de 1.ª, 2.ª ou 3.ª, em vez de 1.º, 2.º ou 3.º oficial, se o que conta é a remuneração? Aquele colega diz que entrou para a Caixa em 1948 e percebe, simplesmente, dois mil e poucos escudos. Eu entrei em 1928 e recebo, actualmente, o mesmo que ele. E quantos mais assim!

«Como ele diz, é-nos dada a possibilidade dos concursos para acesso, mas eles são tão contingentes... Há exemplos de funcionários distintos no serviço quotidiano da Caixa que, nos concursos, falham completamente.

«Eu, como muitos outros, fui a concurso e tive duas aprovações consecutivas com classificação regular, para a mesma categoria, no espaço de quatro anos, sem ter conseguido a almejada promoção, dada a sua capacidade ao fim de três anos, sem conseguir vaga para mim, e outros, neste espaço! Presentemente, é-me vedado repetir o concurso, como a muitos outros nas mesmas condições, porque duas reprovações ou duas desistências, mesmo com aprovações interpoladas, nos impedem, regulamentarmente, de o fazer. Assim vive e envelhece, desgostosa e desconfortàvelmente, quem árduamente lutou por melhoria de situação, mas em vão.

«Aquele meu colega fala em duas filhas cujo futuro antevê duvidoso. Eu, igualmente, tenho duas filhas, ás quais não pude dar senão cursos muito modestos, não obstante a sua vocação para os superiores e melhor remunerados.

«Todos ficamos gratos pela possibilidade de ser focada no conceituado e lido jornal de V. a nossa situação, quanto á natureza dos nossos serviços, vencimentos insuficientes e desproporcionais com o tempo de serviço e concursos trabalhosos que, embora classificados, nada trouxeram senão desilusão. E com aquela equiparação, diuturnidades ou outro sistema de promoções, esperamos justiça».

A solução do problema

Eis o que diz outro funcionário da Caixa Geral de Depósitos:

«Foi com imenso prazer — um prazer aquecido pelo calor de uma esperança que há muito me abandonara totalmente — que tomei conhecimento da exposição no «Diário de Lisboa» sobre a situação dos funcionários da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

«Também eu sou um modesto funcionário desta instituição, á qual tenho dado o melhor do meu esforço; e, como o autor da carta aqui me encontro desde 1948. Tenho, igualmente, um vencimento líquido de dois mil escudos (75 % do pessoal tem vencimentos iguais ou inferiores), sou casado e, como ele tenho, baldadamente, procurado uma situação mais desafogada.

«Sempre aprovado em concursos, por meio dos quais não são promovidos, normalmente, nem 20 % dos candidatos, tenho visto morrer, a pouco e pouco, todas as esperanças que me acompanharam quando iniciei a minha carreira. Hoje é tarde para mudar de emprego, pois já passei a casa dos trinta, e difícilmente se consegue qualquer coisa estável com a minha idade. Resta-me pois, aplaudir V. pela atenção que lhe ficamos a dever e rogar que não abandone a nossa causa, pugnando pela defesa dos mais elementares e humanos interesses de centenas de modestos funcionários que se debatem com dificuldades económicas tremendas. O remédio justo, exacto, seria a equiparação, quanto a remunerações, aos funcionários do Banco de Portugal, ou, ao menos, aos dos restantes Bancos ou, ainda, a eliminação do quadro de aspirantes, que, presentemente, representa 2/3 dos funcionários das outras categorias juntas — e o aumento correspondente nestas. Isso seria, apenas, seguir o exemplo dado pela Contabilidade Publica e Junta do Crédito Publico, que pertencem, também, ao Estado».

*

Em apoio das pretensões dos funcionários da Caixa Geral de Depósitos, temos recebido inumeras cartas com novas exposições e entusiásticos aplausos, que procuraremos publicar, salientando hoje um telegrama exprimindo os agradecimentos desses funcionários pelo acolhimento dado no «Diário de Lisboa» aos depoimentos dos colegas, confiantes na acção em prol de direitos justos e causas nobres».

QUANDO COMEÇA a construção do hospital da Murtosa?

MURTOSA, 20. — Já se começa a sentir certa impaciência, especialmente por parte daqueles que tão abnegadamente e com grande sacrifício dirigem os destinos da Misericórdia e constituem a sua mesa administrativa, perante o esquecimento injustificável a que parece votada esta terra, que deseja e quer construir, urgentemente, o seu novo hospital, tendo para isso concorrido com avultada importancia, através de subscrição publica.

A mesa administrativa da Misericórdia aguarda que lhe seja enviado o projecto do referido edifício, por parte das entidades competentes, e sem o qual não pode ser dado início á referida obra. Já é tempo de se resolver este assunto, que tanto preocupa os habitantes do concelho.

O povo já deu sobejas provas de quanto deseja este melhoramento, e está disposto a todos os sacrifícios para o conseguir. Justo é, portanto, que seja amparado e protegido.

UMA EXCURSÃO

da F. N. A. T. ao Algarve, na epoca das amendoeiras em flor

A F. N. A. T. organiza nos dias 9, 10 e 11 de Fevereiro uma excursão ao Algarve que oferece o deslumbrante panorama das amendoeiras em flor.

Os beneficiários terão ensejo de verificar, também, a obra que a organização executou em Albufeira, construindo a sua Colónia de Férias «Dr. Pedro Theotónio Pereira».

As inscrições fazem-se na sede da F. N. A. T. — 2.ª Secção — Calçada de Santana, 180.

Olivetti Portuguesa S. A. R. L.

Admite jovens até 25 anos livres do serviço militar, com preparação técnica adequada, para o seu quadro de mecânicos de máquinas de escrever e calcular.

Enviar carta com detalhes para:

OLIVETTI PORTUGUESA, S. A. R. L.

L. S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 32 - B — LISBOA

A PISTA DA VINGANÇA

por RAYMOND A. LAJOIE

FOLHETIM SEMANAL DO

Diario de Lisbôa

26

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES — Chip encontrou o seu rancho incendiado e o criado Seguro morto a tiro. Sua mulher, Lisbeth, fora levada pelos bandidos. Sedento de vingança, Chip seguiu-os, iniciando uma perseguição difícil e perigosa, mas implacável. A quadrilha era constituída por quatro homens. Um a um, foram ficando pelo caminho, pagando com a vida os seus crimes. Restava apenas um, Mace Denton, que levara Lisbeth consigo, amarrada á sela, para as «terras más». Chip continua a perseguição...

CAPÍTULO VI

A acreditar nas palavras da mulher, Mace Denton dirigira-se para as «terras más» e pequeno era o avanço que levava. Talvez conhecesse algum atalho para encurtar caminho. Resolveu que ganharia tempo se seguisse ao longo do leito seco do rio. Era um risco a correr. Conduziu pois o cavalo nessa direcção, mantendo-o próximo da margem onde os rochedos eram em menor profusão.

Durante cerca de uma hora, não abrandou o andamento. O rio foi estreitando até á largura de um regato e várias vezes, Chip teve de contornar barreiras rochosas. Sempre que o terreno era lamacento, inclinava-se na sela para o examinar atentamente. Rasto fresco! O de Mace Denton, tinha a certeza.

Perdeu-o sob o vasto docel das árvores, mas continuou confiante. Só parecia existir um caminho que gradualmente levava ao cume da colina. Ao chegar ao cume, parou, sentindo-se invadir de uma onda de funebre desanimo. Silenciosas e sinistras, as «terras más» estendiam-se a seus pés como uma página negra e amarrotada, arrancada do passado morto da terra.

27

Dava a impressão de ser impossivel descobrir um homem naquelas paragens. A unica «chance» residia na quietude do lugar — qualquer som, qualquer movimento atraiçoaria a presença de Mace.

Chip contemplou a paisagem sinistra e de subito, brilharam-lhe os olhos de renovada esperança. Avistou de repente um pequeno risco preto que se deslocava lentamente, através da extensão cinzenta banhada pelo luar. Lançou o cavalo pela encosta abaixo, mas em dado momento perdeu de vista a sua presa. Estava perdido naquele dédalo de rochas negras e nuas, que pareciam torcer-se em todas as direcções. Começava a desorientar-se. Desceu do cavalo e trepou a uma penedia. Depois, voltou a subir para a sela. O resvalar de ferraduras sobre a pedra ecoava contra as paredes da ravina e Chip seguia agora o rasto pelo ouvido. Sacou do revólver e avançou afoitamente, esquecido da possibilidade de uma emboscada.

E a emboscada não tardou a surgir. Uma chama curta saltou por trás de um recanto na parede da ravina, seguida de um trovão ensurdecedor. Quase no mesmo instante, Chip saltou em terra e puxou o cavalo assustado para o abrigo de um rochedo.

Agachou-se e correu em frente, sempre colado á sombra negra da rocha. Ouviu a bala bater na pedra e ressaltar para longe. Mas não disparou em resposta. Lisbeth encontrava-se algures lá em cima e ele queria ver bem o alvo antes de fazer fogo.

Não soou segundo tiro. Seria que Mace Dentou resolvera fugir? Raios! Chip correu mais depressa, amaldiçoando a escuridão e o terreno acidentado. Chegou finalmente a uma espécie de clareira.

A' luz do luar, avistou Mace Denton já com um pé no estribo. O cavalo de Lisbeth relinchou no meio das sombras, a um lado. A mão do bandido desceu da sela e cuspiu novamente uma chama alaranjada, seguida do fragor do trovão. Chip deu um salto para o lado e fez fogo duas vezes. Mace, com uma agilidade surpreendente em corpo tão pesado, saltou para a sela e afastou-se a todo o galope.

28

Durante um breve segundo, Chip ficou indeciso. O homem abandonava Lisbeth, procurando a salvação na fuga. Que mais queria ele? E de subito assaltou-o uma cólera cega contra aquele miserável. Se voltasse atrás para ir buscar o cavalo, Dentou ganhar-lhe-ia um avanço que permitiria talvez escapar-se naquele labirinto infernal. E Chip jurara matá-lo.

Resolvido, apontou e fez fogo. A bala atingiu o cavalo do fora-da-lei e o pobre animal soltou um relincho de dor, tropeçou e baqueou pesadamente. Denton voou por cima da montada e ficou inerte. Chip avançou então, mas quase logo a seguir, Dentou mexeu-se e sentou-se.

Chip continuou a avançar, pronto a mergulhar, assim que Denton levantasse a arma. Mas o homem limitava-se a olhá-lo com ar esgazeado. O rapaz abriu a boca para o desafiar a puxar da arma, mas um brilho metálico no caminho desviou-lhe a atenção. Era um seis tiros. Sempre a olhar para Denton, baixou-se e apanhou-o. A arma ainda estava quente. Era o revólver de Mace Denton. Tinha o tambor todo empenado e torcido como se tivesse levado uma violenta pancada.

Mace Denton encontrava-se desarmado, á sua mercê...

— Tens aí outra arma? — perguntou.

— Não... Não- Juro- Pelo amor de Deus, não atire — gemeu o homem. Levantou-se trôpegamente e ficou de pé a tremer, com os braços bem erguidos acima da cabeça.

Chip olhou-o e o calor de um ódio frustado subiu-lhe ao rosto numa onda de sangue. Tinha na sua frente um lobo assassino que jurara matar. O maldito raptara-lhe a mulher e, não contente com isso, maltratara-a. Não devia viver. Ergueu o revólver mas voltou a baixar o braço. Não era capaz de alvejar um homem indefeso.

29

— Maldito sejas! — gritou. — Não te posso matar! Maldito sejas, Denton!

Atirou para longe a arma inutilizada e guardou o revólver. Mas, ao relancear o olhar para as sombras onde Lisbeth continuava cruelmente amarrada á sela, invadiu-o um novo e violento ataque de furia. Avançou, atirou um pontapé selvagem ao bandido e depois um soco, um murro, áquele rosto odiento. Mace Dentou recuou e ganiu como um cão açoitado.

— Defende-te, medroso! — rugiu Chip e voltou a agredi-lo, perseguindo o malfeitor que procurava debalde esquivar-se á chuva de golpes que lhe caía sobre a cabeça, os ombros e as costas. De subito, o homem largou uma praga histérica de panico e atirou um murro que parecia um ariete á cabeça do seu carrasco.

Por momentos, Chip ficou atordoado e recuou. Mace Denton lutava agora como um demónio selvagem a quem não restam mais as esperanças. Durante minutos, os socos e pontapés trocaram-se de igual para igual. Chip tinha um gosto salgado do sangue que lhe escorria da boa e uma campainha no cérebro que não parava de tocar. Pouco a pouco ia sentindo-se perder as forças, pois já se esquecera que havia dois dias que práticamente não comia nem repousava

Quando num arranco de desespero, Denton venceu a barragem de punhos, os dois rebolaram por terra, mas Chip foi o primeiro a levantar-se. Denton ergueu-se lentamente sobre um joelho, oscilou e quando Chip avançou, atirou-se para a frente e enlaçou-o pela cintura. Chip sentiu uma mão que febrilmente procurava a coronha do revólver.

— Chip! Cuidado! — gritou Lisbeth.

Apelando de todas as forças que lhe restavam, o rapaz desferiu uma esquerda á cara do outro. Depois, sentiu vergarem-se-lhe os joelhos e caiu sem sentidos.

30

Uma voz conhecida falou-lhe junto ao ouvido e Chip entreabriu os olhos. Encontrava-se deitado sobre um catre... Onde? Foi então que viu o rosto do xerife Dean Baxter debruçado sobre o seu.

— Como te sentes, Chip?

— Fino, Dean — respondeu com um sorriso. — Mas onde estou ?

— No esconderijo de Denton. Chegámos no momento preciso. Denton estava a tirar-te a arma do coldre, quando o abatemos como um cão.

Chip esboçou uma careta.

— Bem, pelo menos, três morreram ás minhas mãos. Onde está a Lisbeth

F I M

Graetz RÁDIO TELEVISÃO GRAVADORES
LOJA SOL, L.DA
Rua da Assunção, 82 — Telef. 2041

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

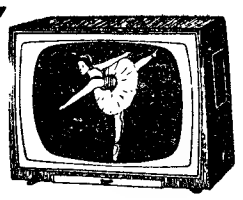
Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica

do dr. I. M. LEVITT

90

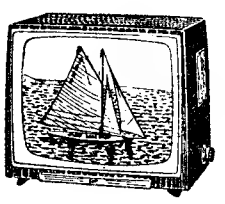
Graetz



GOUVERNEUR — 53 cms.

Modelo De Luxe — Écran de 53 cms — 20 válvulas e 10 diodos de germânio — TV automatic — Caixa de preciosa madeira de 62,5×50×33 cms. — Previsto para aplicação de pernas

Esc. 9.740$00



GOUVERNEUR — 59 cms.

Modelo De Luxe — Écran de 59 cms. 110° — 20 válvulas e 10 díodos de germânio — TV automatic — Caixa de preciosa madeira, de 62,5×50×33 cms. — Previsto para aplicação de pernas.

Esc. 10.490$00

Graetz

TRIBUNAIS

CONDENADO POR AGRESSÃO

e roubo a um jornalista americano

No 3.º Juizo Criminal da Boa Hora presidido pelo sr. dr. Correia Barreto, e tendo como juiz-ajudante do procurador da Republica o sr. dr. Lopes de Melo, responderam Óscar Cardoso Rodrigues, de 37 anos, serralheiro; José Luís de Jesus, de 20, operário; Carlos Alberto de Almeida Nunes, de 25, sapateiro, e José Casimiro Vidal dos Santos, de 39, vendedor ambulante, todos de Lisboa, acusados de crime grave.

Na madrugada de 8 de Outubro do ano passado, na Praça da Armada, em Alcantara, os três primeiros, juntamente com Raul Carlos da Costa Santos, que será julgado oportunamente, pois se encontra doente, assaltaram, com o propósito de o roubarem, o jornalista americano William Travor Richard, de 32 anos, quando este se dirigia para o seu automóvel, estacionado naquela praça.

A certa altura, depois de lhe terem exigido dinheiro, por motivos que não ficaram bem esclarecidos, o Óscar deu-lhe um encontrão, e em seguida, os assaltantes agrediram-no á bofetada, enquanto o José Luís lhe metia a mão no bolso do casaco, tirando-lhe a carteira com 400$00, em dinheiro, além de dois cartões, do S. N. I. acreditando-o como jornalista profissional, e outro do Automóvel Clube de Portugal, e ainda uma chave.

Esclarecida a causa, provou-se a acusação, mas salienta-se que o Óscar e o Carlos discutiram com o americano por motivo de um incidente ocorrido antes da exigência do dinheiro em circunstancias que, ao certo, não se averiguaram. Provou-se ainda que o Óscar em nada concorreu para a conduta do José Luís e que o Carlos Alberto, que, no momento, passava próximo e se acercou para assistir á discussão, a tudo era estranho.

Quanto ao José Luís, o unico que abrira o conflito com o jornalista, concorreram as agravantes de reincidência, a confissão dos antecedentes, etc.

Foram todos absolvidos, com excepção do José Luís de Jesus, este condenado em 8 meses de prisão correccional, 40 dias de multa a 30$00 por dia, e 1000$00 de imposto de justiça. A defesa esteve a cargo da sr.ª dr.ª D. Susana Pedroso.

Falsificação de um atestado de residência para facilitar um exame

Foram julgados na Boa Hora, no 1.º Juizo Criminal, António Mateus, sapateiro, casado, de 29 anos, de Ancião; Luís Alves, de 22, empregado no comércio, casado, do Barreiro; Julia Paiva, viuva, de 59, de Lisboa, e padre António Ferreira, de Torres Novas.

O António Mateus, que residia no concelho de Pombal, em Outubro de 1960, deslocou-se a Lisboa onde vinha para fazer exame da instrução primária. Necessitava, contudo, de um atestado comprovativo de residência na capital. Para tal efeito, dirigiu-se á Junta de Freguesia respectiva, onde declarou falsamente (mas sem intenção criminosa ou culpa), residir em Lisboa. Serviram como testemunhas (para confirmarem a declaração de que aqui residia) os restantes réus, os quais, segundo ficou demonstrado no processo em audiência, agiram com negligência, pois, ao prestarem as declarações que conduziram a passagem do atestado pela Junta de Freguesia, o fizeram levianamente e na convicção de que nem sequer era reprovável a sua colaboração no sentido de serem feitas as provas de um exame que a ninguém prejudicaria e beneficiaria o Mateus.

Cada um dos réus, defendidos, oficiosamente, pelo sr. dr. Mário Reis, foi condenado em 500$00 de multa e 200$00 de imposto de justiça, e, solidáriamente, 300$00 para o defensor oficioso. Todos ficaram com a pena suspensa, por dois anos.

A MORTE

do prof. Vieira de Almeida

(Continuação da página central)

com prefácio do prof. dr. Oliveira Ramos, e em 1934, o segundo. Outros trabalhos, ensaios e estudos críticos e filosóficos, ficam com lugar proeminente na moderna cultura portuguesa, além da valiosa colaboração, ao mesmo alto nível do seu espírito, em jornais e revistas cientificas.

Algumas notas biográficas

O prof. dr. Vieira de Almeida, que fez os estudos liceais em Coimbra, exerceu, depois de formado pela Faculdade de Letras de Lisboa, as funções de professor de História, supranumerário, do Liceu de Pedro Nunes, de onde saiu uma geração de valores que marcaram posição inconfundível, por méritos notáveis, na vida mental do País. Foi o início da sua carreira pedagógica, acentuando a invulgar personalidade intelectual e moral que se revelara nos tempos de estudante. Ingressando em 1915 no corpo docente daquela Faculdade, nomeado para a Secção de Filosofia, em 1932, ascendeu, por concurso, após brilhantíssimas provas, a professor catedrático da mesma cadeira e foi, mais tarde, director da Faculdade.

Ávido de saber, sempre aliciado ao estudo, as inquietações do seu espírito aberto a todos os ramos do saber, procurando novas fontes de cultura, o prof. Vieira de Almeida, revestido da dignidade do mestre consagrado, matriculou-se, há anos, na Faculdade de Direito, com a mesma naturalidade que o distinguia, aquela cativante simplicidade a definir o homem superior, em convívio e camaradagem com os estudantes, que o consideravam, aliás, um mestre.

Jubilado em 1958, ao dar a sua ultima lição na Faculdade de Letras no dia 25 de Maio daquele ano, foi-lhe prestada significativa e consagradora homenagem.

O prof. dr. Vieira de Almeida (Francisco Lopes Vieira de Almeida, de seu nome completo) nasceu em Castelo Branco em 9 de Agosto de 1888, contando, portanto, 73 anos. Deixa viuva, a sr.ª D. Maria Alice Guedes de Oliveira Vieira de Almeida, era pai da sr.ª D. Hedda Lucília Chaves Vieira de Almeida Machado Jorge, e dos srs. dr. Vasco Alexandre Vieira de Almeida, director do Banco Português do Atlantico, e arquitecto Pedro César Vieira de Almeida; sogro do advogado sr. dr. Claudio Francisco Machado Jorge e avô da sr.ª D. Maria Inês Vieira de Almeida, finalista da Faculdade de Letras, e dos srs. dr. Henrique Francisco Vieira de Almeida Machado Jorge, funcionário superior da Junta de Energia Nuclear, e André Adelino Vieira de Almeida Machado Jorge, estudante de Direito.

Acometido de congestão cerebral na madrugada de quarta-feira, desde então o estado gravíssimo do prof. Vieira de Almeida manteve-se sem alterações que não alimentavam esperanças, apesar da esforçada dedicação dos médicos e da família que o rodearam de carinhosa solicitude, assistindo-lhe nos ultimos momentos.

Logo que foi conhecida a notícia da morte do eminente cidadão, recebida com o mais profundo pesar em todos os meios onde o prof. Vieira de Almeida inspirava o mais alto e respeitoso apreço, acorreram á residência, vivenda Montalegre, Avenida Marechal Carmona, em Cascais, inumeras pessoas de todas as categorias sociais que testemunharam o profundo pesar á família enlutada, a quem manifestamos as nossas sentidas condolências.

LARGOU DO TEJO

a formação naval da Alemanha

Os sete navios da Marinha de Guerra da Republica Federal da Alemanha, que entraram no Tejo, para se reabastecer, largaram esta manhã do porto de Lisboa. Rumam a portos do Mediterraneo.

O PORTO pelo telefone

Colhido mortalmente por um automóvel

PORTO, 20 — Na Rua de Santa Catarina, um automóvel conduzido por Candido Augusto de Azevedo, residente na Rua Costa Cabral, 750, 4.º, dt.º, colheu mortalmente o sr. Armando José Teixeira da Cunha, de 26 anos, morador na Rua do Bonjardim, 976. Transportado ao Hospital de Santo António foi, ali, verificado o óbito.

Círculo de cultura teatral

No Teatro de Bolso do Círculo de Cultura Teatral estreiam-se esta noite, pelas 22 horas, as seguintes peças: «Credores» e «Malefícios do tabaco».

Agredido pela professora

Na P. S. P. queixou-se o sr. Belmiro Pinto Rubuy, domiciliado na Rua de Vilar, 71, contra um professor primário, acusando-o de ter agredido seu filho, Políbio Ferreira Alves Rubuy, de 10 anos, que ficou ferido no rosto. O motivo da agressão foi pelo rapaz não saber um problema de aritmética.

Preso por furto

Foi preso pela P. S. P. o mecanico Américo Carvalho Amaral, residente na Travessa da Ponte, Rio Tinto, acusado de ter praticado um roubo.

Acidente no trabalho

Recolheu ao Hospital de Santa Maria o operário António Gomes de Castro, de 26 anos, casado, morador em Guimarães, que caiu na fábrica onde trabalha e sofreu fractura da perna esquerda.

Publicou-se hoje o «Diário do Norte

Já hoje voltou a ser apregoado nas ruas da cidade o «Diário do Norte», cujas instalações foram, ontem, danificadas por uma violenta explosão, caso que noticiámos. Apesar dos estragos existentes, o jornal pôde ser composto e impresso nas suas oficinas privativas.

Espectáculos de amanhã

SÁ DA BANDEIRA — A's 21 e 45 — A revista «O trunfo é espadas» (17 anos)
COLISEU — A's 21 e 30: «Quem te deu essa mulher?» (17 anos).
RIVOLI — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 «Amor é tudo na vida» (17 anos)
BATALHA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 «Bonecas de carne» (17 anos).
NUNO ALVARES — A's 21 e 30: «O Empregado» (17 anos).
ODEON-CINE — Ás 15 e ás 17 e 30: «As aventuras de Gallaghan» (17 anos).
JULIO DINIS — Ás 15 e 30 e ás 21 «Começou em Nápoles» (17 anos)
SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Crime» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «El Cid» (12 anos).
OLIMPIA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 «Selvagem como as montanhas» (17 anos).
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «Os sete magníficos» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Ás 15 e 15 e ás 21 e 15: «Um espada para Hollywood» e «Uma certa mulher» (17 anos).
VALE FORMOSO — A's 21 e 30: «A Família Robinson» (12 anos).

Postos de vacinação antivariólica *criados em Lisboa*

Com o objectivo de facilitar a vacinação antivariólica e evitar grandes deslocações a quem deseje ser imunizado, a Delegação de Saude de Lisboa promoveu a abertura e funcionamento dos postos seguintes:

A partir de segunda-feira — Delegação de Saude de Lisboa, na Rua das Francesinhas, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas. Junqueira, na Rua Pinto Ferreira, 7, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas. Beato, na Rua do Grilo, 145, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas.

A partir de quarta-feira — Junta de Freguesia de Santa Engrácia, das 14 ás 17 horas. Junta de Freguesia de Campolide, das 15 ás 17 horas. Junta de Freguesia de Benfica, das 15 ás 17 e 30. Junta de Freguesia da Sé, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 e 30.

Estes postos funcionam todos os dias uteis, excepto aos sábados.

As obras de Santa Engrácia

(Continuação da pagina central)

mesmas serem pretendidas pelo desembargador pencudo cultor das musas e dos sorrisos do claustro. O despeito e o ciume ditara a sentença de morte, com o fel da vingança...

As obras do templo, com projecto mais grandioso e de notável bom gosto, equilíbrio e magnificência, prosseguiram; mas ao assentar-se a cúpula esta veio a terra, ficando um montão de caliça, caibros e pedra. Tomou então conta da obra o arquitecto de D. Pedro II, João Antunes. Estava-se já a meio século do sacrilégio. Novo projecto, o actual, e nova fábrica.

A praga, porém, pesava como chumbo e parecia manietar os braços e pernas dos operários e aperrear o cordame que erguia os blocos. Lentamente subiram as paredes belas e frias até á cúpula. Hesitações do arquitecto e de seus sucessores, até que nos fins do século XIX lhe foi posta uma cobertura simples e aproveitado o monumento para depósito de material de guerra. E as obras de Santa Engrácia encheram-se do pó do esquecimento, não se falando delas senão para as dar por exemplo do que não acaba. A maldição do inocente era como verdadeiro polvo invisível que tudo paralisava.

As obras prosseguem no Panteão Nacional

Nos ultimos meses as obras de Santa Engrácia retomaram andamento, trezentos e trinta anos depois da praga. Será desta feita?

Um decreto do Governo da Republica de 29 de Abril de 1916 destinava o edifício inacabado a Panteão Nacional. Dependia do Ministério da Guerra desde 1835, passando por várias utilizações: fundição de canhões, fábrica de calçado e depósito de material de guerra, como já dissemos.

A meia encosta, o grande edifício visto do rio, tem uma nobreza grande e não se amesquinha com a vizinhança de S. Vicente. O plano é simples: corpo central e quatro corpos, um a cada canto, com os respectivos torreões; ao centro a cúpula. Mesmo abandonado, sujo, rodeado de ervas e tornado abrigo de bicharia e aves nocturnas, o templo não perde grandeza nem formosura.

Tem solenidade e sobriedade para Panteão Nacional. Mas o decreto ficou letra morta e os grandes nomes da vida portuguesa iam sendo conservados nos Jerónimos. Os grandes e alguns pequenos.

Mas agora as obras recomeçaram e os trabalhadores andam na cimalha para a qual o Fundo do Desemprego concedeu há dias centena e meia de contos. As pedras vêm de Pero Pinheiro, escolhidas segundo as características da linda cantaria, quase mármore, em que é construído todo o conjunto. Mas as obras são demoradas e hão-de custar muito dinheiro; é que só a cimalha vai a mais de 300 contos...

Por dentro o templo está vazio. E' um ovo sem clara e sem gema. As pias de água benta, altares, todas as saliências, foram arrasadas para comodidade dos depósitos militares. Aliás, a ornamentação de todo o monumento é sóbria, tirando ele a beleza do conjunto e sacrificando o pormenor.

Depois da cimalha terminada, lançaremos ombros á cúpula? E porque não? Lisboa ficaria com mais um monumento grandioso e a Pátria teria um lugar digno para enterrar os seus filhos mais ilustres.

Será desta vez que, embora em ritmo lento, se apaga para sempre a maldição do inocente Simão Pires de Solis?

O SECRETÁRIO DA AGRICULTURA visitou a Covilhã

COVILHÃ, 20. — (Pelo telefone). — Visitou, esta manhã, oficialmente, a cidade da Covilhã, o sr. dr. João Mota Pereira de Campos, secretário de Estado da Agricultura, que era aguardado, á entrada dos Paços do Concelho, pelo presidente do Município, sr. dr. José Ramito Baltasar, vereadores, chefe da secretaria, presidente do Grémio da Lavoura, comandante da P. S. P. e outras entidades oficiais.

Após breve troca de cumprimentos, e acompanhado de todos os que o aguardavam visitou todas as dependências da Camara Municipal. Depois seguiu em visita ás quintas da Várzea e da França, propriedades, respectivamente, dos srs. José Nunes Tavares de Carvalho e Aníbal de Morais, presidente do Município.

Terminadas estas visitas, foi o secretário da Agricultura homenageado com um almoço na Estalagem do Fundão, de onde seguiu, após a refeição, para Belmonte. Ao abandonar a Covilhã, declarou que levava da cidade serrana a melhor impressão pelo acolhimento que tivera.

Carlos Manuel das Neves Barateiro
FALECEU

Laura Albuquerque e Castro Barateiro, Gabriela Albuquerque e Castro Barateiro Sobral, seu marido e filha e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu extremoso marido, pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da Rua Palmira, n. 56-3.º, para o cemitério do Alto de S. João.

Ag. Funerária Amaral
Trav. da Bica, aos Anjos, 5
Telef. 45810

Estefânia de Bolhões Maldonado Mau Tempo
Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja
FALECEU

António Bolhões Maldonado Pires Domingues, sua esposa, Eduarda Maldonado Domingues e mais família participam o falecimento de sua saudosa avó e parente e que o funeral se realiza AMANHÃ, pelas 10 horas, da Igreja S. João de Deus, para o cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA SALGADO
Rua da Beneficência

Estefânia de Bolhões Maldonado Mau Tempo
FALECEU

LASTINA, LDA. participa aos seus fornecedores, clientes e amigos, o falecimento da avó dos seus sócios e que o funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja S. João de Deus para o cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA SALGADO

Estefânia de Bolhões Maldonado Mau Tempo
FALECEU

O PESSOAL DA FIRMA LASTINA, LDA. DE LISBOA, PORTO E ÉVORA, participa o falecimento da avó dos seus patrões, e que o funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja S. João de Deus para o cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA SALGADO

Festas associativas

Abrilhantadas por orquestras e dedicadas aos seus associados e respectivas famílias, realizam-se festas dançantes, esta noite, na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, Casa da Comarca de Arganil e Clube Desportivo de Arroios; amanhã, de tarde, na Casa da Comarca de Arganil, Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, Ateneu Ferroviário, Casa das Beiras, Casa do Alentejo, Centro Espanhol, Casa dos Tabuenses e Clube Estefania, e á noite, na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos e Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo.

Na Póvoa de Santa Iria o «Diario de Lisboa» encontra-se á venda ao Quiosque Rivoli.

Boletim do dia

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Janeiro de 1932 publicava, sob o título «Camelo Lamprein fala-nos da colónia portuguesa do Brasil».

— Sabe alguma coisa sobre uma possível suspensão das carreiras de navegação para o Brasil?

Dissemos que, realmente, algumas informações nos chegaram que nos permitem pensar que tal pode ocontecer. E o antigo encarregado de negócios, disse-nos alarmado:

— Pede-me que lhe fale da nossa colónia do Brasil e das suas aspirações. Pois, neste momento, nada mais oportuno nem mais grave do que esse problema. O maior desgosto que poderiam ter os portugueses residentes no Brasil seria a suspensão das carreiras de navegação portuguesa, sonho cuja realização tantos esforços e tão grandes e prolongados sacrifícios custou.

RÁDIO

EMISSORA — *Programa «A»* — 451 m. — 655 kc./s. — A's 18: Noticiário; 18 e 10: Rádio Rural; 18 e 30: As nossas canções; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Canconetas portuguesas; 19 e 15: Espectáculo, «magazine» de teatro e cinema; 19 e 45: A pianista Beatriz de Sousa Santos; 20: Jornal sonoro; 20 e 20: Orquestras ligeiras; 20 e 30: Fala Portugal; 20 e 45: Musica popular portuguesa; 21: Comentário — Crónica de Angola; 21 e 40: O guitarrista espanhol Mário Escudero; 21 e 50: Carta de Madrid; 22: 1.ª parte de um serão para trabalhadores, transmitido do ginásio do Liceu Camões; 22 e 45: Jornal sonoro (2.ª emissão); 23: «A Voz do Ocidente Fala-vos de Lisboa»; 1: Encerramento.

Programa «B» — 397 m. — 755 kc./s. — A's 19: Ciclo do Barroco Italiano: «Concerto n.º 11, em ré maior», de Vivaldi; 19 e 20: Temas Ultramarinos: panorama de São Tomé e Príncipe, «A Terra que Produz o Cacau», por Luís Cajão; 19 e 35: Árias, pelo soprano Lois Marshal; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Musica portuguesa: «Gaiteiros», quadro sinfónico, de Alberto Fernandes — Imagens da minha terra; 21: Noticiário; 21 e 15: Recital, pela pianista Maria Manuela Vargas: «Suite para piano», de Francisco Fernandes; 21 e 35: «Sarabanda e Tempo Di Bourrée», da partita n.º 1, em si menor, de J. S. Bach; 21 e 45: Os Grandes Momentos da História do Mundo; 22 e 15: «Setembro Musical de Montreux, de 1961»; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: 1.ª parte de um serão para trabalhadores; 23 e 45: Noticiário, 23 e 58: Conjuntos instrumentais; 0 e 8: Musica de filmes; 0 e 38: Fados e guitarradas; 1: Encerramento.

RÁDIO CLUBE — A's 18 e 15: Brasil; 19 e 15: Conjuntos; 19 e 45: Noticiário; 20 e 20: Motivos portugueses; 21 e 1: Imagens por musica; 21 e 15: Artista; 21 e 30: Coral dos C. T. T.; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22 e 1: Canconetas; 22 e 30: Mensagem do soldado; 22 e 45: Revista da actualidade peninsular; 23: Asi es España; 23 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17: Musica pelo caminho; 17 e 45: Noticiário; 19: Motivos portugueses; 19 e 35: Um artista do teclado; 20: Noticiário; 20 e 10: Mensagem do soldado; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 20 e 40: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Opereta; 22 e 15: Artistas portugueses; 23: Baile dos sábados; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Palestra do Oitavário da União das Igrejas; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: O meu programa; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Cultura brasileira; 21 e 40: Rádio Rural; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 1 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS—Das 17 ás 19 e 30: Voz de Lisboa; 19 e 30 ás 22: Rádio Peninsular; 22 á 1: Voz de Lisboa; 1 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal (edição da tarde); 19 e 45: Programa juvenil — Episódio da série «Jim das selvas» e «Juventude no Mundo»; 20 e 30: Teledesporto; 21: «Safari»; 21 e 30: Telejornal (edição da noite); 22 e 05: «Dois casos clínicos», original de João da Rua. Intérpretes: Joaquim Rosa, Manuel Lereno, Beatriz de Almeida e Rui Luís; 22 e 35: «Aguarela espanhola», com «ballet» Juanjo Liñares e José Luís Navetra (transmissão dos estudios do Porto); 23: «Topper»; 23 e 35: «Lux in Tenebris»; 23 e 35: Telejornal (ultimas notícias).

MARÉS

PREIA-MAR

Dia 20 — 3 e 08 (3.99 m.); 15 e 31 (3.80 m.).
Dia 21 — 3 e 40 (4.02 m.); 16 e 06 (3.79 m.).
Dia 22 — 4 e 11 (4.03 m.); 16 e 50 (3,75 m.).

BAIXA-MAR

Dia 20 — 8 e 51 (1 m.); 21 e 05 (1.05 m.).
Dia 21 — 9 e 24 (0.97 m.); 21 e 31 (1.02 m.).
Dia 22 — 10 e 07 (0.97 m.); 22 e 10 (1,03 m.).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 6 anos)

CINEMAS

AVIS — «Chegou um anjo».

(Para maiores de 12 anos)

CIRCO

COLISEU — Ás 21.30 — Companhia de circo.

TEATROS

NACIONAL — Ás 21.45 — «As árvores morrem de pé».
TRINDADE — Ás 21.15 — «O Príncipe de Homburgo».
AVENIDA — Ás 21.30 — «Badarós-cope».
ABC — Ás 20.45 e 22.15 — «Olá Amigos!».

CINEMAS

POLITEAMA — «Pepe».
SÃO JORGE — «De vento em popa».
EDEN — «El Cid».
SÃO LUIZ — «Um general e meio».
ALVALADE — «Um general e meio».
[illegible] — «Habanera».
ROYAL — «Para além da cortina».
ARCO-ÍRIS — «A flecha de sangue».
CINE MOSCAVIDE — «Os 3 fora da lei».
SALÃO LISBOA — «Os comandos atacam».
JARDIM CINEMA — «A volta ao Mundo em 80 dias».
IDEAL — «Jerry, o primeiro turista do espaço».
CAMPOLIDE — «Tarzan, o magnífico».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

MONUMENTAL — Ás 21.45 — «Criada para todo serviço».
MARIA VITÓRIA — Ás 20.45 e 23 — «Bate o pé!».

CINEMAS

MONUMENTAL — «As duas faces do amor».
TIVOLI — «Os inocentes».
IMPÉRIO — «O milagre de Malaquias».
LYS — «A fonte da virgem»
CONDES — «A rapariga da mala».
ROMA — «A rapariga da mala».
OLIMPIA — «O vampiro».
CHIADO TERRASSE — «O sabor do medo».
CAPITOL — «Os raptantes».
PROMOTORA — «Raça».
RESTELO — «A morte de Belle».

FARMÁCIAS

TURNO G

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Caramão da Ajuda, Est. da Cruz, 20-C-D (633248) * **Moura,** Tr. da Memória, 55 (630944) * **Biotifar,** R. D João de Castro, 27-B (638824).
ALCANTARA — Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453).
ALVALADE — Zil, Av da Igreja, 9-D (711780) * **Roma,** Av. de Roma, 85-B (772466) * **Celta,** R. Moura Girão, 3-B (710621).
AMOREIRAS — Britanica, Tr. da Légua da Póvoa, 5-B (689250).
AREEIRO — Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (727300) * **Imperial,** Av Guerra Junqueiro, 30-B (726860).
AVENIDAS NOVAS — Alcantara, Av. da Republica, 74-A (771379) * **Vale,** Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) * **Dalva,** Av. Duque de Avila, 125 (45225) * **S. Sebastião,** Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (48642).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).
BAIXA — Fernandes, R. de S. José, 187 (26476) * **Azevedo, Filho,** Pr de D. Pedro IV, 31 (27478).
BENFICA — União, Est. de Benfica 592-594 (700092) * **Alegria,** Est de Benfica, 180-A-B (780511).
CAMÕES — Moz Teixeira, R. Poço dos Negros, 115 (663961).
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R. de Infantaria 16, a 98-B (688807) * **União,** R. Saraiva de Carvalho, 119 (663643).
CAMPOLIDE — Salutar, R. B., n.º 75-A-B, Bairro da Liberdade (683894).
CHARNECA — Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.
CONDE REDONDO — Sousa Martins, R. Sousa Martins, 25 (53468).
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av Infante Santo, lote 4, loja B (666971).
ESTEFANIA — Pancada, Ld. Suc., R. Rebelo da Silva, 9 (43340).
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480) * **Douro,** Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (791131).
GRAÇA — Ziler, R. de S. Tomé 54-56 (862835).
MADRAGOA — Eduardo A. Cesar, R das Trinas, 102 (662631).
MOURARIA — J. Ribeiro, Ld.ª, Largo das Olarias, 33 (864643).
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia 19 (389237).
PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras 202-B (780841).
PENHA DE FRANÇA — Central da Penha, R Penha de França 58-60 (849245) * **Vitalis,** R. Morais Soares 66-A (848011).
PICHELEIRA — Luzmar, R. 2, 16 (Bairro St.ª Engrácia) (728395 - 720703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da Escola Politécnica, 59 (26750).
REGO — Baptista, R Francisco Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST.º AMARO — Correia de Azevedo, R Luís de Camões 48-50 (638625).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, R Zófimo Pedroso 11-13 (381136) * **Banha,** Est. de Chelas 173-175 (382241) * **Frazão,** R da Cruz de St.ª Apolónia, 90-92 (847019).

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO — Encontram-se a pagamento as unicas ou primeiras prestações das seguintes contribuições e impostos: *Contribuição industrial — Grupos A, B, C; Imposto profissional — Profissões liberais, Empregados* e *Assalariados* que não tenham descontado em folhas de férias; *Contribuição predial e Imposto de capitais — Secção A.*

LICENÇAS — Pagam-se no corrente mês: *Acendedores e Isqueiros; Tabacos; Imposto de transito* de animais de carga ou sela, de veículos não automóveis, de bicicletas sem motor e triciclos; *Uso e porte de arma; Contrastaria;* no Governo Civil: *Porta aberta, Jogos lícitos, Toques de musica e Aguas gerais.*

IMPOSTO DE COMPENSAÇÃO — Paga-se a primeira prestação deste imposto lançado aos veículos automóveis que utilizam combustível de procedência estrangeira diferente da gasolina.

ESTRANGEIROS — *Visto anual* — Os maiores de catorze anos residentes em Portugal devem apresentar os seus documentos de residência ao visto. *Empregados* — Todas as empresas devem enviar á P. I D E. uma relação nominal, em duplicado, dos estrangeiros ao seu serviço.

IMPOSTO PROFISSIONAL — *Gratificações* — Deve ser pago durante o corrente mês o imposto respeitante ás gratificações pagas aos empregados e assalariados no mês de Dezembro findo.

MATRIZES PREDIAIS — Estão patentes ao exame dos contribuintes durante o mês corrente.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL — Está patente ao publico interessado o lançamento desta contribuição para efeitos de conferência ou de reclamação contra os elementos respectivos, se for caso disso.

RECLAMAÇÕES — *Prédios devolutos* — Pode apresentar-se a reclamação para a anulação dos correspondentes duodécimos da colecta respeitantes a prédios ou andares devolutos durante o ano de 1961: *Conhecimentos* — Pode reclamar se o seu desdobramento por se acha rem indevidamente agrupados por dois ou mais contribuintes: *Lançamento* — Pode reclamar-se contra o da Contribuição predial, desde que se verifique estar errado. *Contribuição industrial e Imposto profissional.* — Deve reclamar-se sobre as anulações de colectas respeitantes a anos posteriores áquele em que se tiver verificado a cessação dos factos tributários.

IMPOSTO PROFISSIONAL — *Assalariados* — Deve ser pago de 15 a 31 de Janeiro corrente a imposto liquidado em face das relações que foram apresentadas até ao dia 15, pelas entidades patronais. Este imposto vencerá juros de mora de 1 a 15 de Fevereiro, posto o que relaxará, sendo, então, pago com custas e selos do processo.

Festa dos finalistas

do Instituto Superior de Ciências Económicas

No próximo dia 23, pelas 21 e 30, no cinema Capitólio, Lisboa terá mais uma das tradicionais festas de estudantes finalistas, a primeira deste ano lectivo. Promovem-na os alunos do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, com a costumada alegria e dinamismo.

Não há, com efeito, reuniões estudantis com cunho tão especial como estas em que a fantasia, a irreverência e a graça da juventude são postas á prova

A par dos tradicionais «scketchs» e rábulas, os rapazes e raparigas finalistas de Ciências Económicas, apresentarão alguns bailados de Charles e Ramouskine. O espectáculo intitula-se «Rai's Os Partacus», tem direcção artística de Rosa Mateus e direcção musical do maestro Queimado

Data de alegre confraternização e camaradagem vai ser, pois, o dia 23, para os alunos de Ciências Económicas.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Na primeira reunião conjunta de corpos gerentes da Sociedade de Instrução de Campo de Ourique, foi resolvido dirigir ao «Diário de Lisboa» saudações e agradecimentos pela colaboração que o nosso jornal lhe tem prestado.

TENENTE - CORONEL

Jaime Filipe da Fonseca

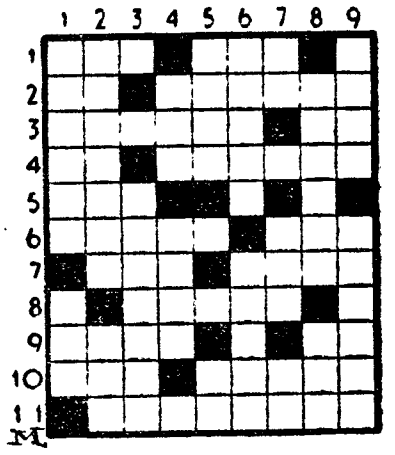
AGRADECIMENTO

O ministro do Exército, na impossibilidade de agradecer pessoal ou directamente aos milhares de pessoas, entidades, corporações e organismos que, por motivo da morte do malogrado subsecretário de Estado do Exército tenente-coronel JAIME FILIPE DA FONSECA, lhe apresentaram condolências, se incorporaram no préstito fúnebre e se dignaram assistir ás solenes exéquias celebradas no Mosteiro dos Jerónimos, vem por esta forma patentear publicamente o seu mais profundo reconhecimento e manifestar o seu sincero e sentido agradecimento.

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 2557



HORIZONTAIS: 1 — Ânsia. Botequim. 2 — Mulo. Beiços. 3 — Demora. Preposição. 4 — Senhor (abrev.). Conjunto de fios de seda retorcidos. 5 — Textualmente. 6 — Socorre. Doçura. 7 — Lavra. Em uma. 8 — Seduz. 9 — Antiga moeda portuguesa, de ouro, do valor de 8$000 réis. Nota de musica. 10 — Amarra. Exalar mau cheiro. 11 — Tortulho.

VERTICAIS: 1 — Amolga. Corcova. 2 — Natural de Coimbra, não estudante (termo académico). E o resto 3 — Cor. 4 — Casa. Grande porção. 5 — Fundamento. Interjeição de nojo. 6 — Desconto. Flutuem. 7 — Graccia. Muito. Ofereça. 8 — Cheirem. Bilis. 9 — Empregues. Coelho pequeno.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inserito

Solução do problema n.º 2556

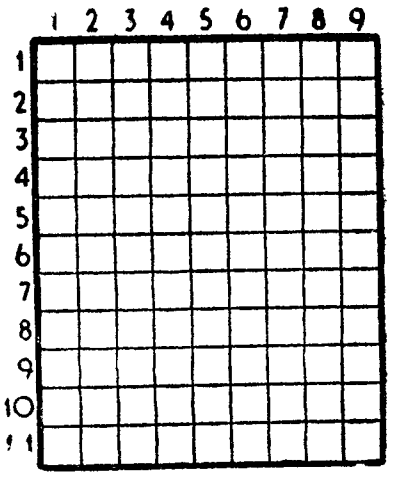
HORIZONTAIS: 1 — Após. Azul. 2 — Repor. Me. 3 — Jalapa. O. 4 — Cá. Irisa. 5 — Ar. Azeda. 6 — MAIS. Gare. 7 — Mina. An. 8 — Olá. Ata. 9 — Pato. Avon. 10 — Eta. AMIGO. 11 — Es. Casa.

VERTICAIS: 1 — Ar. Cambapé. 2 — Pejada. Até. 3 — Opa. Imotas. 4 — Sol. Asilo. 5 — Raiz. Ná. AC. 6 — A. PREGA. Ama. 7 — Aída. Aris. 8 — Um. Saratoga. 9 — Leoa. Enano.

Provérbio: O MAIS AMIGO A PREGA.

NOVA MODALIDADE.

Problema n.º 4602



HORIZONTAIS: 1 — Perfume. Vestimenta que usavam os cavaleiros antigos sobre a armadura. 2 — Nota musical. Pronome pessoal. Interjeição de dor. 3 — Eventualidade. 4 — Cordilheira entre o Mar Negro e o Cáspio. 5 — Isolado. Cincho. Símbolo químico do escandio. 6 — Falda. Apelido. 7 — Nome de mulher. Lago salgado do Turquestão. 8 — Nota musical. Grande quantidade. Troça. 9 — Poema. 10 — Grande cidade da América. 11 — Balelas. Ruins.

VERTICAIS: 1 — Olé. Viera para fora. 2 — Oferece. Tapa. Símbolo químico do cobalto. 3 — Em partes iguais. Nesse lugar. Planta. 4 — Manada de porcos. Estimais. 5 — Designação de várias plantas do Brasil. Heroína que foi queimada viva. 6 — Alfaiataria do regimento Equipam. 7 — Artigo definido. Símbolo químico do érbio. Freguesia do concelho de Condeixa-a-Nova. 8 — Pronome pessoal. Nome de homem. Alternativa 9 — Escudeiro Cálice.

Solução do problema n.º 4601

HORIZONTAIS: 1 — Açor. Cara. 2 — Co Eva. Ur. 3 — Eram. Vaia. 4 — Coral. 5 — Covilhã. 6 — Falo. Aoto. 7 — Ova. Sal. 8 — Rã Pia. Ri. 9 — Marca. 10 — Imã. Vai 11 — Sela. Zero.

VERTICAIS: 1 — Acém. Forais. 2 — Cor Cava Me. 3 — Acolá. Mal. 4 — Removo. Pá 5 — Ri. Lira. 6 — Cavala AC. 7 — Alhos Ave. 8 — Rui. Atar. Ar. 9 — Aras. Olivio.

Tornar-se-á possível em 1970
utilizar um asteróide como bomba precipitando-o sobre o nosso planeta

WASHINGTON, 20. — O cientista espacial Dandridge M. Cole, membro da secção de mísseis e veículos espaciais de uma importante empresa norte-americana, admite que a Russia disponha, até 1970, de mísseis suficientemente potentes para aniquilar a América do Norte com «uma bomba asteróide».

Cole descreveu a «bomba asteróide» aos cientistas reunidos na conferência anual da Sociedade Astronáutica norte-americana.

Seria possível — explicou — desviar um dos milhares de pequenos planetas, cujos diâmetros vão de 30 metros a 30 quilómetros ou mais, que giram á volta do Sol, seguindo órbitas situadas geralmente entre Marte e Júpiter, de forma que se precipitasse sobre a Terra com violência equivalente á de milhões de bombas de hidrogénio.

Uma tripulação espacial — prosseguiu — equipada com um foguetão do tipo «Nova», poderia arrancar um asteróide da sua órbita normal e obrigá-lo a atingir um alvo predeterminado em qualquer região da Terra. A energia libertada no choque «equivaleria á de oito biliões de toneladas de T. N. T.». Se o asteróide fosse apontado para o Atlantico, as vagas por ele provocadas talvez «não só destruissem o litoral atlantico dos Estados Unidos como também uma grande parte da Europa Ocidental». — (A. N. I.).

Vão ser julgados
o ex-presidente Balaguer da República Dominicana e o general Echavarria

S. DOMINGOS (Republica Dominicana), 20 — O novo presidente da Republica Dominicana, Rafael Bonnelly, declarou a noite passada, a uma delegação de estudantes, que o ex-presidente Joaquin Balaguer e o general Pedro Rodriguez Echavarria, ex-ministro das Forças Armadas e ultimo «homem forte» do país, seriam levados a julgamento.

Mas Bonnely, que tomou o Poder após o golpe de Estado de surpresa de anteontem, que restaurou o Conselho de Estado de sete individualidades derrubado na terça-feira por uma junta civil-militar, não revelou quais as acusações formuladas contra os dois homens.

O Conselho de Estado revogou ontem o estado de emergência, o recolher obrigatório e a censura á Imprensa, decretados pela junta civil-militar durante a sua breve permanência no Poder, que terminou na noite de sexta-feira quando oficiais da Força Aérea prenderam o general Echavarria.

CONSTA QUE BALAGUER ESTA ESCONDIDO NA RESIDÊNCIA DO NÚNCIO APOSTÓLICO

Segundo fontes geralmente dignas de crédito, o ex-presidente Balaguer está escondido na residência do nuncio apostólico, na capital dominicana, e o general Echavarria encontra-se detido no palácio presidencial.

Contudo, o posto de rádio dominicano «Rádio Caribe» anunciou, a noite passada, que o ex-presidente e o antigo ministro das Forças Armadas tinham fugido do país.

A TRANQUILIDADE REGRESSA A' REPÚBLICA DOMINICANA

Entretanto, o Conselho de Estado nomeou o coronel da Aviação Victor Elby Vinas Roman sucessor do general Echavarria no cargo de ministro das Forças Armadas.

Por outro lado, a tranquilidade regressa ao país e as actividades normalizam-se, se bem que os estabelecimentos comerciais mantivessem, ontem, as portas fechadas. Quase todos os militares que nos ultimos dias patrulhavam as ruas recolheram aos quartéis e os que ainda estão de serviço nas principais artérias de S. Domingos confraternizam com a multidão. Os membros do Conselho de Estado que iam ontem á noite para o palácio presidencial foram alvo de entusiásticas manifestação popular. — (F. P. e R.).

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● **E' preciso que a Holanda e a Indonésia discutam, na presença de um medianeiro, a entrega a Djakarta da administração da Nova Guiné Ocidental — declarou hoje J. Burger, chefe do grupo parlamentar socialista, na Camara dos Deputados holandesa. Bruger acrescentou que o seu partido preconiza na mais de doze anos, a transferência da soberania daquele território para a Indonésia.**

● A actriz cinematográfica Piper Laurie, de 29 anos, casa-se amanhã com o jornalista Joseph Morgenstern. E' o primeiro casamento para ambos.

● **Em Wasnington, não há elementos concretos que possam apoiar a informação publicada ontem, pelo jornal londrino «Times», segundo a qual Nikita Kruchtchev disse a Walter Ulbricht, presidente do Conselho da Alemanha de Leste, que a U. R. S. S. renuncia a assinar um tratado de paz separada com a Republica Democrática Alemã em 1962.**

● Reunidos em Genebra, os príncipes laocianos Boun Oum, Souvanna Phouma e Souphanovong chegaram a acordo sobre a formação de um Governo de coligação para o Laos.

● **Pela primeira vez, na história da União Sul Africana a sessão parlamentar que acaba de ser inaugurada na Cidade do Cabo desenrolar-se-á essencialmente sob o signo das preocupações de política estrangeira, isto em virtude dos ataques feitos nas Nações Unidas á política de «apartheid» seguida pela África do Sul.**

● Uma «conferência dos povos» dos países da América Latina, convocada pelo ex-presidente mexicano Lazaro Cardenas inaugura-se no dia 23, num dos teatros da capital Cubana

● **O Governo italiano conseguiu sobreviver hoje a um voto de confiança que se seguiu ao clamoroso debate desencadeado pelos comunistas na Camara dos Deputados acerca do chamado «escandalo do aeroporto do Fiumicino». A Camara rejeitou uma moção comunista censurando Fanfani e o seu Governo e pedindo a demissão do ministro italiano da Defesa, Giulio Andreotti, por 285 votos contra, 211 a favor e 21 abstenções.**

● O pai de Francis Gary Powers, o piloto norte-americano abatido sobre a Russia, revelou que o filho viu rejeitado o seu pedido de clemência e vai ter de ficar numa prisão soviética até 1 de Maio de 1963.

A SITUAÇÃO EM GOA

(Continuação da 1.ª página)

rio declara que foi restabelecido um cordão aduaneiro na fronteira do território goês com a União Indiana e admite que se mantenha até que sejam estendidos a Goa os regulamentos que regem o comércio externo indiano.

O principal porto do território, Mormugão, está de novo em plena actividade, tendo-se restaurado a sua comunicação ferroviária com a União, interrompida em 1954. Também se prevê, para breve, um serviço regular aéreo entre Bombaim e Goa, a estabelecer pelas linhas aéreas indianas.

As comunicações — acrescenta o relatório — estão agora a cargo do Ministério indiano das Comunicações. — (A. N I.).

O debate na O. N. U.

(Continuação da 1.ª página)

te de medidas severas, susceptíveis de forçar o Presidente do Conselho de Portugal, prof. Oliveira Salazar, a decidir-se pela retirada das Nações Unidas, conforme já deu a entender.

Nota-se, a propósito, que a delegação portuguesa abandonou a sala das sessões, depois de ter protestado contra o debate, classificando-o como uma ingerência inaceitável nos negócios internos de Portugal.

OS AFRO-ASIÁTICOS PONDERAM AS CRÍTICAS DE CÍRCULOS PARLAMENTARES BRITÂNICOS E NORTE-AMERICANOS

As delegações afro-asiáticas têm cuidado, também, em ponderar todas as críticas levantadas contra as Nações Unidas nos círculos parlamentares britanico e norte-americano e provocadas pela recusa do Conselho de Segurança em agir no caso da agressão indiana contra Goa.

Foram numerosos os deputados e senadores norte-americanos que se pronunciaram a favor do abandono das Nações Unidas, pelos Estados Unidos que, em contrapartida, firmariam alianças regionais. Todavia, o presidente Kennedy continua a considerar aquela organização a melhor esperança da paz.

Outra preocupação dos afro-asiáticos, cuja contribuição para as despesas obrigatórias da O. N. U. é de valor muito reduzido, muito embora dela esperem protecção e assistência técnica, é o próximo debate, no Congresso norte-americano, da emissão de 200 milhões de dólares de obrigações, com a qual as Nações Unidas esperam salvar-se da falência.

OS E. U. A. SUPORTAM 30 A 40 POR CENTO DAS DESPESAS DA O. N. U.

O Presidente Kennedy propõe-se conseguir a aprovação do Congresso para a subscrição de metade daqueles títulos, contando, antecipadamente, com o voto contrário dos sectores políticos que de forma alguma concordam com o sistema de votação duplice frequentemente utilizado pelo grupo afro-asiático.

Nesses círculos tem levantado certa celeuma o facto dos Estados Unidos continuarem a suportar 30 a 40 por cento das despesas totais da O. N. U., arvorando-se em principais financiadores de uma organização, cujas decisões frequentemente são contrárias aos interesses norte-americanos.

Segundo se afirma, a maioria dos países afro-asiáticos está convencida de que, se a Assembleia Geral tomar novas atitudes deprimentes para Portugal, ou se o forçar a abandonar a O. N. U., tornar-se-ão gradualmente mais fortes e mais amplas as críticas registadas naqueles sectores.

Consideram, além disso, que a forma mais aconselhável de se conseguir o restabelecimento da paz em Angola será a cooperação entre as Nações Unidas e o Governo de Lisboa. — (A. N. I.).

UM ENCONTRO
com os astronautas
Shepard e Grissom é desejado por Titov

RANGOON, 20 — O major Titov declarou que gostaria de visitar os Estados Unidos e encontrar-se com os astronautas americanos Shepard e Grissom.

Numa conferência de Imprensa realizada no fim da sua visita oficial de três dias á Birmania, Titov declarou que não podia dizer em que altura o homem alcançaria a Lua. Titov espera lá ir mais tarde ou mais cedo.

Interrogado sobre as relações entre a Ciência e o Partido Comunista na Russia, Titov disse que era impossível separá-los. — (R.).

Leopoldo de Almeida
sócio correspondente
da Academia de S. Fernando

MADRID, 20. — O escultor português Leopoldo de Almeida foi eleito, por unanimidade, académico correspondente da Real Academia de Belas-Artes de S. Fernando. — (France Presse).

ANTOINE GIZENGA
CHEGOU A LEOPOLDVILLE ONDE PODERÁ SER JULGADO

LEOPOLDVILLE, 20 — Antoine Gizenga chegou a esta cidade, num avião da O. N. U., vindo de Stanleyville, e aceitou ficar instalado no Quartel-General da O. N. U.

Demitido do cargo de vice-presidente do Conselho e mantido, até agora, sob detenção domiciliária, na cidade de Stanleyville, terá de responder pela morte de adversários políticos e por «actividades cessionistas».

AVIÕES A JACTO DA O. N. U. ALVEJADOS POR SOLDADOS CONGOLESES

Uma coluna de soldados congoleses abriu, hoje, fogo sobre aviões a jacto das Nações Unidas que voavam sobre cenas de recentes massacres de brancos na região de Kongolo, na Katanga.

Um porta-voz na O. N. U., Norman Ho, declarou, numa conferência de Imprensa, que os aviões, dois caças indianos «Canberra», tinham avistado anteriormente, em chamas, uma aldeia ao sul da missão de Sola, que se receia ter sido assaltada pela tropas congolesas. — (A. N. I. e R.).

YVES MONTAND
processado nos E. U. A.
em dois mil contos

LOS ANGELES, 20 — Foram processados em 67 mil dólares — o que corresponde a cerca de dois mil contos — o actor e cançonetista francês Yves Montand e o produtor teatral James Doolittle, por um teatro de Hollywood, que acusa Montand de não cumprimento ae contrato: o actor havia prometido oralmente realizar a sua «Noite com Yves Montand» nesse teatro de Hollywood mas, faltando ao compromisso, apresentou o espectáculo numa sala gerida por Doolittle. — (A. N. I.).

DESPOSOU uma plebeia
o rei exilado da Bulgária

LAUSANNE, 20 — O rei Simeão II da Bulgária desposou uma jovem espanhola, Margarita Gomez Acebo y Cejuela, num acto civil que se realizou hoje, na Camara de Lausanne. A cerimónia religiosa celebrar-se-á amanhã, em Vevey, a alguns quilómetros desta cidade.

Entre os duzentos convidados que assistiram ao registo civil, destacavam-se representantes da mais antiga nobreza. Simeão tem 24 anos e a noiva 26. — (A. N. I.).

A O. N. U. FOI «OBRIGADA» A ENCETAR OPERAÇÕES MILITARES

NOVA YORK, 20 — O antigo chefe das operações civis da O. N. U. em Elisabethville, George Ivan Smith, publicou, hoje, um relatório em que diz que o numero total de civis mortos e feridos durante os combates de Dezembro passado em Elisabethville não excederam 50 pessoas.

Todas as operações aéreas foram dirigidas contra objectivos militares, tendo sido apenas disparados 120 foguetões.

Ivan Smith reafirmou que a O. N. U. foi «obrigada» a encetar as operações militares «pelo rapto e assassínio de membros do seu pessoal e pelas tentativas ilegais de impedir a realização dos objectivos fixados pelas resoluções do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral». — (R.).

TSCHOMBÉ AFIRMA QUE A PAZ VOLTOU A ELISABETHVILLE

ELISABETHVILLE, 20 — O que desejo salientar, é o regresso á paz em Elisabethville — declarou, ontem, nomeadamente, o presidente Tschombe, na inauguração de um clube de Imprensa, a que assistiam jornalistas e diplomatas estrangeiros, entre os quais se destacavam funcionários das Nações Unidas. — (F. P.).

Vão trabalhar
apenas 25 horas por semana os electricistas de Nova York

NOVA YORK, 20 — Os electricistas de Nova York conseguiram a redução da semana de trabalho para 25 horas. O facto é interpretado nos círculos operários como um precedente de bom agouro para a redução do desemprego.

O sindicato dos electricistas de Nova York tem 9000 sócios. Apesar da oposição da Casa Branca á redução de horas de trabalho, o sindicato conseguiu obter a menor semana de trabalho jamais conseguida por um sindicato americano num contrato colectivo.

Por outro lado, os electricistas conseguem um aumento de salário-horário de 56 centavos (16 escudos) e assim passaram a receber semanalmente 161,20 dólares (cerca de 4500 escudos) ao passo que anteriormente ganhavam 165 dólares por 30 horas de trabalho. — (F. P.)

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo, o vento era fraco e havia nevoeiros nalgumas regiões por acção de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado sobre a Península Ibérica.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS: Porto, 5°; Evora, 5°; Portalegre, 7°; Coimbra, 4°; Lisboa, 7°; Sagres, 9°; Funchal, 14°.

TEMPERATURAS REGISTADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 11°; na água do mar, 13°

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 13°; minima, 7°,2. No mesmo dia do ano passado: máxima, 14°,4; mínima, 6°,1.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu pouco nublado; vento fraco; neblina e nevoeiros matinais no litoral Oeste, no norte do cabo Espichel e nos vales do interior. Acentuado arrefecimento nocturno.

BEBA ÁGUA
das Caldas de Monchique
De mesa e gaseificada

...ão morrerá de fome ...irá em seu auxílio

• A areia dará frutos

• Hortas em terraços

Em 1... punha a humanid... breaviso contra os perigos da fome: a população do globo aumentava em ritmo mais acelerado do que a produção dos recursos alimentares. Se, em certas regiões, há uma superabundancia de alimentos é preciso não esquecer que milhões de homens são subalimentados. E o problema, em plena era atómica e espacial, está ainda hoje longe de ser resolvido.

E' ainda desta ameaça que o método hidropónico tem toda a importancia.

Estará reservada a esta nova ciência o papel de salvar o homem da fome?

Culturas sem terra

Hidropónico é um termo sem qualquer sentido para a maior parte das pessoas. Para os sábios, é rico de esperanças futuras. Tirado do grego, significa «trabalho de água», opondo-se a geopónico, ou agricultura, trabalho da terra. É, pois, a arte de fazer crescer e frutificar plantas sem a ajuda da terra — uma realidade que, há cinquenta anos apenas, teria parecido tão quimérica como o projecto dos alquimistas de fazer ouro do ferro.

Não apenas a cultura sem terra deu já os seus resultados tangíveis, como funcionam também vastas instalações de exposição comercial, com enorme sucesso em muitos países e nas mais diversas condições climatéricas.

Conseguindo uma produção de artigos alimentares sem o auxílio da terra, esta ciência permitiu a países, cujo solo é pouco fértil, obterem tudo quanto precisam para alimentarem as suas populações.

Esta «nova agricultura» consiste em fazer crescer plantas em vasos alimentando-as unicamente por meio de soluções químicas, fornecendo-lhes artificialmente os elementos nutritivos que ordinàriamente tiram do solo, por meio das raízes.

Breve história da cultura artificial

Já no ano 300 Antes de Cristo, Teofraste tentou criar plantas ar...icialmente e, depois, o botanico ...oride, no primeiro século da ...a.

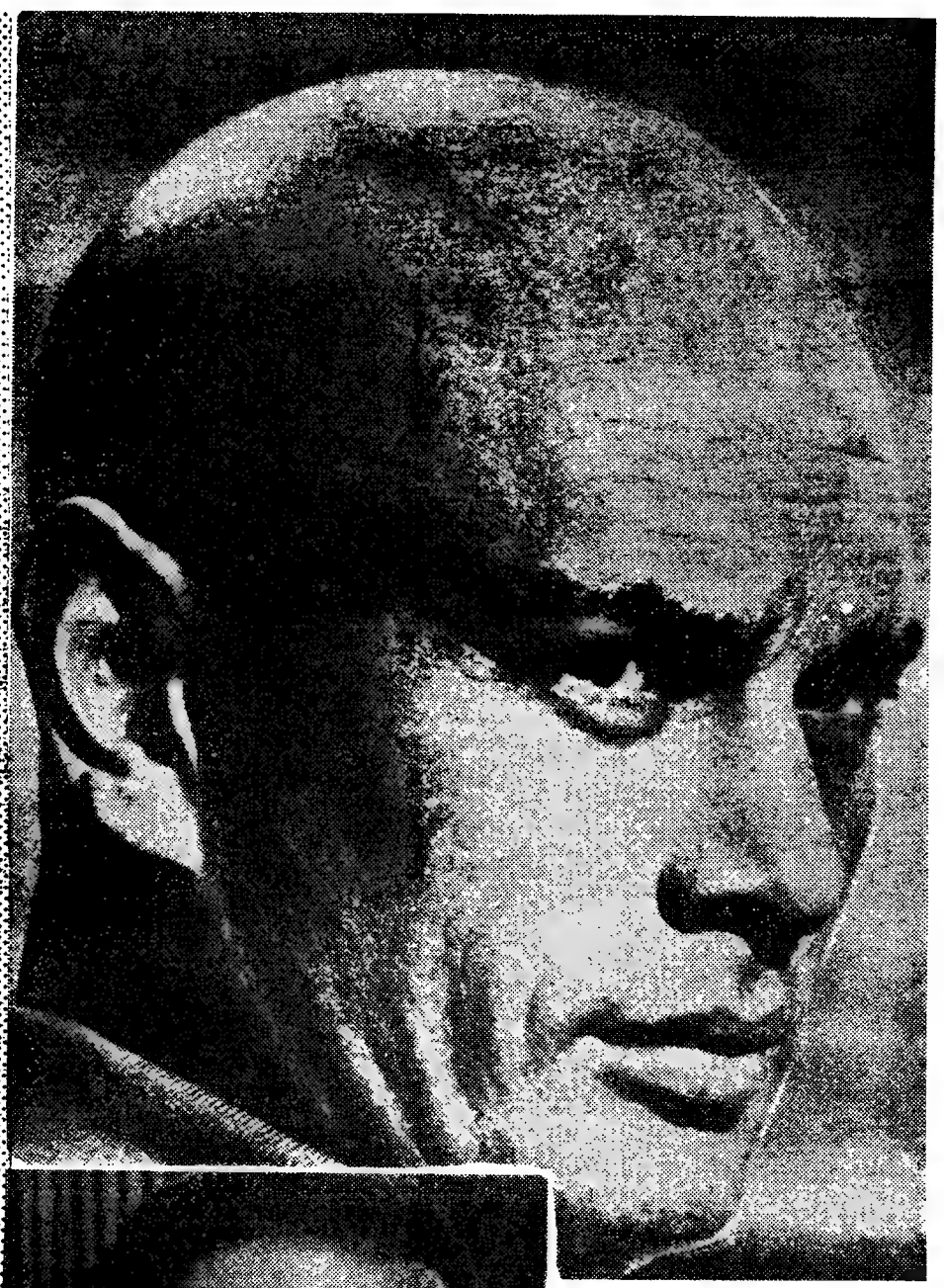
...o XVII, o inglês Wood... ...va plantas sobre ...eciso esperar pe... ...o da química ...eriências de ...ível fracionar ... ...o nos seus elementos cons...

Em 1842 conseguiu estabelecer-se a lista dos nove elementos essenciais ao crescimento vegetal e os alemães Sachs e Knop tornaram utilizável, em 1860, uma técnica de cultura sem terra, em laboratório.

Práticamente, só em 1920 é que este método se tornou perfeito. Dez anos mais tarde, o professor Gericke conseguiu desta maneira fazer crescer pés de tomateiro

(Continua na ultima página)

No Japão, a cultura sem terra está a ser praticada em grande escala e salvará da fome este país superpovoado



HÁ MEIO SÉCULO —O PRIMEIRO HOMEM NO PÓLO SUL

O cinquentenário duma proeza das mais notáveis que regista a história do Mundo passou quase despercebido do nosso publico, no mês passado. Trata-se da descoberta pelo homem do Pólo Sul.

Foi em 15 de Dezembro de 1911 que o extraordinário e corajoso explorador norueguês Roald Amundsen chegou ao extremo Sul da Terra — marcando assim a primeira presença humana naquelas inóspitas, inacessíveis, geladas e enigmáticas paragens.

O seu glorioso feito pode equiparar-se ao de «sir» Edmund Hilary e do «sherpa» Tensing, que conseguiram atingir o cume do Everest, a montanha mais alta do Globo. A tentativa foi iniciada com quatro homens e mais de uma centena de cães e concluída apenas com dois homens e onze animais...

Muito antes da descoberta de Amundsen numerosos homens sonharam em alcançar o Pólo Sul e depois bem poucos ali chegaram pelos seus recursos naturais. Foram bastantes os que perderam a vida, em circunstancias dramáticas, na tentativa de concretização dos seus arrojados planos, que levaram anos e anos de trabalho e estudos intensos. A história do caminho para o Pólo está repleta de drama e de tragédia.

A descoberta permitiu o conhecimento de um dos mais importantes pontos estratégicos e de um dos mais fascinantes lugares do Mundo, além de uma série ainda inesgotável de revelações científicas que muito têm contribuído para o progresso das condições de sobrevivência do homem em regiões e climas que se julgavam inabitáveis.

Inclusivamente, o Pólo Sul é considerado hoje uma zona capital em caso de guerra. Por isso, tropas norte-americanas, com os seus veículos e mantimentos, têm ali permanecido, não apenas em atitude de vigilancia, mas ainda em missão de pesquisa.

A incrível surpresa de Robert Scott...

O registo das tentativas de descoberta do Pólo Sul revela inume-

(Continua na 4.ª página)

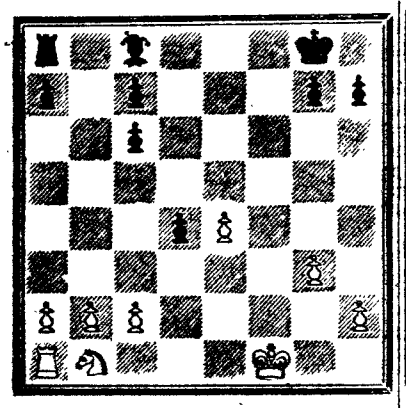
UM SIMPLES TRUQUE CELEBRIZOU YUL BRYNNER

Ler na página central

Diario de Lisboa
magazine
NÚMERO 184
20 DE JANEIRO DE 1962

FINAL DE PARTIDA PARA OS ESTUDIOSOS

Aos cursistas, designadamente, aos mais estudiosos, oferecemos hoje o interessante final da 1.ª partida jogada em 1907 para o Campeonato do Mundo entre Lasker e Marshall.



Na posição reproduzida no diagrama é ás negras que pertence jogar. A primeira impressão que se colhe desta posição leva-nos a concluir que o resultado será um empate. Um observador mais atento, porém, verificará que as negras têm mais possibilidades de vencer, do que as brancas. Primeiro, porque detêm a iniciativa; segundo, em consequência de possuirem um Bispo para oporem ao Cavalo do adversário; terceiro, porque as brancas têm a ala da Dama por desenvolver. As Brancas, é certo, têm um Peão passado (é4), mas não é menos verdade que se encontra isolado.

A continuação mais aconselhável para as negras parece ser avançar imediatamente o Peão ç6 para ç5 e ç4 e dar xeque de Bispo em a6, a fim de obrigar o Reis adversário a perder um tempo e, simultaneamente, deixar livre á Torre toda a oitava travessa. As negras, porém, adoptaram uma táctica mais subtil: utilizaram a sua Torre, obrigando as brancas a defender constantemente os pontos fracos e forçando-os a reduzir os movimentos de Cavalo e e da Torre.

A partida prosseguiu assim:

1. ..., T b8;

forçando a resposta b3 e reduzindo as casas para o Cavalo se movimentar

2. b3, T b5;

para levar a Torre a atacar a pionagem inimiga da ala de Rei

3. ç4, Th5;
4. Rg1, ç5;

o campo de acção do Rei branco é muito limitado, e o Cavalo, depois de C d2, vê os movimentos estorvados pelos seus próprios Peões

5. C d2, R f7;
6. T f1+,

esta jogada é má, pois não evita que o Rei negro alcance a casa que propunha ocupar

6. ..., R é7;
7. a3, T h6;

as negras estão prontas a atacar na ala da Dama

8. h4, T a6;
9. T a1, B g4;

tapando a saída ao Cavalo e paralisando a ala do Rei das brancas

10. R f2, R é6;

as brancas não podem jogar C f3, por causa de B×C, segundo de R é5, e captura de é4, depois de T f6+

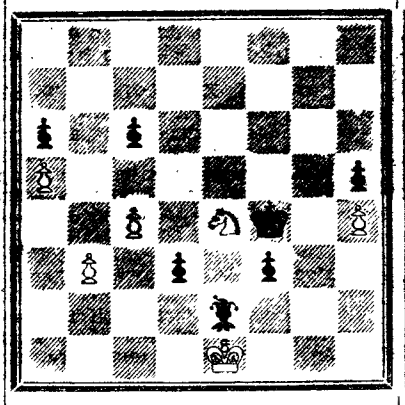
11. a4, R é5;
12. R g2, T f6;
13. T é1, d3;
14. T f1, R d4;

o Rei negro ataca os Peões inimigos e o triunfo está á vista

15. T×T, p×T;
16. R f2, ç6;

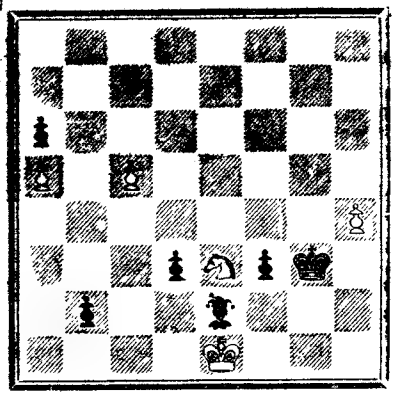
com o unico intuito de obrigar as negras a esgotar os movimentos e a jogar, finalmente, o Cavalo ou o Rei

17. a5, a6;
18. C f1, R×é;
19. R é1, B é2;
20. C d2+, R é3;
21. C b1, f 5;
22. C d2, h5;
23. C b1, R f3;
24. C ç3, R×p;
25. C a4, f4;
26. C×p, f3;
27. C é4+, R f4;



Nesta altura as brancas deveriam render-se. Mas a partida continuou:

28. C d6, ç5;
29. b4, p×p;
30. a5, b3;
31. C ç4, R g3;
32. C é3, b2



e as brancas, finalmente, abandonam.

O formigueiro humano

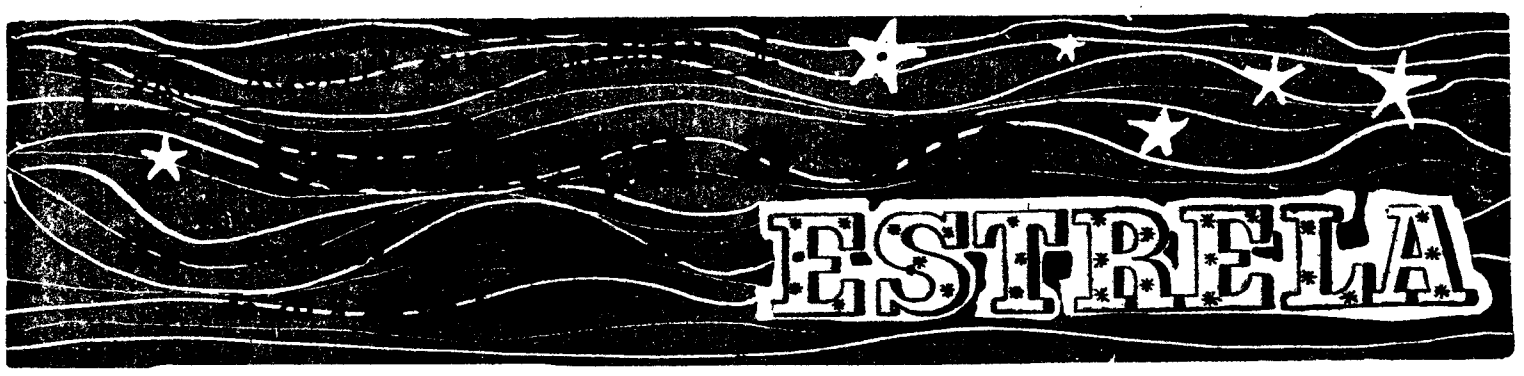
As estatísticas demográficas da O. N. U. assinalam que, no ano findo, a população mundial ascendia a 2 907 000 000 de pessoas, verificando-se, entre 1950 e 1959, um aumento de cinquenta milhões. Dividem-se os habitantes pelas várias zonas do Globo nas seguintes proporções: Asia, 1 612 317 000; Europa, 421 290 000; América do Norte, 259 673 000; Africa, 246 700 000; Russia, 219 500 000; América do Sul, 135 995 000; Oceania, 15 859 000.

Cerca de metade de toda a população do Mundo contém-se na China continental, na India, na Russia e nos Estados Unidos da América do Norte.

Inovações na Televisão

Estão a decorrer em Nova York experiências, cujos êxitos promissores deixam antever importantes inovações na televisão. Trata-se da aplicação de um novo sistema de TV, quase desconhecido e denominado UHF («Ultra High Frequency»). Sendo o padrão convencional do tipo VHF («Very High Frequency»), a UHF é, de certo modo, a frequência mudulada da TV, utilizando, como esta, uma onda transmissora curta de menor alcance. Contudo, o seu sinal parece ser superior ao da VHF e não sofre a influência prejudicial das interferências de aparelhagem eléctrica.

Durante o período experimental do novo sistema fazem-se inumeros e variados ensaios para avaliação do poder propagador, de estabilidade e nitidez das imagens transmitidas.



Carneiro *(De 21 de Março a 20 de Abril)*

Com a entrada do Sol na casa XI, deve valer-se de todas as amizades, que serão altamente vantajosas para todos os empreendimentos e iniciativas que tiver em vista. As ambições terão apoio moral e material. Vida sentimental: bom entendimento familiar. Melhoria de situação. Esperanças realizáveis. Êxito nos projectos de casamento. Evite as ligações ilegais. Saúde: risco de fracturas nas pernas; fraqueza da bexiga e do estômago. Dias desfavoráveis: 22 e 24.

Touro *(De 21 de Abril a 21 de Maio)*

Apesar do êxito ou mesmo da celebridade, da consideração de gente elevada, as honras são neste período sem proveito. Contudo, os aspectos favorecem a autoridade, o ascendente sobre os outros, sobretudo nas posições ou empregos publicos. Vida sentimental: intolerancia feminina; rompimento; estabilização difícil. Viagens importantes a fazer. Inconstancia; complicações de gravidez. Mudança de sentimentos. Saúde: riscos provenientes de temeridade na condução de meios de transporte. Prudência nas deslocações. Dias desfavoráveis: 23 e 24.

Gémeos *(De 22 de Maio a 21 de Junho)*

Grande actividade de imaginação. Novas relações, mas instáveis. Transacções complicadas neste período de insegurança. Numerosa correspondência, que deve ser secreta. Vida sentimental: relações amorosas romanescas. Imaginação fértil. Bruscas atitudes caprichosas. Desarmonia conjugal. Atracção demasiada pelo sexo oposto. Perversidade feminina, auto-ilusão. Saúde: tendência para a confusão; conflitos interiores que levam ao egoismo. Período favorável para viajar. Dias desfavoráveis: 22 e 24.

Caranguejo *(De 22 de Junho a 23 de Julho)*

As realizações neste período serão lentas e tardias, necessitam de combatividade, de impulsividade. Terá de sustentar lutas com rivais batalhadores; algumas querelas e rixas devidas á falta de compromissos cumpridos. Obstáculos. Vida sentimental: tendência para as uniões ilegais, amores secretos, mas passageiros; frivolidade feminina. Instabilidade. Morte provável de parentes. Saúde: perigo de desvitalização; desarranjos cardíacos; queimaduras. Sexualidade excessiva, dissoluta. Dias desfavoráveis: 22 e 24.

Leão *(De 24 de Julho a 23 de Agosto)*

Posição favorável do Sol, que governa este signo na casa VII, dar-lhe-á notoriedade, triunfo sobre os adversários, êxito nos processos e querelas. Apoio sobre os adversários, êxito nos processos e querelas. Apoio sobre associação financeira ou comercial. Boa arbitragem; popularidade. Contudo, deve prevenir-se contra alguns servidores rebeldes. Evite discussões com inferiores. Vida sentimental: acontecimentos imprevistos; reviravoltas; vida amorosa tempestuosa, intensa. Saúde: evite as operações cirurgicas neste período. Doenças dos rins. Dias desfavoráveis: 23 e 24.

Virgem *(De 24 de Agosto a 23 de Setembro)*

Período de decepções, até com os próprios subalternos, entre os quais há inimigos a vencer, mesmo com vizinhos e colaboradores. Os aspectos de Urano com Neptuno deixam muito a desejar. Deve contar com desilusões; reacção de inimigos declarados. Tendência para a revolta, para a oposição política e social. As concepções terão de ser de grande envergadura para criar de novo. Vida sentimental: violência, impulsividade sensual. Vida amorosa inquietante. Saúde: doenças dos órgãos femininos. Dias desfavoráveis: 22 e 24.

Balança *(De 24 de Setembro a 23 de Outubro)*

A passagem da Lua por este sector nos dias 26 e 27, em boa configuração com outros planetas, dar-lhe-á grande desenvolvimento intelectual; disposições artísticas, poder de realização renovador, grande capacidade de trabalho. Vida sentimental: instabilidade, algum desequilíbrio amoroso; atracção excessiva para os prazeres. Tendências gastadoras. Saúde óptima, se não houver lesões. Dias desfavoráveis: 22 e 24.

Escorpião *(De 24 de Outubro a 22 de Novembro)*

E' possível que se abram novos horizontes; as perspectivas são favoráveis ao êxito publico, á celebridade artística, ás ocupações literárias. Boas transacções comerciais de prédios. Vida sentimental: harmonia familiar, afeições e amizades proveitosas; ajudas de parentes. Risco de dilapidação de património feminino por excesso de luxo. Saúde: energia, boa recuperação; boa intenção e resistência intelectual. Dias desfavoráveis: 22 e 24.

Sagitário *(De 23 de Novembro a 21 de Dezembro)*

Êxito e consideração publica; relações elevadas, que podem satisfazer as aspirações dos nativos. Viagens importantes para associados ou colaboradores. Os aspectos aconselham, no entanto, prudência reflectida em transacções comerciais. Vida sentimental: amores requintados e artísticos; grandes amizades no meio em que vive. Saúde: deve salvaguardar a saúde dos excessos; perigo de esgotamento nervoso de vida agitada. Dia desfavorável: 22.

DUAS LETRAS, UM BRASÃO
AO SERVIÇO DA NAÇÃO

Capricórnio *(De 22 de Dez. a 20 de Janeiro)*

Feliz aspecto para a aplicação da energia, combatividade, precisão de análise e bom raciocínio. Excelentes faculdades mentais e de equilíbrio de apreciação. A sequências nas ideias e a lógica dar-lhe-ão grande expansão da personalidade pela vivacidade de argumentação em diplomacia política. Vida sentimental: sociabilidade; iniciativas auspiciosas para casamento; temperamento voluptuoso, forte atracção sexual. Saúde: precipitações perigosas, riscos de acidentes. Cuide do estômago. Dias desfavoráveis 21, 22 e 24.

Aquário *(De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)*

A passagem da Lua nos dias 21 e 22, em oposição a vários planetas importantes neste signo, dar-lhe-á grande inquietação indecisão. Imaginação desordenada; limitação de raciocínio contrária aos interesses pessoais. Vida sentimental: bruscas atitudes de instabilidade, concepções excêntricas, auto-ilusão. Reviravoltas familiares. Saúde: procure não ser obstinado nem caprichoso. Desarranjos nervosos a cuidar, além do fígado. Dias desfavoráveis: 20, 22 e 24.

Peixes *(De 20 de Fevereiro a 20 de Março)*

A grande aglomeração de planetas na casa XII (a das provações) dar-lhe-á influxos contraditórios. A disposição é para se isolar, para se eximir ás responsabilidades. O esplêndido isolamento não lhe resolverá os problemas. Precisa enfrentá-los com coragem e decisão. Não se preocupe com pormenores sem importancia. Vida sentimental restritiva, inimizades subalternas. Saúde: palpitações cardíacas, doenças crónicas. Dias desfavoráveis: 21, 22 e 24.

SIBYLLA

AMALFI — a primeira República do mar deu os elementos essenciais à civilização tirrena

Dois imponentes promontórios, Sorrento e Bains, fecham como braços o belo Golfo de Nápoles, dominado pelo Vesuvio, o vulcão honorário que as explorações turísticas celebrizaram em todo o Mundo. De dois dos seus braços destacam-se as ilhas da moda: Capri e Ischia.

Para o lado de Sorrento, montanhas abruptas escondem, na outra vertente, uma região singular, que teima em ficar fora do tempo e do mundo moderno. Um casario pitoresco agarra-se a rochedos inacessíveis; assinalando a «Amalfi Drive», como a ficaram conhecendo os soldados americanos do desembarque de 1943. Mas será preciso passar os bicos dessa montanha para descobrir uma das mais belas terras do Mediterraneo. Ao mesmo tempo, esta serrania separa dois mundos diferentes, dois países de gente que em nada se parece. É uma terra de tipos legendários, uma espécie de «curiosidades» de épocas remotas, tais como o seu grande heroi, Flavio Gioia, navegador de lenda que passa por ter sido o inventor da bussula. Pelo menos, foi ele quem a tornou praticável no Ocidente, levando-a nos seus barcos pelos portos da margem mediterranica.

Amalfi, tal como há centenas de anos, continua a ter apenas um caminho — o mar. Em todas as suas casas, nos seus habitantes, no seu modo de vida há traços vincados desse destino marítimo. O maior monumento da cidade é erguido em honra do seu grande navegante, Gioia. Representa um arco com quatro arcadas em forma de ancora e que é a verdadeira entrada do burgo. Segue-se-lhe a Rua Grande, que termina no segundo monumento da terra: uma igreja, meio bizantina, meio normanda, com uma enorme escadaria talhada na rocha viva. Aí se encontra um pequeno museu, onde podem ver-se as célebres «Tábuas de Amalfi», carta da primeira Republica Marítima, que data do ano mil antes de Cristo. Este código constitui o elemento essencial para a civilização tirrena e serviu de modelo ás outras Republicas do mar.

Quando, no século XIV, os conquistadores preparavam a tomada de Veneza e Génova, não conseguiram vencer os bravos homens de Amalfi. Aliás, também não o conseguiram os invasores árabes. Destes, há, no entanto,

(Continua na 10.ª página)

A FANTASIA INCOMPARÁVEL de Shirley MacLaine

A França tem a B. B. e Hollywood lança Shirley MacLaine, um contraveneno poderoso. Não é só jovem e gaiata, «sexy» e exótica. E', também, vivaz, fantasista, cómica e trágica. Não é só uma rapariga, é uma actriz, não é apenas um corpo, mas igualmente uma inteligência.

Casada com o produtor cinematográfico Steve Parker, a sua vida conjugal tem sido irrepreensível, apesar dos boatos e de, por força dos contratos, viverem separados durante grande parte do ano. Por exemplo, neste momento o marido está no Japão com a filha, Estefania, de 5 anos. Shirley está em Itália e tornou-se logo no fulcro de vivas discussões, por se ter prestado a posar como «pin-up» para um calendário «só para homens», do tipo do que deu celebridade a Marilyn Monroe.

Entretanto, a actriz não abandonou o seu sorriso e a sua fantasia e numa reunião de amigos e colegas interpretou um pequeno «show», servindo-se de inumeros tipos de chapéus para compor caricaturas flagrantes de tipos europeus: o janota do século passado, Chevalier, o pirata, o inglês da City.

Temperamento paradoxal, Shirley MacLaine está deliberadamente e sem pruridos a tentar conquistar o mundo. Os exemplos de B. B. ou da Marilyn devem tê-la convencido de que uma ponta de escandalo «ajuda muito», mesmo quando se tem algum talento.

E a verdade é que o talento nem sempre basta para atingir o êxito. Infelizmente, só para muito poucos bastará lembrar a interpretação de Shirley em «O Apartamento».

A maioria preferirá o tal calendário...

A VIDA DE CHARLOT

georges sadoul

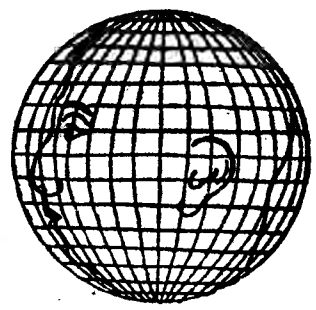
a história do maior génio do cinema contada pelo seu maior biógrafo

colecção O LIVRO DE BOLSO *volume duplo ilustrado*

CHARLO

PORTUGÁLIA

O que vai pelo Mundo



A primeira viagem

Após a morte de Gary Cooper, ocorrida o ano passado, a viuva e a filha do famoso actor têm vivido, recatadamente, na sua casa de Beverly Hills. Só há poucas semanas Verónica Balfe e sua filha Maria Cooper fizeram a sua primeira viagem a Nova York, por via aérea.

A filha de Gary Cooper, que conta actualmente 23 anos, frequentou um colégio católico, visto seu pai ter receio que fosse influenciada pelo ambiente de Hollywood. Mas Maria Cooper, dada a sua tendência para as actividades artísticas, obteve um diploma num instituto de Belas-Artes e trabalha, presentemente, como desenhadora e caricaturista para várias produtoras cinematográficas.

O retrato de Truman

O ex-presidente Harry Truman ficou vivamente contrariado quando visitou recentemente a Casa Branca e não encontrou o seu retrato no «salão azul», onde estão expostos os retratos dos antigos presidentes dos Estados Unidos.

A sua contrariedade aumentou quando soube que o retrato havia sido arrumado numa arrecadação. A dona da casa, Jacqueline Kennedy deu-lhe, porém, uma explicação muito diplomática:

— Sabe, o retrato é muito fraco e seria mais prejudicial do que util para o seu prestígio. Preferimos ter, entre nós, uma imagem ideal das suas qualidades de estadista...

A vista para o mar

Uma acção judicial paralisou, por completo, a construção e as iniciativas urbanísticas em Mónaco. O caso foi provocado pelo editor parisiense René Julliard, que comprara em Montecarlo, frente ao mar, um palácio destinado á sede da sua casa editora.

Pouco depois, uma empresa local pretendia construir um edifício defronte do palácio, tapando a vista para o mar. O editor recorreu para o tribunal apoiado numa velha lei do Principado de Mónaco e conseguiu embargar a obra. Em consequência disso, todos agora têm medo do construir seja o que for, com medo de incorrerem no crime de tirar a alguém a vista para o mar...

O campeão e os faisões

Duílio Loi, campeão mundial de boxe, é um apaixonado pela caça, que pratica também como exercício físico. Ultimamente, Duílio Loi, acompanhado pelo ciclista António Maspes, campeão do Mundo em pista, foi á caça dos faisões. Os dois desportistas conseguiram abater trinta dessas belas aves, na região de Mede Lomellinna (Pavia).

O pugilista italiano, como se vê na gravura, ficou quase tão contente com os faisões como com a vitória sobre o negro americano Eddie Perkins, que lhe garantiu a manutenção do título mundial.

GRAFOLOGIA

Voltamos a publicar análises grafológicas, de leitores que nos enviaram as suas letras. Todos os outros que desejam fazê-lo devem enviar-nos pelo menos, uma página, nunca menos, em papel sem linhas. O texto não interessa. Podem escrever o que quiserem, não esquecendo a assinatura que é de grande importancia, a idade e o pseudónimo, para as respostas, que serão dadas por intermédio do jornal.

As cartas devem ser dirigidas em nome da grafóloga que dirige a secção — madame Renier, redacção do «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 48, juntando a importancia de 15$00 em selos.

Para uma análise grafológica mais pormenorizada, o leitor deverá enviar a quantia de 40$00, recebendo então a resposta em carta dirigida para a morada que indica.

XUABO — A sua letra é curiosa, revelando mil coisas ao mesmo tempo. É muito comodista, apreciando o conforto e admirando tudo que é belo. Uma preguiça física e cerebral, todavia, prejudica-o muito; além disso não tem força no *querer* — deixa-se levar, não reage, receando o que lhe possa acontecer: reveses de fortuna, discórdias familiares e desgostos pessoais, etc. É imensamente reservado mas também por medo porque é de temperamento expansivo. É muito bom, dedicado e sincero. Tem muita imaginação e acontece muita vez sentir um desejo grande de afastar-se provisoriamente do mundo para um plano espiritual onde então pode dar largas ao seu pensamento e abrir o seu coração a si próprio.

É cheio de ternura, ternura essa que tem de ser retribuída.

O 7.º SANTO — A sua letra revela uma força de vontade tenaz. É capaz de tudo para chegar aos seus fins. Nunca receia perante o perigo. Infelizmente, por ora, está entregue aos prazeres do Mundo, o que é para lastimar, porque tem qualidades para triunfar se conseguir dedicar-se a qualquer coisa de proveitoso. É um impulsivo e emprega a violência frequentes vezes. Apenas com 22 anos dá a impressão dum vencido. Muitas vezes deve apoderar-se de si um aborrecimento, uma depressão moral e, nessa altura, então promete a si próprio alterar a sua maneira de ser e tomar a vida a sério. Oxalá assim seja muito breve.

MADAME RENIER

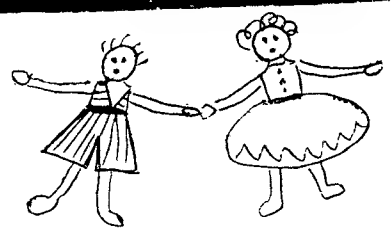
NOVO PLÁSTICO METALIZADO

Uma fábrica britanica, no Surrey, apresentou o novo plástico *Alloy*, á base de resina e metalizado, que oferece as máximas propriedades de aderência. Depois de fixado, após cinco horas, á temperatura normal, adquire a dureza da rocha, tornando-se invulnerável á gasolina, ao óleo, aos ácidos e alcaloides — e apenas sensível aos efeitos do ácido acético e do vinagre. Pode ser pintado e submetido á temperatura de 248 graus «Fahrenheit».

E' de grande utilidade na reparação de velhas estruturas metálicas e máquinas, servindo, também, para moldes e de enchimento de buracos e falhas em veículos, maquinismos, etc.

PARA OS MAIS PEQUENOS

O ZANGÃO MANDRIÃO



Comer e não trabalhar,
há quem o possa invejar;
mas ás vezes também calha
mostrar, o próprio destino,
o reverso da medalha!
Ora ouve, meu menino,
presta atenção
e que te sirva, a lição!...

Em janela soalheira
engrinaldada
por uma linda roseira
estava a secar marmelada.

Olhando sobre o jardim
a graciosa janela
lembrava assim
uma aguarela.
Aveludadas, floriam
dálias e rosas vermelhas;
á volta delas zumbiam
irrequietas abelhas
num constante reboliço
do jardim para o cortiço.
Mas um zangão preguiçoso
que não queria trabalhar,
na janela foi poisar.
O madraço era guloso
e mal viu a marmelada
(Ai! eu não lhes conto nada!)
foi-se a ela,
provou,
gostou,
e repetiu
a proeza;
mas, quando passos sentiu
quis fugir e por azar
ficara uma pata presa
que o não deixava voar;
e quanto mais esperneava
mais a pata se enterrava...

Nisto, chega o Luisinho;
e como não é medroso
matou logo o tal bichinho
tão raiasso,
tão madraço,
e tão guloso!

... ...

Menino mal educado
que á mesa
não come a sopa
e mal que topa
a fruta da sobremesa
quer ficar empanturrado
— como este zangão glutão
está sujeito
(muito bem feito!)
a uma indigestão.

Não sejas guloso, não?

LÍDIA SERRAS PEREIRA

VÁ DE RODA, SIGA A RODA!

PERGUNTAS:

1 — Quem és tu?
2 — Que idade tens? (Anos e meses)
3 — Onde moras?
4 — Em que classe andas?
5 — O que é que gostas mais de estudar?
6 — O que queres ser quando fores grande?
7 — Qual é a arte de que mais gostas?
8 — Tens preferência por alguma ciência?
9 — Qual é a figura de cientista que mais admiras?
10 — Qual é a poesia de que mais gostas? (Nome da poesia e seu autor).
11 — Cita as três coisas que mais te agradam na vida.
12 — Cita as três coisas que mais te desagradam na vida.
13 — O que pensas da nossa secção «Para os mais Pequenos»?
14 — Queres fazer o retrato da Tia Maria Lúcia?

RESPOSTAS:

1 — Eu sou a Natércia Lopes Pedroso.
2 — Eu tenho nove anos e seis meses.
3 — Eu moro em Lisboa.
4 — Ando na 4.ª classe.
5 — Leitura.
6 — Bailarina.
7 — Musica.
8 — Não.
9 — Thomas Edison.
10 — O Lobo de S. Francisco de Assis, de Afonso Lopes Vieira.
11 — Ballet, musica e ler livros.
12 — Peixe, fazer contas, e os caçadores por matarem os animais.
13 — Que gosto muito.
14 — Não, por não ser capaz.

Puxem pela cabeça!

I

Sou rua sem importancia;
Sou adorno do cabelo;
E vou á mesa de jantar.
— Quem é capaz de adivinhar?

II

Sou linda flor no canteiro;
E, também, algumas vezes,
Sou parte do candeeiro.
— Quem sou eu?

III

Qual é a vila portuguesa que voa? Se lhe tirarem a primeira letra, continua a voar.

IV

Verde foi meu nascimento,
E de luto me vesti;
Para dar a luz ao mundo
Mil tormentos padeci.

✠

Mandem as soluções até ao próximo dia 27. Assinem o nome, indiquem a morada (anos e meses) e a direcção. Temos livros muito bonitos para sortear pelos sobrinhos que mandarem as soluções certas.

SOLUÇÕES

Soluções das adivinhas publicadas no dia 6 passado: 1 — O piano; 2 — Os olhos; 3 — A língua; 4 — O ouriço no castanheiro e a castanha.

BRINDES

Entre os sobrinhos que mandaram as soluções certas, foram contemplados com livros os seguintes: José António Baptista, Maria Estrela Ramos Duarte, Maria Fernanda Santos, Francisco José Rosário, todos de Lisboa; e Maria Antónia L. Gião, de Queluz.

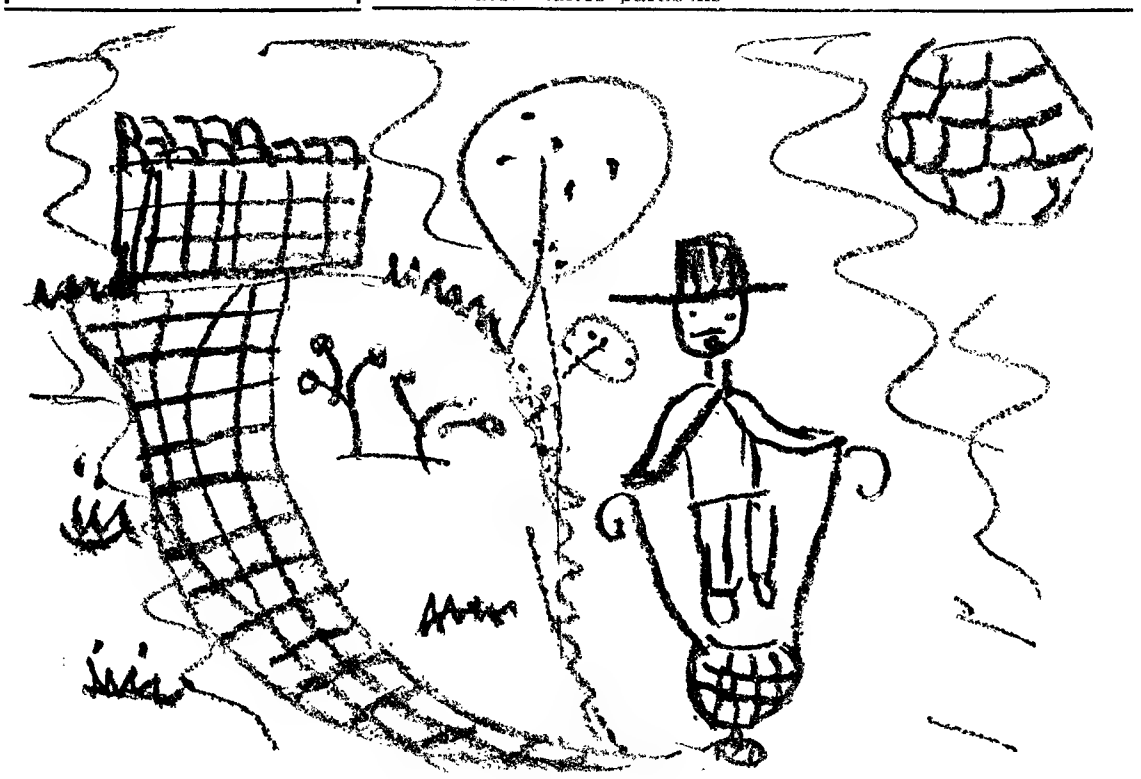
A todos, muitos parabéns

Oiçam lá esta!

CARLITOS — Ontem, em minha casa, ficámos todos empatados!

JOSÈZINHO: — O que jogaram?

CARLITOS: — Não jogámos nada... Comemos nato.



Isto representa um homem a levar pedras no carrinho de mão para fazer um muro. (Desenho de Maria Manuela Vaz da Rocha Vidal, de 9 anos, de Lisboa)

UM HOMEM NO PÓLO SUL

(Continuação da 1.ª página)

ráveis factos curiosos e grandiosos. Talvez por muito acostumados ás mais frias temperaturas e a viver entre o gelo e de alimentos próprios do clima, os Noruegueses foram desde sempre dos mais tentados a realizar a proeza. Em 24 de aneiro de 1895, dois deles — H. J. Bull e Carsten Egeberg Borchgrevink — fizeram uma expedição austrálica e foram os primeiros a pôr pé no novo continente, alcançando o Antárctico. Mas não conseguiram ir mais além, perdendo-se entre os turbilhões pavorosos das tempestades de neve. Em 1909 outro nórdico, o dinamarquês Frederick Cook, também não foi bem sucedido, assim como o americano Robert Peary.

Um das expedições mais dramáticas e envoltas em maiores projecção e ansiedade, em todos os cantos da Terra, foi a do famoso investigador inglês Robert Falcon Scott. Esta tentativa iniciou-se quando já se haviam perdido as esperanças de localizar Roald Amundsen, que havia iniciado mais cedo a sua caminhada.

Mas quando o capitão Scott atingiu o Pólo, em 16 de Janeiro de 1912, ficou simplesmente estupefacto com a imagem inesperada que ali encontrou: uma tenda de lona amarela e forte, armada e amparada por poderosos cabos de corda. No topo ondulava uma pequena bandeira da Noruega...

De facto, Amundsen chegara ao extremo Sul da Terra um mês antes. Mas só três meses depois (dois após a chegada de Scott), isto é, em Março de 1912, quando ele atingiu Tasmanien, o seu feito se tornou conhecido. Quer dizer, embora alcançasse o objectivo um mês depois do explorador norueguês, o êxito da expedição britanica foi o primeiro a ser divulgado.

A aventura empolgante de Roald Amundsen revestiu-se de aspectos do mais intenso dramatismo. Outra personagem teve decisiva influência no sucesso: Fridtjof Nansen, compatriota do chefe da expedição e homem de uma vontade inquebrantável.

Sob um frio glacial de 85 graus negativos...

Ambos defrontaram os mais terríveis escolhos da Natureza. O facto de Nansen ter feito igual tentativa, de 1903 a 1906, proporcionou reconhecimentos da maior importancia para o progresso da expedição, que contou com o apoio do velho barco de Nansen, «Fram».

Amundsen partiu da Noruega em Agosto de 1910, ao encontro dos seus companheiros. A reunião completa ocorreu em Abril do ano seguinte, já no rumo polar. Em 20 de Outubro, ficaram isolados sob uma infernal tempestade de neve. O frio era então de 50 graus negativos, claro. As dificuldades foram cada vez maiores. O termómetro foi acusando o acentuado decréscimo das possibilidades de resistência humana a tão baixas temperaturas, até 82 graus abaixo de zero, em 1 de Outubro. Cami-

A 15 de Dezembro de 1911, a figura impressionante e lendária de Roald Amundssen atingiu o extremo sul da Terra

nhar era tão penoso como respirar. Comer, impossível...

Através de planícies e montanhas geladas, de ventos ciclónicos e glaciares, quase arrastando-se, Roald Amundsen foi o primeiro ser humano a pisar o Pólo Sul, em 15 de Dezembro de 1911, e sob um frio de 85 graus!

Até quando os homens poderão recordar esta fantástica aventura —realizada unicamente com o pensamento no seu bem-estar?...

ACABA DE SAIR A
2.ª edição (9.° milhar)
DO ROMANCE DE
Fernando NAMORA
DOMINGO À TARDE
PRÉMIO JOSÉ LINS DO REGO
edição normal, no formato das obras do autor, ao preço de Esc. 35$00
Pedidos às Livrarias ou à
Editora ARCÁDIA, Limitada
Trav. S. Paulo, 7-3.° — Lisboa-2
arcàdia

COISAS DO CORAÇÃO...

PARA A HISTÓRIA DA CIRURGIA CARDÍACA

Em 30 anos a cirurgia do coração passou do impossível á arte de salvar vidas, da actualidade. No entanto, segundo os irmãos Anthony Migliore, investigadores americanos, a história da cirurgia cardíaca pode ser dividida em três fases: a era do mistério, a era da sutura e a era dos *corações-pulmões artificiais*. É de um curioso trabalho dos citados autores que respigámos os seguintes apontamentos:

— Na antiguidade julgava-se que tocando no coração com um dedo ou mesmo com uma agulha de sutura, o órgão paralisaria e o doente morreria. Platão (427-347 A. C.) localizava a alma do homem no coração e Ovídio (43 A. C. — 18 D. C.) afirmava que as feridas do coração eram fatais.

Hipócrates (460-357 A. C.), o *pai da Medicina*, descreveu com certo pormenor, as cavidades do coração e as grandes artérias e veias. Mas julgava, erradamente, que as artérias transportavam ar e apenas nas veias circulava o sangue.

— Durante a Idade Média, a cauterização era o meio principal de sustar uma hemorragia. Só no século XVI, Ambroise Paré (1519-1590), o grande cirurgião francês, introduziu as laqueações dos grandes vasos sanguíneos. Apesar de acreditar na intangibilidade do coração, Ambroise Paré afirmava que as feridas deste órgão poderiam cicatrizar. Em 1616, dá-se um facto importantíssimo na história da Medicina: o inglês William Harverg demonstra a circulação do sangue!

— Em 1810, o cirurgião do exército francês, Jean Dominique Larrey, efectua uma das primeiras intervenções sobre o próprio coração, tentando salvar um homem que se apunhalara a si próprio. Em 1872, um cirurgião inglês, Callender, conseguiu extrair com êxito uma agulha que se alojara no coração de um indivíduo. Esta intervenção animou diversos outros médicos a tentarem operações sobre o próprio coração ou os grandes vasos sanguíneos. Assim, a primeira intervenção cirurgica a um aneurisma, foi efectuada em 1888, por um médico americano, o dr. Rudolph Matas, de Nova Orleãs. Em virtude de outras extraordinárias operações por ele realizadas, o dr. Matas é conhecido como o «Pai da cirurgia vascular».

— As primeiras tentativas (infrutíferas) de coser o coração foram efectuadas em 1895 pelo dr. A. Cappellen, de Cristiania. Em 9 de Setembro de 1896, um médico alemão de Francforte, o dr. Louis Rehn, recebia no hospital um moribundo que tinha sido apunhalado em pleno coração, durante uma desordem. O dr. Rehn praticou uma incisão no tórax (práticamente idêntica á que ainda hoje se utiliza), seccionou a membrana que envolve o coração (pericárdio), libertando o sangue proveniente da hemorragia, procurou rápidamente a ferida, colocou um dedo sobre ela e em poucos segundos procedeu á sua sutura. O doente, cujo nome também passou á história (Wilhelm Justus), escapou graças á primeira sutura cardíaca realizada com êxito.

— A primeira tentativa de tratamento cirurgico do aperto mitral foi efectuada em 1923, pelo médico inglês, Henry Souttar. No entanto, só 25 anos mais tarde, em 1948, um cirurgião americano, o dr. Charles Bailey, praticou com êxito a primeira *comissurotomia mitral*, em que através de uma pequena incisão no coração, se introduzia um dedo tendo na extremidade um minusculo bisturi para seccionar a válvula mitral esclerosada.

— Certas anomalias congénitas do coração e dos grandes vasos, condenando inexorávelmente os seus portadores á morte ou a uma curta vida de invalidez, começaram a ser dominadas pelos cirurgiões em 1938. A primeira operação deste tipo, foi efectuada pelo dr. Robert Gross, de Boston. Em 1944, Alfred Blalock e Helen Taussig, do John Hopkins Hospital (E. U. A.) executaram uma intervenção cirurgica que passou á história como a operação salvadora das crianças com «doença azul», outra anomalia congénita do coração. Outros *grandes* nomes deste género de cirurgia cardíaca, são os dos drs. Willis Potts, de Chicago, Clarence Craffoord, de Estocolmo e Russell Brock, de Londres. Este ultimo, famoso cirurgião inglês, tem o seu nome ligado também a extraordinárias intervenções de enxertos arteriais.

— A grande era da cirurgia cardíaca começa com dois grandes progressos técnicos que tornam possível as intervenções a «coração aberto». Um desses progressos é a *hipotermia*, em que a temperatura do corpo baixa de 10 graus e nesse estado, a circulação sanguínea pode ser interrompida sem perigo durante alguns minutos. A primeira intervenção a «coração aberto» realizada com êxito, graças á hipotermia, foi praticada em 1952, pelo dr. John Lewis, em Minnesota (E. U. A.).

O outro enorme progresso foi a descoberta dos *corações-pulmões artificiais*, aparelhos que permitem substituir durante bastante tempo o coração e os pulmões, enquanto o cirurgião intervém sossegadamente sobre o coração doente. O primeiro aparelho deste tipo foi criado em 1953, pelo dr. John Difbon, de Filadélfia, mas os grande aperfeiçoamentos desta técnica devem-se, sem duvida, ao dr. Walton Lillehei, da Escola Médica de Minnesota.

TRATAMENTOS modernos da angina de peito

Numa conferência realizada há pouco tempo no Hospital Necker, de Paris, os especialistas ali reunidos resumiram assim os modernos tratamentos da angina de peito:

— A fibrinolisina **provoca uma autêntica «fusão» dos depósitos arteriais e, portanto, sedação da dor. Utiliza-se, sobretudo, em injecção intravenosa, gota a gota.**

— Poucos doentes beneficiam com o tratamento cirúrgico **que se aplica, sobretudo, aos casos de dores atrozes, contínuas e rebeldes aos medicamentos. O tratamento cirúrgico pode comportar diversas operações, umas que aliviam apenas as dores, outras que tentam desobstruir as artérias coronárias e outras ainda que procuram derivações da circulação, de modo a que o coração não deixe de receber sangue em quantidade suficiente (a** angina de peito **traduz essencialmente uma má alimentação do coração em sangue, ou melhor, no oxigénio que este transporta e deve-se quase sempre a um obstáculo nas artérias que irrigam aquele órgão, as** coronárias).

— Uma nova tentativa é a que consiste em provocar um «adormecimento» da glândula tiroideia, a fim de diminuir as necessidades de oxigénio do coração e deste modo aliviá-lo. Para este fim, os especialistas recorrem ao iodo radioactivo.

— Alguns medicamentos «tranquilizantes» que inibem certos fermentos cerebrais, como a iproniazida **e a** isocarboxazida, **aliviam significativamente o acesso doloroso característico.**

— Recorre-se também a certas substancias, capazes de fazer baixar o colesterol do sangue ou impedir o depósito de gorduras nas artérias coronárias, como é o caso da heparina sublingual **e do** triparanol. **Alguns especialistas estudam actualmente determinadas** hormonas sexuais **e a** d-tiroxina, **que parecem actuar segundo mecanismo idêntico.**

— Apesar de nos ultimos anos terem surgido dezenas de medicamentos que dilatam as artérias coronárias, a trinitrina é ainda o tratamento **clássico e suficiente da angina de peito banal.**

QUESTÕES DE LINGUAGEM

NOVA DELI

Dirigidos um ao sr. Director deste jornal e outro á redacção do mesmo, recebemos dois postais, com assinaturas ilegíveis, em que se nos pergunta qual a forma portuguesa da actual capital da India. Num deles especifica-se mesmo: «Parece-me conveniente explicar-se como se deve chamar a capital da India: *Deli* (...), *Déli* (...), *Dèlhi* (...)...».

Delhi (com acentuação na ultima sílaba) é bastante frequente hoje entre nós, mas só se justifica nos factos de esquecermos com facilidade o que é estranho e de, neste caso quanto á forma (que não quanto á acentuação), aceitarmos sem quaisquer escrupulos o que nos dão os textos dos telegramas, quase sempre escritos em inglês.

Delhi é, na realidade, forma saxónia e recente mesmo em inglês pois, por exemplo, W. Finch, cerca de 1611, ainda escrevia *Dely* («On the left hand is seene the w carkasse of old *Dely*, called the nine castles and fiftie-two gates, now inhabited onely by Googers...», em *Purchas*, I,430).

Este primeiro desencontro de grafias para o mesmo topónimo não pode surpreender quem souber que a famosa capital dos ultimos anos da família reinante do Grão-Mongol teve várias formas sob algumas das diversas dinastias que a precederam, de algumas das quais a documentação nem sempre parece muito segura. Assim *Delli* representa a antiga forma hindu do nome, mas os Muçulmanos preferiram *Dihli*. Parece-nos, no entanto, escusada a vasta e laboriosa enumeração de todas por que o mesmo topónimo teria passado em tempos e textos locais antes da chegada dos Portugueses aquelas longínquas terras, se bem que, incidentalmente, nos pareça não deixar de apresentar certo interesse lembrar ao leitor que no mapa veneziano de Fra Mauro (1459) se registasse a mesma cidade com a grafia *Deli*.

O primeiro autor português, segundo cremos, que lhe fez referência (por sinal extensa, minuciosa e interessante) foi Duarte Barbosa, cerca de 1516, especialmente no capítulo *Reino de Deli* (p. 115 da ed. de 1946), pois *Deli* designava tanto a cidade como o estado de que era capital.

Duarte Barbosa inicia a mencionada parte do seu *Livro* com estas palavras: «Entretanto mais ao diante contra o sertão, está um mui grande reino que chamam *Deli*, de muitas terras e cidades grandes e ricas, onde vivem grossos mercadores».

Verificamos, porém, que, segundo parece, no original está escrito *Dely*, pois o organizador da edição que mencionamos actualizou, escusadamente, a ortografia do texto, se bem que, neste caso e para o nosso fim, seja indiferente *Deli* ou *Dely*, visto que, ao contrário do que se pode julgar á primeira vista, o *y* nem sempre indicava naqueles tempos a sílaba tónica do vocábulo onde aparecia empregado.

Essa foi também a grafia empregada por Gaspar Correia (*Lendas da India*, III, pp. 506 e 572).

Vejamos agora o depoimento de outro importante autor quinhentista, o célebre João de Barros: «...os pouos do antiquíssimo reyno *Delij*, cabeça per sitio e poder de toda esta regiam...», década I, livro IV, cap. 7. E mais adiante, no mesmo capítulo: ...assy como em os reynos do Moltan, *Delij*, Cospetir, Bemgála em párte...».

Nestas citações, utilizamos a edição dessa década publicada em 1932, a qual está conforme a *princeps*, aparecida ainda em vida do autor. Nela os passos transcritos ocorrem nas páginas 144 e 145.

Não esqueçamos também as palavras do célebre frei Gaspar da Cruz que, no capítulo IV do seu *Tractado das Cousas da China e do Ormuz* (p. 20 da edição de 1937), redigiu o seguinte passo: «...sam señores agora do finide e do reyno de *Delli*, que he my grande reyno na terra dentro alem do finide...».

*

Segundo parece, haveria, portanto, certa unidade entre os nossos quinhentistas (aos quais, quanto a isto, poderemos juntar alguns antigos depoimentos estrangeiros) a respeito da grafia do nome da célebre cidade indiana que foi e é capital de Estado. Todos escreveriam *Deli*.

Poderemos agora hesitar quanto á acentuação da mesma palavra, mas, para além do que nos podem dizer as fontes orientais citadas no início deste estudo, dispomos do valioso contributo da grafia utilizada por João de Barros. Realmente o imortal autor da *Ásia* escreveu *Delij* na primeira edição desta, tal como escreveu *Comorij*, *Çamorij*, *Lij*, etc., as formas em que o *i* é tónico, o que nos leva á fácil conclusão de que *Deli* era palavra aguda para Barros, como para os outros portugueses do século XVI.

Essa deve ser aquela que devemos utilizar, em prejuízo da que nos impôs a ingresia, por culposa passividade nossa.

Delhi nada é em português, ao contrário de *Deli* (com acento tónico no *i* final), a atestada diversas vezes por autores respeitáveis que também foram os primeiros a empregar no nosso idioma o nome da capital do fanfarrão que ainda não *libertou* os territórios que diz pertencerem ao seu país e estão ocupados pelas tropas chinesas...

JOSÉ PEDRO MACHADO

EM BREVE, CORAÇÕES ARTIFICIAIS?

Segundo o dr. Charles Kirby, professor de Cirurgia na Escola Médica de Pensilvania, os corações artificiais poderão substituir os corações humanos doentes ou de funcionamento deficiente. Se houver fundos e se o projecto de investigação for efectuado em grande escala, o coração artificial *poderia ser uma realidade dentro de 2 a 5 anos. Salvaria milhares de vidas e tornaria possível a transformação de um inválido cardíaco num ser normal e produtivo.*

O coração artificial consistiria essencialmente num recipiente de plástico, do tamanho de um punho, do qual sairiam quatro tubos, também de plástico e com a grossura de um dedo. Depois do cirurgião «extrair» o coração do doente e a sua circulação estar provisóriamente assegurada com uma máquina coração-pulmão artificial, *o coração artificial definitivo seria introduzido no peito do operado, cosido a bons pontos de apoio e os tubos de plástico ligados aos vasos sanguíneos principais. O «coração» incluiria uma bomba de pistão, accionada por uma fonte de energia eléctrica colocada sobre o peito. A bateria eléctrica enviaria impulsos através do tórax, fazendo trabalhar a bomba «cardíaca».*

O coração artificial seria utilizado em doentes que tiveram ataques cardíacos quase fatais, ficando o musculo cardíaco transformado em massas de tecido cicatricial. Muitos destes indivíduos têm actividades limitadíssimas e grande parte depende de rigorosa e contínua vigilancia médica, em casa ou no hospital. Outras pessoas a beneficiar seriam as que sofreram de doença cardíaca reumática, ficando com uma lesão das válvulas mitral e aórtica. Na maioria destes doentes há tanto cálcio, depositado á volta das citadas válvulas que não podem ser substituídas satisfatóriamente por válvulas artificiais (que já as há...); noutros, a febre reumática enfraqueceu tanto o musculo cardíaco, que este não tem força para se contrair, mesmo substituindo as válvulas lesadas.

O terceiro grupo de doentes que teria grande vantagem nos corações artificiais, são os que nasceram com anomalias do próprio coração. Muitos deles não podem ser operados, mesmo com as técnicas mais modernas e seriam muito auxiliados pela substituição do seu incapaz coração por um outro artificial, funcionando impecávelmente.

O dr. Kirby é de opinião que a descoberta deste extraordinário aparelho depende essencialmente das facilidades financeiras que certos países puderem conceder aos seus investigadores médicos.

E OS PRÓPRIOS MÉDICOS...

Durante uma reunião recente da Associação Médica Americana «aproveitou-se a oportunidade»... e 2000 médicos foram examinados por uma equipa constituída por alguns dos seus colegas!

Pois bem, os electrocardiogramas revelaram anormalidades cardíacas em 17,7 % dos médicos e os outros exames mostraram que 6,7 % sofriam de doenças vasculares... o que dá a elevada proporção de um médico com afecções cardio-vasculares por cada cinco médicos!

O «DIARIO DE LISBOA» — recebido por avião—vende-se em PONTA DELGADA—AÇORES, na TABACARIA ESPERANÇA, DE JOÃO LUIS DE MEDEIROS.

ENTRE AS FILMAGENS DE «CLEÓPATRA»...

«Cleópatra» — o magnificente filme, cuja despesa já vai em muitos milhões de dólares, e que só poderia ser realizado com a presença da mais bela mulher e da mais bem paga do cinema norte-americano, Elizabeth Taylor, progride a caminho da sua conclusão, depois de uma série de contrariedades e alterações que provocaram alarmes a poderosas companhias de seguros...

A espectacular película, que estava projectada para ser feita na Inglaterra, onde grande parte dos cenários (inclusive uma completa zona de templos egípcios grandiosos) havia já sido montada, teve de ser filmada na Itália devido a dificuldades de saude da famosa e caprichosa «estrela».

Nunca uma tão vasta e bem organizada campanha de publicidade acompanhou um filme, como está acontecendo com este «Cleópatra». Não só devido aos antecedentes, mas ainda por factores relacionados com a sua própria realização, a estreia de «Cleópatra» está a ser rodeada por uma cada vez mais densa expectativa, inteligentemente estimulada.

A notícia recente de que o marido de «Liz», o cançonetista Eddie Fisher, ficara escandalizado com algumas fotos de sua mulher obtidas durante as filmagens das cenas do banho, a divulgação das quais proibira — chega a dar que até agora já se fizeram mais fotos desta película do que de qualquer outra anterior.

4712 fotografias já foram obtidas durante a sua realização! E esta, que apresentamos, é precisamente a 4712.... Nela encontra-se, ao lado de Elizabeth Taylor, o grande actor inglês Rex Harrisson, que interpreta a figura de César.

Entretanto, e indiferente a todo o «barulho» que tem rodeado as filmagens de «Cleópatra», a cobiçada e temperamental «Liz» aproveita bem as poucas horas livres do seu trabalho, divertindo-se, como qualquer vulgar criancinha de família, no jardim zoológico de Roma. A seu lado, o sempre terno e ciumento Eddie Fisher...

Veja-se como ela se mostra tão simples e enternecida ao brincar com os macaquinhos. Entusiasmou-se tanto que sofreu uma dentadinha de um dos animais, que certamente não reconheceu a identidade da famosa visitante... Afinal, um arranhãozito sem importancia...

...«LIZ» DIVERTE-SE NO «ZOO»

O mundo dos brinquedos é mágico para a criança de toda

ENTENDEM os mestres de psicologia infantil que os brinquedos não são apenas um entretenimento distractivo para passatempo das crianças, pois, exercendo profunda influência psicológica na formação da sua mentalidade, tornam-se em valioso elemento educativo com uma alta função específica na moderna pedagogia. Assim, criação dos brinquedos é hoje uma das mais subtis e importantes tarefas no campo educacional. Nela intervêm psicólogos, educadores, cientistas, técnicos e engenheiros, os quais procuram não só descobrir os gostos e as tendências das crianças, mas encaminhar as suas curiosidades, os seus anseios, as suas aspirações para aquelas realidades antevistas no mundo das empolgantes fantasias, com o sentido mais nobre, mais humano, mais afectivo e dignificador da existência nas sugestões dos brinquedos que o cérebro infantil pode apreender, a fim de que as singelas e poéticas alegrias da vida, despertando sentimentos generosos, imprimam ao carácter em formação a faceta predominante das grandes virtudes que são paradigma das almas puras e gentis.

Precisamente porque tende para uma cristalina e aliciante simplicidade, reveste-se da mesma transcendente complexidade de todos os problemas pedagógicos a «ideia criadora» que faz dos brinquedos um universo de sonho, de mágicos enlevos e contemplativos deslumbramentos, despertando, ao mesmo tempo, a consciência infantil para as coisas sérias da vida, mais fáceis ao entendimento das almas simples na despreocupada e embevecida recreação pelos reinos da ingénua fantasia que dá os aspectos risonhos e pitorescos aos prodígios de realidade no mundo fascinante das cores e das formas. Quer dizer: o brinquedo deve ter a dupla função recreativa e educadora, isto é, deve polarizar as atenções e os anseios das crianças em devaneadoras miragens de encantos poéticos, constituindo, simultaneamente, objecto e motivo de interesse para dedutivas congeminações. Estas requerem tanto a ginástica mental como a aplicação de engenhosas habilidades necessárias para a solução dos problemas que a curiosidade insatisfeita vai arquitectando á volta das coisas susceptíveis das mais variadas e imprevistas mutações na fantasmagoria das maravilhosas realidades subtilmente pressentidas nesse mundo de empolgantes miragens. Daí resulta a revelação de tendências e vocações indecisas que se definem acentuando os traços relevantes da personalidade futura.

Regresso aos velhos e singelos brinquedos

De importancia fundamental, é de maior interesse na função pedagógica do brinquedo, além da sua objectividade qualificativa, é aquilo que ele sugere á impressionável vibratilidade da imaginação infantil, e, gravando-se na memória do subconsciente, originará complexos de influência psicológica decisiva e perdurável. Assim se verifica a salutar reacção contra o espírito da época, banindo os brinquedos de sugestão bélica e outros susceptíveis de despertar a instintiva agressividade. Não se excluem, por exemplo, os rutilantes e versicolores exércitos, de efeito decorativo e pitoresco, com a sugestão de cavalheiresca bravura, formados por soldadinhos de chumbo (e os deliciosos soldados de chocolate), mas sim o arsenal de armas terríveis que reproduzem os engenhos de morte e destruição das guerras modernas, angustioso pesadelo no mundo turbulento e inquieto dos nossos dias, do qual se devem libertar as crianças, cingindo-as ao universo das suas mais belas e enternecidas ilusões, dos seus puros e luminosos anseios, entregues aos brinquedos de humana sugestão, exornados de sonho e poesia.

A tendência predominante, comprovada pela experiência no comércio mundial de brinquedos, especialmente na Alemanha, onde as vendas, no ano findo, ultrapassaram os trezentos milhões de marcos apurados em 1960, é para o regresso áqueles velhos brinquedos, ali como consequência, em boa parte, do «trabalho da Comissão para o Brinquedo

Bonecas — o brinquedo p

AQUI ENTRE NÓS... (CONVERSA ÍNTIMA)

CONSULTA

Há anos surgiu na minha vida um problema muito difícil e inesperado que muito me fez sofrer. Nessa altura, valeram-me os cuidados e o carinho de uma rapariga de condição social inferior á minha. Desde então, e já lá vão dez anos, ela tem sido a minha companheira. Reconheço-lhe grandes qualidades pessoais, continua a ser-me dedicadissima, mas o seu espirito rude, a sua ignorancia, não podem prender-me. No entanto, por hábito e gratidão, fui mantendo este estado de coisas, até que, há pouco, conheci uma rapariga que me inspirou uma grande afeição e possui todas as condições para ser minha mulher. Encontro-me, assim, num beco-sem-saída. Que me aconselha? — João da Aldeia.

RESPOSTA

Não posso aconselhar-lhe outra coisa que não seja o cumprimento do seu dever. E o seu dever, parece-me, é legalizar a sua situação com essa rapariga que há dez anos lhe é dedicadissima, conforme diz, depois de lhe ter valido num período difícil da sua vida.

É certo que a sociedade ainda hoje encara de animo leve, com parcialidade e injustiça, os deveres do homem para com a mulher; mas cabe a cada um assumir as responsabilidades e as consequências dos seus actos, e preocupar-se mais com a sua recta consciência do que com os juízos dos outros.

Ocorrem-me duas perguntas, que tomo a liberdade de lhe fazer:

1.ª — Creio plenamente que essa rapariga que o consulente acaba de conhecer seja, em tudo, digna de ser sua mulher. Será o senhor digno de se tornar marido dela?

2.ª — Nestes dez anos de convívio com a sua companheira, o que fez o consulente para a tornar menos rude e ignorante?

Se quiser responder sinceramente a estas duas perguntas, talvez sinta abrir-se na sua frente o caminho que deve trilhar.

*

PARA «UMA INSATISFEITA»

Um grande amor, uma grande fortuna, uma saude de ferro, uma situação brilhante, não bastam para tornar a vida agradável. Às vezes, não é preciso tanto...

A felicidade é feita de pequeninas coisas que nos encantam e encaminham o espírito para o bom-humor, a compreensão, a indulgência. São essas pequeninas coisas que tornam o dia a dia feliz, nos defendem das ninharias desagradáveis e nos couraçam contra a adversidade. Uma dessas pequeninas coisas basta, quantas vezes, para nos recompensar de longo e árduo trabalho, de sacrifícios, de injustiças. Não as despreze, minha amiga, pelo contrário. Procure-as, saboreie-as, como ao melhor quinhão da vida, como á expressão mais fiel e constante da felicidade. Provará, desta maneira, que é uma mulher de sensibilidade, de educação e acima de tudo, provará que sabe viver.

TELMA

COLECÇÃO «O HOMEM NO MUNDO»

DO MONTE SINAI À ILHA DE VÉNUS
DE
NIKOS KAZANTZAKI

BOROBUDUR
DE
ROGER VAILLAND

PRELO

COLECÇÃO «DIAFRAGMA»

FOTOGRAFIA A CORES
POR
LESLIE THOMPSON

COMO FILMAR
POR
G. WAIN

Distribuidores gerais :
LIVROS HORIZONTE, LDA. — R. DAS CHAGAS, 17, 1.º, Dto.

...cs brinquedos

...nágica fascinação ...ra as crianças todas as idades

...revelação
...indecisas
...do os tra-
...onalidade

...e sin-
...os

...mental, é
...nção pe-
... além da
...icativa, é
..., impres-
... imagina-
...-do-se na
...te, origi-
...ência psi-
...rdurável.
...tar reac-
...la época,
...de suges-
...sceptíveis
...a agressi-
...em, por
...e versico-
...o decorá-
... sugestão
...a, forma-
... chumbo
...s de cho-
...al de ar-

Qualificado e dos psicólogos de pedagogia». Em prejuízo dos brinquedos automáticos, verifica-se «um acentuado retorno aos brinquedos clássicos, aos velhos jogos de armar, aos comboios eléctricos e mecanicos, aos modelos de castelos com pontes levadiças e fossos cheios de água, ás casas de bonecos e conjuntos ou armazéns de brinquedos».

Nas preferências da ultima quadra do Natal não faltaram «nem o *bulldozer* automático, de manejo eléctrónico, nem a boneca vestida pela ultima moda e penteada á Jaqueline Kennedy com cabelos verdadeiros, assim como os jogos de armar, para instalar telefone ou montar um rádio, além de outros aliciantes á fantasia infantil; e ainda os bichos de feltro, em franco avanço contra os objectos de matéria plástica e dos quais os automobilistas fazem *mascottes* para os seus carros».

Cuida-se, também, da simplificação dos brinquedos, os mais requintados ou os utilitários, de forma a deixarem margem a que se expandam a fantasia, a imaginação e o engenho infantis, pois «quanto mais simples o brinquedo, mais toca a sensibilidade e o coração da criança».

... — o brinquedo por excelência

...duzem os
...destruição
...ngustioso
...bulento e
..., do qual
...nças, cin-
...das suas
...s ilusões,
...nosos an-
...rinquedos
...exornados

...ante, com-
...ia no co-
...rinquedos,
...nha, onde
...do, ultra-
... milhões
...n 1960, é
...es velhos
...onsequên-
...«trabalho
...Brinquedo

Sempre fascinante o magnífico cavalo de baloiço da nossa infancia

Adaptam-se, naturalmente, os brinquedos á corrente inovadora dos tempos modernos, mas por toda a parte predomina o mesmo espírito de simplificação, com idênticas preocupações de expurgá-los das influentes sugestões bélicas, agressivas ou que «originam casos de nevrose infantil». Por isso se calcula que dos duzentos mil novos brinquedos apresentados na Primavera do ano passado em Nova York, no grande mercado-exposição, apenas um quarto tenha passado na escolha dos que se destinam ao fabrico em série, pois são banidos os «brinquedos de concepção revolucionária», consoante o critério generalizado, em obediência aos princípios e objectivos determinados pelos «psicólogos de pedagogia».

Há ainda nos Estados Unidos da América do Norte, onde as vendas anuais atingem 1 650 000 000 de dólares, o maior estabelecimento da especialidade em todo o Mundo, instalado também em Nova York. Ali se oferecem á cubiça das crianças milhões de brinquedos não só de fabrico nacional mas importados dos principais países produtores, Alemanha, Japão, Inglaterra, França, Itália, etc. Os cavalos de baloiço, italianos, iguais áqueles das triunfantes e alegres galopadas de sonho na nossa infancia, tiveram a grande preferência das crianças americanas, como derivativo das largas aventuras pelos delirantes caminhos do infinito sugeridas pelos brinquedos que copiam astronaves e engenhos espaciais, fabricados, contudo, dentro do mesmo espírito inspirador da simplicidade maravilhosa contra a complexidade perturbadora e de instigação á agressividade. A preparação e montagem envolve, também, cuidados e precauções especiais de protecção á criança.

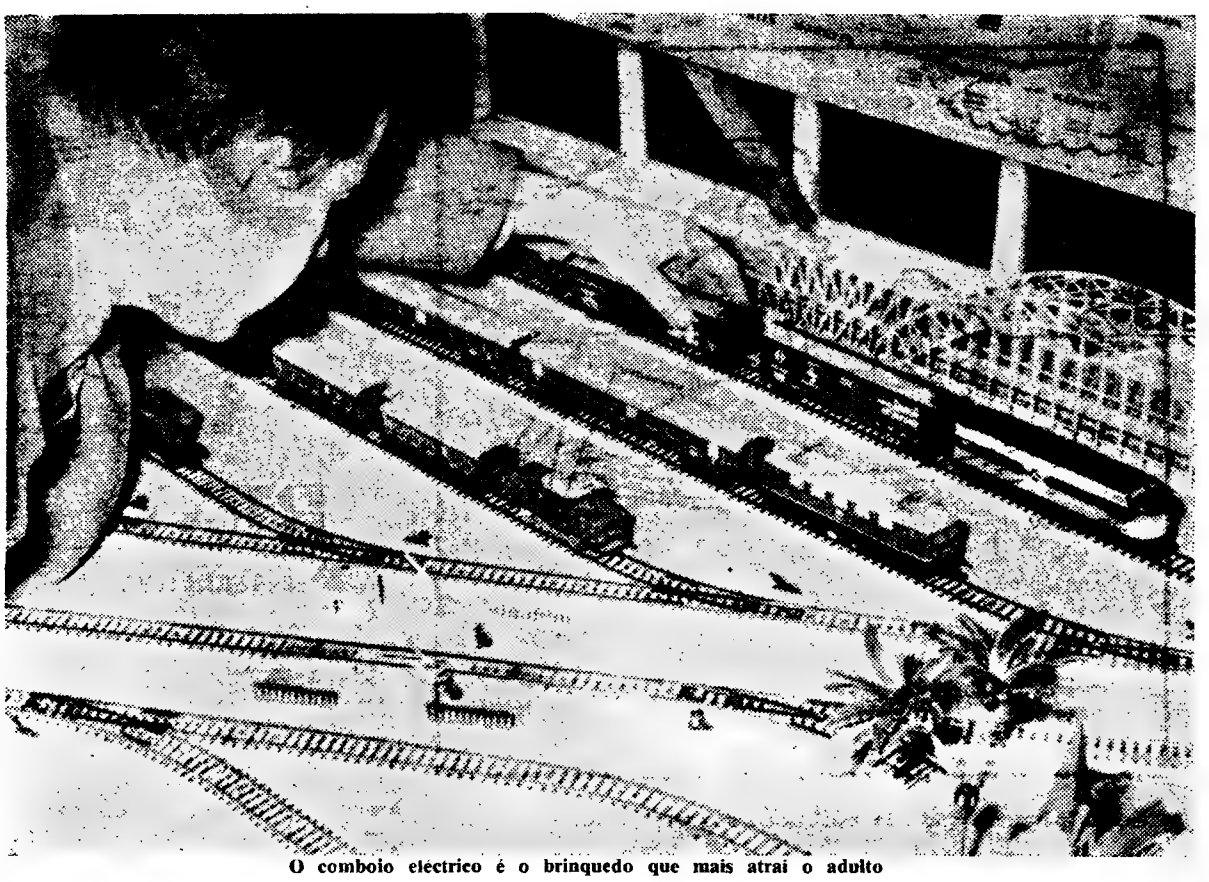
Impõe a moderna técnica do fabrico de brinquedos, a aplicação de materiais e formas de montagem que podem oferecer certos inconvenientes não isentos de riscos. E assim foi recentemente publicado na Grã-Bretanha, o novo «código de segurança para a fabricação de brinquedos», com o fim de evitar perigosos acidentes. Estabelece, entre outras determinações: «que as tintas não contenham elementos perniciosos; que os rebordos e arestas dos brinquedos sejam suaves; que as pequenas partículas sólidas usadas nas rocas se tornem inofensivas quando engolidas; e que certos mecanismos como os que são usados nas coberturas dos carinhos de bebés tenham um fecho de segurança».

Os homens refugiam-se com o sonho no mundo dos brinquedos

A simplicidade, ou antes a singeleza, que os psicólogos de pedagogia preconizam como condição essencial para o fascínio dos brinquedos, sem excluir a variedade de motivos com larga margem para as fantasias e os voos de imaginação ou o aplicado interesse nas «engenhocas» que põem á prova méritos artísticos e intelectuais a inventiva, a habilidade, o espírito criador e possibilidades realizadoras e construtivas dos garotos, essa «simplicidade purificadora de efeitos deformadores e degenerescentes» não significa, porém, que a capacidade compreensiva e de apreensão das crianças seja tomada em limitadas proporções na escala de «uma exiguidade de entendimento infantil» para a exterioridade que as cerca com todas as subtilezas da vida, da Natureza e do vasto mundo de emoções envolventes.

Que assim não é prova-o o facto de que os «brinquedos mais impressivos e sedutores» fascinam de igual maneira as crianças de todas as idades — os pequenitos, as crianças grandes que nós somos.

A tese de Nietzche, segundo a qual «em cada homem verdadeiro se esconde uma criança que quer brincar», comprova-se por toda a parte, em todas as paragens e em todas as civilizações, e mais exuberantemente na pátria do arguto filósofo, pois o comércio da especialidade na Alemanha



O comboio eléctrico é o brinquedo que mais atrai o adulto

regista o crescente interesse dos adultos pelos brinquedos. E entre estes é uma aliciante miragem de evasão do quotidiano, do mundo de inalterável monotonia e dos agrestes realismos, para o extasiante universo dos deslumbramentos infantis, o minusculo comboio, deslizando pelos caminhos da ilusão que o homem eternamente acalenta bem no íntimo, como se tivesse vergonha de sonhar.

E é com o mesmo alvoroçado contentamento, a mesma alegria na alma, as mesmas elevadas abstracções que o homem. sábio, opulento ou humilde, se refugia nesse mundo de mágica fascinação, a manobrar o comboio das imaginadas aventuras na infancia e a correr com ele pelas dilatadas amplitudes da fantasia atrás de um sonho pueril e maravilhoso.

Na Alemanha «a predilecção tradicional do homem pelos comboios-modelos, eléctricos e mecanicos, absorve vinte e cinco por cento de todas as vendas em brinquedos. Muito procurados pelo mundo masculino são, igualmente, os modelos de aviões e automóveis. A onda do *do-it-yourself* aumentou, também, o interesse dos adultos pelas caixas de modelagem para a fabricação de peças esmaltadas e para pintura em porcelana».

Nos Estados Unidos da América do Norte a maior fábrica de comboios eléctricos, da Lionel Corporation, a que preside o general Jonh B. Milles, antigo chefe do Centro de Misseis de Huntsville, no Alabama, regista ainda mais elevada percentagem desses e outros brinquedos que os adultos cobiçam com entusiasmos juvenis, o mesmo se verificando, de modo geral, em todos os países, pois os homens, eternamente crianças, correm sempre atrás de ilusões — e no mundo dos brinquedos, onde a fantasia não tem limites, realizam os sonhos e as aspirações que o destino lhes contrariou.

O truque que celebrizou Yul Brynner

A celebridade nem sempre é produto do génio, do talento ou, até, da simpatia. Resulta, muitas vezes, de circunstancias fortuitas, da sorte ou, até, de truques mais ou menos habilidosos, mais ou menos grosseiros. E isto é particularmente flagrante nos bastidores do cinema.

E', por exemplo, o caso de Yul Brynner, o qual apesar de ser poliglota e possuir uma razoável cultura, não passava de um comediante de terceira ordem. Um simples truque não fez dele melhor actor do que era. Mas transformou-o numa vedeta internacional, numa figura célebre. Criou um tipo característico: o galã completamente calvo.

Com a sua cabeleira relativamente abundante, Brynner era uma figura vulgar, um actor pouco mais que medíocre e dificilmente conquistaria um lugar preponderante. Em toda a sua carreira, nunca conseguira dar nas vistas.

Yul Brynner foi trapezista no Circo de Inverno; guitarrista em Montmartre; figurante e actor na América, onde tentou, também, a rádio. Mas nunca pôde triunfar verdadeiramente. Não passava de mais um emigrante pobre, tentando ganhar a vida como tantos.

— Precisava de qualquer coisa para me impor! — dizia ele, muitas vezes, com os seus botões.

Mas foi só em 1947 que Brynner encontrou o truque que procurava. Ao passar, de noite, por uma loja de um antiquário, viu na montra iluminada, entre outras coisas, uma estatueta de um gigante, musculado e simultaneamente gracioso. E uma coisa lhe chamou a atenção: o gigante era calvo!

Excitado, Yul Brynner gritou:

— Encontrei o meu truque.

Passou-se isto ás 2 da madrugada na Rua 37. Havia ainda barbeiros abertos. Yul não esperou pelo dia seguinte. Correu para a cadeira de um barbeiro porto-riquenho e mandou rapar o cabelo á navalha.

O truque, aliás, não era novo. Peter Lorre, por exemplo, já o usara, aliás com certo êxito. Mas faltava-lhe juventude para tirar disso o máximo partido.

Ora, o certo é que Yul Brynner nove horas depois de rapar o cranio, se apresentou ante os empresários Rodgers e Hammerstein, que procuravam um actor de traços orientais para a peça «Ana e o Rei do Sião». Foi imediatamente contratado e a peça, durante quatro anos, triunfou na Broadway. Isso levou-o ao cinema, triunfalmente.

A carreira de Brynner, deste modo, mudou de rumo. Um simples truque fez dele uma vedeta mundial.

COLECÇÃO VIDA E CULTURA

GRECO
de Antonina Vallentin

A vida e a obra do grande pintor de Toledo, num estudo penetrante que surpreende o elemento de mistério da arte de Greco. 55$00.

COLECÇÃO A VIDA QUOTIDIANA

A VIDA QUOTIDIANA DOS GREGOS NO TEMPO DE PÉRICLES
de Robert Flacelière

Obra excelente que concilia a exactidão do arqueólogo e a penetração do historiador, com uma grande plasticidade de linguagem, mediante a qual ressurge, viva, a antiga Hélada. 45$00.

COLECÇÃO ENCICLOPÉDIA L B L

A REVOLUÇÃO DA ARTE MODERNA
de Hans Sedlmayr

Um livro indispensável que fornece utilíssimos elementos de estudo. 20$00.

A ALMA NA ERA DA TÉCNICA
de Arnold Gehlen

Um tema fascinante, muito actual, que sempre preocupou os homens: as relações entre a personalidade e o produto da cultura e civilização. 20$00.

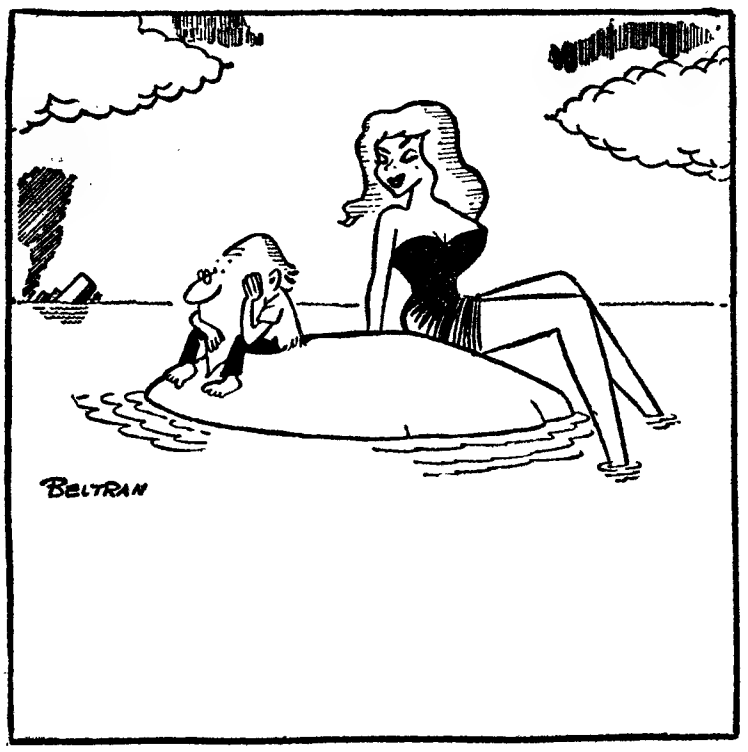
COLECÇÃO ENCICLOPÉDIA L B L

O OURO
de Blaise Cendrars

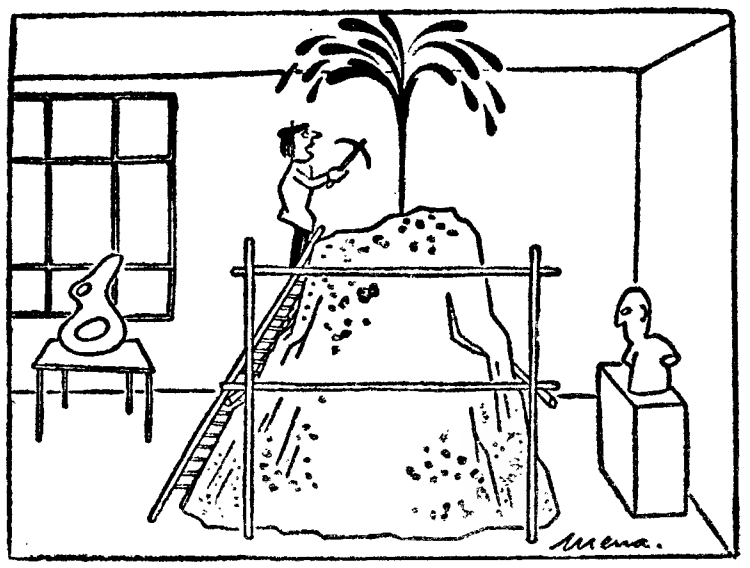
Uma obra-prima que é um dos mais célebres livros da literatura moderna francesa. 12$50.

COLECÇÃO MINIATURA

EDIÇÕES —— LIVROS DO BRASIL ——



—Mas porque é que não naufraguei aos vinte anos?



PETRÓLEO !...

ÁGUAS-FURTADAS

Um Marselhês mandou o filho estudar medicina para Paris e, ao fim de alguns anos, o rapaz escreveu-lhe dizendo: «Meu pai acabei o curso, estou formado em Medicina, sou médico, enfim, mas tenho de cá ficar mais uns anos para me especializar na medicina do trabalho.

— E levaram os médicos tantos anos, exclamou o pai, para descobrir que o trabalho é uma doença!...

COISAS DO DIABO

— Como está seu marido que há tanto tempo o não vejo?

— Meu marido morreu há dois anos; o senhor não sabia?

Saindo de uma «gafe», meteu-se noutra.

— Mas que coisa terrível, eu não sabia. Queira desculpar por que eu tenho andado viajando..

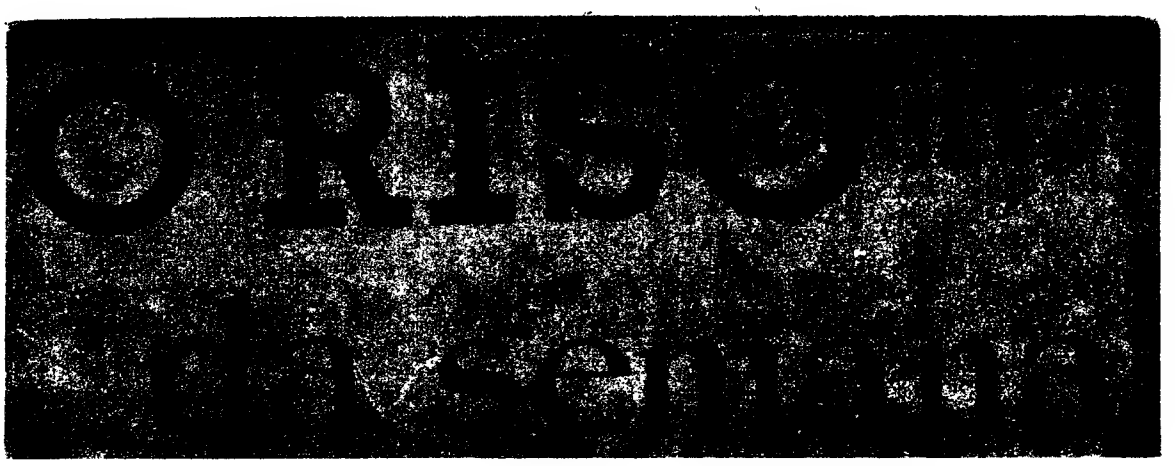
E voltando-se para o cavalheiro que a acompanhava:

— Veja lá o senhor. Não acha uma coisa terrível?

— Não, não acho, eu sou o segundo marido dela.

SONHAR

Sonhar não é mais do que dormir com muitas ilustrações no sono.



REVOADA DE GRAÇAS

ALTERNATIVA

Quando se julgava que Ava Gardner estava enamorada dum segundo toureiro, um caricaturista italiano publicou uma sangrenta caricatura em que se via um toureiro e um toiro em plena praça e o toureiro mandando embora o touro com um gesto acompanhado destas palavras:

— Vai-te embora. Prefiro a Ava.

VERDADEIRAMENTE DEMOCRÁTICA

Andavam a passear de barco e entraram em confidências:

— Mas então como é isso? Tua mulher tem dois «flirts», tua sogra é quem manda lá em casa, tua filha passa as noites nas «boites» e tu estás calado?!...

— Que hei-de eu fazer? Estou em minoria.

UMA HONRA

Contava um jornal brasileiro: «Acusado de estar devendo cr. 400 mil ao Banco do Rio Grande do Norte, o deputado Aluísio Alves compareceu a uma das emissoras do Natal e confirmou:

— Realmente devo esse importancia. Ainda não a paguei porque não pude e também porque o título ainda não se venceu. Mas considero uma honra para mim, após catorze anos de vida parlamentar, ter uma dívida em vez de ter uma fortuna.

HÁBITOS

O homem ia ser operado e, quando entrou o anestesista, deparou com ele a ler o «Diário de Lisboa». Antes, porém, que manifestasse a sua estranhesa pelo facto a enfermeira explicou-lhe:

— Disse que tem por hábito ler sempre um pouco antes de adormecer.

UM ESTADISTA

Uma frase inventada e muito original de Nehru:

«Não ataco senão se for atacado pelos meus».

HIPOPÓTAMO PRECISA-SE

Elegante, sóbrio e discreto. Pede-se fotografia que será devolvida caso não agradar.

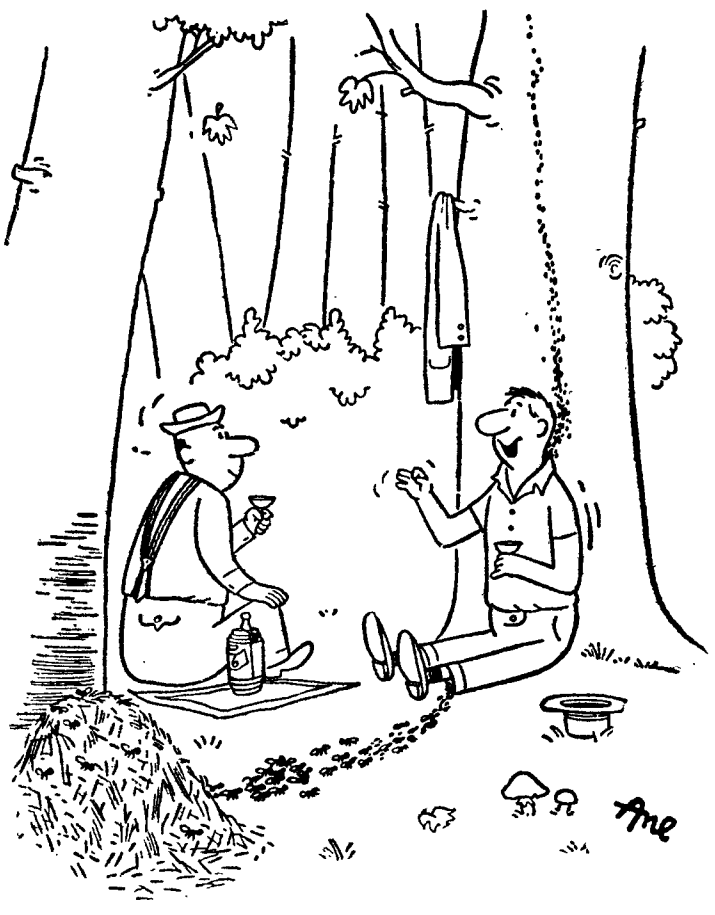
Negócio sério.

Cena de ternura conjugal

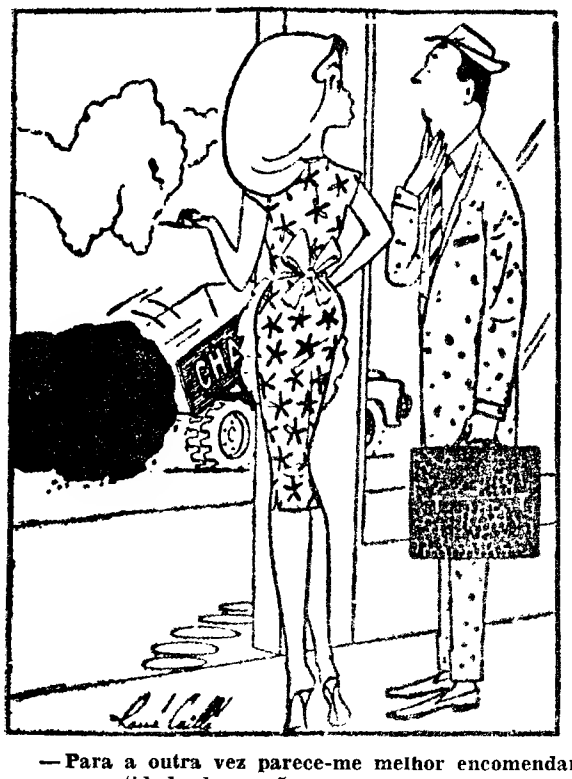
Um longo e cómodo sofá. O marido, quarentão e bigodado, suavemente recostado. Sobre o seu peito repousa a encaracolada cabeçorra da cara metade, quatro anos mais velha do que ele. Um pintassilgo canta numa gaiola pendurada na janela e ouve-se o ronrom do gato debaixo do sofá.

— Recordas-te — disse a boa esposa — de quando em 1925 adoeceste com uma pneumonia e estavas todo o dia com o saco de água quente sobre o peito?

— Sim, mas ao menos mudava-o de três em três horas..



— Este vinho é tão bom que até sinto cócegas na espinha.



— Para a outra vez parece-me melhor encomendar menos quantidade de carvão.

* ANEDOTAS *

CONVERSA DE MIUDAS

* **Duas miudas de quatro anos:**

— Teu pai e tua mãe, não são os teus verdadeiros progenitores. Eles apenas te adoptaram.

— Melhor! Eles escolheram-me enquanto que os teus pais tiveram de gramar-te como tu eras.

NO CONSULTÓRIO

* *O cliente está verdadeiramente desolado.*

— Doutor, estou cada vez pior das minhas insónias: agora não consigo dormir nem mesmo na repartição.

ÚLTIMA VONTADE

* **Já sentado na cadeira eléctrica aquele criminoso manifestou o seu ultimo desejo:**

— Se fosse possível, eu desejava um prato de cogumelos. Nunca os comi com medo que fossem venenosos...

OBESIDADE

* *Quando aquele senhor se sentou á mesa do restaurante, com uma grande barriga que descansava sobre a mesa, o gerente chamou um criado e disse-lhe:*

— Ponha um prato e um talher em cima da barriga daquele senhor e pode retirar a mesa para outro freguês.

MOTIVO DE DIVÓRCIO

* **Logo de manhã recebeu aquela senhora a visita de uma amiga íntima e, apenas se cumprimentaram, disparou-lhe esta:**

— Vou separar-me de meu marido porque o surpreendi a acariciar o seu braço direito.

— E que tem isso de mal?

— Tem de mal que o braço direito de meu marido é a secretária estenodactilógrafa, alta, loira e elegante.

— Bons dias, senhor prior. Venho preparado para escutar atentamente a sua homilia.

CONSEQUÊNCIAS DE UM CONFLITO

O problema da Nova Guiné Ocidental agravou-se e está a contribuir para acentuar o mal-estar internacional.

Parece, no entanto, que a Holanda não poderá impedir durante muito tempo a ocupação do território em disputa pela Indonésia. E, enquanto a questão não se resolver, quer pela negociação, quer pela força, continuará fatalmente a envenenar as relações entre diversos países, além de se integrar cada vez mais na luta entre os blocos. Inicialmente, tratava-se de um simples litígio entre a Holanda e a Indonésia sobre uma parcela de território. Agora, apresenta-se como um litígio suficientemente importante para justificar a mobilização do povo indonésio, por um lado, e do campo anticolonialista, por outro, para auxiliar a Indonésia. Há ainda o aspecto do crescente envolvimento do bloco comunista na questão. Dando o seu apoio á Indonésia no caso da Nova Guiné Ocidental, aquele bloco vê acentuada a sua identificação com o campo anticolonialista. É por isto que, quanto mais arrastada e virulenta for a disputa entre a Holanda e a Indonésia, mais ela favorecerá o movimento comunista.

Observe-se, por exemplo, o que se passa na própria Indonésia. O litígio com a Holanda está a galvanizar o país, a mobilizá-lo e a uni-lo, coisa que no passado foi bem difícil. Apoiando as reivindicações indonésias sobre a Nova Guiné Ocidental, os comunistas geram, em resposta, na Indonésia, simpatia pela sua causa. O mecanismo do processo é de uma simplicidade extrema.

Para contrariar a influência comunista, que pode o Ocidente fazer? Ou aniquila o «fruto estragado» — a Indonésia — ou faz concorrência ao bloco comunista na conquista das boas graças dos indonésios. A primeira solução é, óbviamente, impraticável, como mostrou ser a tentativa de fazer rebentar o Congo ex-belga. Resta a segunda solução, ou seja, «oferecer» a Nova Guiné Ocidental á Indonésia.

O problema complica-se com o facto do adversário da Indonésia, a Holanda, ser membro do bloco ocidental, o que é usado pelos comunistas para ilustrar perante os indonésios a sua tese de que o Mundo está dividido apenas em dois campos — o ocidental, colonialista e imperialista (governado pelos capitalistas) e o anticolonialista e anti-imperialista (em que militam os comunistas).

É esta tese que os ocidentais necessitam provar ser falsa, e não só ao povo indonésio, mas a outros povos asiáticos, assim como africanos e americanos, se pretendem continuar a desempenhar um papel importante na estruturação do mundo de amanhã.

Mas voltando á questão, propriamente dita, da Nova Guiné Ocidental, pode pôr-se a pergunta: Têm os indonésios direito, de facto, áquele território? Eles dizem que sim, alegando que estava compreendido no vasto conjunto das Indias Orientais Holandesas, que se tornaram independentes sob o nome de Indonésia. Por seu lado, os holandeses baseiam-se, para não entregar a Nova Guiné Ocidental aos indonésios, no facto da sua população ser de raça diferente da do resto das antigas Indias Orientais, achar-se num estado de civilização bastante atrasado e necessitar da ajuda de uma nação evoluída como a holandesa. Estes argumentos são rejeitados pelos indonésios, que consideram a questão como prolongamento da sua luta pela independência e não esquecem o que se passou entre 1945, data em que Soekarno e Hatta proclamaram a Indonésia independente, e 1949, ano em que o Governo holandês aceitou, por fim, a transferência dos poderes para o Governo indonésio.

Foi em 1949, pode dizer-se, que começou a questão da Nova Guiné Ocidental (a que os indonésios chamam Irian), quando, ao ser assinado o acordo entre a Holanda e a Indonésia, ele não abrangeu o destino do território, cujo estatuto devia ficar determinado um ano depois por meio de negociações. Mas não ficou, e as negociações foram definitivamente rompidas em 1951. Onze anos depois, os indonésios dispõem-se a resolver o problema pela força.

FIGURA DA SEMANA

ANTÓNIO GIZENGA

ANTÓNIO GIZENGA

A demissão do vice-primeiro ministro do Governo de Leopoldville, António Gizenga, depois da sua prisão em Stanleyville, deixa prever importantes alterações na vida política congolesa e permite concluir até que ponto o chefe do Governo, Adoula, e o sector que este representa, conseguiram consolidar a sua posição.

António Gizenga, que pertencia ao grupo dos chamados intelectuais que apoiaram Lumumba na intensa actividade que levou á independência da antiga colónia belga, e conhecido como um homem reservado, inteligente e eficaz.

Durante a crise profunda em que o Congo mergulhou, após a secessão katanguesa e a prisão de Lumumba, Gizenga tornou Stanleyville o seu reduto forte e o Gabinete que então constituiu foi durante muito tempo reconhecido por diversos países como o Governo legal do Congo.

O Parlamento de Leopoldville, após uma longa permanência de Gizenga em Stanleyville, onde este se dizia ao serviço do Governo central (o que Cyrille Adoula desmentiu categóricamente) convidou o vice-primeiro-ministro a regressar á capital e a explicar perante os representantes do país as acusações de que a sua estadia na Provincia Oriental significavam uma atitude seccionista.

Entretanto o Partido da Solidariedade Africana, de que era chefe, anunciou, pela voz do seu vice-presidente, Kimway, a expulsão de Gizenda. Horas depois o segundo vice-presidente do Partido, Yumbu, anunciava á Imprensa que tanto Kimway como Kamitah e Kinkie haviam sido excluídos do Partido.

Continuando em Stanleyville, Gizenga respondeu ao presidente da Camara de Deputados, José Kasongo, primeiro, que só regressaria a Leopoldville quando estivesse terminada a secessão katanguesa e, depois, que voltaria dentro de um «prazo breve».

Perante as posições de Gizenga, o Parlamento aprovou uma moção na qual censurava a atitude do vice-primeiro-ministro, cuja prisão, entretanto, foi ordenada.

Não é fácil prever os resultados da eliminação de Gizenga e do sector que ele representava do Governo de Leopoldville na vida e no futuro do Congo ex-belga.

Há quem defenda o ponto de vista de que o seu afastamento pode apressar o fim de Tschombé e a unidade política do Congo, mas não falta, por outro lado, quem veja nos acontecimentos de que Gizenga foi personalidade de fundo uma outra realidade: uma influência predominante dos Estados Unidos no Congo, que para tanto dispõem da confiança e da posição extraordinàriamente fortalecida de Cyrille Adoula.

De uma semana para a outra

DIA 13

EM PORTUGAL — Publica-se a lista parcial dos mortos e feridos na invasão indiana de Goa. ✲ A Camara Municipal de Lisboa estabelece um vasto programa para a valorização turística da cidade. ✲ Começam os trabalhos para ampliação do Hotel da Nazaré. ✲ Parte para o Ultramar um novo contingente de tropas. ✲ A barra do Douro continua fechada á navegação. ✲ O ministro das Obras Publicas promete subsídios ás populações atingidas pela cheia do Douro.

NO ESTRANGEIRO — Na Assembleia Geral da O. N. U. volta a discutir-se o caso de Angola. ✲ Não há optimismo nos círculos oficiais indonésios acerca de uma solução pacífica para a questão da Nova Guiné. ✲ O actor americano Ernie Kovacs morre num acidente de automóvel. ✲ O Governo congolês ordena a prisão de Gizenga. ✲ O Brasil opõe-se á adopção pela O. E. A. de quaisquer sanções contra Cuba. ✲ Um alude nos Andes mata 7 mil pessoas. ✲ A Alemanha Oriental manifesta a intenção de construir uma «linha Siegfried» na fronteira com a Republica Federal Alemã.

DIA 14

EM PORTUGAL — Os empregados e operários da industria de panificação rejeitam uma proposta do respectivo Grémio. ✲ O cardeal-patriarca inaugura uma nova igreja em Salvaterra de Magos. ✲ Anuncia-se que a praia da Fonte da Telha se vai transformar em zona de turismo. ✲ Chegam ao Tejo 500 excursionistas ingleses e canadianos.

NO ESTRANGEIRO — Mais de 27 mortes registam-se em Stanleyville, durante lutas entre adeptos de Gizenga e do Governo de Leopoldville. ✲ Macmillan diz que está ultrapassado o dogma da inevitabilidade de um conflito mundial. ✲ O conselho ministerial dos «Seis» chega a acordo sobre a política agrária.

DIA 15

EM PORTUGAL — A bordo do «Timor» regressam á Metrópole soldados vindos de Macau e Timor. ✲ Homenagem ao precursor da propriedade horizontal em Portugal. ✲ Alcochete comemorou o 64.º aniversário da restauração do seu concelho. ✲ Inicia-se a reunião do Projecto Regional do Mediterraneo.

NO ESTRANGEIRO — Travam combate navios de guerra indonésios e holandeses. ✲ Gizenga é colocado sob prisão. ✲ Começou o julgamento dos diplomatas franceses presos no Egipto por espionagem. ✲ Há agitação na Síria.

DIA 16

EM PORTUGAL — O embaixador do Brasil informa que o relatório do general Vássalo e Silva não chegou ainda a Lisboa. ✲ Sugere-se na Assembleia Nacional que deverá exportar-se o máximo de batata nova para que o mercado esgote a velha. ✲ Iniciam-se as obras para a supressão das passagens de nível no Vale de Santarém. ✲ O ministro da Saúde visita, inesperadamente, o hospital do Cartaxo.

NO ESTRANGEIRO — 1400 filipinos morrem de cólera. ✲ O chefe do Governo congolês anuncia a sua visita aos Estados Unidos. ✲ 50 indonésios foram aprisionados durante um combate naval, ao largo de Nova Guiné, e de que sairam vencedoras as forças holandesas. ✲ O coronel Carlos Carmo é nomeado comissário do Desemprego.

DIA 17

EM PORTUGAL — No recinto da F. I. L. estuda-se a localização dos «stands». ✲ A Associação Comercial inicia

(Continua na 12.ª página)

NOTÍCIAS AINDA NÃO PUBLICADAS

■ **Apesar de representar sòmente 10 por cento do volume das exportações norte-americanas dos anos anteriores ao regime fidelista, os Estados Unidos assistem com visível mau humor ao desenvolvimento crescente das relações comerciais de Cuba com o Canadá que, o ano passado, alcançaram cerca de 30 milhões de dólares. O comércio entre os dois países é considerado de importancia vital para sustentar e desenvolver a economia cubana, que se reputa de frágil e periclitante.**

■ Nova estimativa feita pelos Serviços Secretos norte-americanos do poderio atómico soviético atribui á U. R. S. S. 75 a 100 mísseis intercontinentais prontos a serem lançados. Os Estados Unidos da América possuem 54 «Atlas» (mísseis de alcance intercontinental), além de sete submarinos atómicos transportando cada um 16 projécteis «Polaris» C de menor alcance do que os «Atlas»). A União Soviética tem conseguido melhorar os seus foguetões de combustível líquido, mas pouco progresso registou no sentido de um engenho de combustível sólido, como o «Minuteman» norte-americano.

■ **O «caso cubano» será apreciado, a pedido dos Estados Unidos, na conferência interamericana, que se realizará na Punta del Este, no dia 22. Segundo se espera, Washington pedirá aos Governos da América Latina que, em nome da democracia, condenem o regime de Havana. A posição da Casa Branca é considerada bastante delicada, sobretudo perante a atitude que o Governo Kennedy tomou no caso da ditadura dos Trujillos e da queda do presidente Balaguer, classificada como uma manobra hábil de uma facção do Exército, destinada a evitar a dissolução do aparelho militar-policial do antigo ditador.**

■ No maior segredo, os Norte-Americanos estão a terminar a construção de um bombardeiro supersónico, o Dyna Soar, capaz de «voar» acima da atmosfera. Assim, o novo engenho ficará ao abrigo de foguetões antiaéreos apesar de, para lançar as suas bombas, ter necessidade de reentrar na atmosfera.

(Desenho de Papas, no «Guardian»)

LÊ-SE MAIS NA ALEMANHA

A Alemanha Federal inclui-se agora entre os quatro países que mais livros edita, pois, no ano findo, aumentou para 22 524 espécies a sua produção, relativamente ás 16 532 em 1960. Os livros de literatura atingem 21,7 por cento do total, seguindo-se obras sobre direito e administração, 7.4 por cento, e sobre religião e teologia, 6,7 por cento.

Subiu, também, o numero de traduções, com 2613 espécies contra 1605 em 1960; e foram vertidos para outros idiomas 3170 livros.

MARIA SCHELL à espera do filho

A expressão absorta de Maria Schell, na sua casa de Wasserburg, Alemanha, deixa transparecer a sua encantada expectativa pela maternidade próxima — um momento de felicidade e temor para a grande actriz germânica

Actriz de raros dotes dramáticos, Maria Schell impôs-se também pela expressão ingénua e quase infantil do seu rosto cheio de personalidade. Embora se considere alemã, nasceu na Austria e passou a infancia e a juventude na Suiça. Sua mãe dirige uma escola de declamação e o pai, Hermann, é um dramaturgo de prestígio.

Não pode, por isso, causar estranheza que Maria Schell, neste ambiente, tenha seguido a carreira de actriz. A sua beleza pura e tranquila ajudaram-na a ingressar, ainda muito nova, no teatro. O talento fez o resto.

Seguindo o impulso que vem da família, Maximilian e Karl Heinz Schell, irmãos mais novos de Maria, seguiram a carreira cinematográfica e encontram-se presentemente em Itália a interpretar filmes.

Maria Schell conquistou no cinema grandes êxitos: «Uma Vida», de Alexandre Astruc, inspirado no romance de Maupassant; «Os Irmãos Karamazov», rodado em Hollywood; «Noites Brancas», de Visconti; «Gervaise», de René Clément, etc., tendo conquistado já vários prémios internacionais.

Em 1957 casou-se com o realizador Horst Hoechler. Nos ultimos meses de 1961, Maria Schell foi para a vivenda que possui perto de Wasserburg, na Baviera, aguardando o nascimento do primeiro filho.

— Foram as minhas unicas e verdadeiras férias, destes ultimos vinte anos — declarou a actriz.

O acontecimento emocionou-a profundamente, pois no final de 1957 teve de renunciar á maternidade, devido a um acidente sofrido durante as filmagens de «Uma Vida».

Maria Schell decorando carinhosamente o quarto onde iria nascer o seu filho

AMALFI

(Continuação da 3.ª página)

ainda vestígios por todo o promontório. Torres sarracenas que não conseguiram fazer render os sitiados.

A Marinha muçulmana, que, na Idade Média, tornou possível a colonização da Peninsula Ibérica e da Sicilia, e a conquista do território europeu até Poitiers, destroçou-se contra as defesas da Republica de Amalfi, cujas armas se ornam com a Cruz de Malta.

Esse mesmo mar que fez a glória amalfina é ainda hoje o caminho de entrada e saída dessa bela região. Por ele passam os barcos de Amalfi, ou a pequena embarcação branca que, de vez em quando, ali vai com turistas e cargas de mercadorias de Nápoles. Oito remadores conseguem levar este barco a bom porto, por entre canais de mar que perigosos escolhos ladeiam, num rendilhado de rochas batidas pelo mar.

Últimos vestígios duma velha autonomia

Amalfi conserva ainda as mais puras tradições das quatro antigas Republicas marítimas, que dominaram o Mediterraneo, espalhando a sua influência por todas as terras das suas margens.

Integrada na unidade política da Itália, mantém, no entanto, uma certa autonomia em muitos dos aspectos da sua vida. E á noite, sobre as águas de rara transparência acendem-se as lanternas de dezenas de barcos de pescadores, que vogam á volta das perigosíssimas anfractuosidades de uma costa brava e inacessível. Amalfi tem aí o ultimo vestígio do seu mar autónomo. Entretanto, a civilização marítima amalfina desapareceu diante de uma civilização agrícola, talvez de raízes mais antigas, mas menos apaixonante, embora represente também uma das odisseias do seu povo heroico

Milenárias gerações de homens persistentes e laboriosos conseguiram vencer a rocha, depois de terem domado o mar. Partiram penhascos e foram buscar terra a ilhas distantes, em barcos de remos e velas, enchendo plataformas de fraga nua. Levantaram paredões e fizeram socalcos, pela ladeira ingreme da montanha Hoje, vêem-se ali, em alguns metros quadrados, laranjeiras, limoeiros, amendoeiras e figueiras. Entre os seus troncos, uma vinha rica e legumes saborosos, sem esquecer as flores, deram o que faltava aos habitantes de Amalfi, cujo sustento lhes provinha apenas da enorme e colectiva seara do mar. E esse promontório transformou-se numa cascata de vergeis, bem marcada pelo cinzento da rocha, onde fazem ninho os pombos bravos e as gaivotas.

O homem de Amalfi é lavrador durante o dia — trata das suas árvores e dos seus legumes. A noite, é pescador — mete-se no seu barco, com os filhos e, ás vezes, também com as filhas, tirando das águas espelhadas peixes saborosos e mariscos excelentes. As algas dão-lhe o estrume para as suas reduzidas terras da montanha.

De vez em quando, o turista deixa-lhe libras e dólares em troca de objectos talhados á navalha em tronco de limoeiro, de redes e tapetes, e outros artigos de artesanato, feitos em noites de serão longo ou em dias de invernia na costa. Mas, apesar disso, os amalfinos não gostam de ver o seu *reino-republica* devassado por estranhos: têm muito amor a uma independência que lhe vem de séculos e a um trabalho tranquilo e heroico, que os fenicios lhes ensinaram.

Entre a «casbah» e Parsifal

Amalfi está, no entanto, a viver a sua terceira civilização, introduzida há anos por visitantes e consequência da luta do progresso contra os hábitos milenários da sua população. E, pouco a pouco, alguma coisa nova entrou no reduto de tradições amalfino.

Três igrejas, relativamente recentes, de cupulas revestidas de faianças amarelas e verdes; casas maiores, com miranetes e obeliscos no telhado; um hotel, pequeno mas moderno; duas ou três casas de hóspedes... e pouco mais, além de bicicletas, outras tantas lambretas, um café, dois bares, e um ou outro motor em barco velho. Mas os trajos

Uma vista de Amalfi, encostada aos abruptos rochedos do promontório napolitano

e os hábitos da população é que não mudaram.

O turismo tem também lutado por entrar em Amalfi, mas fixou-se em locais próximos. A caminho de Ravello, um destes centros turísticos leva á evocação dos tempos heroicos da região. Ali passaram os cavaleiros de Malta e lá fundou S. Francisco de Assis, em 1220, um convento, onde hoje habitam os franciscanos. Entre Positano, aldeia de pescadores, tão famosa como Capri, e Ravello, onde Richard Wagner descobriu nas minas e flores da Vila Rufollo os jardins de Klingsor, situa-se um paraíso de visitantes — de um lado, a «dolce vita», do outro, a santa paz do mosteiro franciscano. São esses turistas que os amalfinos olham com timidez e desconfiança.

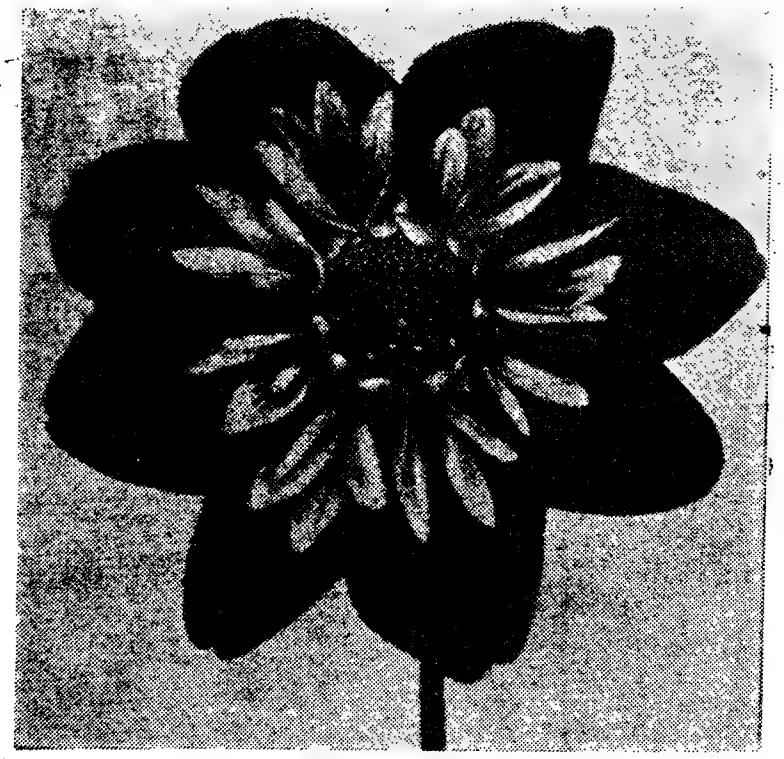
É, no entanto, a própria cidade o grande tesouro das belezas desta região sem igual em toda a margem mediterranica. Embora os sarracenos não tenham conseguido tomar nem subjugar a velha Republica do mar, uma grande parte do burgo lembra as povoações árabes, de ruelas tortuosas e casas brancas de cal, com os seus terraços cheios de canteiros de flores. Á noite, dá a ilusão de viver-se em plena Idade Média, com o eco dolente de guitarras tocadas em varandas e terreiros.

Entre esta «casbah» e o *bairro* de *Parsifal* (inspirador da partitura de Wagner), a encantadora e estranha cidade é toda uma reminiscência de gloriosas eras passadas, quando Amalfi irradiava a sua influência pelas restantes Republicas marítimas. Ali se inspirou também Ibsen, que viveu vários anos entre a boa e rude gente de Amalfi, ciosa da sua vida independente e nobre.

As lesões cardíacas alteram as impressões digitais

Sensacionais descobertas feitas por cientistas norte-americanos da Universidade de Nova Orleães sugerem a possibilidade de uma revisão dos conceitos básicos da acção da polícia científica.

Após várias experiências, os referidos investigadores chegaram á conclusão de que uma das consequências das lesões cardíacas é a alteração das linhas da palma da mão. Daí pode resultar o que até hoje se julgava impossível: verificarem-se semelhantes impressões digitais em duas pessoas.



Esta é a Dália de Colar — flor singela (de planta bulbosa, cultivada no Brasil) tem no centro um colar formado de pétalas pequeninas. Quando se cobrem de vermelho-escuro, o colar é branco; quando rosa-amarelado, o colar é vermelho

JARDINAGEM

A transplantação já não oferece riscos

Transplantar não é actualmente uma operação arriscada. Houve tempo em que transplantar uma árvore ou uma simples planta ou rebento constituia uma preocupação para os cultivadores. É que a transplantação ordinária destroi sempre parte da raíz, quando não toda, porque a humidade que os caules e folhas absorvem, é reduzida ou totalmente paralisada durante a operação, o que, frequentemente, faz murchar e secar a planta.

Os especialistas sabiam que, se as plantas ou árvores a ser transplantadas pudessem reter a sua própria humidade durante o tempo necessário para ganharem novas raízes, enraizariam rápidamente e cresceriam normalmente, sem sofrer qualquer atraso no seu desenvolvimento ou outro prejuizo causado pela transplantação.

Rodeava-se, por isso, tal operação de todos os cuidados, a começar pela determinação da época mais propícia para o levantamento e colocação da espécie no lugar definitivo. A árvore ou planta eram retiradas com o torrão, e as raízes muito protegidas. As folhas, antes da transplantação, eram removidas, de maneira a evitar que a humidade se escapasse através delas — se as folhas cobrissem, nessa altura, completamente a planta, esta seria destruida por falta de ar.

Mesmo assim, o êxito da transplantação estava muito longe de se poder considerar assegurado. Os especialistas continuaram, por isso, a estudar esse tão importante problema para todos os ramos da agricultura. Chegou-se, assim, ao sistema do tratamento das plantas pela cera, que tinha, no entanto, o inconveniente de parar o crescimento da planta.

Há pouco tempo, porém, a descoberta de um novo produto químico veio estabelecer nova etapa no desenvolvimento da técnica da transplantação. «Greener» — assim se designa a droga miraculosa, que foi inventada por um agrónomo — aplica-se nas plantas sem que faça parar o seu crescimento — pelo contrário, torna-as mais sãs e favorece o seu desenvolvimento. O produto actua como regularizador da humidade da planta, que pode, desta forma, transplantar-se sem qualquer perigo de se perder. Pela simples aplicação de pulverizações com o «Greener» nas plantas, rebentos de árvores, árvores já formadas, quer sejam de frutos ou de sombra e ornamentação, e quaisquer vegetais, podem ser transplantadas todas as espécies, independentemente da estação do ano.

Acrescentaremos que não só nos causam espanto os resultados que se anunciam nas transplantações mercê da aplicação do novo e revolucionário produto químico. Tamo seu baixo preço é verdadeiramente surpreendente: quatro mil pulverizações podem fazer-se apenas por cerca de trinta escudos.

Ao que parece, começou uma era nova, e mais próspera, para os viveiristas.

Flores e jardins —alma perfumada do Oriente

Não há descrição de hábitos orientais presentes ou passados que não evidencie a intimidade do homem com os elementos da sua existência quotidiana. Amam e veneram os orientais de tal maneira as flores que alguma coisa do seu temperamento as toca e lhes empresta características especiais. Tomemos três países — o Japão, a India e a Pérsia — e vejamos o que representam para os seus habitantes as flores e os jardins.

Para os japoneses, as flores são uma espécie de religião. Adoram-nas com um fervor profundo e esperam ansiosos os gomos, botões e rebentos que cada estação lhes traz. Logo que, nos princípios de Abril, as cerejeiras se cobrem de flores por uma semana ou duas, parece que todo o Japão abandona o trabalho para, em peregrinação embevecida, as ir contemplar...

A cerejeira não é cultivada pelos seus frutos, e sim pelas suas flores. Disse o poeta Tsurayuki: «*Jamais se penetrará no coração do homem. Na minha aldeia natal, todavia, as flores, como outrora, continuarão a aromatizar quem passe...*». Este amor pela Natureza é um dos mais altos valores da cultura nipónica — e raros são os povos que demonstraram uma tão grande dedicação pela cultura das flores e dos jardins.

Um ramo de ameixieiras; um outro espetado de várias folhas ruivas; uma pedra polida que brilha sob a água clara — impressões delicadas, enfim, que podem sugerir a Primavera e o Outono, ou exteriorizar um sentimento de gratidão por uma tempestade que não foi além dos primeiros ventos... Outros motivos, porém, encontram-se carregados de um sentido mais profundo.

O Céu, a Terra e o Homem

Quer o homem como a mulher são iniciados na arte da decoração floral. Não basta — dizem os japoneses — admirar uma flor. É necessário uma pessoa aperceber-se da graça existente numa folha, num caule ou num ramo. Encontrar numa unica flor, enfim, tanta beleza como se contemplassemos um milhar delas.

Nenhuma outra arte, com excepção talvez da pintura, exprime tão claramente o temperamento japonês como a decoração floral. É uma arte feita de símbolos. A palavra «flor» é usada num sentido muito amplo e compreende não sómente as plantas em flor e os botões, como também as árvores e as moitas desprovidas de flores. Muito embora poucas flores entrem numa decoração, o Céu, a Terra e o Homem aí estarão representados por um simples ramo, um botão a desabrochar ou um pouco de verdura. No caso de uma planta ou de uma árvore em miniatura, o tronco ou o caule representam o Céu, um ramo ascendente o Homem, um outro ramo, descendente, a Terra...

Segundo Allan Watts, os melhores jardins joponeses não tentam criar a ilusão realista de uma paisagem, mas simplesmente sugerir a atmosfera geral «da montanha e da água» num pequeno espaço, mediante «um desenho que parece antes acompanhar a Natureza do que dirigi-la». O jardineiro nunca procura impôr a sua vontade ás formas naturais. Ele procura antes seguir a «intenção involuntária» que se adivinha nessas formas, embora tal exija muita atenção e habilidade. Na sua acção, o jardineiro jamais cessa de cortar, de talhar, de podar; no entanto, ele age com a sensação de fazer parte integrante do jardim, e não como um agente exterior. O jardineiro japonês não se opõe á Natureza, porquanto faz parte desta, e, cultivando, não pensa que cultiva. Assim, embora sofrendo uma acção artificial, o jardim nipónico permanece extremamente natural.

A flor de Lotus

Na India, e em muitos outros países da Ásia Oriental e Meridional, as flores são consideradas como gloriosas criações da divindade. São utilizadas nos ritos e nas preces. Nenhum ofício dispensa a oferta de flores. Algumas divindades, como Vichnou e Lakshmi, têm as suas flores consagradas. A flor de lotus, todavia, é a de carácter mais sagrado, sendo conhecida como casta e pura, dado que, mergulhada em água e lama, a poeira e a sujidade não a maculam. Simboliza os ideais indus e budistas — *viver no mundo entre as coisas do mundo e permanecer limpo apesar do seu contacto...*

Em cada estação, os fieis ofertam flores ás suas divindades preferidas. Enfeitam-se com grinaldas de multicoloridas flores. Os budistas lançam flores brancas sobre o altar e proferem a seguinte prece: «*Ofereço estas flores ao Senhor, e a seus pés as coloco perfumadas e belas. Possa o meu espírito ter o seu perfume. E que eu não olvide que, assim como a flor se fana, meu corpo um dia perecerá. Que a minha vida seja alguma coisa mais do que o meu corpo.*»

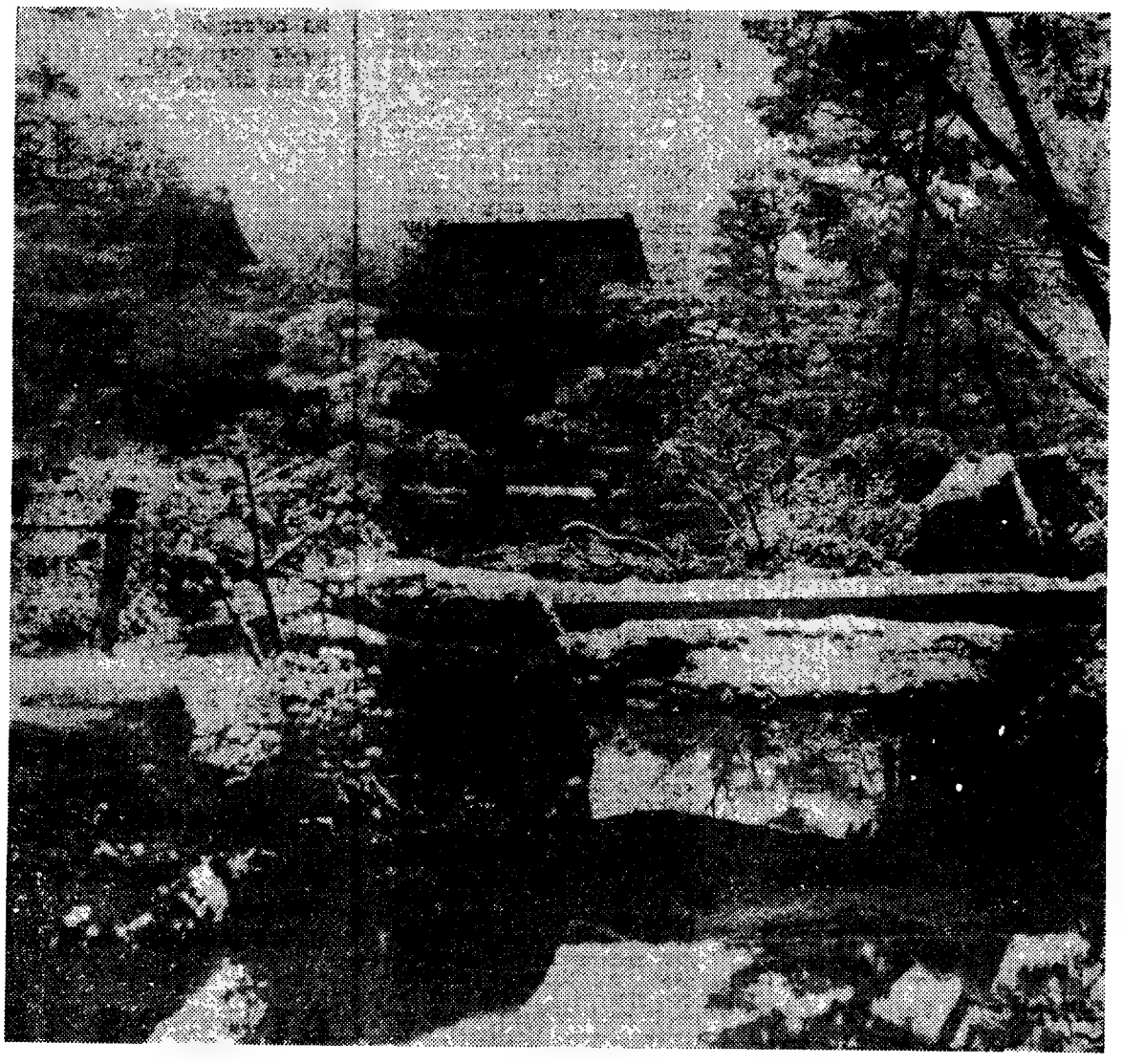
Na vida quotidiana, as mulheres, jovens ou idosas, entrelaçam flores no cabelo — e assim suavemente se identificam com a Natureza...

O paraíso persa

As árvores, a sombra e a água constituem em grande parte o jardim persa. O Paraíso persa («paraíso» é um vocábulo persa...) fala de flores e de jardins. O paraíso muçulmano, revelado no Corão, é uma promessa de jardins e de flores. Eis um versículo:

Nestes jardins da Felicidade
Jamais o orgulho tocará o homem
Antes o seu propósito será a paz
Entre a jujubeira sem espinhos
E sob as acácias em flor...

Tudo o que um persa deseja é o fresco da verdura e o murmurio da água clara. Tradicionalmente, é num jardim que se conversa, se pondera a vida e se recitam versos. Grandes poetas como Omar Kahhyâm e Firdansi desejaram ser sepultados num jardim. Falando do tumulo de Omar, disse um poeta do século XII: «*Ele repousa junto ao muro de um jardim, sob os ramos dos pessegueiros e das pereiras — e tantas flores já tombaram sobre a sua laje que suas cinzas ficaram escondidas sob as pétalas.*»



Os jardins japoneses são de uma beleza estonteante

A HOLANDA
PRIMEIRO PAÍS EXPORTADOR DE OVOS

A Holanda foi, no ano de 1960, o primeiro país exportador de ovos em todo o Mundo. Com uma produção de 58 825 000 000, forneceu para o exterior 3 300 milhões.

Ainda não completadas as estatísticas da produção em 1961, prevê-se que esta tenha sido globalmente, em todos os aviários do país, de 6250 milhões de ovos.

MÓVEIS
GÉNERO AMERICANO
E TODOS OS ESTILOS
Temos em exposição e executamos nas nossas oficinas próprias
Trocamos os vossos móveis usados e facilitamos o pagamento
ARMAZÉNS DE MÓVEIS
JORGE
Av. Almirante Reis, 35—Tel. 832161
(Quase em frente da Igreja dos Anjos)

A CIÊNCIA AJUDARÁ O HOMEM

A SUPRIR A NATURAL FALTA DE ALIMENTOS

(Continuação da 1.ª página)

com 7 metros e 60 centímetros de altura. A Imprensa americana, entusiasmada com o sucesso da experiência, chegou mesmo a anunciar, nesse tempo, o próximo desaparecimento total da agricultura.

Desaparecimento da agricultura?

Foi graças á guerra 1939-45 que o método hidropónico se expandiu em numerosos países e que os agrónomos do mundo inteiro começavam a aperceber-se das imensas possibilidades da cultura sem terra. Desde 1948, mercê dos trabalhos de um agrónomo britanico, Sholto Douglas, foi posto em execução, em Bengala, um método racional dessa cultura.

Actualmente, o seu valor prático é notório e os seus méritos residem ainda no facto da cultura sem terra dar rendimentos muito superiores aos da agricultura, podendo realizar-se em locais onde é impossível fazer trabalhos agrícolas ou hortícolas. Nas cidades, os seus habitantes poderão fazer crescer legumes em janelas, terraços ou telhados, como se faz já em muitas cidades japonesas e nórdicas. Do mesmo modo, passeios, telhados de fábricas e outros locais foram transformados em «jardins de alimentação».

Num relatório de Sholto Douglas á UNESCO demonstra-se que as plantas cultivadas por hidropónica crescem mais rápidamente, dão regularmente frutos de boa qualidade e escapam ás doenças e ás contingências do tempo.

Milhares de toneladas de alimentos produzidos artificialmente

Os floristas ingleses foram os primeiros a pôr em prática, em larga escala, a cultura sem terra. O método hidropónico permitiu-lhes baixar os preços de venda em 28 %. Nos Estados Unidos, o rendimento hidropónico é de 12 kg. por pé de tomateiro contra 5 kg., pelo processo tradicional. Na Califórnia, o sistema permite obter 160 toneladas de batatas por hectare, contra 74. Na Bengala do Norte, 24 toneladas de alfaces, contra 10, pelo método agrícola. Em Calcutá, obtem-se 22 toneladas de beterrabas por hidropónica contra 9, pelo processo clássico da cultura em terra.

Todos estes numeros são semelhantes para outras produções, tais como a do arroz, trigo, cenouras, couves, aveia, etc., largamente cultivados sem terra em muitos países, principalmente nos do Extremo-Oriente.

No Japão, por exemplo, verifica-se uma superpopulação, e três quartas partes das suas terras são impróprias para as culturas tradicionais. A hidropónica resolveu-lhe, em parte, esse problema, e hoje produz milhares de toneladas de alimentos pelo novo método. Está, igualmente, a ser solução em territórios onde o problema é mais premente.

Ao mesmo tempo, para que o homem não morra de fome, está a tentar-se transformar o Sahara, as margens meridionais e o Mediterraneo e o deserto central da Austrália, em fontes de alimentos para a humanidade, por vários processos e pelas culturas artificiais em areias e terras paupérrimas, que poderão vir a constituir uma «horta do mundo», graças aos recursos da química.

Cultur. sem terra de macieiras, em vasos cheios de areia estéril a que se juntam elementos nutritivos artificiais. Os frutos serão perfeitos, saborosos e mais baratos. Esta é uma das centenas de culturas semelhantes praticadas nos países nórdicos

DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

(Continuação da 9.ª página)

um inquérito de ambito internacional junto dos exportadores. ✲ Dois contingentes militares seguem para o Ultramar. ✲ O ministro do Exército e respectivo subsecretário visitam os quartéis de Lanceiros 2 e Cavalaria 7. ✲ Anuncia-se a entrada em serviço na TAP de aviões a jacto.

NO ESTRANGEIRO — O grupo afro-asiático prepara uma moção contra Portugal, na O. N. U. ✲ A R. A. U. proibe aos navios holandeses a utilização do Canal de Suez. ✲ Demite-se o presidente da Republica Dominicana, Joaquin Balaguer. ✲ O ex-general Salan visita secretamente a Alemanha Ocidental.

DIA 18

EM PORTUGAL — A União Indiana faz conhecer as condições em que podem ser trocados os portugueses detidos em Goa. ✲ O ministro do Ultramar faz declarações á Televisão inglesa. ✲ Interesses de Evora são tratados na reunião da Camara Municipal. ✲ O sr. eng.º Francisco Melo Ferreira Aguiar toma posse do cargo de administrador-delegado da Junta de Construções do Ensino Técnico e Secundário. ✲ Encerra a exposição Gulbenkian, na F. I. L. ✲ Funeral dos oficiais mortos num desastre de avião em Angola.

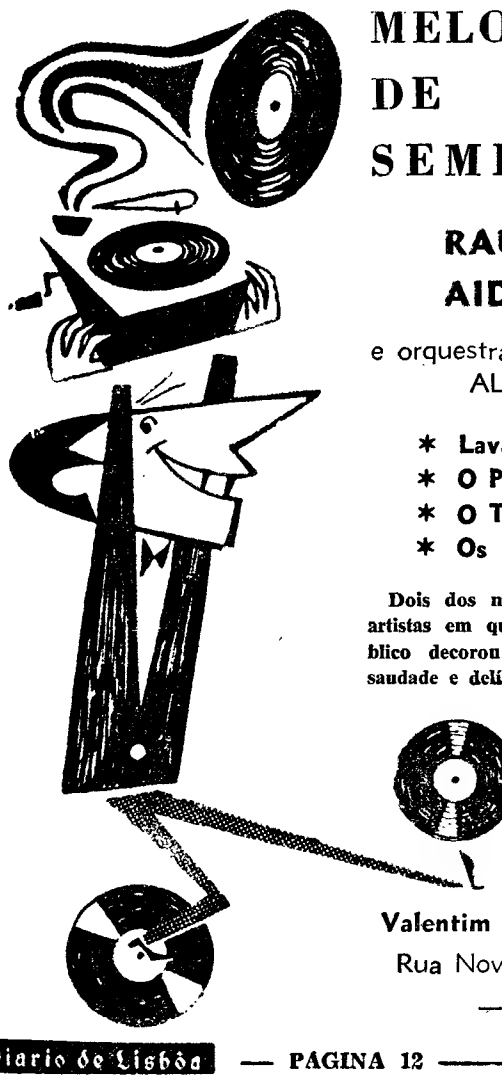
NO ESTRANGEIRO — Cinquenta e sete por cento do orçamento dos Estados Unidos são devotados á Defesa no orçamento apresentado ao Congresso. ✲ O Egipto promete apoio ao Governo da Indonésia. ✲ O secretário-geral da O. N. U. intervem a favor de Gizenga. ✲ O Japão suspende a importação do minério goês.

DIA 19

EM PORTUGAL — O subsecretário da Agricultura visita a Beira Baixa. ✲ Vem ao Tejo uma força naval da Alemanha Ocidental. ✲ O ministro do Exército e respectivo subsecretário visitam os quartéis de Engenharia 1 e Caçadores 5. ✲ Encerra-se, nos Olivais, a reunião do episcopado português. ✲ Em Fátima, realiza-se um encontro nacional sobre os problemas da adolescência.

NO ESTRANGEIRO — O Conselho de Estado da Republica Dominicana reassumiu o Poder após uma contra-revolução. ✲ Djakarta acredita que ainda é possível uma solução pacífica para o caso da Nova Guiné Ocidental. ✲ Gizenga foi visitado por militares da O. N. U. que o encontraram bem de saude.

disco da semana



MELODIAS DE SEMPRE N.º 2

RAUL SOLNADO
AIDA BAPTISTA

e orquestra dirigida por
ALVES COELHO filho

* Lavadeiras de Caneças
* O Penitente
* O Timpanas
* Os Tripeiros

Dois dos mais populares e queridos artistas em quatro criações que o publico decorou e recorda sempre com saudade e delícia.

Um disco COLUMBIA editado pelos Estabelecimentos

Valentim de Carvalho, Lda.
Rua Nova do Almada, 57
— Lisboa —

DE

ROGER VAILLAND

UM DOS ROMANCISTAS FRANCESES MAIS APRECIADOS PELO NOSSO PÚBLICO

foi lançado na colecção DOIS MUNDOS o seu último livro

FIM DE SEMANA

na colecção VAMPIRO última novidade

O HOMEM PODEROSO por Mickey Spillane

OBRAS DE DIVULGAÇÃO NA COLECÇÃO «VIDA E CULTURA»

A REVELAÇÃO DO FUTURO (DE BABILÓNIA A WALL STREET) por Richard Lewinsohn

A EPOPEIA DOS GRANDES TRABALHOS (DA TORRE DE BABEL À CIDADE DO ATOMO) por René Poirier

LIVROS DO BRASIL

JOGOS FLORAIS DA PRIMAVERA

1 — O Suplemento «Juvenil» do «Diário de Lisboa» abre, a partir de agora, os Jogos Florais da Primavera, que constituem uma das fases da comemoração do seu quinto aniversário — o «Juvenil» faz anos a 5 de Março.

2 — Destes «Jogos Florais da Primavera» fazem parte as seguintes modalidades:

Poesia
Conto
Desenho e Pintura.

3 — O conto não deverá exceder 5 páginas de papel de máquina, dactilografadas ou não, respeitando entrelinhas nunca inferiores a dois espaços, para o primeiro caso, a 1 centímetro para o segundo caso.

As produções manuscritas devem ser perfeitamente legíveis.

(Sublinha-se que a extensão, quer na poesia, quer no conto, não influi na classificação).

Para a poesia admite-se um mínimo de 10 poemas por cada concorrente, para uma possível ulterior publicação em livro. O prémio abrangerá o conjunto dos poemas e não um poema.

Não se põem limites às dimensões do desenho e da pintura.

4 — As produções podem ser assinadas com pseudónimo ou com o próprio nome do concorrente. Nada de segredos! Nada de sobrescritos lacrados!

5 — Remeter as produções para: «Diário de Lisboa Juvenil» — Jogos Florais — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa.

6 — Basta enviar um exemplar, apenas. Aconselhamos, porém, os concorrentes a ficarem com uma cópia em seu poder. Os originais não premiados poderão não ser devolvidos.

7 — Limite máximo de idade: 21 anos.

8 — Os Jogos Florais encerram no último dia de Fevereiro. Os resultados serão tornados públicos no decorrer do mês de Março.

Os prémios, bem como a constituição dos júris, serão oportunamente anunciados.

UMA PÁGINA DO MEU DIÁRIO

AMANHÃ

INÍCIO DE UM NOVO ANO

De novo a noite se sucedeu ao dia, foi um dia sem sol, dia salpicado de vento e chuva.

Ao deitar-me, e sem que saiba a razão, apeteceu-me escrever, mas o quê!

Sim, o quê se nada de anormal aconteceu, se nada há de diferente e que mereça ser assinalado.

Amanhã, ou por outra, daqui a algumas horas nascerá um novo dia, será menos um com que contarei nestas curtas férias.

Nos dias que antecedem um período de férias, costumo fazer grandes planos para as passar melhor que as antecedentes mas tudo sonhos, tudo em vão. Na verdade deixo que os dias passem tal como um barco á deriva que vai para onde a maré e os ventos o levarem.

Nos tempos que correm, cada vez existem mais pessimistas cada vez mais desesperados e também cada vez mais conformados.

Por tudo ou por nada as pessoas implicam, armam discussão, reclamam isto ou aquilo queixam-se disto ou daquilo e cada vez menos compreensão menos tolerância menos respeito pelo semelhante.

Ora dei por mim escrevendo uma série de queixas sobre os males do presente como se todos não os soubessem, como se tal não existisse na consciência de cada um. Mas não, não é necessário compreender mas sim não cerrar os olhos e tentar fazê-lo.

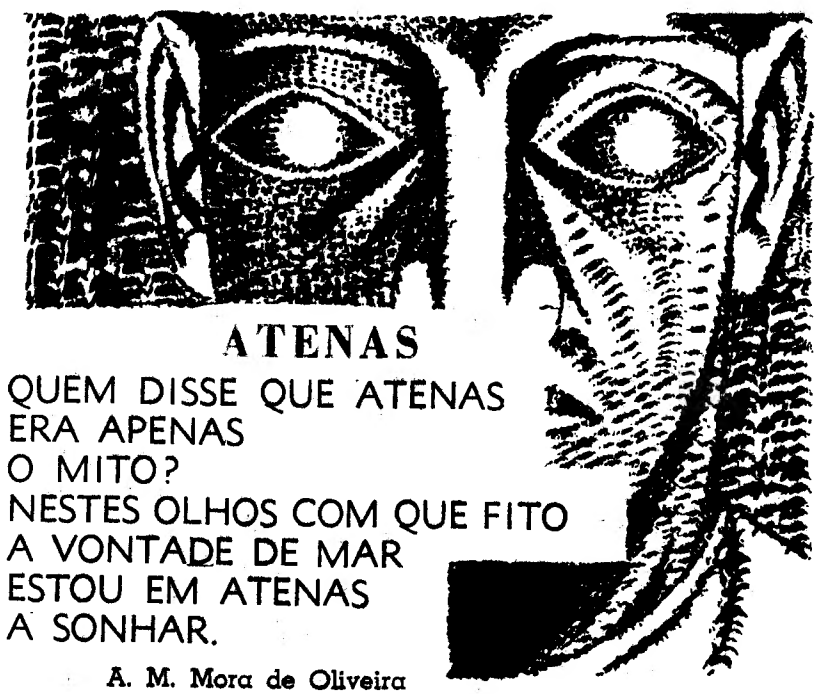
É verdade queimarem-se os ultimos dias de mais um ano, é assunto para mais nas crónicas dos jornais e pretexto para que se enviem mais uns cartões de feliz Ano Novo.

Todos o desejam, esse feliz ano novo, mas todos voltam as costas á luta, todos se deixam ir na corrente sem que algo façam por um porvir melhor.

Para mais os astrólogos já prevêem o desenrolar desse novo ano, augurando-lhe tal como aos anteriores novas catástrofes, novas guerras, novos desaires.

Resta só perguntar para quando se lembrarão os astrólogos de noticiar que o novo ano será o início da Era da Paz da compreensão e amizade entre os homens.

NUNO GOMES



ATENAS

QUEM DISSE QUE ATENAS
ERA APENAS
O MITO?
NESTES OLHOS COM QUE FITO
A VONTADE DE MAR
ESTOU EM ATENAS
A SONHAR.

A. M. Mora de Oliveira

Diario de Lisboa

N.º 246

20 I 62

JUVENIL

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

1.º PRÉMIO DO «CONCURSO DE ENSAIOS»

A JUVENTUDE NA OBRA DE AUGUSTO ABELAIRA

(EXTRACTOS)

de E. PRADO COELHO

É jovem o subjectivismo com o que o A. apresenta as suas personagens. Elas não são estudadas, analisadas, reflectidas pelo escritor, mas apresentam-se-nos, mostram-nos através de si mesmas, do seu ponto de vista, os seus problemas e o seu carácter. Não há separação entre o A. e as personagens e entre estas e o leitor: Ab. procurou uma identificação, que nos fizesse sentir a vida delas como se nossa fosse e tornasse a nossos olhos justificáveis todos os seus actos (daí o motivo por que não aparece gente de mau coração nos romances de Ab.).

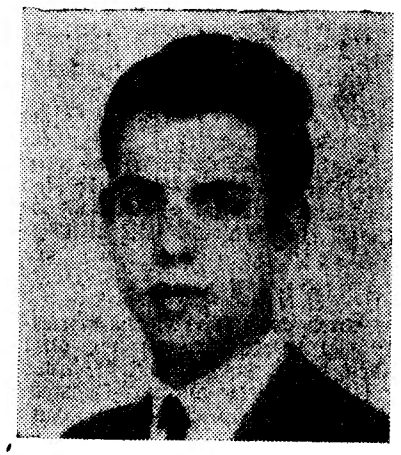
É jovem o seu idealismo cego, antilucido, a sua fé num dia melhor em que os homens serão felizes. As suas personagens são anti-racionalistas: acreditam e querem acreditar sem razões, sómente porque o seu idealismo o impõe. «Eu tenho a certeza», diz Renata. O que é absolutamente necessário para continuar.

É jovem a riquíssima sensibilidade dos protagonistas dos dois livros. Há neles, em toda a sua pureza, a solidariedade, a amizade, o amor. Mas, como em qualquer adolescente, há uma carapaça de dureza, de ausência de sentimentos humanos, que os defende de possíveis acusações de sentimentalismo e romantismo piegas. Por isso, as grandes conversas, aquelas em que se fala dos problemas que os preocupam, dos seus desejos, dos seus sonhos, são quase sempre misturadas (pelos que falam e por Ab.) com assuntos banais, pormenores sem importancia, pequenos nadas para disfarçar e amordaçar o entusiasmo (p. ex., o epílogo de «Os Desertores», em que o idealismo destroçado de Raul se baralha com a leitura de cartazes publicitários). «Ficamos envergonhados de ter sentimentos. Ao que não é seco, chamamos-lhe piegas. Nós dizemos sóbrio, mas é seco que deviamos dizer». «É o pudor, o pudor dos sentimentos. Estamos cheios de pudor. Pudor até de confessar a amizade».

A concepção de amor em «A Cidade das Flores» e «Os Desertores» é jovem, mas desenvolve-se num tal clima de sonho que a própria sensualidade, embora não suprimida, se sublima e quase desaparece. Os enamorados em Abelaira têm todos um comportamento pueril. Regressam a um «estado de inconsciência, de unidade instintiva» (Jung) que torna todos os seus actos, todas as suas palavras apaixonadas ingénuas e infantis. Gostam de brincar: desfolhando uma flor (como se faz com os malmequeres), brincando aos médicos ao querer tratar a flor, fazendo adivinhas e respondendo *frio, frio,* até chegar a *quente a escaldar,* pedindo para contar histórias (não de fadas, mas da Lua), teimando sem razões, só pelo prazer de contrariar, tratando-se por «menina de olhos verdes» e «menina de cabelos vermelhos», imaginando aventuras (o fogo em que Rosabianca será salva por Giovanni), repetindo as mesmas palavras («É bom!», «Somos felizes!»), saboreando-as, gostando de as ouvir soar. São constantes as repetições, muitas vezes do nome daquele que se ama ou da palavra *tu,* de modo que as próprias palavras se impregnam de uma imensa força afectiva. Certas expressões do A. são também infantis: «Rosabianca faz beicinho». Há descrições de uma simplicidade acriançada: «...observava por cima dos telhados verdes e castanhos uma nesga de rio com dois navios dentro». É curioso notar ainda a gama infantil de cores, que são sempre primá-

(Continua na 4.ª página)

UM JOVEM AO ACASO



P — Como se chama e qual a sua idade?
R — Rodolfo António Potier, 21 anos.
P — Onde nasceu?
R — Em Lisboa.
P — Quais as suas habilitações?
R — Possuo o 7.º ano dos liceus.
P — Pratica alguma arte?
R — Pratico o desenho e pretendo iniciar-me no comentário e crítica.
P — Que pensa da vida?
R — A vida é uma curta jornada na imensidade do espaço-tempo, em que se observa demasiado e se produz muito pouco.
P — E da felicidade?
R — É uma cena da grande farsa da vida.
P — Quais as qualidades que mais aprecia?
R — Nobreza de alma, inteligência e sinceridade.
P — Quais as qualidades que mais abomina?
R — A falta de compreensão, a mentira e o espírito de via única.
P — Qual o género de literatura que prefere?
R — Interessa-me toda aquela capaz de me dar um exemplo.
P — Qual é para si o cumulo da miséria moral?
R — A indiferença pelos valores humanos.
P — Aponte alguns nomes que considere «grandes».
R — Tolstoy, Bernard Shaw, Freud,

(Continua na 6.ª página)

Pág. 6 — Resultados do «Concurso de Ensaios»
Pág. 8 — Jogos Florais da Primavera

CONCURSO «COMENTE ESTA FOTOGRAFIA»

Quem já passou por Espanha, fica impressionado com a devoção que, por todo o lado, rodeia a figura do grande D. Quixote. Bem o merece, este cavaleiro de Triste Figura, que todo o mundo estima e admira. D. Quixote é uma pessoa viva que participa activamente da esperança que quotidianamente se renova...

A fotografia apresenta um trecho da estátua do imortal cavaleiro. Repara bem, meu amigo, na sua posição, de frente para ti: parece estar a dizer-te qualquer coisa... Que será?

...Entretanto, a sua estatura sobreleva os arranha-céus da cidade e a sua lança toca o céu azul...

PREMIADOS NO CONCURSO

Comente esta fotografia

1.º — PRÉMIO REGINA — João António Magalhães Calha

2.º — PRÉMIO REGINA — Maria Cristina Bentes Ferreira

3.º — Maria Manuela Aguiar

OS MEUS PROBLEMAS

PROBLEMA

A minha mãe, que eu adoro, e que me adora, tem um feitio terrível. Tão depressa está muito bem disposta, como passa a uma disposição impossível, e então implica e ralha de tal maneira que só quem vive com ela é que o pode avaliar. Mas o pior é que, nos seus dias de mau-humor, não o esconde de ninguém, e isto tem-me trazido grandes desgostos.

Já tive dois namorados que, mal perceberam e presenciaram o feitio da mãe, se afastaram para nunca mais me aparecerem. Como pode calcular, isto é muito desagradável para mim, e receio que, se as coisas assim continuarem, o meu futuro será prejudicado. E não vejo forma de a situação se modificar.

Ora eu já tenho dezoito anos, desejo casar e ter um lar calmo e feliz. O Tião acha que os rapazes se vão afastar todos de mim, por causa do feitio da mãe? Pensarão eles que eu sou desigual e irascível como ela? — UMA JOVEM PREOCUPADA.

RESPOSTA

Se esses dois rapazes se afastaram sem terem tido, sequer, uma explicação, é porque o seu amor por ti valia bem pouco, e porque não primam pela correcção. Tens de te felicitar por ambos se terem afastado quando o seu afecto por eles ainda não era grande...

E' possível que o feitio de tua mãe, assim desigual, tenha determinado a atitude de um e de outro. Mas, não te consideres «vítima». No dia em que um rapaz goste profundamente de ti, ele compreenderá a situação, saberá apreciar-te, e passará a ser o teu melhor colaborador na solução dos teus problemas.

Isto não quer dizer que, entretanto, não procures que se modifique o ambiente em que vives, o qual, evidentemente, nem é agradável nem beneficia ninguém.

Nenhuma pessoa é assim instável e excessiva sem uma causa muito séria, que pode ser de saude — por constituição, ou em consequência de condições de vida, ou por outro motivo qualquer. Deves compreender bem isto e fazê-lo compreender a tua mãe, o que, segundo creio, não será difícil, pois, dado o grande afecto que vos une, ela aceitará as tuas sugestões. Portanto, o que há a fazer em primeiro lugar é consultar um bom médico de clínica geral, e seguir o tratamento que ele prescrever ou ouvir o especialista que ele indicar.

Penso que esta medida tão simples te ajudará imenso, e á tua mãe. Deves pô-la em prática o mais depressa possível. Para que a vossa vida entre naquele estilo agradável e calmo que tão justamente desejas, e para que se não criem novos problemas com as tuas preocupações.

TIÃO

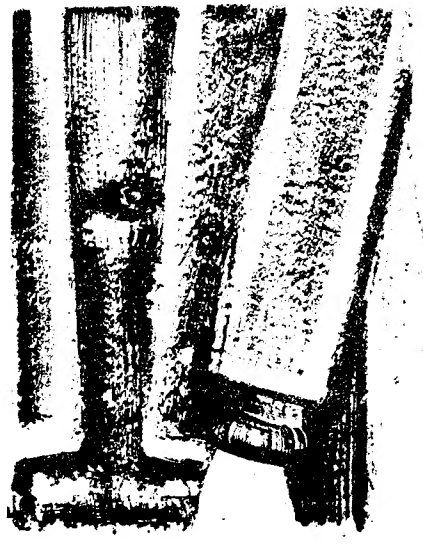
Três poemas que Ana Bárbara escreveu

FECHOU-SE

Fechou-se
No sózinho, no restrito
Na indiferença e esquecimento
Fechou-se para fugir a apelos
Não roçar tristeza, nem ouvir miséria

E para não sonhar angústias
Fechou a alma, o coração

Fechou-se para fugir da dor
Não vê que fugiu da vida



NUNCA ACORDASTE

Como podias ouvir a paz
Se nunca andaste no silêncio de um bosque à tarde

Como podias ver correr o tempo
Se nunca olhaste as folhas douradas, derrubadas pelo vento

Como podias sentir um profundo, um infinito
Se nunca te abandonaste em amor até esquecer-te

Perdido em ti, estiveste imóvel
Deslizando em Ideais imaginados
Pensaste, sonhaste a vida
Mas não viveste

COMO ESTRANHOS

Um pouco por pudor
Um pouco por orgulho
Talvez por timidez ou cobardia
Estivemos lado a lado como estranhos

Como desconhecidos
Apressados, indiferentes
Não trocámos um olhar
Não esboçámos um só gesto

Inúteis lado a lado no silêncio
Desolados, tensos pela angústia
Desejámos em segredo a cada intento
Desfazer uma absurda solidão

Mas um pouco por pudor
Um pouco por orgulho
Talvez por timidez ou cobardia
Continuámos lado a lado como estranhos

UM JOVEM AO ACASO

(Continuação da 1.ª página)

Pitigrilli, Buda, Hemingway, Antero de Quental, Somerset Maugham, Jean-Paul Sartre, A. H. Bizarro, etc.

P — Que procura na arte?

R — Uma representação, uma expressão harmoniosa e bela, sob forma sensível, dos sentimentos que animam o género humano.

J — Em que país gostaria de viver se não vivesse em Portugal?

R — Em Inglaterra, ou numa ilha paradisíaca.

P — Aponte três das mais belas palavras portuguesas.

R — Pela essência que encerram: verdade, amantes, saudade.

P — Se tivesse direito á satisfação de um desejo, que pediria?

R — Que o género humano fosse mais desigualmente nivelado para cima, e não para baixo.

P — De certo tem um amigo: Quais as suas qualidades que lhe permitem chamar «amigo»?

R — Não tenho. Eu próprio sou «o meu maior inimigo». Sou de um cepticismo agudo em relação á amizade.

P — Qual o seu heroi?

R — O do romance: Robinson Crusoe; da vida real: Benjamin Disraeli.

P — Qual a sua opinião acerca das viagens interplanetárias?

R — Representam um grande progresso técnico, mas paralelamente uma grande fonte de preocupações para o homem, que ainda não resolveu primordiais problemas nesta casca em que vivemos, como seja o da paz.

RESULTADOS DO «CONCURSO DE ENSAIOS»

Temos o enorme prazer de publicar hoje os resultados do nosso concurso de ensaios. A este concurso, compareceram obras de nível muito aceitável, o que valoriza sobremaneira a posição dos três primeiros classificados que foram os seguintes:

1.º — EDUARDO DO PRADO COELHO, autor do ensaio «A juventude da obra de Augusto Abelaire».

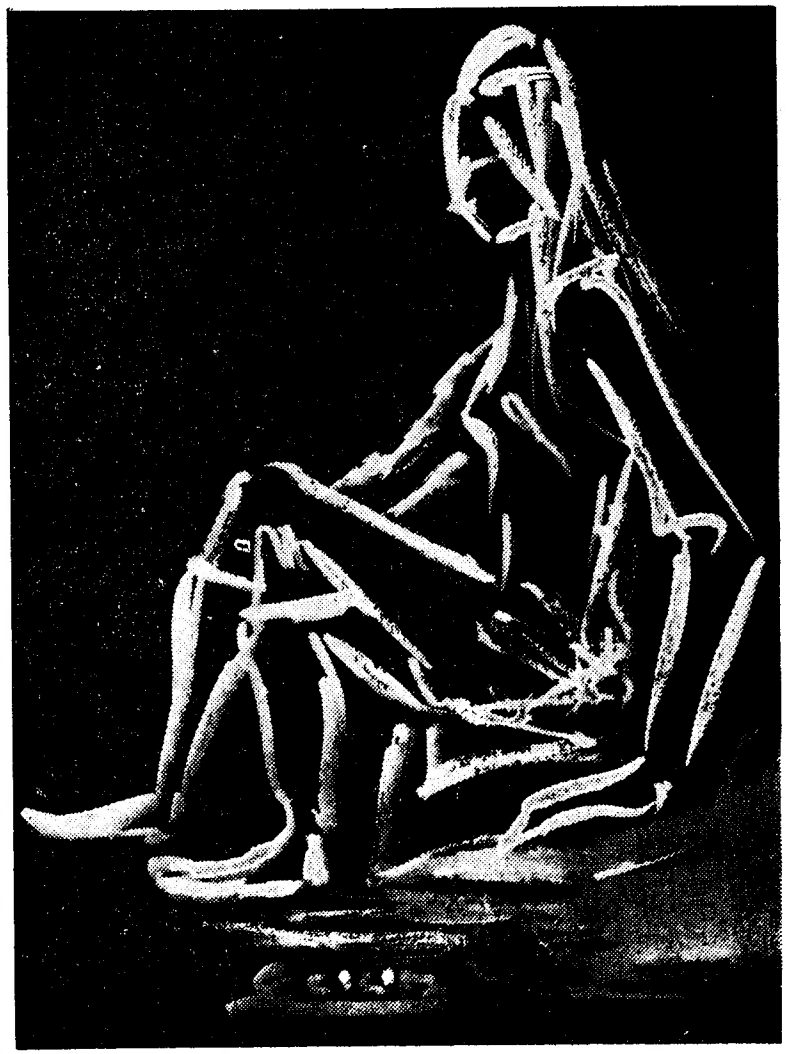
2.º — RODRIGO EMÍLIO DE ALARCÃO MELO, com o ensaio «Leão Tolstoi, romancista e dramaturgo».

3.º — MARIA EDUARDA REIS COLARES, que apresentou «Três autores portugueses do século XVI».

A entrega dos prémios far-se-á em data a anunciar brevemente. Desde já, para os três amigos premiados, os nossos parabéns e as nossas saudações juvenis!

GALERIA

DESENHO DE CECÍLIA



ENTRE AMIGOS

(Continuação da 3.ª página)

aprofundar os conhecimentos de física nuclear. Eduardo Canto e Castro: eis um nome a decorar, apesar da sua modéstia, da sua timidez. Publicaremos o trabalho que nos enviou: «Estruturas universais».

JOAQUIM MÁRIO VITAL — O conto que enviou tem um mérito: é sincero, simples e vivido. Continue a trabalhar; está no bom caminho. Mas lembre-se disto, Joaquim Mário: os infelizes, os que sofrem injustiças, não precisam de piedade, nem compaixão. Precisam de compreensão, precisam que aprofundemos as causas dos seus males.

Já não apreciei tanto as suas composições sobre Camilo, Eça e Bocage. Parece-me que você não tem conhecimento perfeito das suas obras e da sua vida. Continue, no entanto, a dedicar-se a esses, assuntos. Nem só de poesia vive o homem!

NO CIRCO DA VIDA

LUÍS FILIPE DA SILVA VALÉRIO

Samuel, espreitava para o circo ululante. A geral, estava como de costume apinhada. Gentes indiscriminadas acotovelavam-se sorridentes, pensando no espectáculo que ia começar. O publico já sapateava e gritava: «Está na hora! Está na hora!». com o rigoroso pudor de um atraso de cinco minutos. O maestro tinha ordem de os entreter com a fanfarra. Era então que eles se calavam, esperando que viesse a apresentação. A claque mais ruidosa era a das entradas de favor. Rapazes das fragatas, da Casa Pia, dos asilos.. Era o mais velho dos faz-tudos. Conhecia o circo desde os 8 anos, idade em que se estreara com o pai e a irmã no arame. «Ao princípio tudo ia bem — contava ele — mal foi o dia em que eu escorreguei». Ele recordava esse dia em que tinha caído do arame de 2 metros, espalhafatosamente, provocando as risadas do publico. O pai furioso, batera-lhe. Desde esse dia, ele nunca mais tinha pensado em voltar ao circo. Mas o pai obrigou-o. Iria como ajudante, como faz-tudo, mesmo como arrumador. O que era preciso era governar a vida. «Ganhar dinheiro, ganhar dinheiro, que já tens bom corpo para isso — dizia-lhe o pai com voz avinhada — muitos com a tua idade andam por aí á esmola».

Precisava de ganhar a vida, ganhar o pão para a boca! E agora, ao cabo de meio século de circo, nada tinha de seu. Ele sabia que dentro em pouco nem para faz-tudo prestava. Agora, bofetada aqui, encontrão ali, lá ia andando enquanto as trôpegas pernas o permitissem, mas depois... depois era á altura de prestar contas á vida. «Tens alguma coisa?» — «Nada». «Um canto para dormir?» — «Não». Nada. Um não enorme surgia-lhe á frente e tapava-lhe o caminho, Nessa altura, procuraria refugio nas linhas do comboio ou nas ondas do mar. «A pedir é que eu não fico! Nunca pedi, nem pedirei!». Teria que pedir e pediria. Acabaria de porta em porta, descalço, friorento, esfomeado, a pedir uma côdea. Depois, a morte, no vão de uma escada, que nem cama tinha para morrer. Ouviu o seu nome. Os colegas chamavam-no. De atropê-lo corriam para a pista. As rasteiras, bofetadas e pontapés, profusavam, para risota das gentes. «A multidão só se ri do mal. Quando vê alguém feliz, enternece-se e chora». Samuel olhava o publico.

A sua cara, pintada de branco, amarelo e vermelho, abria-se exteriormente num riso escancarado. Dentro estava sério. Sério de mais para fazer rir. Sério quase para chorar. Cumpria o ritual de olhos fechados, de tantas vezes o ter feito. Agora é mais tarde ele continuaria sempre. Teria de continuar, dificilmente, miserávelmente, como havia sido até ali. Lembrou-se de alguns anos atrás, se ter sujeitado ás diabruras de um macaco para ganhar mais uns escudos. O macaco far-lhe-ia a barba. E ele foi. Sentiu as mãos peludas roçarem-lhe a cara, e teve náuseas. A rematar o macaco enfiava-lhe um balde pela cabeça. Como um pingo, ele ficou apalermado a olhar o publico, que ria delirante. Uma onda de revolta, afogueou-o. Sujeitara-se a um animal. Um ser imundo ridicularizara-o, humilhara-o, diante de todo o publico. Sentiu ganas de o matar a pontapés, mas conteve-se. O macaco, em pé, agradecia.

Nunca mais ele fez esse numero. Ao outro dia, alguém tomou o lugar. Ele viu-o e queria rir, mas o riso emperrava-se na garganta, e só conseguiu que um soluço rompesse, por fim.

Até essa companhia abalar, nunca mais viu o macaco. Depois, tudo serenou. A pouco e pouco a vida retomava a normalidade, da qual, para alguns, ela nunca tinha saído. A ordem para continuar. E eles continuavam, continuavam sempre, até que a vida lhes fechasse as suas portas, e lhes roubasse o sol, aquele sol, cujo direito de o ver tão caro pagavam.

ANA BARBARA — A organização de uma página completa com poemas seus, é uma distinção que a Ana Bárbara inteiramente merece. Um dia, com mais vagar, far-lhe-emos uma crítica pormenorizada.

Acabamos de receber novos poemas e um comentário á peça «O Tinteiro» os poemas vão ser publicados. O comentário á peça também. Desde já lhe digo que vai sofrer a oposição de uma grande parte dos amigos do «Juvenil». Ou estarei enganado! De qualquer modo, o nosso suplemento parece-me ser o local apropriado para a discussão. Venha ela!

MARIA ISABEL DE ALMEIDA SIMÕES — O poema intitulado «Lamenta» tem fragilidades. Não basta falar de solidão, Maria Isabel. Há que buscar o *sinal* dessa solidão, definí-la, concretizá-la. «O mar vinga-se...», diz-se nele. Evidentemente, o mar não se vinga de coisa nenhuma. Portanto, está ali em sentido figurado. Representa talvez a vida... É? Ou a família? Os amigos! Amiga!, vamos meditar nestes assuntos?, olhe Isabel, um artista nunca está só. Se o estivesse, para quem seria artista? Linda a ilustração de Cecília.

LUIS FILIPE DA SILVA VALÉRIO — Em nosso poder a sua crónica «No circo da vida». É a sua unica produção que conhecemos. Reservamo-nos, pois, para melhor oportunidade. Desde já, é nítida a segurança e a preocupação de acertar, de procurar a palavra certa. Aqui e ali, um fio de ternura infiltra-se pelos interstícios e sobre a superfície.

Apesar de tudo, o tema está muito usado e não conseguimos furtarmo-nos uma vaga de sensação de estarmos bebendo um chá requentado.

Aguardamos novas produções, com muito interesse.

NUNO GOMES — Ih, que estado de espírito o seu, amigo Nuno! «Cada vez existem mais pessimistas, cada vez mais conformados...». O Nuno desabafou — e pronto. Desabafou connosco, com os seus amigos do «Juvenil». Está certo. Pois para que servem os amigos?

Finalmente, tudo ficou composto: «Resta só perguntar para quando se lembrarão os astrólogos de noticiar que o novo ano será início da Era da Paz, da compreensão e da amizade...».

Ora, Nuno, os astrólogos têm mais que fazer! Façamo-lo nós, agora mesmo, valeu?

Sobre as suas possibilidades literárias, nada diremos, pois é este o unico trabalho da sua autoria que conhecemos. Envie-nos novas produções. Terá em mim um leitor atento e um crítico exigente.

EDUARDO CANTO E CASTRO — O suplemento «Juvenil» do «Diário de Lisboa» honra-se com a inclusão, no seu elenco, do nome de Eduardo Canto e Castro. Sobejamente conhecido pelas suas notáveis interpretações na Rádio e na Televisão, o Eduardo é, além do mais, um jovem de extraordinária cultura e preparação científica. Disse-nos que pretende

(Continua na 6.ª página)

COMO ANA BÁRBARA VIU O «TINTEIRO»

«É uma maravilha» — dizem quase unânimemente os que viram «O tinteiro», comentário que me admira porque:

1.º A peça trata um problema fundamental na nossa época, mas isso não me parece desculpa para o baixo nível artístico com que o faz; se é imperdoável não ter preocupações sociais, é também imperdoável julgar que a sua simples exposição basta para fazer bom teatro. Em este parece-me que sinceridade e boas intenções são necessárias mas não suficientes.

Se a peça falhou, não é sem dúvida pelo tema. Com um tema idêntico pode fazer-se uma obra-prima como «A morte do caixeiro viajante» de Arthur Miller.

2.º — Procurando a todo o custo servir fins (sem dúvida justificáveis), em «O tinteiro» são usados todos os meios, desde diálogos pueris em cenas arrastadas, até ao final brusco sem o indispensável carácter de inevitabilidade, pois ao longo da peça não se chegou a criar um clima de verdadeira itensidade dramática.

3.º — Na encenação, para não deixar margem a confusões, estabelecem-se contrastes extremistas, afundando algumas personagens num ridículo desnecessário. Pensa-se talvez que o público só perceberia a diferença entre branco e preto se lho gritassem ensurdecedoramente.

4.º — Alguns interpretes (Carmen Dolores e Rogério Paulo) pareceram-me excelentes.

Esperava Fernando de Gusmão (optimo em «À espera de Godot») menos apagado.

5.º — Conclusão — «O tinteiro» pareceu-me um excelente tema afundado numa peça oscilante entre a farsa ridicula e o mau melodrama.

E vocês amigos, como viram «O tinteiro»?

ANA BÁRBARA

A JUVENTUDE NA OBRA DE AUGUSTO ABELAIRA

(Continuação da 1.ª página)

rias e quase não têm tonalidades. Este mundo de fantasia leva as personagens a criarem um universo próprio e a acreditar nele («Dize-me que os teus olhos verdes são negros, que os teus cabelos negros são verdes, que aquelas árvores ali são os teus braços e que a morte não é senão uma palavra e que este mundo é eterno e eu acreditarei»). Daí, uma esperança ilimitada na realização dos seus ideais («— Acabaremos com o egoismo! —Acabaremos!».

Esta atmosfera de sonho e irrealidade, este amor-todo-poesia, esfarela-se quando se enquadra em dimensões humanas e defronta os problemas do quotidiano: «Quando se deixa de sonhar é que tudo terminou». O tempo irá enfraquecer esses instantes de beleza máxima, que, quando se repetem, perderam o primeiro encanto: «Não estavas a pensar que a outra vez foi mais bela». Por isso, o desespero do momento de amor que existiu e depois já não existe; assim se compreende o esforço para adquirir a maravilhosa inconsciência da criança, para quem a noção de tempo não tem significado («Não és capaz de viver sem pensar no futuro? — «Vês que não existe depois? — É apenas não saber, não desejar saber o que existirá depois.»). Mas em «A Cidade das Flores» o amor é mais qualquer coisa: é uma forma de unir ideais, de acalentar as mesmas esperanças, de fazer de duas hesitações uma só certeza. É o amor que espicaça a dignidade do homem, é ele que o sustenta nas horas negras do combate: «Amaste Rosabianca porque ela era a promessa de rejuvenescer, de regressares á fé primitiva». Essa tarefa de ir alimentando a esperança sabe ao amor e á amizade. Quando dois seres se entendem entre si (quando dois pares de olhos se fitam sem medo, sem dissimulações lembremos a importancia dos olhares que se encontram e descobrem em várias cenas de amor ou amizade do livro de que falo), renasce a certeza de que a vida tem em si a beleza suficiente para que continuemos a lutar por ela.

É jovem também sentir-se em toda a sua força o apelo da natureza, que leva Rosabianca a ser sereia e gostar de andar descalça ao subir uma colina. O vocabulário poético de Ab. baseia-se em motivos da natureza e aproxima-se imenso do simples e reduzido vocabulário poético de um jovem de 16-17 anos: *flor, sol, concha, estrela, árvore...*

Não será jovem, mas de toda a gente razoável o horror á guerra que Abelaira indirectamente mostra possuir. Na morte de Vianello, cruelmente anunciada pelo autor empregando um tempo futuro, emocionan-nos a maneira premeditada, organizada, friamente mecanizada como se constroem as espingardas e se constroem as balas e se fazem planos para matar um homem (e passemos de um pormenor para um aspecto de re ducal!». Para a sua prosa irrequieta contribui ainda uma mistura desordenada dos tempos no mesmo período, o processo de cruzar duas cenas de modo que dessa intersecção resulte uma valorização do significado de ambas as cenas (é o caso do interrogatório de Domenico que se embrulha com uma conversa entre Rosabianca, Renata, Giovanni e Soldati), embora ás vezes se torne confuso; a utilização dos dois pontos com os mais variados objectivos e, menos frequentemente, do travessão e dos parenteses. («Tinham-se encontrado — Rosabianca, Renata, Lucia e Giulio — para levarem auxílio (dinheiro, comida, tabaco...). Isto torna a frase seca, pouco maleável, ossuda. Ab. procura reduzir as suas frases ás palavras essenciais e daí a reduzida adjectivação, as frases cortadas em duas pela pontuação quando se podiam reunir numa unica, a violência de certas frases sem verbo ou quaisquer outros elementos, que, principalmente no final dos capítulos, fustigam o leitor. Jovem é também o estilo coloquial, alegre, vivo, cheio de interrogações, de exclamações, de *sins* e *não* isolados em que muitas vezes a primeira frase de um capítulo parece a continuação de qualquer coisa que se estava a contar. É um estilo aparentemente simples, em que a coordenação e a enumeração predominam, e, portanto, de certo modo fácil, e juvenil.

EDUARDO DO PRADO COELHO

MANUEL DA FONSECA NO «JUVENIL»

Constituiu um assinalado êxito a visita que o grande escritor Manuel da Fonseca fez aos Amigos do Juvenil.

Rodeado de um publico atento, que não perdia cada uma das suas palavras, o autor de «O Fogo e as Cinzas», «Seara de Vento» e de outras obras-primas da nossa literatura contemporanea, imediatamente captivou a assistência, conquistando em cada jovem um amigo.

E isto conseguiu-o ele, não apenas pela sinceridade das suas respostas e pela justeza dos conceitos que expôs, mas, também, pela simplicidade de que rodeou as suas intervenções. Ele não foi o «célebre» o «ilustre» o «consagrado». Ele não foi a «pose», o «cerimonial» de que alguns artistas sabem fabricar com requintes de habilidade. Manuel da Fonseca foi ele, ele apenas, com tanto de simples como de grande. Não teve qualquer dificuldade em adaptar-se ao ambiente Juvenil que o cercava. Em boa verdade, ele não se adaptou. Ele já *era* aquele ambiente — trazia-o dentro de si, trá-lo consigo desde sempre, vitoriosamente. «Hoje vou ser jovem todo o dia...» Sê-lo-á toda a vida, acrescentámos nós. E não erraremos.

Depois, principiou a avalancha de perguntas por parte dos Amigos, que se prolongou durante cerca de duas horas. Manuel da Fonseca achava naturalissima todas as perguntas. «Perguntar — disse — é próprio do Homem. Direi mesmo que é a essência do Homem...». Relatou os seus primeiros tempos de escritor, as dificuldades que teve de vencer. Perguntaram-lhe se ele era, presentemente, aquilo que gostava de ter sido. «Não sei, francamente — respondeu — sei apenas que recomeço em cada dia...». Foi-lhe perguntado qual o argumento da peça que está a escrever para o teatro moderno. Sorriu. «Como é que você sabe isso? Pelos vistos, vocês do «Juvenil» andam bem informados!». Sobre a poesia, considerou-a a arte suprema, na medida em que procura o essencial, utilizando uma síntese. No entanto, aconselhou os jovens a prestarem a sua melhor atenção á prosa, especialmente á reportagem, ao conto e ao romance.

Falando dos seus autores preferidos, fez uma larga viagem pela História da literatura portuguesa, com paragens demoradas em Fernão Lopes, que considera excepcional, «perene lição de actualidade», Gil Vicente, Sá de Miranda, Camões, Almeida Garrett, Herculano, Oliveira Martins. Afirmou que a maior obra da literatura universal era, sem duvida, a «Guerra e Paz», de Tolstoi.

Referiu-se, depois, á tendência que têm os jovens para inventar, para fantasiar. Sem negar a importancia da fantasia, em Arte, aconselhou os jovens a mergulharem profundamente na realidade e arrancar dela materiais para as suas obras: «Por mim, nunca inventei; recriei, nada mais». A propósito dos artistas que se encerram na Torre de Marfim, afirmou que «nenhum artista é tão idealmente singular que tenha problemas exclusivamente seus».

Foi com evidente desgosto que os Amigos do «Juvenil» se separaram do artista que lhes proporcionara duas horas inesqueciveis. Obrigado, Manuel da Fonseca!

PEÇO A PALAVRA!

O SIGNIFICADO:

Tem-se feito um grande escarcéu acerca da opinião de Aquilino Ribeiro sobre a Poesia. Isto quer dizer que estamos pouco habituados a ouvir opiniões!

JOSÉ CLEMENTE

OUTRAS PERGUNTAS:

...Se se tentassem as referidas modificações:

1 — Aumento de páginas;

2 — Maior aproveitamento do espaço vital, tentanto suprimir os concursos sem nexo e os desenhos enormes;

3 — Não restringir a publicação aos «crónicos» do Juvenil e dar mais possibilidades aos outros.

OUTRAS PERGUNTAS:

I — Qual é a base da escolha dos Amigos para os encontros de sábado?

II — Qual o critério para a escolha dos «jovens ao acaso?».

III — Porque se não publicam as opiniões contraditórias, já que se não publicam os trabalhos dos menos favorecidos pelo talento... e pela simpatia?

CARLOS MANUEL ABREU

RESPOSTA:

I — Não há escolha. Todos os Amigos do Juvenil podem comparecer aos encontros. A «casa» é de todos.

II — Quem quiser pode responder ao «Jovem ao acaso», utilizando o inquérito no todo ou em parte.

III — Não compreendo o que quer dizer. Opiniões contraditórias? Menos talento? Mais simpatia? Explifique-se, Carlos. Concretamente: «Entre Amigos, é imprópria a linguagem sibilina»... E desde já muito grato pela sua ajuda.

COMPANHEIRO-MOR